BERNARD

CORNWELL

WATERLOO

A história de quatro dias, três exércitos e três batalhas.
O confronto que deteve Napoleão



BERNARD

CORNWELL

WATERLOO

A história de quatro dias, três exércitos e três batalhas.
O confronto que deteve Napoleão

Tradução de
BRUNO CASOTTI

Revisão técnica de
JOUBERT DE OLIVEIRA BRÍZIDA

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C835w

Cornwell, Bernard, 1944- [recurso eletrônico] / Bernard Cornwell; tradução Bruno Moreira Casotti. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2015.
recurso digital

Tradução de: Waterloo
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-10530-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção histórica inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Casotti., Bruno. II. Título.

15-23206
TOCA DA CORUJA
www.tocadacoruja.net
CDD: 823
CDU: 821.111-3

Título original em inglês:
WATERLOO

Copyright © Bernard Cornwell, 2014
Criação dos mapas: Martin Brown

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

EDITORA AFILIADA

ISBN 978-85-01-10530-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento direto ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

PARA WILL E ANNE CLEVELAND

SUMÁRIO

Apresentação
Prefácio

1.Notícia gloriosa! Nap desembarcou de novo na França, hurra!
2.Napoleão me enganou, meu Deus!
3.O destino da França está em suas mãos!
4.*Avancez, mes enfants, courage, encore une fois, français!*
5.Ah, esses ingleses, agora os peguei!
6.Uma bala de canhão veio sabe Deus de onde e arrancou a cabeça de nosso ajudante
7.Os "botas-grandes" não gostam de coisas brutas!
8.Esses terríveis cavalos cinzentos, como lutam!
9.Tivemos nossa vingança! Que massacre!
10. As mais belas tropas do mundo
11. Defendam-se! Defendam-se! Eles estão vindo de toda parte!
12. Depois de uma batalha perdida, o maior sofrimento é uma batalha vencida

Consequências — Mil cairão ao teu lado e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido

Epílogo
Agradecimentos
Bibliografia
Índice

APRESENTAÇÃO

Por que mais um livro sobre Waterloo? Esta é uma boa pergunta. Não faltam relatos sobre a batalha — na verdade, trata-se de uma das batalhas mais estudadas da História, e sobre a qual mais se escreveu. No momento em que terminou aquele dia terrível de junho de 1815, todos que participaram do massacre souberam que haviam sobrevivido a algo significativo, e o resultado foram centenas de memórias e cartas descrevendo a experiência. Mas o duque de Wellington sem dúvida estava certo quando disse que um homem "também pode contar a história de um baile" ao escrever a história de uma batalha. Cada um que vai a um baile tem uma lembrança diferente do evento, às vezes feliz, às vezes decepcionante, e como, em meio ao turbilhão da música e aos vestidos de baile e flertes, alguém poderia esperar fazer um relato coerente sobre o que aconteceu exatamente, e quando, e com quem? Entretanto, a Batalha de Waterloo foi um acontecimento decisivo no início do século XIX, e desde então homens e mulheres têm tentado apresentar esse relato coerente.

Existe uma versão consensual. Napoleão ataca a direita de Wellington, numa tentativa de atrair as reservas do duque para essa parte do campo de batalha e, em seguida, lança um ataque maciço contra o flanco esquerdo das forças do duque. A investida fracassa. O segundo ato é um grande assalto da cavalaria à centro-direita do duque; e o terceiro ato, enquanto os prussianos adentram o palco pela esquerda, é o último assalto desesperado da invicta Guarda Imperial. A estes eventos podem ser acrescentadas as subtramas dos assaltos a Hougoumont e a queda de La Haie Sainte. Como estrutura, isso tem algum mérito, mas a batalha foi bem mais complicada do que esse esquema simples sugere. Para os homens que tomaram parte nela, não pareceu simples, ou explicável, e um dos motivos para escrever este livro é experimentar e dar uma impressão de como foi estar em campanha naquele dia confuso.

Os sobreviventes dessa confusão certamente ficariam perplexos com o argumento de que Waterloo não foi tão importante, de que se Napoleão tivesse vencido ainda assim teria enfrentado inimigos esmagadores e encarado a derrota final. É provável, mas não certo, que isso seja verdade. Se o imperador tivesse forçado o ataque ao cimo do monte Saint-Jean e empurrado Wellington a uma retirada precipitada, ainda assim teria que lidar com os poderosos Exércitos da Áustria e da Rússia, que estavam marchando para a França. Mas isso não aconteceu. O avanço de Napoleão

foi interrompido em Waterloo, e isso dá à batalha seu significado. Trata-se de um ponto de inflexão da história, e dizer que a história teria virado de qualquer jeito não é reduzir a importância do momento em que isso aconteceu. Algumas batalhas não mudam nada. Waterloo mudou quase tudo.

A história militar pode ser confusa. Algarismos romanos (IV Exército) marcham para encontrar algarismos arábicos (3ª Divisão) e esses rótulos tendem a obscurecer a mente não militar. Tentei não confundir demais, embora talvez tenha contribuído para embaralhar as coisas usando as palavras "batalhão" e "regimento" como tendo o mesmo significado, quando claramente não têm. O regimento era uma unidade administrativa do Exército britânico. Alguns regimentos consistiam em um único batalhão, a maioria tinha dois batalhões e alguns tinham três ou até mais. Era extremamente raro dois batalhões britânicos do mesmo regimento lutarem lado a lado na mesma campanha, e em Waterloo apenas dois regimentos tiveram essa distinção. O 1º Regimento de Infantaria de Guardas teve seus 1º e 2º batalhões em combate, enquanto o 95º de Fuzileiros teve três batalhões presentes. Todos os outros batalhões eram os únicos representantes de seus regimentos, portanto, quando me refiro ao 52º Regimento estou querendo dizer o 1º Batalhão deste regimento. Às vezes uso o termo guarda por motivo de clareza, embora em 1815 combatentes dos Guardas britânicos ainda fossem tratados como "soldados".

Todos os três exércitos envolvidos na Batalha de Waterloo eram divididos em corpos de exército. O Exército britânico-holandês e o Exército prussiano dividiam-se em três corpos. O francês tinha quatro, porque a Guarda Imperial, embora não se fizesse referência a ela como corpo, em termos de efetivos era a mesma coisa. Um corpo podia ter algo entre 10 mil e 30 mil homens ou mais, e era concebido como uma força independente capaz de desdobrar cavalaria, infantaria e artilharia. Por sua vez, o corpo era composto por divisões. Assim, o 1º Corpo do Exército francês tinha quatro divisões de infantaria, cada uma delas com 4 mil a 5 mil soldados, e uma divisão de cavalaria com pouco mais de mil homens. Cada divisão tinha sua própria artilharia de apoio. Uma divisão podia ser formada por brigadas. Assim, a 2ª Divisão de Infantaria do 1º Corpo do Exército possuía duas brigadas, uma delas com sete batalhões e a outra com seis. Os batalhões eram constituídos por companhias; um batalhão francês tinha oito companhias; um britânico, dez. O termo mais comum neste livro será batalhão (às vezes chamado de regimento). O maior batalhão da infantaria britânica em Waterloo tinha mais de mil homens, mas o batalhão médio, em todos os três exércitos, tinha cerca de quinhentos combatentes. Portanto, em resumo, a hierarquia era Exército, Corpo de Exército, Divisão, Brigada, Batalhão, Companhia.

Alguns leitores podem se ofender com o uso de "Exército inglês" quando, claramente, a referência é ao Exército britânico. Usei o "inglês" apenas onde este

ocorre em fontes originais, optando por não traduzir *Anglais* como britânico. Exército inglês era algo que não existia, mas no início do século XIX era um termo de uso comum.

As batalhas de 16 e 18 de junho de 1815 dão uma história magnífica. A História raramente é gentil com os romancistas que a ela se dedicam a ponto de oferecer uma trama clara com bons personagens que agem dentro de um período definido, portanto somos obrigados a manipulá-la para fazer nossas tramas funcionarem. Mas quando escrevi *Sharpe's Waterloo* minha trama foi quase inteiramente apagada para ser tomada pela ótima história da batalha em si. Porque esta é uma ótima história, não apenas por seus combatentes, mas por seu formato. É uma história de suspense, que me surpreende não importa quantas vezes eu tenha lido sobre os eventos daquele dia. A invicta Guarda Imperial progride subindo a cadeia montanhosa onde as forças maltratadas de Wellington estão quase em ponto de ruptura. Mais a leste, os prussianos beliscam o flanco direito de Napoleão, mas se a Guarda conseguir derrotar os homens de Wellington, Napoleão ainda terá tempo para se voltar contra as tropas de Blücher que estão chegando. É quase o dia mais longo do ano, restam duas horas de luz diurna e tempo suficiente para um ou até mesmo dois exércitos serem destruídos. Sabemos como isso termina, mas, como todas as boas histórias, essa também merece repetição.

Portanto, aqui está, de novo, a história de uma batalha.

PREFÁCIO

No verão de 1814, Sua Graça o duque de Wellington seguia de Londres a Paris para aceitar sua nomeação como embaixador britânico no novo regime de Luís XVIII. Talvez fosse esperado que ele fizesse o percurso mais curto de Dover a Calais, mas seu brigue da Marinha Real, o HMS *Griffon*, levou-o pelo mar do Norte até Bergen-op-Zoom. Ele estava visitando o recém-criado Reino dos Países Baixos, uma invenção estranha, metade francês, metade holandês, metade católico e metade protestante, situado ao norte da França. Tropas britânicas haviam se posicionado na nova nação para garantir sua existência, e o duque fora solicitado a inspecionar as defesas ao longo da fronteira francesa. Estava acompanhado de Slender Billy, também conhecido como Young Frog [jovem sapo], o príncipe William, de 23 anos, herdeiro do novo reino e que, como servira na equipe do duque na península Ibérica, acreditava ser possuidor de talento militar. O duque passou duas semanas percorrendo as terras fronteiriças e sugeriu restaurar as fortificações de um punhado de cidades, mas é difícil acreditar que tenha levado muito a sério a possibilidade de uma nova guerra francesa.

Napoleão, afinal de contas, fora derrotado e exilado na ilha mediterrânea de Elba. A França era uma monarquia novamente. As guerras haviam acabado e, em Viena, os diplomatas forjavam o tratado que restabeleceria as fronteiras da Europa para assegurar que outra guerra não devastasse o continente.

E a Europa fora devastada. A abdicação de Napoleão pusera fim a 21 anos de guerras que haviam começado na esteira da Revolução Francesa. Os antigos regimes da Europa, as monarquias, haviam ficado horrorizados com os acontecimentos na França e chocados com as execuções de Luís XVI e sua rainha, Maria Antonieta. Temendo que as ideias da revolução se disseminassem por seus países, haviam ido à guerra.

Esperavam uma vitória rápida sobre os exércitos maltrapilhos da França revolucionária, mas, em vez disso, desencadearam uma guerra mundial que viu tanto Washington quanto Moscou arderem. Houve combates na Índia, na Palestina, nas Índias Ocidentais, no Egito e na América do Sul, mas a Europa sofrera o pior. A França sobrevivera ao violento ataque inicial e do caos da revolução surgiu um gênio, um comandante militar, um imperador. Os exércitos de Napoleão haviam destroçado os prussianos, os austríacos e os russos, e marchado do mar Báltico até o

litoral sul da Espanha, e os irmãos ineptos do imperador haviam sido postos em metade dos tronos da Europa. Milhões haviam morrido, mas depois de duas décadas tudo isso havia acabado. O líder guerreiro estava atrás das grades.

Napoleão dominara a Europa, mas havia um inimigo que nunca enfrentara e jamais derrotara, e este era o duque de Wellington, cuja reputação militar só perdia para a de Napoleão. Ele nascera Arthur Wesley, quarto filho do conde e da condessa de Mornington. A família Wesley pertencia à aristocracia anglo-irlandesa, e Arthur passou a maior parte de sua juventude na Irlanda, seu país natal, embora considerável parte de sua educação tenha ocorrido em Eton, onde ele não era feliz. Sua mãe, Anne, desesperava-se com ele. "Não sei o que fazer com meu filho desajeitado Arthur", reclamava. A resposta, assim como para muitos filhos jovens da nobreza, foi conseguir uma patente no Exército. E assim teve início uma carreira extraordinária, enquanto o desajeitado Arthur descobria um talento para a vida militar. O Exército reconheceu esse talento e o recompensou. Primeiramente, Arthur comandou um exército na Índia, com o qual obteve uma série de vitórias impressionantes. Depois, foi chamado de volta à Grã-Bretanha e incumbido de um pequeno exército expedicionário que estava tentando impedir a França de ocupar Portugal. Esse pequeno exército cresceu e se tornou uma grande força que libertou Portugal, a Espanha e invadiu o sul da França. Arthur Wellesley (a família modificara seu sobrenome) se tornara o duque de Wellington e era reconhecido como um dos dois maiores soldados da época. O tsar da Rússia o chamaria de "*le vainqueur du vainqueur du monde*", o conquistador do conquistador do mundo, e o conquistador do mundo era, é claro, Napoleão. E em 21 anos de guerra o duque e o imperador nunca haviam lutado um contra o outro.

O duque era constantemente comparado a Napoleão, mas quando, em 1814, perguntaram-lhe se lamentava nunca ter lutado contra o imperador numa batalha, ele respondeu: "Não, e estou muito feliz." Ele desprezava o homem Napoleão, mas admirava o soldado Napoleão, calculando que a presença do imperador num campo de batalha equivalia a 40 mil homens. E o duque de Wellington, diferentemente de Napoleão, nunca perdera uma batalha, mas enfrentar o imperador podia muito bem significar perder esse recorde extraordinário.

No verão de 1814, contudo, o duque poderia ser perdoado por pensar que seus dias de luta haviam acabado. Ele sabia que era bom na guerra, mas, diferentemente de Napoleão, nunca tivera prazer com uma batalha. A guerra era uma necessidade lamentável. Se era preciso lutar, então que se lutasse bem e com eficiência, mas o objeto da guerra era a paz. Agora ele era um diplomata, não um general. No entanto, é difícil perder velhos hábitos e, enquanto sua comitiva viajava pelo recém-criado Reino dos Países Baixos, o duque notou muitos lugares que, conforme observou, constituíam "boas posições para um exército". Um deles era o vale que, aos olhos

da maioria das pessoas, era simplesmente uma faixa de terra cultivada com nada de especial. Wellington sempre tivera olho afiado para terrenos, para avaliar como encostas e vales, riachos e bosques, podiam ajudar ou atrapalhar um homem que comandava tropas, e algo naquele vale ao sul de Bruxelas chamou sua atenção.

Era um vale amplo, suas encostas não particularmente pronunciadas. Uma pequena taberna à beira da estrada, chamada La Belle Alliance, erguia-se sobre a crista de elevações que marcava o lado sul do vale, em sua maior parte mais alta do que a crista de elevações do norte, que se erguia aproximadamente 30 metros acima do fundo do vale, embora suas encostas nunca fossem íngremes. As duas cristas não eram exatamente paralelas. Em alguns lugares, até bem próximas, embora no lugar onde a estrada seguia para o norte, a distância entre as elevações das duas cristas fosse de 1.000 metros. Eram 1.000 metros de boa terra cultivada, e quando o duque viu o vale, no verão de 1814, teria observado plantações altas de centeio crescendo dos dois lados da estrada, muito usada por carroças que transportavam carvão de minas próximas a Charleroi para lareiras de Bruxelas.

O duque viu muito mais do que isso. A estrada era uma das principais vias de acesso da França para Bruxelas, portanto, se uma guerra estourasse de novo, aquela era uma possível rota de invasão. Um exército francês que viesse na direção norte, pela estrada, cruzaria a crista do sul junto à taberna e veria o amplo vale à frente. Notaria também a crista do norte. Crista talvez seja palavra forte demais; veria a estrada reta descendo suavemente pelo vale e depois subindo, também suavemente, uma longa elevação de terra cultivada, a "cadeia" de morros do norte. Pense nessa cadeia como um muro e agora dê ao muro três bastiões. A leste havia uma vila de casas de pedra amontoadas junto a uma igreja. Se essas construções e as fazendas nos arredores da vila fossem ocupadas por tropas, daria um trabalho dos diabos tirá-las dali. Adiante das casas de pedra, o terreno ficava mais acidentado, as colinas mais íngremes e os vales mais profundos, sem lugar para tropas manobrarem — portanto a vila era como uma fortaleza na extremidade leste do "muro". No centro da cadeia, e a meio caminho descendo a encosta distante, havia uma fazenda chamada La Haie Sainte. Era uma construção de grande porte, de pedra, e sua casa, seus celeiros e seu pátio eram cercados por um muro de pedra alto. La Haie Sainte bloqueava um ataque diretamente pela estrada. Mais a oeste havia um casarão com jardim murado, o Château Hougoumont. Portanto, o "muro" do norte era um obstáculo com três bastiões afastados: a vila, a fazenda e o castelo. Suponha que um exército viesse da França e quisesse capturar Bruxelas. Então, essa cadeia e esses bastiões bloqueariam seu avanço. O inimigo teria que conquistar os bastiões ou ignorá-los, mas, se os ignorasse, suas tropas seriam espremidas entre eles quando atacassem a crista do norte, e se tornariam vulneráveis ao fogo cruzado.

Os invasores notariam a crista e seus bastiões, mas igualmente importante era o

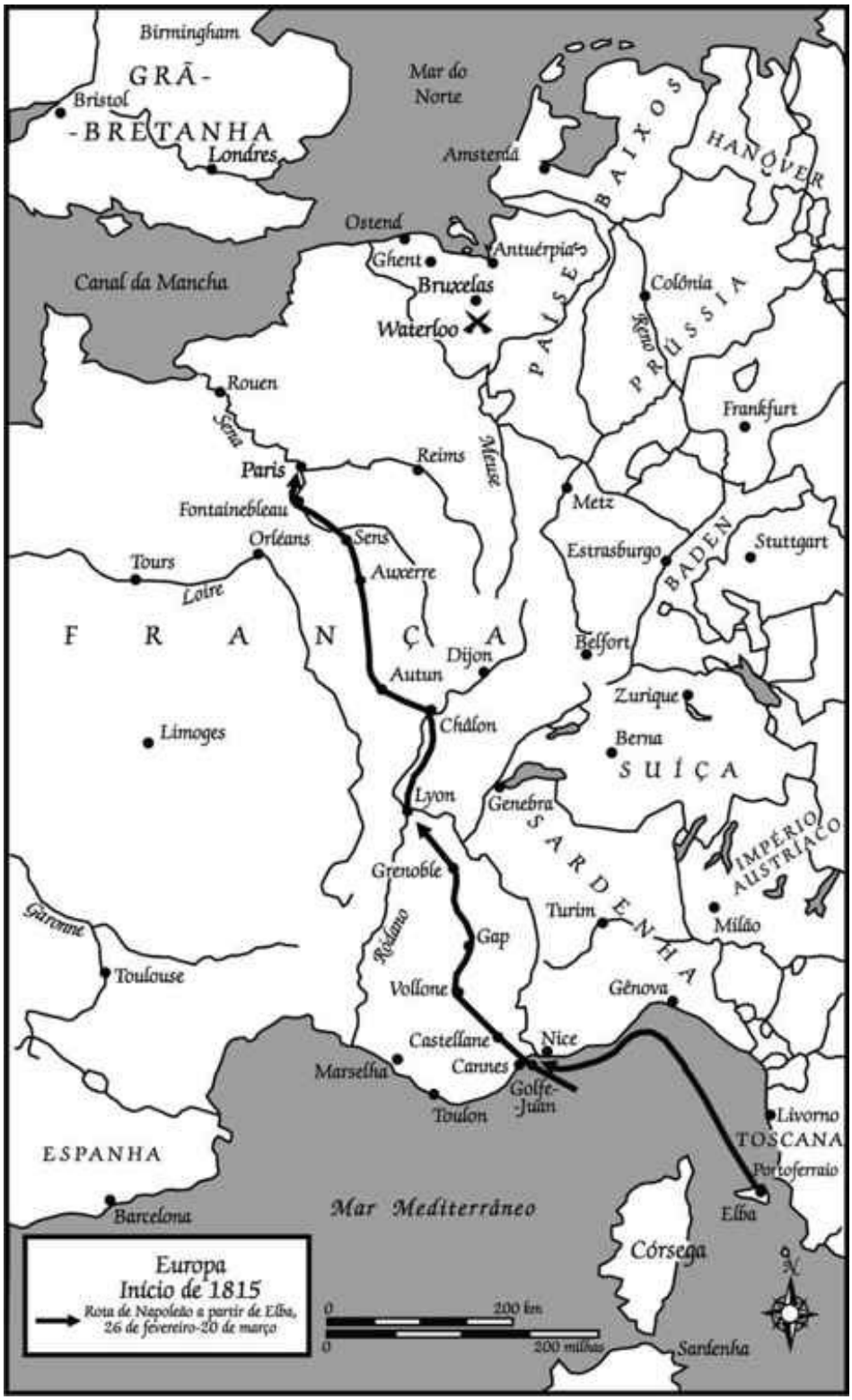
que eles não poderiam ver. Não poderiam ver o que estaria além da crista de elevações do norte. Observariam o topo das árvores no campo adiante, mas o terreno ao norte estaria escondido, e se o Exército francês decidisse atacar as tropas nessa crista do norte nunca saberia o que estaria acontecendo por trás das encostas. Os defensores estariam deslocando reforços de um flanco a outro? Um ataque estaria sendo montado ali? A cavalaria estaria à espera fora do campo de visão? A crista, embora baixa e com encostas suaves, era enganadora. Oferecia enormes vantagens a um defensor. É claro que um inimigo não seria tão inocente para realizar um simples ataque frontal. Poderia tentar desbordar o flanco oeste da crista, onde o terreno era mais plano, mas o duque fez uma anotação mental do lugar. Por quê? Até onde ele sabia, e de fato até onde toda a Europa sabia, as guerras haviam acabado. Napoleão estava exilado, os diplomatas estavam codificando a paz em Viena, mas ainda assim o duque fez questão de lembrar que aquele era um lugar onde um exército invasor, marchando da França para Bruxelas, teria a vida terrivelmente dificultada. Não era a única rota que o invasor poderia seguir, nem a única posição de defesa que o duque notara em suas duas semanas de reconhecimento, mas a crista e seus bastiões se situavam transversalmente a uma das possíveis rotas de invasão que um exército francês poderia seguir.

O duque seguiu adiante a cavalo, como se inimigo fosse, passando por La Haie Sainte, e encontrou uma encruzilhada no alto da crista e, logo adiante, um vilarejo. Se tivesse perguntado o nome do lugar, teriam dito Mont-Saint-Jean, o que seria um pouco de exagero, porque o monte de São João não passava de uma suave elevação nos vastos campos de centeio, trigo e cevada. Ao norte da vila, a estrada era engolida pela grande floresta de Soignes, e pouco mais de 3 quilômetros adiante havia uma cidadezinha, outro lugar pouco notável, embora possuísse uma simpática igreja com um domo e um grande número de hospedarias para viajantes sedentos e cansados. Em 1814, quase 2 mil pessoas moravam na cidade, embora esta tivesse perdido pelo menos vinte homens jovens nas longas guerras, todos eles lutando pela França, porque esta era a área de língua francesa da província da Bélgica.

Não sabemos se o duque parou na cidadezinha no verão de 1814. Sabemos que ele prestou atenção no monte Saint-Jean, mas, e a cidade do interior próxima, com sua bela igreja e suas hospedarias abundantes? Ele se lembrava desse lugar?

No devido tempo, ele jamais o esqueceria.

Chamava-se Waterloo.


Birmingham
GRÃ-
-BRETANHA
Bristol
Londres
Mar do
Norte
Amsterdã
PAÍSES BAIXOS
HANOVER
Ostend
Ghent
Antuérpia
Canal da Mancha
Bruxelas
Waterloo
Colônia
PRÚSSIA
Reno
Rouen
Sena
Frankfurt
Paris
Reims
Meuse
Metz
Fontainebleau
Orléans
Sens
Estrasburgo
BADEN
Stuttgart
Tours
Auxerre
Loire
FRANÇA
Belfort
Dijon
Autun
Zurique
Chalon
Limoges
Berna
SUÍÇA
Lyon
Genebra
SARDENHA
IMPÉRIO
AUSTRÍACO
Grenoble
Turim
Milão
Garonne
Gap
Rôdano
Toulouse
Vollone
Gênova
Castellane
Nice
Marselha
Cannes
Golfe-
-Juan
Toulon
Livorno
TOSCANA
ESPANHA
Portoferraio
Barcelona
Mar Mediterrâneo
Elba
Córsega
Europa
Início de 1815
Rota de Napoleão a partir de Elba,
26 de fevereiro-20 de março
0
200 km
0
200 milhas
Sardenha

1

Notícia gloriosa! Nap desembarcou de novo na França, hurra!

"Minha ilha não é nada grande demais!", declarou Napoleão ao se ver como soberano de Elba, a pequena ilha entre a Córsega e a Itália. Ele havia sido imperador da França e soberano de 44 milhões de pessoas, mas agora, em 1814, governava apenas 222 km² e 11 mil súditos. Mas estava determinado a ser um bom soberano e nem bem chegou começou a emitir uma série de decretos que modificariam a indústria de mineração da ilha e sua agricultura. Pouca coisa escapou de sua atenção; "Informe o intendente", escreveu, "sobre minha insatisfação com o estado de sujeira das ruas."

Seus planos iam bem além da limpeza das ruas. Ele queria construir um novo hospital, novas escolas e novas estradas, mas nunca havia dinheiro suficiente. A monarquia restaurada na França concordara em pagar a Napoleão um subsídio de 2 milhões de francos por ano, mas logo ficou evidente que o dinheiro jamais seria pago, e sem dinheiro não poderia haver novos hospitais, escolas e estradas. Frustrado com esse fracasso, o imperador isolou-se em seu mau humor, passando os dias jogando cartas com os assistentes, e o tempo todo consciente dos navios de guerra britânicos e franceses que vigiavam a costa de Elba para assegurar que ele não saísse de seu reino liliputiano.

O imperador estava entediado. Sentia falta de sua esposa e de seu filho. Sentia falta de Josefina também e ficou inconsolável quando a notícia de sua morte chegou a Elba. Pobre Josefina, com seus dentes pretos, seu jeito lânguido e seu corpo ágil, uma mulher que era adorada por todos os homens que a conheciam, que era infiel a Napoleão, mas sempre perdoada. Ele a amava, embora, por motivos dinásticos, tivesse se divorciado dela. "Não passei um dia sem amá-la", escreveu a ela depois de sua morte como se ainda estivesse viva. "Não passei uma noite sem apertá-la em meus braços [...] nenhuma mulher jamais foi amada com tanta devoção!"

Ele estava entediado e irado. Furioso com o gordo Luís XVIII, que não lhe pagava o subsídio combinado, e indignado com Talleyrand, que fora seu ministro do Exterior e agora negociava para a monarquia francesa no Congresso de Viena. E Talleyrand, astucioso, inteligente e enganador, advertia os outros enviados europeus que jamais

seria seguro manter Napoleão numa pequena ilha mediterrânea tão próxima à França. Ele queria que o imperador fosse enviado para longe, para algum lugar remoto como os Açores ou, melhor ainda, para uma ilha das Índias Ocidentais onde a febre amarela assolava, ou talvez para algum pontinho num oceano distante, como Santa Helena.

Talleyrand estava certo, enquanto o comissário britânico enviado a Elba para ficar de olho no imperador errava. Sir Neil Campbell acreditava que Napoleão aceitara seu destino e escreveu isso a lorde Castlereagh, ministro do Exterior da Grã-Bretanha. "Começo a achar", relatou, "que ele está bem resignado ao seu retiro."

O imperador não estava nada resignado. Acompanhava as notícias vindas da França e notava a insatisfação com a monarquia restaurada. O desemprego se alastrava, o preço do pão era alto e as pessoas que haviam recebido a abdicação do imperador com alívio agora, lastimosos, se lembravam de seu regime. E então ele começou a fazer planos. Haviam lhe permitido ter uma marinha miúda, nada grande o bastante para ameaçar os navios franceses e britânicos que o vigiavam, e em meados de fevereiro de 1815 ele ordenou que o *Inconstant*, o maior de seus brigues, fosse trazido ao porto para "ter seu fundo de cobre vistoriado", ordenou, "consertem seus vazamentos e [...] o pintem como os brigues ingleses. Eu o quero na baía e pronto no dia 24 ou 25 deste mês". Napoleão também determinou que outros dois navios grandes fossem fretados. Tivera permissão para levar mil soldados para Elba, inclusive quatrocentos veteranos de sua antiga Guarda Imperial e um batalhão de lanceiros poloneses, e com essas tropas tentaria invadir a França.

Sir Neil Campbell não suspeitou de nada. Era um homem decente, de 39 anos, em 1815, com uma carreira militar bem-sucedida que quase terminara em 1814, quando foi nomeado adido militar junto ao Exército russo que invadia a França. Sobrevivera a batalhas na Espanha, mas, em Fère-Champenoise, Campbell foi confundido com um cossaco entusiasmado demais e brutalmente ferido por um oficial francês.

Sobreviveu aos ferimentos e foi nomeado comissário britânico para Sua Alteza o imperador Napoleão, governante de Elba. Lorde Castlereagh, ministro do Exterior da Grã-Bretanha, enfatizou que Sir Neil não era o carcereiro do imperador, mas é claro que parte de seu trabalho era ficar de olho em Napoleão. Entretanto, Sir Neil havia sido tranquilizado e, em fevereiro de 1815, enquanto o *Inconstant* estava sendo disfarçado de navio britânico, disse ao imperador que precisava navegar até a Itália para consultar seu médico. Pode ser que isso fosse verdade, mas o fato era que a Signora Bartoli, amante de Sir Neil, morava em Leghorn e foi para lá que ele seguiu.

O imperador desejou a Sir Neil que tudo corresse bem e manifestou sua expectativa de que o comissário estivesse de volta no fim do mês, porque a princesa Borghese estaria oferecendo um baile. Sir Neil, por sua vez, prometeu que faria o possível para estar presente. A princesa Borghese era uma sedutora irmã de

Napoleão, a adorável Pauline, que se juntara a ele no exílio. A penúria a obrigara a vender a casa luxuosa em Paris, comprada pelo governo britânico para ser usada como sua embaixada, o que significava que durante cinco meses havia sido a casa do duque de Wellington, nomeado embaixador da Grã-Bretanha para a corte de Luís XVIII. A casa, na rue de Faubourg St-Honoré, é uma joia, e ainda permanece sendo sede da embaixada britânica.

Sir Neil foi para Leghorn no brigue da Marinha Real *Partridge*, que geralmente bloqueava o principal porto de Elba. Com o *Partridge* navegando, o imperador pôde pôr seus planos em ação, e em 26 de fevereiro sua pequena frota partiu para a França com apenas 1.026 soldados, quarenta cavalos e dois canhões. A viagem durou dois dias e em 28 de fevereiro o imperador desembarcou de novo na França. Liderava um exército fraco, mas Napoleão era pura confiança. "Chegarei a Paris", disse a suas tropas, "sem disparar um tiro!".

A paz havia acabado, atingida por um raio.

* * *

No inverno de 1814 para 1815, muitas mulheres em Paris usavam vestidos de cor violeta. Não era apenas questão de moda, era um código sugerindo que a violeta voltaria na primavera. A violeta era Napoleão. Sua amada Josefina levara violetas no casamento, e ele lhe enviava um buquê dessas flores em cada aniversário. Antes do exílio em Elba, ele dissera que seria modesto como a violeta. Todos em Paris sabiam o que a cor representava, e se, de início, a França ficara aliviada porque o imperador fora destronado e porque as longas guerras destrutivas haviam acabado, esse alívio logo se transformou em lamento. A monarquia restaurada, sob o comando do exageradamente obeso Luís XVIII, provara ser voraz e impopular.

Então a violeta retornou. A maioria das pessoas esperava que as forças monarquistas derrotassem rapidamente o pequeno e risível exército de Napoleão, mas as tropas do rei desertaram aos bandos para o imperador regressado, e, dias depois, os jornais franceses estavam imprimindo uma descrição espirituosa de sua viagem triunfante. Existem várias versões, mas esta é típica:

O Tigre saiu de sua toca.
O Ogro passou três dias no mar.
O Desgraçado desembarcou em Fréjus.
O Intratável alcançou Antibes.
O Invasor chegou a Grenoble.
O Tirano entrou em Lyon.
O Usurpador foi visto a 50 milhas de Paris.
Amanhã Napoleão estará em nossos portões!
O Imperador seguirá hoje para as Tulherias.

Sua Majestade Imperial discursará amanhã para seus leais súditos.

Sua majestade imperial, Napoleão Bonaparte, tinha 46 anos quando entrou no Palácio das Tulherias, em Paris, onde uma multidão entusiasmada aguardava sua chegada. Estava reunida havia horas. O rei, o gordo Luís XVIII, fugira de Paris, indo para Ghent, no Reino dos Países Baixos, e o tapete de sua sala do trono abandonada tinha tufos de coroas bordadas. Alguém na multidão deu um chute de desprezo em uma das coroas e a soltou, revelando que o tufo real escondia uma abelha tecida. A abelha era outro símbolo de Napoleão, e a multidão empolgada se ajoelhou para rasgar as coroas, devolvendo ao tapete seu antigo esplendor imperial.

Anoitecia quando Napoleão chegou ao palácio. A multidão à espera pôde ouvir a aclamação se aproximando, em seguida o tropel dos cascos de cavalos no pátio externo e finalmente o imperador estava ali, sendo carregado nos ombros pelas escadas até a sala de audiência. Uma testemunha disse que "seus olhos estavam fechados, suas mãos estendidas à frente, como um homem cego, a alegria denunciada apenas por seu sorriso".

Que viagem havia sido! Não apenas desde sua saída de Elba, mas desde o nascimento nada promissor de Napoleão em 1769 (o mesmo ano do nascimento do duque de Wellington). Ele foi batizado Nabulion Buonaparte, nome que denuncia sua origem corsa. Sua família, que alegava linhagem nobre, estava empobrecida, e o jovem Nabulion flertou com os corsos que tramavam a independência em relação à França e pensou até em ingressar na Marinha Real da Grã-Bretanha, o inimigo mais formidável da França. Em vez disso, emigrou para a França, afrancesou seu nome e ingressou no Exército. Em 1792, era tenente; um ano depois, aos 24 anos, general de brigada.

Há uma pintura famosa do jovem Napoleão atravessando o Passo de São Bernardo a caminho da campanha italiana que o alçou à fama. A tela de Louis David mostra-o sobre um cavalo empinado, e tudo na pintura é movimento; o cavalo erguido sobre as patas traseiras com a boca e os olhos abertos, a crina sacudida pelo vento. O céu é tempestuoso e a capa do general é um opulento turbilhão de cor movido pela ventania. Mas no centro dessa pintura frenética está o rosto calmo de Napoleão. Ele parece taciturno e sério, mas, sobretudo, calmo. Foi isso o que ele exigiu do pintor, e David fez um quadro de um homem em casa em meio ao caos.

O homem carregado pela escadaria das Tulherias era muito diferente do jovem herói que possuíra uma boa aparência de astro do rock. Em 1814, o jovem esguio, vistoso, desaparecera, substituído por uma figura barriguda, de cabelos curtos, pele amarelada e mãos e pés muito pequenos. Não era alto, pouco mais de 1,70 metro, no entanto ainda era hipnótico. Este era o homem que se erguera para dominar toda a Europa, um homem que conquistara e perdera um império, que redesenhara os mapas, refizera a Constituição e reescrevera as leis da França. Era extremamente

inteligente, perspicaz, facilmente entediado, mas raramente vingativo. O mundo não veria nada parecido com ele novamente até o século XX, mas, diferentemente de Mao, Hitler ou Stalin, Napoleão não era um tirano assassino, embora, assim como eles, tenha sido um homem que mudou a História.

Era um administrador extraordinário, mas não queria ser lembrado assim. Sobretudo, era um líder militar. Seu ídolo era Alexandre, o Grande. Em meados do século XIX, na Guerra Civil Americana, Robert E. Lee, o grande general confederado, viu seus soldados executando uma manobra brilhante e vitoriosa numa batalha e disse, de maneira memorável, "é bom que a guerra seja tão terrível, do contrário passaríamos a gostar muito dela". Napoleão passou a gostar muito, amava a guerra. Talvez fosse seu primeiro amor, porque combinava a excitação do risco supremo com a alegria da vitória. Ele tinha a mente incisiva de um grande estrategista, mas quando a marcha terminava e o inimigo se encontrava flanqueado, ainda exigia enormes sacrifícios de seus homens. Depois de Austerlitz, quando um de seus generais lamentou pelos franceses que jaziam mortos naquele campo de batalha congelado, o imperador disse: "As mulheres de Paris podem substituir esses homens em uma noite." Quando Metternich, o inteligente primeiro-ministro austríaco, ofereceu a Napoleão um acordo de paz honroso em 1813 e lembrou ao imperador o custo humano da recusa, recebeu a resposta desdenhosa de que Napoleão ficaria feliz em sacrificar um milhão de homens para alcançar suas ambições. Napoleão não se importava com a vida de seus soldados, mas seus soldados o adoravam porque ele sabia cativar o homem comum. Sabia como falar com eles, como brincar com eles e como inspirá-los. Seus soldados o adoravam, mas seus generais o temiam. O marechal Augereau, um disciplinador desbocado, disse "esse canalha desse general realmente me assusta!", e o general Vandamme, um homem duro, disse que "tremia como uma criança" quando se aproximava de Napoleão. Mas Napoleão conduziu todos eles à glória. Esta era a sua droga, *la Gloire*! E em busca dela ele rompeu um tratado de paz após o outro, e seus exércitos marcharam sob seus estandartes da águia de Madri a Moscou, do mar Báltico ao Vermelho. Ele impressionou a Europa com vitórias como Austerlitz e Friedland, mas também levou seu *Grande Armée* a um desastre na neve russa. Até suas derrotas foram de uma escala gigantesca.

Agora ele precisava marchar novamente, e sabia disso. Enviou propostas de paz a outras potências europeias, dizendo que retornara à França em resposta ao desejo público, que não tinha qualquer intenção de agressão e que, se aceitassem sua volta, viveria em paz. Mas devia saber que essas ofertas seriam rejeitadas.

Portanto as águias voariam de novo.

* * *

A vida do duque de Wellington estava em perigo. Nomeá-lo embaixador para a França não foi, talvez, a manobra mais diplomática que o governo britânico fez, e Paris ressoava de rumores sobre tentativas de assassinato iminentes. O governo em Londres quis que o duque saísse de Paris, mas este se recusou porque tal atitude pareceria covardia. Então apareceu a desculpa perfeita. Lorde Castlereagh, secretário do Exterior e principal negociador no Congresso em Viena, foi requisitado com urgência em Londres, e o duque, por sua vez, designado seu substituto. Ninguém poderia considerar a mudança uma fuga amedrontada do perigo, porque era claramente uma promoção, então o duque se juntou aos diplomatas que laboriosamente tentavam redesenhar os mapas da Europa.

Enquanto eles falavam, Napoleão escapou.

O conde Metternich, o frio, inteligente e astuto ministro do Exterior da Áustria, era talvez o diplomata mais influente em Viena. Fora dormir muito tarde na noite de 16 de março de 1815, porque uma reunião dos plenipotenciários mais importantes terminara às 3h. Estava cansado e, portanto, ordenou a seu criado que não fosse incomodado, mas foi obrigado a despertar às 6h porque um mensageiro chegara com uma carta marcada como "URGENTE". O envelope trazia a inscrição "Do Consulado Imperial e Real em Gênova", e o conde, talvez pensando que nenhuma comunicação vital viria de um consulado tão pequeno, pôs o envelope sobre sua mesa de cabeceira e tentou dormir de novo. Por fim, às 7h30, ele rompeu o selo e leu o despacho. Era muito curto.

> O comissário inglês Campbell acabou de chegar ao porto perguntando se alguém viu Napoleão em Gênova, em vista do fato de que ele desapareceu da ilha de Elba. Como a resposta foi negativa, a fragata inglesa zarpou imediatamente.

Pode parecer estranho que Sir Neil Campbell tenha navegado para a Itália em busca do desaparecido Napoleão, em vez de procurar o imperador errante na França, mas havia a suposição amplamente mantida de que se Napoleão desembarcasse na França seria imediatamente capturado pelas forças monarquistas. "Ninguém considerou a França", recordou o duque de Wellington, "todos estavam certos de que ele seria massacrado pelas pessoas quando aparecesse ali. Eu me lembro muito bem das palavras de Talleyrand: '*Pour la France? Non!*'" Um desembarque na Itália parecia bem mais provável, especialmente porque seu cunhado Joachim Murat era rei de Nápoles. Murat, que devia seu trono à generosidade de Napoleão, fizera a paz com os austríacos, mas percebeu que o Congresso em Viena certamente o tiraria de seu pequeno reino. Assim que soube da fuga de Napoleão, mudou de lado novamente, atacando os austríacos, uma aventura que fracassou completamente e que terminou por levá-lo a um pelotão de fuzilamento.

Napoleão, é claro, foi, sim, para a França, mas durante dias os diplomatas em

Viena não tinham a menor ideia de seu paradeiro, apenas sabiam que estava à solta. O Congresso, que hesitava, perdia tempo, dava voltas e debatia, de repente tornou-se resoluto. "A guerra", recordou-se Metternich, "foi decidida em menos de uma hora." Essa rapidez só foi possível porque quase todas as pessoas importantes, aquelas que tomavam as decisões, estavam reunidas em Viena. O rei da Prússia, o imperador da Áustria, o tsar da Rússia, todos estavam ali, e a reaparição de Napoleão os incitou. Eles não declararam guerra à França, porque até então as potências em Viena achavam que aquele país ainda era uma monarquia governada por Luís XVIII. Em vez disso, declararam guerra a um homem, Napoleão.

Quatro países — Rússia, Prússia, Áustria e Grã-Bretanha — concordaram em organizar, cada um, um exército de 150 mil homens. Esses exércitos convergiriam para a França. A Grã-Bretanha não tinha condições de formar um exército tão grande, portanto concordou em pagar subsídios aos outros três. A essa altura, mensageiros cruzavam a Europa e um deles trouxe uma carta de lorde Castlereagh para o duque de Wellington. "Vossa Graça pode avaliar onde sua presença pessoal provavelmente será mais útil ao serviço público [...] ou permanecer em Viena ou se pôr à frente do exército em Flandres."

O tsar da Rússia, Alexander I, não tinha dúvida alguma sobre qual seria a escolha do duque. "Depende de você", disse ele ao duque, "salvar o mundo novamente."

O duque sem dúvida ficou lisonjeado, mas provavelmente um tanto desconfiado desses sentimentos exaltados. Ele também não teve qualquer dificuldade de decidir onde possivelmente seria mais útil ao serviço público. Respondeu ao governo em Londres: "Vou para os Países Baixos assumir o comando do Exército." Deixou Viena no fim de março e em 6 de abril estava em Bruxelas.

A História raramente oferece um confronto tão impressionante. Os dois maiores soldados da época, dois homens que nunca haviam se enfrentado, se encontravam então organizando exércitos a menos de 260 quilômetros de distância um do outro. O conquistador do mundo estava em Paris enquanto o conquistador do conquistador do mundo estava em Bruxelas.

Saberia Napoleão que Wellington era descrito como seu conquistador? Diplomatas raramente são discretos em assuntos dessa natureza, e é mais do que possível, até mesmo provável, que o imperador tenha sido informado sobre comentário tão inoportuno. Deve ter ficado furioso. Tinha algo a provar.

E então os exércitos foram formados.

* * *

Houve confusão na França quando Napoleão voltou. Quem governava? Quem deveria governar? Durante alguns dias, ninguém podia ter certeza do que estava

acontecendo. O coronel Girod de l'Ain era um típico dos muitos oficiais que haviam lutado sob o comando de Napoleão. Com a volta da monarquia, fora forçado a se aposentar com meio soldo e, embora estivesse recém-casado, quis se juntar novamente ao imperador assim que pudesse. Morava nos Alpes franceses, mas decidiu que deveria ir para Paris:

> O país inteiro era uma turbulência só. Viajei de uniforme, mas tomei a precaução de providenciar duas fitas para o chapéu, uma delas branca e a outra tricolor, e, dependendo da cor da bandeira que eu via tremulando nos campanários de qualquer cidade ou vila por onde passávamos, eu rapidamente decorava meu chapéu com a fita apropriada.

O coronel De l'Ain chegou a Paris e descobriu que seu antigo comandante de regimento já declarara apoio a Napoleão, assim como quase todo o Exército real, apesar dos juramentos de lealdade que haviam sido feitos a Luís XVIII. Seus oficiais podiam permanecer leais ao juramento real, mas os soldados tinham ideias diferentes. O conde Alfred-Armand de Saint Chamans comandava o 7º de Caçadores e, assim que soube da volta de Napoleão, disse a seu regimento que se preparasse para a campanha — "porque achei que iríamos lutar contra o ex-imperador". Seu batalhão, porém, tinha objetivo bem diferente:

> Alguém me disse que vários oficiais haviam se reunido no café e estavam determinados a levar suas tropas para se juntar à Infantaria Leve de Guardas a fim de apoiar o imperador, que outros preparavam bandeiras tricolores que planejavam dar aos homens e, portanto, provocar um motim. [...] Comecei a ver a verdadeira situação e a sentir a infelicidade de minha posição. O que eu poderia fazer? Toda a esperança que eu tinha de dar ao rei um bom regimento leal para apoiar o trono naquele momento decisivo foi completamente por água abaixo.

A lealdade do Exército francês a Luís XVIII se dissolveu em um instante, proporcionando a Napoleão 200 mil soldados. Milhares de veteranos, como o coronel De l'Ain, também se apresentavam como voluntários, mas Napoleão sabia que precisava de um exército ainda maior para se defender do ataque que certamente viria. Uma das poucas medidas populares de Luís XVIII havia sido a abolição do serviço militar obrigatório, e Napoleão hesitou em reintroduzi-lo, sabendo que muitas pessoas repudiavam a obrigação. Contudo, não tinha outra opção, e isso resultaria em mais 100 mil homens, embora todos eles precisassem ser treinados e equipados antes de estarem prontos para combater. Então, o imperador decretou que a Guarda Nacional, uma milícia de base local, lhe forneceria 150 mil soldados. Ainda não era o suficiente. Os aliados, ele sabia, trariam mais de meio milhão de homens para atacá-lo.

A França, naquelas primeiras semanas, estava frenética com os preparativos. Cavalos eram requisitados, uniformes eram produzidos, e armas, consertadas. Foi uma demonstração convincente do talento administrativo de Napoleão porque, no

início do verão, ele já possuía um exército pronto para marchar e outros posicionados para defender as fronteiras da França. Ainda não contava com efetivo suficiente para resistir ao violento ataque que fatalmente viria, e precisava de mais soldados para sufocar os distúrbios monarquistas em Vandée, uma região do oeste da França que sempre fora católica e monarquista. Mas no início do verão Napoleão tinha uma força total de 360 mil homens treinados, os melhores dos quais foram destinados a se reunir no norte da França, onde 125 mil soldados experientes constituiriam *l'Armée du Nord*, o Exército do Norte.

Napoleão poderia ter permanecido na defensiva naquele verão, posicionando a maioria de seus homens atrás de grandes fortificações e esperando que os exércitos aliados se lançassem à destruição. Isso não era do seu feitio. Ainda mais porque a guerra seria lutada em solo francês, e Napoleão nunca fora um general passivo. Seu talento eram as manobras. Em 1814, enfrentara circunstâncias avassaladoras quando prussianos, austríacos e russos se aproximavam de Paris, vindo do norte e do leste, e os impressionara com a velocidade de seus deslocamentos e a surpresa de seus ataques. Para profissionais militares, essa campanha foi a melhor de Napoleão, embora tenha terminado com derrota, e o duque de Wellington teve o cuidado de estudá-la. O próprio Napoleão declarara:

> A arte da guerra não precisa de manobras complicadas; quanto mais simples, melhor, e bom senso é fundamental. A partir disso alguém poderia se perguntar por que generais cometem erros crassos; é porque eles tentam ser inteligentes. A coisa mais difícil é adivinhar o plano do inimigo, encontrar a verdade em todos os relatos. O resto exige simplesmente bom senso; é como uma luta de boxe, quanto mais você bate, melhor.

O imperador não estava sendo sincero. As guerras nunca foram simples assim, mas em essência sua estratégia era, de fato, simples: dividir seus inimigos, depois confinar um deles enquanto o outro era duramente atacado e, como numa luta de boxe, quanto mais batesse, mais rápido o resultado; depois de um dos inimigos destruído, ele partia para o seguinte. A melhor defesa de Napoleão em 1815 era o ataque, e o inimigo óbvio a ser atacado era o mais próximo.

Levaria tempo para o imenso Exército russo cruzar a Europa e chegar à fronteira francesa, e os austríacos ainda não estavam prontos em maio. Mas um pouco ao norte da França, na antiga província da Bélgica que era agora parte do Reino dos Países Baixos, dois exércitos estavam se concentrando: o britânico e o prussiano. Napoleão calculou que se conseguisse vencer esses dois exércitos os outros aliados perderiam o ânimo. Se derrotasse Wellington e empurrasse os britânicos para o mar, poderia até haver uma mudança de governo em Londres, o que poderia trazer uma administração *whig* inclinada a deixá-lo continuar sendo o governante da França. A aliança inimiga então se desintegraria. Isso era uma aposta, é claro, mas toda guerra não deixa de sê-la. Ele poderia ter esperado para reunir e treinar mais homens até o

Exército francês quase se equiparar aos aliados em número, mas aqueles dois exércitos ao norte da fronteira eram tentadores demais. Se pudesse dividi-los, poderiam ser vencidos, e, se pudessem ser vencidos, a coalizão inimiga talvez desmoronasse. Se isso havia acontecido antes, por que não agora?

O exército que levaria para o norte era bom, repleto de soldados experientes. Se havia um ponto fraco, era no alto-comando. Napoleão sempre dependera de seus marechais, mas dos vinte que ainda estavam vivos, quatro permaneciam leais a Luís XVIII, outros quatro haviam desertado para os aliados e dois simplesmente haviam se escondido. Um desses dois era o marechal Berthier, que chefiara o Estado-Maior de Napoleão e tinha talento para organização. Ele fugira para a Baviera, onde, em 1º de junho, caiu de uma janela no terceiro andar do Castelo de Bamberg e morreu. Alguns suspeitaram de assassinato, mas a explicação mais provável era que o marechal simplesmente se inclinara demais para ver uma cavalaria russa passando na praça abaixo. Foi substituído por Nicolas Jean de Dieu Soult, um soldado muito experiente que subira por méritos próprios na hierarquia da carreira. Napoleão certa vez o chamou de "o maior manobrista da Europa", mas quando Soult comandou exércitos na Espanha foi constantemente vencido por Wellington. Era um homem difícil, irritadiço e orgulhoso, e restava ver se possuía o talento administrativo de Berthier.

Dois dos marechais mais brilhantes do imperador, Davout e Suchet, não acompanharam *l'Armée du Nord*. Davout, um combatente rígido e implacável, tornara-se ministro da Guerra e permaneceu em Paris, enquanto Suchet foi nomeado comandante do Exército dos Alpes, um nome grandioso para uma força pequena e mal equipada. Napoleão, quando lhe perguntaram quais eram seus maiores generais, citou André Masséna e Louis-Gabriel Suchet, mas o primeiro não estava bem de saúde e Suchet foi deixado para trás para defender a fronteira leste da França contra um ataque austríaco.

Napoleão criou um novo marechal para a campanha que estava por vir; Emmanuel, marquês de Grouchy. Davout advertiu contra a nomeação, mas Napoleão insistiu. Grouchy era um aristocrata do Antigo Regime e tivera a sorte de sobreviver aos massacres da Revolução Francesa. Construíra sua reputação como cavalariano e agora recebia o comando de um terço de *l'Armée du Nord*.

Havia também o marechal chamado de "o mais bravo dos bravos", o volúvel e temido Michel Ney, que, assim como Soult, sempre fora promovido por merecimento. De cabelo ruivo, era esquentado e entusiasmado, filho de um tanoeiro. Tinha 46 anos em 1815, a mesma idade de Napoleão e Wellington, e ganhara sua reputação em algumas das batalhas mais sangrentas da longa guerra. Ninguém duvidava de sua coragem. Era um modelo de soldado, um guerreiro que, quando Napoleão chegou de Elba, prometeu a Luís XVIII levar o imperador de volta a Paris

numa jaula de ferro. Em vez disso, desertou com seus soldados. Era conhecido por sua coragem extraordinária e por aspirar à liderança, mas ninguém diria que Ney tinha a cabeça fria. E, fatidicamente, Soult detestava Ney e Ney detestava Soult, mas esperava-se que os dois trabalhassem juntos naquele verão fatal.

Os marechais eram importantes e ninguém era mais importante do que o chefe do Estado-Maior, porque seu trabalho era traduzir os desejos do imperador em ordens de operações de fácil entendimento. Berthier havia sido um administrador brilhante, prevendo problemas e solucionando-os com eficiência. Restava ver se o marechal Soult tinha a mesma capacidade de organizar centenas de milhares de homens, alimentá-los, deslocá-los e levá-los para a batalha de acordo com os desejos de seu imperador. Os outros marechais teriam a pesada responsabilidade do comando independente. Se a tática do imperador era confinar um exército inimigo e fixá-lo no lugar enquanto derrotava o outro, então um marechal seria o homem responsável pelo confinamento e fixação. No início das hostilidades, o trabalho do marechal Ney era manter Wellington ocupado enquanto Napoleão combatia os prussianos, e dois dias depois o marechal Grouchy teria que desviar os prussianos enquanto Napoleão destruía os homens de Wellington. Essas missões não eram cumpridas apenas seguindo ordens, mas agindo com imaginação. Esperava-se que um marechal tomasse as decisões difíceis, e Napoleão as confiava a Grouchy — recém-promovido ao elevado posto e nervoso com fracassos — e a Ney, cujo único modo de batalhar era lutando como o diabo.

L'Armée du Nord enfrentaria dois exércitos na Bélgica, dos quais o maior era o prussiano. Este era liderado pelo príncipe Gebhard Leberecht von Blücher, de 71 anos, que lutara primeiramente pela Suécia contra os prussianos, mas depois de ser capturado foi autorizado a ingressar no Exército prussiano por Frederico, o Grande. Com vasta experiência, era um cavalariano apelidado de *Marschall Vorwärts*, Marechal Avante, devido ao hábito de gritar a seus homens para avançarem. Era popular, muito amado por seus soldados e ficaria conhecido por ser propenso a surtos de doença mental durante os quais acreditava estar grávido de um elefante cujo pai era um soldado da infantaria francesa. Não havia traço algum dessa loucura no verão de 1815 e, em vez disso, Blücher marchou com determinação fanática para derrotar Napoleão. Era direto, corajoso, e se não era o general mais inteligente, teve a sensibilidade de escolher os mais brilhantes oficiais para seu Estado-Maior. Em 1815, seu chefe desse órgão de direção geral das batalhas era August von Gneisenau, um homem de grande habilidade e longa experiência, parte da qual ganhara lutando ao lado dos britânicos durante a Revolução Americana. Esta havia azedado sua opinião a respeito do Exército britânico, e Gneisenau suspeitava extremamente da capacidade e das intenções dos britânicos. Quando o barão Von Müffling foi nomeado oficial de ligação para Wellington, foi chamado por Gneisenau,

que o advertiu:

> [...] Ter muito cuidado com o duque de Wellington, porque, com suas relações com a Índia e suas transações com os ardilosos Nabobs,* esse ilustre general se acostumou tanto à duplicidade que acabou se tornando um grande mestre na arte a ponto de passar a perna nos próprios Nabobs.

É um desafio à imaginação saber como Gneisenau adquiriu essa estranha opinião, mas, considerando suas responsabilidades e a grande consideração de Blücher por seus conselhos, não era um bom presságio para as futuras relações entre britânicos e prussianos. De qualquer modo, havia desconfiança entre os dois países em relação à ambição da Prússia de anexar a Saxônia, uma desavença que azedara o Congresso de Viena. Os britânicos, franceses e austríacos se opunham tanto à expansão do poder prussiano que haviam concordado em ir à guerra, em vez de permiti-la. A Rússia tinha ambições semelhantes em relação a toda a Polônia, e em determinado momento parecia que uma nova guerra estouraria na Europa, com Prússia e Rússia lutando contra o resto. Isso havia sido evitado, mas a animosidade continuava.

Agora o Exército prussiano estava na província da Bélgica. Era um exército que não havia sido testado. Os prussianos haviam experimentado derrota, ocupação, reorganização e, depois da abdicação de Napoleão em 1814, desmobilização. Havia soldados bons e experientes nos escalões de Blücher, mas não o suficiente e, portanto, os efetivos foram completados por voluntários e pela *Landwehr*, a milícia. A convocação às armas teve uma resposta entusiasmada em 1815. Franz Lieber tinha apenas 17 anos quando soube da convocação e foi a Berlim com seu irmão, onde eles descobriram que

> uma mesa foi posta no centro de uma praça [...] diante da qual vários oficiais alistavam aqueles que se ofereciam. A multidão era tão grande que tivemos de esperar das dez à uma hora para termos uma chance de dar nossos nomes.

Ele se apresentou a seu regimento no início de maio, teve um treinamento de um mês e em seguida partiu para o País Baixo a fim de se juntar às forças de Blücher. Lieber ficou intrigado ao descobrir que um sargento de seu regimento era uma mulher que se destacara tanto em combate que recebera três medalhas por bravura. Portanto, no verão de 1815, Blücher liderava pelo menos uma mulher e 121 mil homens, um exército formidável no papel, mas, como escreve Peter Hofschröer, historiador muito simpático aos prussianos, "uma parte substancial das forças de Blücher consistia em recrutas inexperientes capazes de duas manobras básicas: avançar num estado de desordem ou recuar num estado de caos". É uma observação espirituosa e, da forma como as coisas aconteceram, esses inexperientes recrutas provaram ser capazes de lutar também, mas não se sabe se Von Gneisenau superaria sua anglofobia e cooperaria com o exército que se concentrava na direita prussiana.

Este era o Exército anglo-holandês liderado pelo duque de Wellington que, de forma memorável, descreveu-o como "um exército infame". E assim era, quando o duque chegou a Bruxelas. Seu efetivo era insuficiente e vários regimentos holandeses vinham da província de língua francesa da Bélgica. Muitos deles eram veteranos de exércitos de Napoleão e, portanto, o duque foi cauteloso com esses soldados. Os belgas de língua francesa estavam infelizes porque suas terras haviam sido dadas ao Reino dos Países Baixos, e o imperador tinha ciência dessa insatisfação. Panfletos eram contrabandeados pela fronteira francesa e distribuídos entre os soldados belgas do exército do duque. "Aos bravos soldados", diziam os panfletos, "que conquistaram sob as Águias francesas, as Águias que tantas vezes nos levaram à vitória reapareceram! Seu grito é sempre o mesmo, 'Glória e liberdade!'". O duque duvidou da confiabilidade desses regimentos e tomou a precaução de separá-los, designando-os para brigadas com batalhões cuja lealdade não era questionada.

Esses batalhões leais ou eram tropas britânicas ou os 6 mil homens da Legião Alemã do Rei (LAR), uma unidade que lutara brilhantemente para o duque durante a longa Guerra Peninsular. A legião fora formada em Hanover, que, é claro, compartilhava o rei com a Grã-Bretanha, e em 1815 Hanover enviou mais 16 mil homens para se juntarem às tropas de Wellington. Esses 16 mil eram inexperientes e, portanto, assim como o Exército holandês, foram fazer parte de brigadas com batalhões britânicos ou da LAR. Não foi uma decisão popular. "Foi um golpe sério contra o nosso moral", reclamou o capitão Carl Jacobi, da 1ª Brigada Hanoveriana:

> Os generais ingleses desconheciam totalmente as tradições dos hanoverianos. [...] Para eles, tudo estava imperfeito e até mesmo exposto a críticas se não estivesse de acordo com os interesses e instituições ingleses. Não havia qualquer camaradagem entre as tropas aliadas, nem mesmo entre os oficiais. A ignorância em relação à língua do outro, dos dois lados, a grande diferença nos soldos e a grande diferença de estilo de vida resultante impedia qualquer companheirismo mais próximo. Mesmo nossos compatriotas da Legião Alemã do Rei não confraternizaram conosco; o alferes de 15 anos com a faixa vermelha olhava com desprezo o oficial hanoveriano mais velho.

No verão, quando a guerra começou, Wellington tinha 16 mil hanoverianos e pouco menos de 6 mil homens da Legião Alemã do Rei. O Exército holandês, que fazia parte de seu exército "infame", tinha quase 40 mil homens, metade dos quais fazia parte de regimentos de língua francesa e, portanto, de confiabilidade duvidosa. O restante de seu exército, cerca de 30 mil homens, era de britânicos, e o duque desejava ter mais deles.

A Grã-Bretanha, contudo, acabara de lutar uma guerra com os Estados Unidos e muitos dos melhores regimentos — veteranos de vitórias de Wellington — ainda se encontravam do outro lado do Atlântico. Estavam voltando, e alguns batalhões se viram viajando diretamente da América para os Países Baixos. O duque teria muito

mais confiança se comandasse seu exército peninsular, um dos melhores entre os que já haviam lutado sob as cores britânicas. Algumas semanas antes de Waterloo ele caminhava num parque em Bruxelas com Thomas Creevey, um parlamentar britânico, que, um tanto ansioso, perguntou-lhe sobre a esperada campanha. Um soldado da infantaria de casaco vermelho observava as estátuas do parque e o duque apontou para o homem: "Ali", disse ele, "ali. Tudo depende daquele artigo para fazermos o negócio ou não. Dê-me o suficiente dele e estarei seguro."

No fim, havia o suficiente. Pouco mais de 20 mil soldados da infantaria britânica lutariam em Waterloo e suportariam o ímpeto dos ataques do imperador. Os generais de Napoleão o alertaram sobre aqueles soldados de casaco vermelho, dizendo o quanto eles eram firmes. O general Reille irritou Napoleão afirmando que a infantaria britânica era *inexpugnável*, impenetrável, enquanto Soult disse ao imperador que "numa luta direta a infantaria inglesa é o próprio demônio". O imperador nunca lutara contra eles e desconsiderou as advertências, mas Wellington conhecia o valor do combatente britânico e o semelhante da Legião Alemã do Rei. Quatro anos depois da batalha, caminhando no campo de Waterloo, o duque comentou: "Eu tinha aproximadamente 35 mil homens nos quais podia confiar totalmente; os restantes eram propensos demais a fugir."

O duque tinha 21 batalhões britânicos, quinze dos quais haviam lutado com ele na Espanha e em Portugal. Era o suficiente. Mas mesmo esses batalhões experientes estavam, assim como os regimentos prussianos, repletos de novos recrutas. O maior batalhão de Waterloo, e um dos melhores, era o 52º, a Infantaria Leve de Oxfordshire, que estivera em combate mais ou menos contínuo de 1806 até a primeira abdicação de Napoleão. Em Waterloo, o batalhão tinha 1.079 homens, mas 558 deles haviam ingressado na última batalha. Na Divisão de Guardas era a mesma coisa. O alferes Robert Batty, do 1º Regimento de Infantaria de Guardas, disse que a divisão possuía muitos "jovens soldados e voluntários da milícia que nunca haviam sido expostos ao fogo de um inimigo".

Mas os experientes, os veteranos, estavam cheios de confiança. Frederick Mainwaring era tenente do 51º, um batalhão de Yorkshire que lutara em La Coruña, em Fuentes d'Onoro, Salamanca, Vitoria e nas batalhas dos Pirineus e do sul da França. Encontrava-se aquartelado em Portsmouth quando a notícia da volta de Napoleão chegou à Grã-Bretanha. Mainwaring lembrou-se:

> Eu estava sentado com mais dois ou três tomando café da manhã no rancho, quando chegou o corneteiro-mor com a correspondência e, como sempre, pôs o jornal sobre a mesa. Alguém o abriu e passava os olhos desatentamente sobre o conteúdo quando de repente seu semblante se iluminou e, jogando o jornal para o alto, como um louco, gritou: "Notícia gloriosa! Nap desembarcou de novo na França, hurra!" Em instantes, estávamos todos enlouquecidos. [...] "Nap de novo na França" se espalhou como fogo pelos alojamentos [...] os homens iam para fora e festejavam [...] nossa alegria não tinha limite!

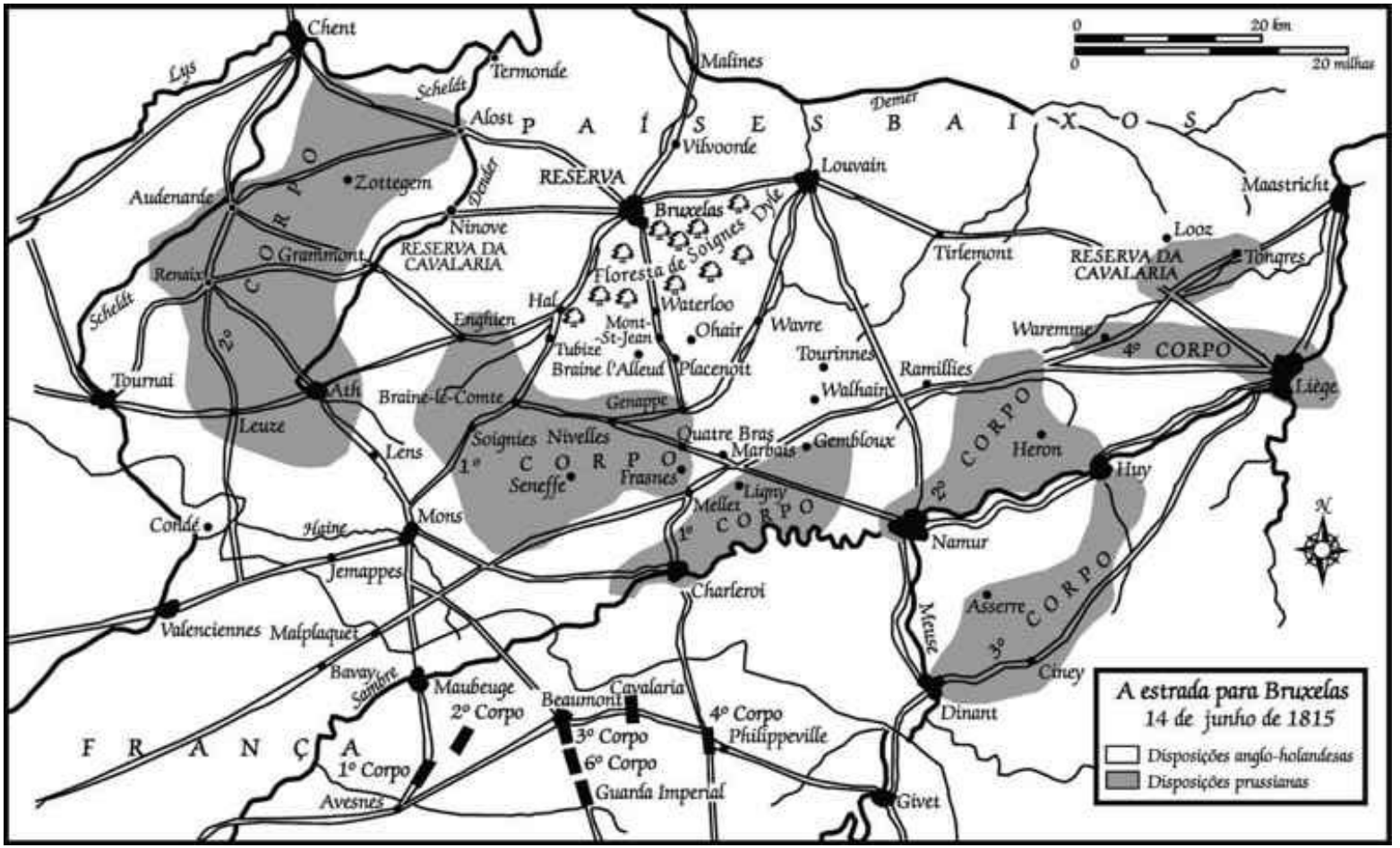
O capitão Cavalié Mercer comandava uma bateria da Artilharia Real a Cavalo, em Colchester, quando a notícia chegou, e conta a mesma história do tenente Mainwaring. A ordem de deslocamento foi "recebida com sincera alegria por oficiais e praças, todos ansiosos para se jogar no perigo e no derramamento de sangue, todos esperando obter glória e distinção".

Com os franceses e prussianos não foi nem um pouco diferente. Voluntários ansiosos haviam se reunido em torno das bandeiras prussianas, e na França a maioria dos soldados ficou eufórica com a volta do imperador. Muitos haviam sido prisioneiros de guerra nas terríveis prisões britânicas, fosse Dartmoor ou velhos barcos pestilentos que ficavam permanentemente ancorados, e esses homens queriam vingança. Queriam a glória. O capitão Pierre Cardron, oficial da infantaria, registrou uma cena que se repetiu em toda a França. Seu regimento jurara lealdade ao rei, mas depois da volta de Napoleão à França o coronel convocou todos os oficiais. Eles formaram duas fileiras "perguntando um ao outro o que estava acontecendo. O que houve? A preocupação era grande", lembrou Cardron, mas então o coronel apareceu

> segurando em suas mãos, o quê? Você não adivinharia em cem anos. [...] Nossa águia, sob a qual havíamos marchado tantas vezes para a vitória, e que o bravo coronel escondera dentro do colchão de sua cama. [...] Diante da visão, podiam-se ouvir os queridos gritos comuns de "*Vive l'Empereur!*"; praças e oficiais, todos entusiasmados, queriam não apenas vê-la, mas abraçá-la e tocá-la; esse incidente fez lágrimas de emoção escorrerem de nossos olhos [...] prometemos morrer sob nossa águia pelo país e por Napoleão.

Não é de se admirar que um general francês tenha escrito para casa dizendo que seus homens estavam em "frenesi" por causa do imperador. E nessa atmosfera frenética Napoleão se decidiu por um golpe preventivo contra os britânicos e os prussianos. Ele os atacaria antes que os Exércitos austríaco e russo pudessem chegar à fronteira francesa, e para esse ataque dispunha de 125 mil homens e 350 canhões. Enfrentando-o estavam Blücher, com 120 mil homens e 312 canhões, e o exército de Wellington, de 92 mil homens e 120 canhões. O imperador estava em inferioridade numérica, mas isso não era novidade alguma e ele era um mestre das manobras. Sua missão agora era dividir os aliados e depois destruí-los, um a um. A guerra, declarara, era simples. "É como uma luta de boxe, quanto mais você bate, melhor."

E em junho de 1815 ele partiu para bater em Blücher e Wellington e deixá-los nocauteados.


0 20 km
0 20 milhas
Chent
Lys
Termonde
Escalda
Malines
Demer
Alost
P A Í S E S B A I X O S
Vilvoorde
Louvain
Maastricht
Audenarde
Zottegem
Dender
RESERVA
Bruxelas
Dyle
Ninove
RESERVA DA CAVALARIA
Looz
Tirlemont
RESERVA DA CAVALARIA
Tongres
Renaix
Grammont
Floresta de Soignes
Escalda
Hal
Waterloo
Enghien
Mont-St-Jean
Ohain
Wavre
Waremme
4º CORPO
Tubize
Braine l'Alleud
Tourinnes
Ramillies
Tournai
Ath
Braine-le-Comte
Genappe
Walhain
Liège
Leuze
Soignies
Nivelles
Quatre Bras
Marbais
Gembloux
Lens
1º C O R P O
Heron
Huy
Seneffe
Fraines
Ligny
Mellet
2º C O R P O
Condé
Huine
Mons
1º C O R P O
Namur
Jemappes
Charleroi
Asserre
Meuse
3º C O R P O
Valenciennes
Malplaquet
Bavay
Sambre
Maubeuge
Cavalaria
Beaumont
Dinant
Ciney
2º Corpo
4º Corpo
Philippeville
F R A N Ç A
3º Corpo
1º Corpo
6º Corpo
Guarda Imperial
Avesnes
Givet
A estrada para Bruxelas
14 de junho de 1815
Disposições anglo-holandesas
Disposições prussianas

Nota

* Funcionários da Companhia das Índias Orientais que enriqueciam com comércio corrupto e outras práticas. O termo se refere de maneira geral a milionários da Índia e de outros países do Oriente, e no Império Mogol (1526-1858) significou "vice-rei" ou "vice-governador". (*N. do T.*)

2

Napoleão me enganou, meu Deus!

Napoleão sem dúvida acertara quando afirmou que a coisa mais difícil na guerra era "adivinhar o plano do inimigo". E esta foi precisamente a dificuldade que o marechal Blücher e o duque de Wellington enfrentaram. O que o imperador estaria planejando?

A primeira questão era se o imperador realmente atacaria, e se a resposta fosse sim eles precisavam saber onde e quando esse ataque ocorreria. Mas apenas três dias antes de a tempestade desabar, o duque de Wellington foi convencido de que nenhum ataque violento estava por vir. Ele planejava dar um baile em Bruxelas em 21 de junho, o aniversário de seu grande triunfo em Vitoria, e quando a duquesa de Richmond lhe perguntou se seria sensato ela dar um baile em 15 de junho, ele a tranquilizou: "Você pode dar seu baile com a maior segurança, sem temer uma interrupção." Na terça-feira, 13 de junho, ele escreveu a um amigo na Inglaterra:

> Nada de novo aqui. Temos relatos sobre Bonaparte reunindo o exército para nos atacar, mas possuo informações de Paris, do dia 10, data em que ele ainda andava por lá; e julgo, pelo seu discurso ao Legislativo, que sua partida provavelmente não será iminente. Acho que agora somos aqui fortes demais para ele.

Essa carta foi escrita na terça-feira, e no dia anterior, segunda-feira, 12 de junho, Napoleão deixara Paris para concentrar *l'Armée du Nord* em Flandres. Em 14 de junho, o exército se aproximou da fronteira e os aliados ainda não suspeitavam de nada. Blücher compartilhava a opinião de Wellington. Escrevera para sua esposa, "Bonaparte não nos atacará", entretanto Napoleão estava pronto para fazer exatamente isso. Ele fechara as fronteiras da França. "Nenhuma diligência ou carruagem pode passar", ordenou, enquanto ao norte da fronteira, na província da Bélgica, os Exércitos britânico e prussiano se espalhavam por uma faixa de terreno com mais de 150 quilômetros de extensão.

Essa dispersão era necessária por duas razões. Os aliados assumiram postura defensiva. Só estarão prontos para atacar quando tiverem uma força esmagadora, quando os austríacos e russos chegarem à fronteira francesa. Portanto, por hora, Wellington e Blücher esperam e, é claro, sabem que o imperador pode atacá-los

antes que eles estejam prontos para o combate. Wellington pode ter pensado que um ataque assim era improvável, mas ainda precisa se prevenir contra essa possibilidade, e isso significa observar cada via de acesso que os franceses possam tomar. Em retrospecto, parece óbvio que Napoleão atacaria na junção dos Exércitos prussiano e britânico, para separá-los, mas, na ocasião, isso não era tão claro nem para Blücher nem para Wellington. O temor de Wellington era de que Napoleão pudesse escolher uma rota mais a oeste, passando por Mons e continuando até Bruxelas, ou mesmo em direção a Ghent, onde Luís XVIII se refugiara. Um ataque desses isolaria Wellington da costa e, portanto, colocaria em risco suas linhas de abastecimento. O que quer que acontecesse, Wellington queria estar certo de que seu exército teria uma rota de fuga para se retirar em segurança se fosse vencido, e ele planejara uma retirada para o oeste, até Ostend, onde navios poderiam levar o exército para a Grã-Bretanha. Blücher tinha a mesma preocupação, só que seu caminho de escape levava para o leste, em direção à Prússia.

Portanto, os dois exércitos se encontram bem espalhados porque precisam se proteger contra qualquer possível ataque francês. A mais oriental das forças prussianas, o corpo de exército do general Von Bülow, está a cerca de 160 quilômetros a leste do flanco oeste de Wellington. Essa dispersão também é necessária para alimentar os exércitos. As tropas dependiam da aquisição de suprimentos locais, e muitos homens e muitos cavalos num único lugar logo esgotavam a comida disponível.

Como se vê, portanto, os aliados se estendiam por uma área com aproximadamente 160 quilômetros de frente, enquanto Napoleão concentrava seu exército ao sul do rio Sambre, na estrada principal que levava a Bruxelas, passando por Charleroi. Então por que os aliados não perceberam isso? Na Espanha, o duque de Wellington tinha um serviço de inteligência excelente, na verdade seu problema era receber informações secretas demais. Mas em Flandres, em 1815, ele estava praticamente cego. Antes de a fronteira ser fechada, ele recebera muitos relatos de viajantes vindos do norte da França, mas a maioria deles era fantasiosa ou muito contraditória. A ele também fora negado seu instrumento de inteligência favorito, seus Oficiais Reconhecedores.

Esses oficiais eram homens confiáveis que exploravam o país inimigo e dependiam de seus cavalos excelentes para escapar da perseguição francesa. Eles cavalgavam de uniforme completo, portanto não podiam ser acusados de espionagem, e eram extremamente eficientes. Destacado entre eles estava um escocês, Colquhoun Grant, e Wellington exigiu sua presença na Bélgica como “chefe do Departamento de Inteligência”. Grant chegou a Bruxelas em 12 de maio e imediatamente começou a criar uma rede de agentes na fronteira francesa, cuja atividade o decepcionou seriamente porque a população local, inteiramente de língua

francesa, ou era simpática a Napoleão ou sombriamente apática. Grant também não podia enviar os Oficiais Reconhecedores ao sul da fronteira porque, oficialmente, os aliados não estavam em guerra com a França, apenas com Bonaparte.

Mas Grant tinha contatos excelentes em Paris. Isso acontecera por acaso, porque em 1812 Grant teve a infelicidade de ser capturado pelos franceses na Espanha. Os franceses, sabendo de seu valor para Wellington, recusaram-se a trocá-lo ou a lhe conceder liberdade condicional, enviando-o para a França sob forte vigilância. No entanto, não suficientemente forte, porque depois de passada a fronteira, em Bayonne, o escocês escapou e soube que Joseph Souham, oficial-general francês de carreira, estava na cidade e planejava viajar para Paris. Num ato de ousadia formidável, Grant se apresentou a Souham como oficial americano e lhe pediu para viajar na carruagem do general. Ele ainda envergava o casaco vermelho do 11º Regimento da Infantaria britânica, mas ninguém pensou em questionar isso. O que os franceses sabiam sobre uniformes americanos? Uma vez em Paris, o intrépido Grant encontrou uma fonte no Ministério da Guerra e conseguiu enviar relatórios para o duque na Espanha. Acabou voltando para a Inglaterra, mas sua fonte ainda existia em Paris e, depois de nomeado chefe do Serviço de Inteligência de Wellington, ele conseguiu retomar o contato. A fonte lhe deu informações de grande valor sobre *l'Armée du Nord*, mas não o que Grant realmente queria saber: Napoleão atacaria? E se atacasse, onde? Os combatentes franceses não facilitavam as suposições; os primeiros contatos entre os exércitos foram na estrada para Mons, onde patrulhas da cavalaria francesa trocaram tiros com piquetes aliados, indicando que Napoleão reconhecia a rota direta para Bruxelas.

O mapa da p. 44 mostra as posições aliadas. Os prussianos ocupam uma extensão de terreno a leste da estrada principal, que leva ao norte, a partir de Charleroi; os britânicos estão amplamente espalhados a oeste dessa estrada. O quartel-general dos britânicos é em Bruxelas, enquanto o do marechal Blücher fica a quase 80 quilômetros de distância, em Namur, atento às melhores rotas das quais os prussianos poderão precisar se forem forçados a se retirar. Isso é importante. Se Napoleão arremete realmente com vigor e derrota seus dois inimigos, destrói qualquer chance que estes têm de cooperação, porque os prussianos se retirarão pelo leste e os britânicos pelo oeste, uns e outros buscando a segurança de suas terras natais. Este, em essência, é o plano de Napoleão para dividir os aliados e, depois de dividi-los, negociar com eles separadamente. E para conseguir isso, em 14 de junho ele concentra seu exército imediatamente ao sul de Charleroi. Agora, está pronto para lançar seus homens como uma flecha no coração dos dispositivos dispersos dos aliados.

Napoleão ataca na quinta-feira, 15 de junho. Cruza a fronteira e suas tropas marcham para Charleroi. Os elementos avançados da cavalaria prussiana entram em

escaramuças com cavaleiros franceses, e mensageiros galopam para o norte com a notícia sobre o avanço francês, mas quando as mensagens alcançam Wellington este não acredita nelas. O duque teme que qualquer avanço francês naquela estrada seja um estratagema com a intenção de iludi-lo enquanto o verdadeiro ataque é lançado em sua ala direita. Análises posteriores condenam o duque por sua cautela, alegando que Napoleão jamais teria atacado no oeste porque isso poderia empurrar Wellington na direção do exército de Blücher, mas o duque sabe que deve esperar o inesperado de Napoleão. Portanto, permanece cauteloso. Em Bruxelas, corre o rumor de que o exército marchará em 25 de junho, mas é apenas um rumor entre muitos. Edward Healey, um ajudante de cavalariço a serviço de um oficial do Estado-Maior britânico, anotou o rumor em seu diário e acrescentou que oficiais estavam levando suas espadas a oficinas de ferreiros para serem afiadas e comprando panos em armarinhos para fazer ataduras, "mas de maneira geral", acrescenta, "as coisas estavam indo como se não houvesse nada importante".

O imperador marchou para perto da fronteira em 14 de junho. Na noite seguinte, em 15 de junho, a duquesa de Richmond dá um baile em Bruxelas. O duque comparece.

Enquanto ao sul tudo está dando errado para os aliados.

* * *

Charlotte, a duquesa de Richmond, era casada com o quarto duque, um soldado não muito bem-sucedido cuja verdadeira paixão era o críquete. Ele recebeu o comando de uma pequena força da reserva que estava postada em Bruxelas, e sua esposa escocesa, ela própria filha de outro duque, é uma das anfitriãs da sociedade. Tinha 47 anos em 1815, mãe de sete filhos e sete filhas. Wellington assegurara à duquesa que seu baile não seria interrompido por notícias indesejadas, embora também a tivesse advertido a não fazer um piquenique farto no interior ao sul de Bruxelas. Havia relatos demais sobre patrulhas da cavalaria francesa, portanto era melhor a duquesa receber em Bruxelas mesmo.

O duque e a duquesa haviam alugado uma grande mansão com uma cocheira espaçosa, transformada num salão de baile deslumbrante. O modesto espaço foi decorado com grandes faixas de tecidos escarlate, dourado e preto, e candelabros pendiam entre os pilares enfeitados com folhagens, flores e ainda mais tecidos. A lista de convidados era igualmente brilhante, encabeçada pelo príncipe de Orange, também conhecido como Slender Billy ou Young Frog. Aos 23 anos, ele era o príncipe herdeiro do recém-criado Reino dos Países Baixos e uma espécie de pedra no sapato do anfitrião, embora o duque gostasse dele pessoalmente. O problema era o pai de Young Frog, o rei Guilherme I, que insistira para que seu filho mais velho

assumisse elevada função no Exército anglo-holandês. Wellington foi forçado a ceder a essa exigência, do contrário não comandaria tropas holandesas. Isso significava que uma grande parcela do exército do duque estava sob o comando de um jovem cuja única qualificação para essa responsabilidade era a sorte de sua descendência real. Ele comandava o 1º Corpo e, por causa da insistência de Wellington para que batalhões não confiáveis e inexperientes fizessem parte de brigadas com unidades leais e veteranas, o príncipe tinha sob seu comando algumas das melhores tropas britânicas e hanoverianas do duque.

O príncipe fora ajudante de ordens do duque durante quase três anos na Espanha, experiência que lhe dera uma opinião bastante exagerada sobre seus próprios talentos militares. Era chamado de Slender Billy por causa de seu pescoço estranhamente comprido e fino, e de Young Frog porque tinha uma calva incipiente, boca grande e olhos esbugalhados, como um sapo. Supostamente estava comprometido com a princesa Charlotte, filha única do príncipe regente da Grã-Bretanha, mas depois de ver Slender Billy ficar bêbado nas corridas de Ascot ela rompera o relacionamento. Slender Billy descartou casualmente a rejeição sem se importar muito, acreditando, falsamente, que ela mudaria de ideia. De maneira semelhante, repudiara os súditos de língua francesa de seu pai, os belgas, como "idiotas" e, como fora educado em Eton, sentia-se muito mais em casa entre os britânicos do que entre seus compatriotas. Nos próximos dias ele estaria no comando de quase um terço do exército de Wellington, mas felizmente Young Frog era bem servido por oficiais de Estado-Maior que — o duque deve ter rezado por isso — controlariam sua inexperiência, sua presunção e seu entusiasmo.

Os convidados do baile eram a nata da sociedade de Bruxelas, uma multidão enfeitada de fitas formada por diplomatas, militares e aristocratas, um dos quais era o general Don Miguel Ricardo de Álava y Esquivel, nomeado embaixador da Espanha para os Países Baixos. Ele iniciara sua carreira militar na Marinha espanhola e estivera presente na Batalha de Trafalgar como combatente na luta contra os navios de Nelson. Mas as exigências da guerra significaram que a Espanha se tornara aliada dos britânicos, e Álava, que ingressara no Exército espanhol depois de Trafalgar, fora nomeado oficial de ligação para Wellington. As relações entre os britânicos e os espanhóis eram carregadas de ciúmes, dificuldades e mal-entendidos mútuos, e seriam muito piores se não fosse a cabeça fria e os conselhos sensíveis de Álava. Uma amizade por toda a vida surgiu entre o duque e Álava, e o espanhol estaria ao lado do duque nos próximos dias. Ele não tinha nada que estar em Waterloo, mas a amizade por si só o fez compartilhar os perigos e Wellington foi grato. Álava tem a rara distinção de ser um dos poucos homens que estavam presentes tanto em Trafalgar quanto em Waterloo, embora um bom número de franceses também tenha essa distinção porque os militares de pelo menos um

batalhão que lutou em Waterloo haviam servido como marinheiros a bordo da esquadra destroçada de Villeneuve.

Sir Thomas Picton estava no baile. Chegara recentemente a Bruxelas para comandar o 2º Corpo do duque e foi bem-recebido, porque era um general lutador que cumprira um serviço longo e bem-sucedido em Portugal e Espanha. "Vamos, seus malandros", gritara ao conduzir um ataque em Vitoria, "vamos, seus vilões combatentes!". Ele era um galês irascível, forte e desleixado, mas indubitavelmente bravo. "Um demônio rude e desbocado", descreveu o duque de Wellington. Mas em 1814 o demônio rude e desbocado sofria do que viríamos a conhecer como estresse pós-traumático. Ele escrevera para o duque implorando para ser enviado para casa. "Tenho que desistir. Estou tão nervoso que quando há alguma missão a ser cumprida fico remoendo isso na minha cabeça e é impossível dormir à noite. Não consigo suportar."

Quando Wellington assumiu o comando de seu "exército infame", mandou buscar Picton. Precisava de cada veterano Peninsular que pudesse encontrar, e o galês era um homem no qual podia confiar para liderar e inspirar tropas. Picton ainda estava sofrendo. Antes de deixar a Grã-Bretanha, deitou-se num túmulo recém-cavado e comentou morbidamente: "Acho que este serviria para mim." Apesar dessa premonição sombria, ele foi para Bruxelas, embora de alguma forma tenha conseguido perder sua bagagem com o uniforme, de modo que foi ao baile usando um sobretudo surrado e um chapéu marrom desbotado. Devia estar parecendo uma figura estranha entre os uniformes reluzentes no baile, em meio a todas as rendas e os fios de ouro, dragonas e alamares militares. Isso sem falar nos vestidos decotados das senhoras, muitas delas jovens inglesas como Lady Frances Wedderburn-Webster, de 22 anos, que, embora casada e grávida, fora vista se encontrando com o duque de Wellington num parque de Bruxelas poucos dias antes. Um oficial britânico vira o duque passeando sozinho no parque, em seguida uma carruagem aberta parou, Lady Frances saltou e o casal, escreveu o oficial, "desceu numa cavidade onde as árvores o encobriam completamente". Tempos depois, um jornal de Londres, o *St James's Chronicle*, espalharia rumores sobre o caso, afirmando que o marido de Lady Frances ameaçava divorciar-se, notícia que levou a um processo por calúnia e a sérios danos ao *Chronicle*. Mas é interessante, se não significativo, que o duque tenha encontrado tempo tanto na véspera de Waterloo quanto no dia seguinte à batalha para escrever a Lady Frances.

Wellington gostava da companhia de mulheres, exceto a de sua esposa, que ele detestava. Nesse gosto era bem diferente de Napoleão, que certa vez comentou: "Arruinamos tudo tratando as mulheres bem demais, cometemos o grande erro de pô-las quase no mesmo nível que nós. A natureza as criou para serem nossas escravas." Wellington ficava mais à vontade com mulheres — principalmente as inteligentes —

do que com homens, e gostava ainda mais se elas eram jovens, bonitas e aristocratas. Houve fofocas em Bruxelas. O duque "faz questão de abordar todas as senhoras de caráter fraco", reclamou Lady Caroline Capel, irmã do vice de Wellington, lorde Uxbridge, que dera, ele próprio, uma escapada com a cunhada do comandante. O duque foi explicitamente advertido a não se envolver com uma dessas mulheres "fracas", Lady John Campbell; seu caráter, disseram-lhe, "era mais do que suspeito". "Por Deus, é mesmo?", respondeu ele. "Então vou abordá-la!" E "imediatamente pegou seu chapéu e saiu com esse propósito". Não havia qualquer rumor suspeito sobre Lady Georgiana Lennox, de 17 anos, filha da duquesa de Richmond, que jantou ao lado de Wellington no baile de sua mãe. Ela perguntou se eram verdadeiros os rumores de que os franceses avançavam e ele concordou. "Sim", disse, "são verdadeiros, partiremos amanhã."

É essa iminência da batalha que dá ao baile da duquesa de Richmond um sabor tão picante. Na noite de 15 de junho, havia uma profusão de oficiais belamente uniformizados dançando à luz de velas, e em 24 horas alguns estariam mortos, ainda com suas meias de seda e seus sapatos de dança. As críticas a Wellington, naturalmente, são de que ele não tinha nada que estar num baile quando sabia que os franceses progrediam, mas o duque, como sempre, tinha seus motivos.

Em primeiro lugar, ele não queria demonstrar pânico. Havia sido apanhado de surpresa e, quando chegou ao baile, às 22h, sabia que havia sido ludibriado por Napoleão, mas aquele não era o momento de mostrar alarme. Sabia que era observado, portanto era necessário demonstrar confiança. O segundo motivo era eminentemente prático. O duque precisava dar ordens urgentes e praticamente todos os oficiais graduados de seu exército estavam no baile, o que facilitava encontrá-los e se dirigir a eles. O baile, na verdade, servia como uma reunião de oficiais, e teria sido insensato o duque perder essa oportunidade. Lady Hamilton-Dalrymple, que compartilhou um sofá com ele durante parte da noite, recordou-se de que "frequentemente, no meio de uma frase, ele parava abruptamente e chamava algum oficial, dando-lhe instruções".

Então o que acontecera para envolver o baile em tamanha ameaça?

O inferno rompera na estrada de Charleroi.

* * *

Uma das dificuldades de Napoleão foi autoinfligida. Ele ordenara que as principais estradas ao norte da França fossem destruídas. Elas eram construídas com uma camada de cascalho compactado sobre um leito de pedras maiores, e ao longo de alguns quilômetros ao sul da fronteira haviam sido quebradas e escavadas para atrapalhar o avanço de um exército inimigo contra a França. Isso também dificultava

aos franceses avançar no outro sentido. As estradas esburacadas não eram obstáculo algum para a infantaria ou a cavalaria, que estavam acostumadas a progredir pelas margens de um lado ou do outro de qualquer estrada, mas eram um transtorno para veículos com rodas; as carroças de suprimentos e os canhões.

Uma vez decidido a atacar, Napoleão movimentou-se com rapidez, concentrando seu exército um pouco ao sul do rio Sambre. Equipes repararam as estradas, permitindo que os canhões e as carroças seguissem para o norte, mas a infantaria e a cavalaria tiveram que se deslocar através do campo, que, em sua maior parte, era coberto por plantações de centeio. O centeio cultivado ficava mais alto no início do século XIX, portanto o exército em avanço enfrentou caules espessos, muito próximos, fibrosos e da altura de um homem. As plantas eram pisoteadas, mas um cavalariano recordou que os cavalos tropeçavam no emaranhado confuso sob suas patas e que o inconveniente centeio teve uma pequena participação no desdobramento dos acontecimentos.

Mas, apesar dos tropeços dos cavalos e dos reparos nas estradas, o exército de Napoleão se aproximou da fronteira, de modo que, ao cair da noite de 14 de junho, um dia antes do baile da duquesa de Richmond, *l'Armée du Nord* estava acampado alguns quilômetros ao sul de Charleroi. O imperador ordenou a seus homens que procurassem ficar escondidos acampando atrás dos morros, mas o fogo em que cozinhavam iluminou a noite. Esse brilho no céu deve ter sido o primeiro sinal para os aliados de que algo fatídico estava sendo preparado ao sul da fronteira, mas tal sinalização não provocou qualquer alarme específico.

O 15 de junho amanheceu com bom tempo, e os soldados franceses voltaram a marchar ao raiar do dia. Sua primeira tarefa era atravessar o rio Sambre, que ficava um pouco ao norte da fronteira, e três colunas se aproximaram do rio pelo sul. A coluna central marchou para Charleroi, onde a ponte era defendida por uma barricada, e houve um atraso até que uma infantaria suficiente chegasse para romper a barreira. Os defensores prussianos eram pouco numerosos, nada mais do que um piquete avançado, e eles se retiraram para o norte enquanto os franceses ocupavam a cidade. Só na parte da tarde o exército de Napoleão penetrou na Bélgica, onde fortes patrulhas da cavalaria se espalharam para descobrir onde estavam os exércitos aliados.

Esta não foi a única atividade francesa. Bem mais a oeste, outras patrulhas da cavalaria reconheciam o norte, em direção a Mons. Naquela manhã, o 2º Batalhão do 95º de Fuzileiros encontrou uma patrulha de lanceiros na fronteira perto de Mons. Richard Cocks Eyre, um segundo-tenente (patente dos Fuzileiros equivalente a um alferes no resto do Exército), descreveu o encontro como "brincadeira", mas para o duque de Wellington esses relatos eram fatalmente sérios. Podia ser uma evidência de um avanço do inimigo que o isolaria dos portos do mar do Norte. Ele também

ouviu relatos sobre atividades francesas perto de Charleroi, mas seu primeiro instinto foi proteger seu flanco direito e, portanto, ordenou que a reserva do exército, comandada por ele próprio, permanecesse em Bruxelas e que o restante ficasse em seus acantonamentos a oeste. Isso poderia ter sido desastroso. Napoleão transpunha o rio com seus combatentes e, lentamente, empurrava os prussianos para trás. Mas Wellington, em vez de se contrapor ao inimigo nos pontos de perigo de imediato, apenas vigiava as estradas de acesso a Ostend, por onde chegava a maioria de suas tropas, armas e suprimentos vindos da Grã-Bretanha. Napoleão não poderia ter desejado nada melhor.

A história do 15 de junho, dia do famoso baile, é plena de mistérios. A incerteza da guerra é um clichê, mas se aplica a esse dia. Napoleão engaja seu exército na travessia do rio bem no começo da manhã, os prussianos se retiram lenta e resolutamente e Wellington, apesar das mensagens de seus aliados, não faz nada decisivo, na verdade realiza algo frívolo, vai a uma festa. Ele tem sido acusado de ignorar deliberadamente as mensagens prussianas, embora o motivo pelo qual teria de fazer isso seja também um mistério. Toma conhecimento do avanço francês por volta das 15h. As mensagens demoraram muito para chegar até ele, e os críticos do duque sustentam que assim que soube ele deveria ter dado ordens de deslocamento de suas tropas para o leste, em direção ao combate, mas em vez disso ele espera. O barão Von Müffling era seu oficial de ligação prussiano, e foi Müffling quem trouxe a notícia para Wellington:

> Quando o general Von Zieten foi atacado diante de Charleroi, em 15 de junho, um evento que abriu a guerra, ele me enviou um oficial, que chegou a Bruxelas às 15h. O duque de Wellington, ao qual imediatamente comuniquei a notícia, não recebera qualquer informação sigilosa do posto avançado em Mons.

Duas coisas são interessantes no relato de Müffling. Sabemos que o primeiro confronto entre o exército de Napoleão e os prussianos ocorreu por volta das 5h, mas Müffling, que não tem motivo algum para mentir sobre o assunto, está certo de que a notícia só chegou a Bruxelas às 15h, dez horas depois. Charleroi fica 51 quilômetros ao sul de Bruxelas, e o cavaleiro enviado poderia facilmente ter feito a viagem em menos de quatro horas. Mas demorou dez. Não sabemos por que, embora Wellington certa vez tenha sugerido que "o oficial mais rápido do exército prussiano" fora selecionado como mensageiro.

Os prussianos insistem que o general Von Zieten, cujas tropas estavam sendo empurradas pelos franceses, enviou uma mensagem a Wellington no início daquela manhã, mas provar que a mensagem foi enviada não é provar que esta foi recebida. Uma enorme quantidade de tinta, humor e recriminação tem sido derramada sobre essa disputa. Gneisenau disse mais tarde que o duque demorou a reunir seu exército

e acrescentou com sarcasmo: “Eu ainda não sei por quê.” É claro que sabia, mas sua antipatia pelo duque não o deixaria admitir que havia uma explicação razoável. O que é triste nessa animosidade é que Gneisenau e Wellington tinham muito em comum. Ambos eram bastante inteligentes, trabalhadores, meticulosos, disciplinados, intolerantes com tolices e descuidos, e ambos estavam comprometidos com o mesmo objetivo, a completa destruição do poder de Napoleão, mas Gneisenau insistia que Wellington não era digno de confiança. E confiança é importante para a história de Waterloo. A campanha aliada era baseada em confiança; de que Blücher viria para ajudar Wellington e Wellington para ajudar Blücher, porque os dois comandantes sabiam que seus exércitos não poderiam derrotar sozinhos os veteranos de Napoleão. Eles tinham que unir suas forças para vencer, e se não pudessem uni-las não lutariam.

Então por que, naquela quinta-feira fatal, Wellington não concentrou seu exército? Porque ele ainda não estava certo sobre onde teria que lutar. A notícia de que forças francesas haviam sido vistas perto de Thuin, e essa presença, apesar de próxima a Charleroi, poderia ter indicado um avanço geral em direção a Mons, e havia ocorrido aquela escaramuça entre fuzileiros britânicos e lanceiros franceses na própria estrada de Mons. O temor de Wellington era de que Napoleão atacasse no oeste, e foi por isso que ele esperou para ter mais notícias de suas tropas em Mons. Ele é específico em relação a isso. Quando Müffling o pressiona, instando o duque a concentrar suas forças mais perto dos prussianos, Wellington explica sua relutância.

> Se tudo for como o general Von Zieten supõe, concentrarei em minha ala esquerda. [...] Se, porém, uma parte do exército inimigo vier por Mons, devo concentrar mais em meu centro. Por esse motivo tenho que, decididamente, esperar as notícias de Mons antes de determinar o ponto de encontro.

Isso parece claro. Longe de trair seus aliados ou tratar suas advertências com desdém, o duque estava sendo cauteloso porque, até então, não tinha qualquer prova conclusiva de que o ataque francês através de Charleroi era o principal esforço. Podia ser um artifício destinado a atrair seus homens para o leste enquanto o verdadeiro ataque fosse lançado à sua direita. Então ele esperou. Dissera, antes da campanha, que “um movimento em falso” poderia expô-lo a um ataque devastador de Napoleão, e parecia preferível não fazer movimento algum. Mais mensagens chegaram de Blücher no início da noite, e ainda assim o duque esperou porque ainda temia aquele ataque na estrada para Mons. Só tarde da noite, quando o duque estava no pomposo salão de baile, foi que soube que estava tudo tranquilo em Mons e se convenceu de que Blücher estava certo o tempo todo e de que os franceses estavam atacando na estrada de Charleroi. As notícias chegavam em quantidade e com rapidez naquele início de noite, e uma das mensagens cruciais veio do barão Jean-Victor de Constant Rebecque, chefe do Estado-Maior de Slender Billy e um bom

homem. Ele relatou que os franceses haviam progredido para o norte a partir de Charleroi, chegando a uma encruzilhada chamada Quatre Bras, e que enviara tropas para confrontá-los.

O que aconteceu em seguida é um dos incidentes mais famosos da vida do duque. Passava da meia-noite, ele saía do baile e, enquanto era escoltado pelo salão, virou-se para o duque de Richmond e sussurrou: "Você tem um bom mapa na casa?"

Richmond levou Wellington para seu gabinete, onde um mapa foi aberto sobre a mesa. O duque o estudou à luz de velas e em seguida exclamou: "Napoleão me enganou, por Deus! Ganhou 24 horas de marcha à minha frente!"

As tropas de Napoleão estavam prontas para separar os aliados. Os planos do imperador estavam funcionando.

* * *

Com seu nome maravilhoso, Hyacinthe-Hippolyte de Mauduit era um sargento da Guarda Imperial de Napoleão. Isso o tornava o *crème de la crème*. Ele servia na Velha Guarda, parte do 2º Batalhão do 1º Regimento de Granadeiros. A Guarda Imperial era a unidade favorita de Napoleão, a tropa de choque do império francês. Todos os homens eram veteranos, recebiam privilégios, usavam um uniforme diferente e eram ferrenhamente leais ao imperador que protegiam. Benjamin Haydon, um pintor britânico perdulário, deu uma olhada na Guarda logo depois da primeira abdicação de Napoleão e escreveu:

> Camaradas de aparência mais assustadora do que a Guarda de Napoleão eu nunca havia visto. Eles pareciam *banditti* puros-sangues, veteranos, disciplinados. A depravação, a indiferença e a sede de sangue estavam marcadas a fogo em seus rostos; bigodes pretos, chapéus gigantescos, uma postura encurvada e uma expressão feroz eram suas características. Se esses camaradas tivessem governado o mundo, o que teria sido dele?

O sargento Hippolyte de Mauduit era um desses *banditti* e, enquanto o duque de Wellington estava no baile, o sargento acantonava no pátio da casa de um ferreiro em Charleroi, o quartel-general temporário de Napoleão.

> Nós estávamos ocupados preparando comida para uma refeição matinal, bem como para uma refeição vespertina, porque havíamos marchado durante quase dezoito horas sem poder sequer desenganchar nossas panelas, e tudo indicava que seria a mesma coisa no dia seguinte. [...] Ajudantes de ordens e oficiais do Estado-Maior chegavam e saíam constantemente e durante a correria em volta eles com frequência derrubavam nossas pilhas de mosquetes.

Os soldados da Guarda não tinham uma ideia real do que estava acontecendo. Haviam marchado o dia inteiro, ouvido o som de disparos, marcharam de novo, e agora, como veteranos que eram, garantiam a comida em suas mochilas. Mas um dos

guardas tinha um mapa antigo de Flandres e Hippolyte recorda-se de que eles se juntaram em torno do mapa e calcularam, com base neste, qual poderia ser o plano do imperador.

Napoleão teria ao menos um plano? Ele dizia, com frequência, que o melhor plano era fazer contato com o inimigo e só então tomar decisões cruciais. Naquele dia, 15 de junho, os franceses haviam feito contato com os prussianos. O primeiro combate acontecera ao sul de Charleroi, mas a resistência enrijeceu depois que os franceses cruzaram o Sambre e forçaram para o norte, e o que Hippolyte de Mauduit e seus companheiros viram em seu mapa seria a estrada principal para Bruxelas correndo ao norte de Charleroi. A pouco mais de 3 quilômetros da cidade, essa estrada principal cruzava uma segunda, antigo caminho romano, e parecia que os prussianos a usavam para se retirar do combate. Os prussianos seguiam para leste, na direção de seu distante país, e ninguém, ao que parecia, estava defendendo a estrada principal ao norte para Bruxelas.

A campanha de Waterloo é toda baseada em estradas. Estradas e encruzilhadas. Os exércitos precisavam de estradas. A cavalaria e a infantaria avançavam pelo campo sem estradas, embora seu progresso fosse dolorosamente lento, mas os canhões e as carroças de suprimento precisavam delas. Entender o mapa das estradas ao norte de Charleroi é compreender os problemas que os três generais no comando enfrentam e, na noite do baile da duquesa de Richmond, os problemas estavam quase todos no lado dos aliados. Napoleão entendera a situação, e sua estratégia de dividir os aliados estava funcionando. Na verdade, a cautela de Wellington tornava isso ainda mais fácil para o imperador.

Os prussianos não se retiraram para longe. Na noite de 15 para 16 de junho, enquanto o imperador está em Charleroi, e o duque de Wellington, no baile, os prussianos param numa pequena vila chamada Sombreffe. Ali eles vão opor resistência. Por que Sombreffe? Porque ali outra estrada se torna importante, uma que cruza o caminho romano e segue para o oeste, onde está o Exército britânico-holandês. Essa estrada menor, geralmente conhecida como Nivelles, cruza a de Charleroi para Bruxelas num lugarejo insignificante chamado Quatre Bras. Então por que Sombreffe? Porque se os prussianos se retirassem um pouco mais a leste se arriscariam a perder contato com as forças de Wellington. Nivelles é a última estrada de ligação que permitirá aos britânicos vir para ajudar os prussianos, então Blücher ordena uma parada ali.

Há um problema, porém. O duque de Wellington esperou demais e o Exército britânico-holandês está se concentrando tardiamente. O imperador roubou uma marcha, e a encruzilhada vital de Quatre Bras — o lugar onde esse exército precisa se reunir para ajudar Blücher — está praticamente indefesa. Tome essa encruzilhada e o exército do duque de Wellington não poderá avançar para ajudar os prussianos.

E ao amanhecer de 16 de junho o imperador envia o marechal Ney para conquistar Quatre Bras.

É um dia quente do verão abafado na Bélgica. A Guarda Imperial deixa Charleroi tarde, por volta das 9h, e acompanha as principais forças do imperador em direção a Sombreffe. Napoleão encontrou o inimigo e sabe exatamente o que precisa fazer. O marechal Ney se apossará da encruzilhada vital em Quatre Bras, mantendo, assim, Wellington distante da batalha que o imperador travará na vila de Ligny, perto de Sombreffe. Essa batalha será entre França e Prússia. Se Napoleão vencer, os prussianos poderão ser empurrados para o leste, em direção à sua terra natal, e o imperador poderá se voltar contra os britânicos.

Hippolyte e seus companheiros da Guarda marcham atrás da banda regimental. Eles passam pelos cadáveres insepultos dos homens mortos nas escaramuças do dia anterior entre a retaguarda prussiana e os franceses em avanço. Hippolyte lembra-se que compreendeu mais ou menos o plano do imperador, o mapa o ajudou a entender, mas na verdade esse plano não é da sua conta. Tudo o que ele precisa saber é que, se a batalha se tornar desesperada, a Guarda Imperial será lançada ao combate. Este é o propósito deles, vencer batalhas, e o orgulho deles é estarem invictos. São os homens escolhidos pelo imperador, os soldados mais corajosos da França, a guarda indomável.

A Guarda Imperial sem dúvida teria gostado de chamar seus integrantes de "os mais bravos dos bravos", mas esse epíteto era exclusividade do marechal Michel Ney, que só se juntou ao exército naquela manhã quente de 16 de junho. "Ney", cumprimentou o imperador, "estou feliz por vê-lo." E enquanto Hippolyte e o resto do exército marchavam para leste a fim de lidar com os prussianos, Ney recebeu 9.600 soldados da infantaria, 4.600 da cavalaria e 34 canhões, além de ordens para conquistar a encruzilhada de Quatre Bras. Era, realmente, a mais simples das missões, e Ney possuía uma força esmagadora para cumpri-la.

Capture Quatre Bras e é quase certo que os prussianos estarão condenados.

Capture Quatre Bras e os britânicos serão as próximas vítimas de Napoleão.

Tudo começava muito bem para o imperador. Até que um holandês resolveu ser desobediente.

* * *

O major-general e barão Jean-Victor Constant-Rebecque nasceu na Suíça e morreria no que é hoje a Polônia. Seu primeiro serviço militar foi com os franceses, mas depois da revolução ele ingressou no Exército holandês. Tinha 43 anos em 1815 e conhecia bem os britânicos, porque quando Slender Billy, o príncipe herdeiro, tornou-se ajudante de ordens de Wellington, na Peninsular, Rebecque acompanhou o

jovem. Agora ele era o chefe de Estado-Maior de Slender Billy.

Rebecque era um homem equilibrado e inteligente. Em 15 de junho, recebera ordens para concentrar o 1º Corpo, comandado pelo príncipe herdeiro, em Nivelles, uma cidade a oeste da estrada de Charleroi para Bruxelas. As ordens haviam chegado tarde porque o duque de Wellington hesitara o dia inteiro, ainda temendo que os franceses atacassem Mons, mas por fim o Exército anglo-holandês começou a se deslocar.

E Rebecque decidiu que se movimentava para o lugar errado.

Nivelles não era um lugar ruim para uma parte do exército de Wellington se reunir. Uma estrada seguia a leste a partir da cidade, a estrada de Nivelles, e levava ao lugar onde Blücher decidira opor resistência. Exceto que entre Nivelles e Sombreffe havia aquela encruzilhada insignificante chamada Quatre Bras. Napoleão entendera a importância daquela encruzilhada e ordenara ao marechal Ney que a conquistasse. Se os franceses tomassem Quatre Bras, estariam entre Nivelles e Sombreffe, entre Wellington e Blücher. Capture Quatre Bras e o objetivo de Napoleão de dividir os aliados será alcançado.

E Rebecque entendeu isso.

Portanto, apesar da ordem para concentrar o exército em Nivelles, Rebecque enviou soldados para Quatre Bras. Não eram muitos, pouco mais de 4 mil homens do Exército holandês, mas eles se posicionaram na intercessão das estradas e, enquanto Wellington ainda se vestia para o baile, lutaram e repeliram os franceses que avançavam. Esses franceses realizavam patrulhas e, um pouco ao sul de Quatre Bras, se viram sob fogo da artilharia e infantaria holandesas. Os franceses não revidaram o ataque. Como bons esclarecedores, reconheceram as forças holandesas e recuaram. Era tarde, o sol estava quase se pondo e o ataque na encruzilhada poderia esperar até de manhã. Os soldados holandeses que repeliram a patrulha francesa eram, na verdade, alemães de Nassau. Estavam a serviço dos holandeses porque, da mesma forma que o governante de Hanover se tornara rei da Inglaterra na dança europeia de cadeiras, o príncipe de Nassau se tornara o rei Guilherme I dos Países Baixos. Os homens que rechaçaram os primeiros ataques franceses estavam sob o comando de um coronel de 23 anos, o príncipe Bernardo de Saxe-Weimar, e naquela noite, enquanto os candelabros eram acesos para o baile da duquesa de Richmond, o jovem coronel enviou um relatório sobre a ação do dia a seu superior imediato. Relatou que havia repelido a cavalaria e a infantaria francesas, mas estava preocupado porque não fizera contato algum com quaisquer outras tropas aliadas. Estava completamente sozinho, no escuro, sem qualquer apoio dos aliados. Havia coisas piores:

> Preciso confessar a Vossa Excelência que estou fraco demais para manter a posição por muito tempo. O 2º Batalhão de Orange Nassau ainda tem mosquetes franceses e está reduzido a dez cartuchos por

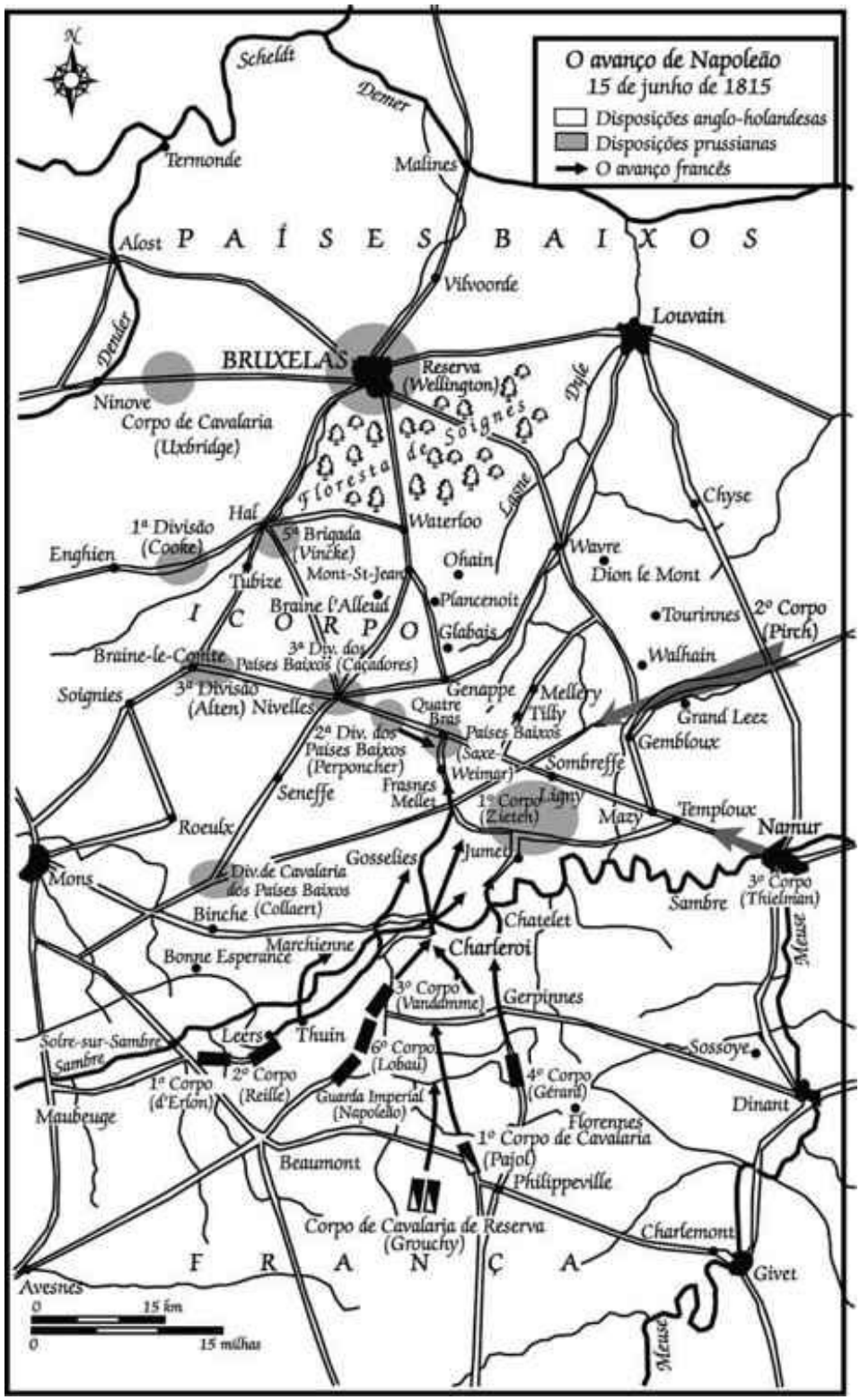
> homem [...] cada homem está igualmente reduzido a dez cartuchos. Defenderei a posição a mim confiada pelo tempo que for possível. Espero ser atacado ao amanhecer.

Portanto, enquanto a noite caía na Bélgica, o plano do imperador parecia funcionar. Seu exército atravessara o Sambre e seguia para o norte. Os prussianos haviam recuado para o norte e para o leste, mas haviam parado perto da vila de Ligny, onde planejavam lutar. Blücher dependia de receber ajuda de Wellington, mas os britânicos haviam demorado para concentrar suas forças e ainda estavam a longa distância de seus aliados prussianos. Podiam ainda chegar a Ligny, mas só se a estrada de Nivelles estivesse aberta, e isso significava manter o cruzamento de Quatre Bras, onde uma pequena força de alemães a serviço de holandeses estava agora isolada e quase sem munição. Aqueles 4 mil alemães esperavam ser atacados de manhã, e esse ataque viria do marechal Ney, "o mais bravo dos bravos".

Assim, enquanto o sol nascia em 16 de junho, os aliados podiam esperar duas batalhas. Uma delas em Ligny e a outra na vital intercessão de Quatre Bras. E Napoleão entendeu a importância dessa encruzilhada. Capture Quatre Bras e ele teria dividido seus inimigos. Mas a incerteza da guerra aumentava. Enquanto Wellington dançava, o imperador alimentava a ilusão de que Ney já havia conquistado Quatre Bras. Na manhã do dia 16, ele enviou mais tropas para reforçar Ney, que agora comandaria mais de 40 mil homens. As tropas extras não foram despachadas para ajudar a capturar a encruzilhada, porque, até onde Napoleão sabia, Ney já havia feito isso. A missão desses soldados era manter o cruzamento de estradas e, assim, impedir que as tropas de Wellington se juntassem às de Blücher. Havia mais: "Você marchará para Bruxelas ao anoitecer, chegando lá às sete horas da manhã. Eu o apoiarei com a Guarda Imperial."

Portanto, Napoleão acreditava que poderia empurrar os prussianos para mais longe e em seguida voltar seu ataque para os britânicos. Tudo estava indo de acordo com o plano e o imperador tomaria café da manhã no Palácio de Laeken, em Bruxelas, na manhã de sábado.

Exceto que Ney ainda não havia conquistado Quatre Bras.


O avanço de Napoleão
15 de junho de 1815
Disposições anglo-holandesas
Disposições prussianas
O avanço francês
N
Escalda
Dender
Termonde
Malines
PAÍSES BAIXOS
Alost
Vilvoorde
Louvain
Dender
BRUXELAS
Reserva (Wellington)
Dyle
Ninove
Corpo de Cavalaria (Uxbridge)
Soignes
Floresta
Lasne
Chyse
Hal
1ª Divisão (Cooke)
5ª Brigada (Vincke)
Waterloo
Wavre
Enghien
Ohain
Dion le Mont
Tubize
Mont-St-Jean
Braine l'Alleud
Plancenoit
Tourinnes
2º Corpo (Pirch)
I CORPO
Glabais
Braine-le-Comte
3ª Div. dos Países Baixos (Caçadores)
Walhain
Soignies
3ª Divisão (Alten)
Nivelles
Genappe
Mellery
Quatre Bras
Tilly
Grand Leez
2ª Div. dos Países Baixos (Perponcher)
Países Baixos (Saxe-Weimar)
Gembloux
Sombreffe
Seneffe
Frasnes
Melles
1º Corpo (Zieten)
Ligny
Mazy
Temploux
Namur
Roeulx
Gosselies
Jumet
Mons
Div. de Cavalaria dos Países Baixos (Collaert)
3º Corpo (Thielman)
Sambre
Binche
Chatelet
Marchienne
Charleroi
Meuse
Bonne Esperance
3º Corpo (Vandamme)
Gerpinnes
Solre-sur-Sambre
Leers
Thuin
6º Corpo (Lobau)
Sossoye
Sambre
1ª Corpo (d'Erlon)
2º Corpo (Reille)
Guarda Imperial (Napoleão)
4º Corpo (Gérard)
Dinant
Maubeuge
Florennes
1º Corpo de Cavalaria (Pajol)
Beaumont
Philippeville
Corpo de Cavalaria de Reserva (Grouchy)
Charlemont
FRANÇA
Givet
Avesnes
0
15 km
0
15 milhas
Meuse

3

O destino da França está em suas mãos!

O dia 16 de junho era uma sexta-feira. Amanhecera quente e abafado. Os prussianos reuniam seu exército perto da cidadezinha de Sombreffe e os franceses avançavam em direção a eles, enquanto o Exército britânico-holandês tentava desesperadamente recuperar aquele dia de marcha perdido. Wellington, percebendo a importância do insignificante cruzamento de estradas em Quatre Bras, ordenara a seu exército que marchasse para lá, mas dera a ordem tarde. Tarde demais? Algumas tropas saíram de Bruxelas à luz da lua, às duas da madrugada, mas a maioria esperou até o amanhecer. A cidade estava perto do pânico. O capitão Johnny Kincaid, oficial do 95º de Fuzileiros, dormiu numa calçada, ou tentou dormir:

> Mas a todo instante éramos incomodados por senhoras, bem como por cavalheiros; alguns tropeçando sobre nós no escuro, alguns nos sacudindo para nos acordar, para saber notícias. [...] A todos aqueles que solicitavam o benefício de meu conselho eu recomendava ir para casa dormir, manter-se perfeitamente calmo e descansar seguro de que, se fosse necessário sair da cidade (do que eu duvidava muito), eles teriam pelo menos um dia inteiro para se preparar, já que deixávamos alguns bifes e batatas para trás, pelos quais, eu tinha certeza, lutaríamos em vez de abandoná-los!

Poucos dormiram naquela noite, embora o duque tenha cochilado algumas horas antes de partir para Quatre Bras. Os visitantes ingleses em Bruxelas, e havia muitos, despediram-se dos soldados. Um desses visitantes, Miss Charlotte Waldie, recordou "o tumulto e a confusão da preparação marcial":

> Oficiais procurando em vão por seus criados, empregados correndo em busca de seus patrões, carroças de bagagem sendo carregadas, trens de artilharia sendo atrelados. [...] Quando o dia raiou, os soldados foram vistos se reunindo, vindos de todas as partes da cidade, em ordem de marcha, com suas mochilas nas costas, entulhadas de provisões para três dias. [...] Inúmeros se despediam de esposas e filhos, talvez pela última vez, e rostos rudes de veteranos estavam banhados com lágrimas de tristeza. Um pobre sujeito, imediatamente abaixo de nossas janelas, voltava repetidamente para se despedir de sua esposa e pegar seu bebê nos braços mais uma vez; e eu o vi esfregando às pressas uma lágrima com a manga do casaco quando devolveu a criança pela última vez, apertou sua mão e correu para se juntar à sua companhia, que entrava em forma do outro lado da Place Royale.

Miss Waldie não revela a nacionalidade desse pobre soldado, mas é bem possível

que ele fosse britânico. Um pequeno número de esposas e filhos tivera permissão para acompanhar um batalhão em serviço estrangeiro; essas pessoas foram escolhidas por sorteio na véspera da partida. Esperava-se que as mulheres trabalhassem como lavadeiras e cozinheiras, mas as famílias haviam sido instruídas a ficar em Bruxelas quando as tropas seguissem para o sul. O tenente Basil Jackson, do Royal Staff Corps, assistiu ao êxodo:

> Primeiro veio um batalhão do 95º de Fuzileiros, uniformizado de verde-escuro e com acessórios pretos. Em seguida, o 28º Regimento, depois o 42º de Highlanders, marchando com tanta firmeza que as plumas pretas de seus chapéus mal se mexiam.

O tenente Jackson passara a maior parte da noite acordado, para entregar uma mensagem no leste, e agora tinha um momento de descanso antes de montar em seu cavalo cansado e acompanhar aqueles firmes Highlanders rumo à crise.

E era uma crise. Quatre Bras significava o último lugar onde os aliados tinham acesso fácil uns aos outros. Perca Quatre Bras e as únicas estradas de ligação seriam caminhos rurais que se contorciam pelo interior montanhoso e eram obstruídos por pontes estreitas, portanto, se Napoleão conseguisse expulsar os britânicos da intercessão de estradas, a comunicação entre os britânico-holandeses e prussianos se tornaria bem mais difícil. Tudo o que os franceses precisavam fazer era empurrá-los, e o imperador havia reforçado maciçamente as tropas de Ney. Na manhã do dia 16, os franceses tinham mais de 40 mil soldados para esmagar o pequeno contingente holandês sob o comando de Saxe-Weimar. Restava pouca munição àqueles soldados de Nassau, apenas dez cartuchos por homem. “Defenderei a posição a mim confiada pelo tempo que for possível”, prometera o príncipe Bernardo de Saxe-Weimar, mas por quanto tempo 4 mil homens com pouca munição poderiam resistir à força esmagadora de Ney?

Porém, o marechal Ney, surpreendentemente, nada fez. Poderia ter conquistado a encruzilhada com pouco esforço a qualquer hora daquela manhã. Tinha uma vantagem numérica esmagadora, mas ainda assim “o mais bravo dos bravos” hesitou. Alegou mais tarde que esperava outras ordens de Napoleão, mas nem sequer obedecera à ordem anterior do imperador, que havia sido clara o bastante: conquiste Quatre Bras. E enquanto esperava, os reforços britânico-holandeses progrediam a partir de Nivelles e Bruxelas. Muitas explicações têm sido apresentadas para a inatividade de Ney, de que ele realmente estava confuso e esperando ordens, ou de que entendera mal as intenções do imperador, ou de que, talvez, estivesse sendo extremamente prudente.

Ney sabia que enfrentava o Exército britânico-holandês comandado pelo duque de Wellington, e já combatera contra o britânico. Estivera em Bussaco em 1810, quando 65 mil soldados franceses atacaram 50 mil homens de Wellington e foram

sangrentamente repelidos. Ney comandava um corpo de exército que atacou o centro da linha defensiva, e tudo parecia estar indo bem enquanto as tropas francesas seguiam morro acima contra uma linha um tanto dispersa de postos avançados guarnecidos por soldados britânicos e portugueses. Mas quando o corpo chegou ao alto de Bussaco, os britânicos acionaram sua armadilha e dois batalhões de casacos-vermelhos escondidos se ergueram e dispararam uma salva tremenda a curta distância e em seguida executaram uma carga com baionetas caladas que fez os homens de Ney cambalearem em pânico morro abaixo.

Wellington era mestre da "vertente oposta". Explicando de maneira bastante simples, isso significa que ele gostava de esconder suas tropas atrás de elevações. Em Bussaco, o objetivo britânico era manter o alto do morro, mas se Wellington tivesse posicionado seus homens na crista, eles teriam se tornado alvos da artilharia francesa extremamente eficiente. Pondo-os na encosta de trás, na vertente oposta, ele os manteve a salvo da maior parte do fogo da artilharia e escondeu do inimigo seu dispositivo. Um biógrafo de Napoleão chamou isso de "truque velho e desgastado", o que é um comentário bastante estúpido. Era, talvez, uma tática óbvia, mas esconder e proteger tropas não é nem "truque" nem "desgastado", e o surpreendente é como era raro outros comandantes empregarem essa tática.

Ney, ao sul da encruzilhada, não podia ver o que o aguardava em Quatre Bras. Sua visão para o norte era obstruída por bosques espessos, por algumas ondulações suaves do terreno e, especialmente, por aqueles talos altos de centeio e outros cereais. Sua experiência na Espanha e seu conhecimento de que enfrentava Wellington podiam tê-lo convencido de que a paisagem de aparência inocente escondia todo o Exército britânico-holandês. Este foi um momento em que a reputação de Wellington lhe serviu muito bem. Na verdade, o Exército britânico-holandês ainda se deslocava em estradas empoeiradas sob um sol sufocante e a encruzilhada estava ali para ser tomada, mas Ney hesitou.

"Em três horas a campanha será decidida", afirmou Napoleão naquele dia, mas Ney desperdiçava as horas. Napoleão decidira quais seriam suas táticas naquela batalha. Ele dividiu seu exército. Uma das regras pétreas da guerra é nunca dividir um exército, mas Napoleão só pretendia fazer uma partição temporária. Atacaria os prussianos perto da vila de Ligny e acreditava piamente que Ney repelisse qualquer ataque britânico em Quatre Bras e depois progredisse para leste, partindo da encruzilhada, a fim de assaltar o flanco dos prussianos. Napoleão, atacando estes últimos frontalmente, os manteria fixados até que a força vigorosa de Ney se lançasse contra o flanco direito do inimigo para destruí-lo. Então, com os prussianos derrotados e seu exército de novo reunido, Napoleão se voltaria contra os britânico-holandeses.

A esperança de Blücher naquele dia era quase uma imagem no espelho de

Napoleão. Os prussianos manteriam sua posição perto da vila de Ligny e esperariam os britânicos chegarem de Quatre Bras. Em seguida, as forças britânico-holandesas se lançariam contra o flanco esquerdo do Exército francês e assim proporcionariam aos aliados uma vitória famosa.

Wellington, enquanto isso, se contentava apenas em manter Quatre Bras. Estava plenamente consciente da esperança de Blücher e desejava sem dúvida participar da batalha vindoura em Ligny, mas sua maior prioridade era impedir que os franceses conquistassem a encruzilhada vital. Ele chegou a Quatre Bras por volta das dez da manhã e descobriu que o inimigo estava inexplicavelmente inerte. Os franceses se posicionavam com força total ao sul do cruzamento, mas não mostravam qualquer sinal de ataque, e então Wellington seguiu por mais cinco quilômetros para leste a fim de se reunir com Blücher num moinho de vento na vila de Brye, próxima a Ligny.

Blücher explicou que pretendia lutar e pediu que Wellington enviasse tropas. Wellington, enquanto isso, inspecionava o aprestamento prussiano e, talvez de maneira indelicada, criticou-o. Muitos homens de Blücher estavam dispostos em campo aberto, perigosamente expostos ao fogo de artilharia. “Eu disse que se estivesse no lugar de Blücher”, recordou-se o duque de Wellington, “retiraria todas as colunas que vi espalhadas na frente e poria mais soldados sob a proteção do terreno elevado”. Em outras palavras, usaria a vertente oposta dos campos suavemente ondulados que havia entre as vilas. O conselho não foi bem recebido. “Eles pareciam achar que sabiam o que faziam, então fui embora logo.”

Os prussianos pediram que ele trouxesse seu exército para ajudá-los, mas para fazer isso Wellington precisava manter Quatre Bras e sabia que, apesar do entorpecimento de Ney, a encruzilhada logo ficaria sob forte ataque. “Bem”, disse a eles, “virei, contanto que eu próprio não seja atacado.”

Muito se disse sobre esse encontro. Críticos do duque de Wellington afirmam que ele fez uma promessa solene de ajudar os prussianos e a rompeu. Sugeriu-se até que o duque mentiu deliberadamente sobre suas intenções porque queria que os prussianos lutassem e com isso lhe dessem tempo para concentrar seu exército, embora não exista a menor prova para sustentar essa alegação. Wellington certamente não queria que os prussianos fossem derrotados, porque seu exército menor teria que enfrentar sozinho o maior de Napoleão, portanto por que arriscaria um desastre prussiano? Ele não podia marchar para Ligny enquanto não repelisse o esperado ataque francês em Quatre Bras. Se não houvesse ataque, enviaria homens, mas se estivesse defendendo a encruzilhada contra a força considerável de Ney, provavelmente não teria combatentes para poupar.

O que significava que os prussianos quase certamente teriam que enfrentar Napoleão sozinhos, todavia, no início da tarde, Blücher reunira 76 mil soldados da infantaria, 8 mil da cavalaria e 224 canhões para se opor aos 58 mil soldados da

infantaria, 12.500 da cavalaria e 210 canhões de Napoleão.

Napoleão não calculara que enfrentaria força tão grande. Imaginara que os prussianos ainda estariam recuando e que deixariam cerca de 40 mil homens como retaguarda. Contudo, a disparidade de números não o desanimava. Em primeiro lugar, os prussianos haviam decidido não usar o "truque velho e desgastado" de proteger suas tropas, e essa postura deixou muitos regimentos de Blücher vulneráveis à artilharia eficiente de Napoleão. Mais importante: o imperador tinha tropas de reserva, a começar pelo fortíssimo corpo de 22 mil homens sob o comando do conde D'Erlon que, na expectativa de os prussianos desdobrarem força muito menor, fora enviado para reforçar Ney. Napoleão também confiava plenamente que o poderio maciço de Ney caísse como uma marretada sobre a direita prussiana. Em consequência, embora fosse começar a batalha em inferioridade numérica, estava confiante de que, quando a noite caísse, seu exército estaria novamente reunido e os prussianos derrotados. Às 14h, o imperador enviou mais instruções a Ney:

> É intenção de Sua Majestade que você ataque qualquer que seja a força presentemente à sua frente e, depois de rechaçá-la com vigor, vire-se em nossa direção a fim de formar o cerco sobre essas tropas inimigas, mas, se estas forem derrotadas antes, Sua Majestade manobrará em sua direção para ajudá-lo.

Em suma, Ney deveria lançar os defensores para longe de Quatre Bras e marchar para atacar a direita prussiana, mas se Napoleão já tivesse derrotado estes prussianos, marcharia para se juntar à luta contra os britânico-holandeses.

Os combates em Ligny começaram no início da tarde, e o imperador verificou que tinha uma luta muito mais difícil em suas mãos do que esperava. Sua artilharia, conforme previra o duque de Wellington, fez um trabalho implacável contra a infantaria prussiana desabrigada. Um oficial francês lembrou-se de que os canhões do imperador "destruíram as colunas prussianas que se apresentaram sem cobertura e receberam todos os tiros disparados pelas numerosas baterias ao longo de nossa linha". O massacre que aqueles canhões fizeram foi horrível. Hippolyte de Mauduit, o sargento da Guarda Imperial, estivera em muitos campos de batalha, mas depois da luta em Ligny ficou estarrecido com o que viu nas encostas longas e expostas onde a infantaria prussiana esperara pelo ataque francês:

> Um grande número de cadáveres, tanto de homens quanto de cavalos, se espalhava pelo terreno, os corpos horrivelmente mutilados por granadas e balas de canhão. A cena era diferente da do vale onde quase todos os mortos preservavam uma aparência humana porque disparos de artilharia com munição à base de fragmentos metálicos (*canister* ou *grapeshot*), mosquetes e baionetas eram praticamente os únicos instrumentos de destruição ali empregados. Aqui, em contraste, eram membros e partes de corpos espalhados, cabeças decepadas, entranhas rasgadas e cavalos estripados.

Era por isso que Wellington usava o "truque velho e desgastado" de proteger seus soldados na vertente oposta. Um riacho corria ao longo do vale que o sargento De

Mauduit mencionou, e era um obstáculo considerável para os franceses, porque nesse vale raso havia uma sequência de vilarejos que serviam como fortalezas para os prussianos. A maioria dos combates ocorreu em Saint Amand e Ligny, a vila que daria nome à batalha. Um oficial prussiano anônimo descreveu Ligny em termos bucólicos: "Uma vila construída com pedras e telhados de palha sobre um pequeno córrego que corre por campos planos."

O sol forte do dia desapareceu enquanto nuvens pesadas se moviam pelo céu. A fumaça da artilharia elevou-se e pairou, e dessa fumaça surgiram as primeiras colunas francesas marchando para atacar os prussianos esgotados. Essas colunas foram recebidas com uma tempestade de tiros de canhão da artilharia prussiana. Os canhões disparavam balas redondas e granadas, e seus alvos eram colunas de ataque densamente concentradas de soldados da infantaria francesa de casacos azuis que precisavam conquistar os vilarejos se quisessem rechaçar Blücher. Os prussianos defenderam as vilas com firmeza e Napoleão, percebendo que precisava de mais tropas, enviou outra mensagem a Ney, ordenando que viesse imediatamente e atacasse a retaguarda prussiana. "Não perca um momento", escreveu o imperador a Ney, porque o exército de Blücher "está perdido se você agir com rapidez! O destino da França está em suas mãos!"

O destino da França podia estar nas mãos de Ney, mas Quatre Bras, não. O imperador ainda acreditava que o cruzamento de estradas havia sido capturado, mas Ney não podia se deslocar para ajudar Napoleão porque ainda hesitava.

Não obstante, havia outra ajuda disponível. O conde Drouet d'Erlon comandava aqueles 22 mil homens que ainda progrediam para ajudar Ney. D'Erlon não podia, é claro, se deslocar pela estrada reta que levava de Quatre Bras a Ligny porque as duas extremidades estavam em mãos inimigas. Portanto, em vez da marcha simples de 8 quilômetros, foi obrigado a percorrer o dobro da distância por estradas menores, primeiro para o sul, depois para noroeste. D'Erlon foi convocado a voltar na direção do exército de Napoleão; e seus homens, que quase haviam alcançado as forças de Ney, deram meia-volta e refizeram seus passos.

Enquanto isso, prussianos e franceses travavam batalha desesperada. O plano de Napoleão era fixar a esquerda prussiana com assaltos do Corpo de Grouchy enquanto seu esforço principal era feito contra o centro da linha de Blücher, onde as vilas estavam sendo bravamente defendidas. Os ataques de Grouchy impediriam os prussianos de reforçar seu centro com homens vindos de seu flanco esquerdo, mas o flanco direito ficaria sem inimigos pela frente, incitando, portanto, Blücher a enfraquecê-lo puxando reforços daquela parte de sua linha defensiva. Então, quando a ala direita prussiana ficasse enfraquecida, Ney ou, mais provavelmente, D'Erlon, atacaria pelo oeste.

No entanto, enquanto D'Erlon marchava de volta, o restante do exército de

Napoleão era lançado contra as defesas prussianas. Charles François era capitão do 30º Regimento de Linha que tinha ordens para assaltar a vila de Ligny. "A cerca de 200 metros das sebes que escondiam milhares de bons atiradores prussianos", escreveu François, "o regimento recebeu a ordem de batalha quando ainda marchava para o combate". O que François quer dizer é que seu batalhão passou da coluna para a linha, e fez isso sem descansar. Isso mostrava uma boa disciplina. Os termos "linha" e "coluna" aparecem com frequência na história da campanha de Waterloo, e merecem alguma explicação. A organização básica da infantaria para os combates era em linha, o que é simples de entender. Um batalhão fazia uma linha reta — nos Exércitos francês e prussiano — com três fileiras, que ficava de frente para o inimigo. Os britânicos preferiam uma linha com duas fileiras.

A linha é uma maneira eficiente de utilizar o poder de fogo de um batalhão, mas é uma formação extremamente frágil. Tentar fazer uma linha progredir através de qualquer terreno que não seja o mais liso para desfiles levava à desordem. Homens se desgarravam, tropeçavam, oscilavam e logo a linha perdia toda a coesão. Pior, a linha era muito vulnerável a ataques de cavalarias, principalmente quando os cavaleiros inimigos podiam assaltar por quaisquer extremidades.

Portanto, o método preferido para atacar em campo aberto era formar uma coluna. Este é um termo ligeiramente enganador, sugerindo um bloco longo e fino de homens avançando como uma lança para a linha do inimigo. Na verdade, a coluna era curta e grossa. Um batalhão francês de cerca de quinhentos homens dispostos em coluna — como aquela em que o capitão François se aproximava de Ligny — poderia ter uma frente de uma ou duas companhias. Se o 30º da Linha se aproximasse de Ligny numa coluna de apenas uma companhia, os defensores prussianos teriam visto trinta homens na fileira da frente francesa e outras dezessete fileiras atrás deles. Por conseguinte, a largura da coluna é mais ou menos o dobro de sua profundidade. Uma frente de duas companhias (provavelmente o modo como o batalhão de François foi atacado) tinha sessenta homens na fileira da frente e um total de apenas nove fileiras atrás.

A coluna apresentava três vantagens sobre a linha. Era muito mais fácil de ser manobrada através de terreno acidentado; muito menos vulnerável à cavalaria por não ter qualquer ponto fraco que pudesse ser destruído; e a densidade da formação era boa para o moral. Em sua pressa para erguer grandes exércitos no início da Revolução, os franceses sitiados descobriram que as grandes colunas eram duplamente úteis. Homens parcialmente treinados podiam ser conduzidos facilmente para a batalha e os inimigos com frequência eram intimidados pelo tamanho absoluto das colunas de ataque. O 30º de François não estava sozinho, seu batalhão era apenas um dos vários que se aproximavam dos prussianos. Em dois dias, a França desdobraria um Corpo do Exército inteiro em coluna, um bloco maciço de homens.

Uma linha — especialmente uma linha britânica, com apenas duas fileiras de profundidade — pareceria muito frágil contra o avanço de uma coluna densa.

Mas, se psicologicamente era forte, a coluna também tinha dois pontos fracos. Era temerariamente vulnerável aos disparos dos canhões e apenas os homens das duas fileiras e colunas externas podiam atirar com seus mosquetes. Se uma coluna tem dezessete fileiras de trinta homens, totalizando 510 combatentes, apenas os sessenta das duas primeiras fileiras e os dois das extremidades de cada fila podem disparar contra o inimigo. Portanto, dos 510 homens, somente noventa têm condições de atirar. Se eles estiverem se aproximando de uma linha, estarão muito mais vulneráveis aos tiros, porque todos os homens de uma linha podem disparar suas armas.

Em 1815, os franceses estão bem conscientes desse ponto fraco. Na Espanha, as colunas francesas foram derrubadas repetidamente por linhas britânicas, portuguesas e espanholas. Em Bussaco, onde Ney levou uma surra de Wellington, foram as linhas britânicas que arremessaram suas colunas para fora da colina. A resposta ao problema era utilizar a facilidade da coluna como meio de progressão para as tropas sobre terrenos acidentados e em seguida dispô-las em linha quando as colunas se aproximassem do inimigo. Foi o que o batalhão de Charles François fez ao chegar às sebes em torno de Ligny. Os problemas do capitão François, porém, estavam longe de acabar:

> O sinal de ataque soou e nossos soldados passaram pelas sebes. Seguimos por uma estrada baixa obstruída por árvores caídas, veículos, ancinhos e arados, e só passamos por esses obstáculos depois de muita dificuldade e sob o fogo dos prussianos encobertos pelas sebes. Por fim superamos essas dificuldades e, disparando enquanto avançávamos, entramos na vila. Quando chegamos à igreja nossa progressão foi barrada por um córrego, e o inimigo, em casas, atrás de muros e em cima de telhados, causou baixas consideráveis com mosquetaria, *grapeshot* e balas de canhão que nos atingiram pela frente e pelos flancos.

François conta que três comandantes de batalhões, cinco capitães, dois ajudantes e nove tenentes foram mortos nessa luta selvagem. Dos dois batalhões que fizeram o ataque, quase setecentos homens foram mortos ou feridos, e não foi surpresa alguma que o contra-ataque prussiano expulsasse os franceses da vila. Franz Lieber, o soldado de 17 anos que se apresentara como voluntário em Berlim, participou dos contra-ataques.

> Nosso ardor nos levou inteiramente além dos limites esperados; a seção à qual eu pertencia correu furiosamente, sem disparar, em direção ao inimigo, que recuava. O homem atrás de mim caiu; continuei correndo [...] a vila era cruzada por duas sebes espessas, por trás das quais os granadeiros disparavam contra nós, mas os lançamos em direção às duas sebes, sucessivamente. Eu, esquecendo completamente de atirar e do que devia ter feito, arranquei a pluma vermelha do chapéu de pele de urso de um dos granadeiros e o joguei sobre minha cabeça.

Franz Lieber chega ao centro da vila, contorna uma casa e se depara com um soldado da infantaria francesa a apenas uma dúzia de passos de distância.

> Ele apontou para mim, eu ergui meu fuzil contra ele. "Mire bem, garoto", disse o primeiro-sargento que me enfrentava. A bala de meu antagonista raspou meu cabelo do lado direito; eu atirei e ele caiu; vi que tinha acertado seu rosto; ele estava morrendo. Foi meu primeiro tiro disparado em combate.

A batalha é uma luta desesperada, reduzida a combates corpo a corpo nas vilas. Um oficial francês disse que os mortos na rua principal "eram amontoados em pilhas de dois ou três. O sangue escorria deles em riachos [...] a lama era formada por ossos e carne esmagados". O céu nublado torna-se espesso com grandes jorros de fumaça de pólvora expelidos por imensos canhões que enchem o ar como um trovão produzido pelo homem. A vantagem numérica prussiana está mantendo os franceses afastados, mas a qualidade superior das tropas francesas vem aos poucos erodindo a defesa prussiana. Depois de um contra-ataque francês, um artilheiro prussiano, o capitão Von Reuter, ao ver uma linha de escaramuça se aproximando, supôs que era sua própria infantaria e ordenou a seus artilheiros que continuassem disparando contra o canhão inimigo distante. Foi o cirurgião de seu batalhão que notou que os participantes da escaramuça eram franceses. "Imediatamente gritei a ordem: '*Grape* contra as escaramuças!'", Von Reuter:

> No mesmo momento eles dispararam uma salva [...] e com aquela salva, e a explosão de uma granada ou duas, todos os cavalos que tracionavam aos canhões do meu flanco esquerdo foram mortos ou feridos, menos um. [...] em outro momento, vi meu flanco esquerdo atacado pela retaguarda, através do córrego de Ligny, por um oficial do Estado-Maior francês e cerca de cinquenta cavaleiros. Enquanto eles disparavam contra nós, o oficial gritava em alemão: "Rendam-se, artilheiros, porque vocês todos são prisioneiros!" Com essas palavras, ele atacou com seus homens e desferiu com a espada tremendo golpe contra um dos meus condutores de peça, que se esquivou lançando-se por cima de seu cavalo morto. O golpe foi dado com tanta força que a lâmina cortou fundo a sela e ficou presa, apertada pelo couro. O artilheiro Sieberger agarrou a lança de um dos canhões 12-pounders e, com as palavras "Vou lhe mostrar como fazer prisioneiros", desfechou golpe tão forte em seu chapéu de pele de urso que o oficial tombou da sela de seu cavalo cinza com o crânio arrebentado.

Enquanto a tarde é coberta por sombras e se torna um início de noite cinzento, a batalha ainda não foi decidida. Os prussianos resistem, mas é claro que o corpo liderado pelo general D'Erlon se aproxima para cair como um raio sobre seu flanco direito exposto.

Melhor dizendo, deveria cair como um raio, mas em vez disso o infeliz general D'Erlon se torna o ator principal de uma farsa francesa. Jean Baptiste Drouet, conde D'Erlon, era filho de um carpinteiro e, na juventude, havia sido aprendiz de serralheiro. Em 1780, aos 17 anos, ingressou no Exército pré-revolucionário e chegou à patente de cabo. Foi preciso a revolução para revelar seu talento, mas depois sua ascensão foi rápida. Em 1815, ele é marechal da França e conde D'Erlon,

comandante do 1º Corpo de *l'Armée du Nord*. Lidera quase 17 mil soldados da infantaria, 1.700 da cavalaria, um corpo de engenheiros e 46 canhões, e sua primeira ordem naquela sexta-feira fatal fora avançar para apoiar Ney. Seu corpo poderoso ajudaria Ney a liberar Quatre Bras e depois dobraria à direita, na estrada de Nivelles, para atacar os prussianos. Mas Napoleão percebe que precisará de ajuda mais cedo e envia um mensageiro para chamar de volta D'Erlon, o qual, por fim, estava quase perto das tropas de Ney.

D'Erlon obedientemente inverte sua marcha, um processo trabalhoso, que leva tempo, uma vez que os canhões e seus armões têm que manobrar em estradas estreitas. Ele se desloca de volta ao imperador, mas a ordem havia sido confusa e, em vez de conduzir seus homens para o norte, até o flanco prussiano, ele chega ao flanco do corpo do general Vandamme, muito atarefado numa batalha brutal pela vila de Saint Amand.

Começa a anoitecer, o céu está nublado, o terreno obscurecido pela fumaça dos canhões, e Vandamme de início acredita que as tropas que se aproximam são prussianas, ou talvez britânicas. Ele envia uma mensagem urgente a Napoleão, que acabara de concentrar sua Guarda Imperial para lançar um ataque maciço contra o centro prussiano, e o imperador, alarmado, adia esse ataque até que consiga descobrir a identidade dessas tropas recém-chegadas. São seus próprios homens, mas no lugar errado, então um mensageiro segue a cavalo até D'Erlon para ordenar que ele vire para o norte e ataque o flanco prussiano. Todavia, chega outro mensageiro, desta vez enviado pelo marechal Ney, exigindo que D'Erlon retorne para Quatre Bras imediatamente.

D'Erlon supõe que Ney está com sérios problemas, ordena que seus homens deem meia-volta e parte pela segunda vez para Quatre Bras. O imperador lançou seu grande ataque, mas, quando percebe que D'Erlon não está envolvido, o 1º Corpo desapareceu. Aqueles 22 mil homens passaram a sexta-feira assim, marchando entre dois campos de batalha e sem ajudar em nenhum dos dois. D'Erlon aproximou-se de Quatre Bras tarde demais; a luta terminara ao entardecer e seu poderoso Corpo, que poderia ter influenciado na batalha em Ligny ou na luta em Quatre Bras, não chegara a lugar algum. É o equivalente francês de "The Grand Old Duke of York" — uma canção de ninar inglesa cuja letra diz que o duque de York e seus soldados marcham para cima e para baixo —, exceto que D'Erlon ficou a meio caminho entre dois combates, nem em cima nem embaixo, e sua indefinição negou a Napoleão a vitória esmagadora que ele esperava.

Afinal, Ligny foi uma vitória. O assalto terminal da Guarda Imperial conquistou as vilas no centro da linha prussiana e mandou o exército de Blücher de volta cambaleando. A bela vila de Ligny, com suas casas de telhado de palha, é um ossuário, principalmente a igreja e o cemitério, que testemunharam os combates mais

sérios. O marechal Blücher, apesar da idade, tentou recuperar a posição atacando com sua própria cavalaria. Perdeu o cavalo e foi atropelado pela pesada cavalaria francesa, mas seu ajudante de ordens, com grande presença de espírito, cobriu com uma capa as medalhas e os galões do marechal, ocultando assim sua portentosa posição, e sob a luz fraca a cavalaria francesa não o reconheceu, de modo que o marechal acabou sendo resgatado por seus homens. Estava contundido e tonto, e seu exército fora vencido, mas não fora destruído. Os "se" da história geralmente são inúteis, mas são poucas as dúvidas de que se os homens de D'Erlon tivessem feito o que o imperador queria, sua influência teria sido decisiva. O bem-sucedido ataque final teria ocorrido mais cedo naquele início de noite, dando aos franceses mais tempo para completar a destruição do inimigo, e o 1º Corpo de D'Erlon poderia ter chegado ao flanco direito prussiano e, com toda a probabilidade, causado tamanho pânico e caos que o exército de Blücher talvez fosse extinto.

Mas este subsistira. Havia sido ferido, porém seus dois flancos ainda estavam coesos, Blücher estava vivo e, embora derrotado, conseguira se retirar do campo de batalha em razoável ordem, e os franceses não fizeram esforço algum para perseguilo na escuridão que aumentava. Um oficial prussiano lembrou-se:

> Os homens pareciam terrivelmente cansados depois da luta. No grande calor, a fumaça da pólvora, o suor e a lama haviam endurecido e formado uma crosta grossa de sujeira, de modo que seus rostos pareciam de mulatos [...] e muitos que não quiseram deixar as fileiras por causa de um ferimento leve usavam ataduras que eles próprios haviam feito, e em vários deles o sangue as encharcava e vazava. Como resultado da luta nas vilas durante horas, e com frequência se arrastando por sebes, as túnicas e calças dos homens estavam esfarrapadas, e os trapos deixavam expostas as peles nuas.

Blücher ainda se recuperava, e Gneisenau, o inteligente chefe do Estado-Maior, ficara temporariamente responsável pelos prussianos. Dezesseis mil deles haviam sido mortos, feridos ou feitos prisioneiros, e outros 8 mil haviam simplesmente desaparecido na escuridão e fugiam para casa tão rápido quanto podiam, mas o corpo do general Von Büllow não chegara ao campo de batalha e estava intacto, e o restante do exército fazia o melhor que podia para se reagrupar na noite chuvosa. O diário de um oficial prussiano veterano — lamentavelmente não se sabe seu nome — registra um encontro com Gneisenau naquela noite:

> Eu o encontrei numa casa de fazenda. A vila havia sido abandonada por seus habitantes e todas as casas estavam abarrotadas de feridos. Não havia luz alguma, nenhuma água potável, nenhuma ração. Estávamos num cômodo pequeno onde uma lamparina a óleo iluminava tremulamente. Homens feridos gemiam estendidos no chão. O general estava sentado num barril de repolho em conserva com apenas quatro ou cinco pessoas reunidas junto a ele. Soldados dispersos passaram pela vila durante a noite inteira, ninguém sabia de onde vinham ou para onde iam [...] mas o moral não afundara. Cada homem estava procurando por seus companheiros como que para restaurar a ordem.

Portanto Ligny foi uma vitória para Napoleão, mas ele não alcançara seu primeiro

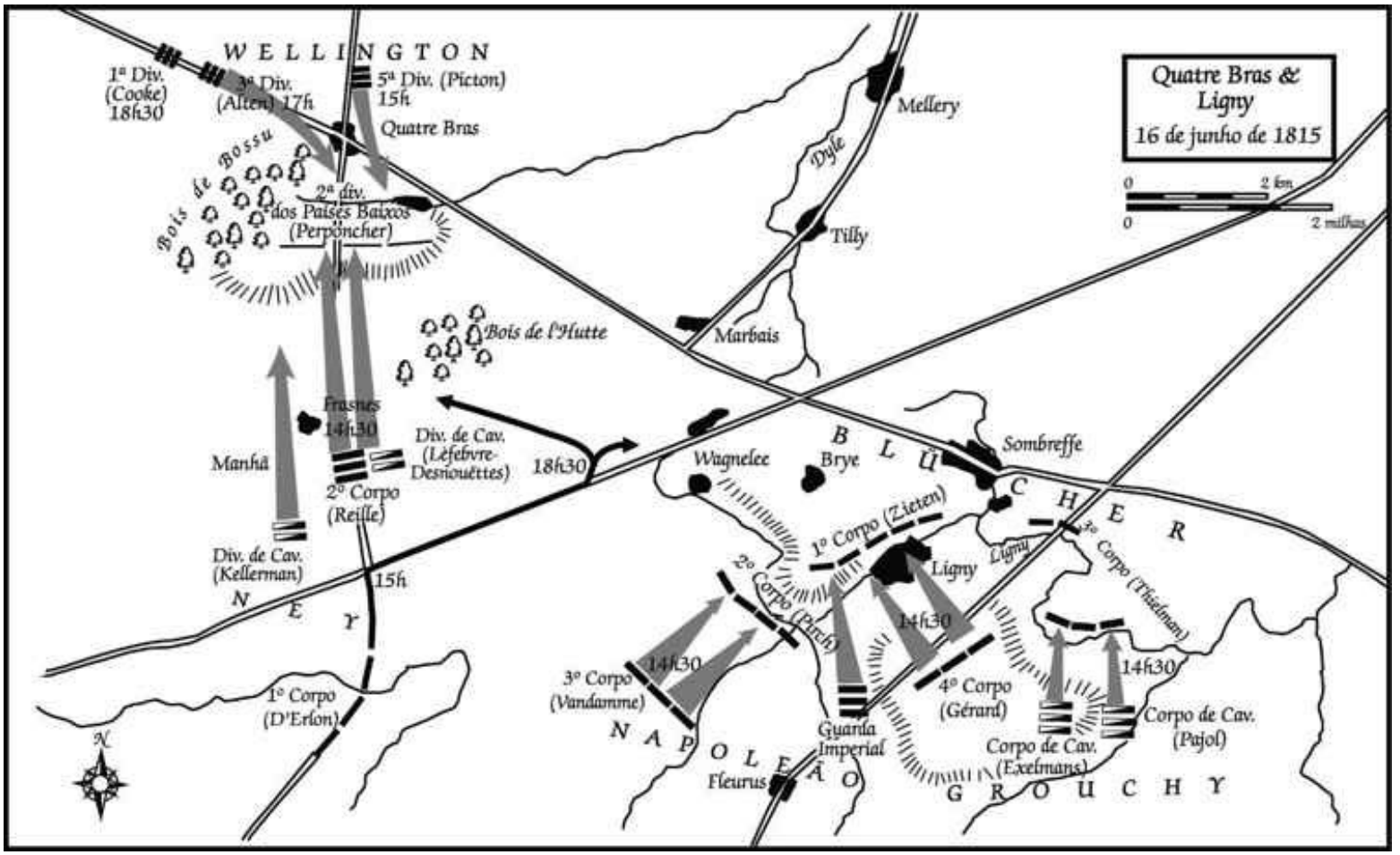
objetivo, que era destruir um dos exércitos aliados. Faltava ver se tinha conseguido seu segundo objetivo: afastar os prussianos de seus aliados britânico-holandeses. Se isso tivesse acontecido, se Blücher tivesse levado seu exército para leste, em direção à Prússia, Ligny seria uma vitória impressionante.

Porém, embora tivesse sido derrotado, o Exército prussiano ainda era capaz de lutar, assim como seu comandante, Blücher. Na manhã seguinte à batalha, ele mandou buscar o coronel Hardinge, oficial de ligação britânico que perdera a mão esquerda na batalha, chamando-o de *lieber freund*, querido amigo. E Hardinge recordou-se de que o velho marechal fedia a aguardente e ruibarbo, a primeira um remédio ingerido, o segundo um unguento passado sobre suas escoriações. E o Marechal Avante ainda demonstrava condições de combater. Fora derrotado, não vencido. "Perdemos o dia", comentou Blücher, "mas não nossa honra." Ele faria jus a seu apelido e lutaria novamente.

Seu exército sobrevivera porque o reforço de D'Erlon não havia chegado.

Mas os britânicos também não haviam chegado. Este é outro "se" da história, o que teria acontecido se Wellington tivesse levado tropas para ajudar Blücher. Ele prometera fazer isso, "contanto que eu próprio não seja atacado", contudo, enquanto Blücher estava ocupado com sua luta desesperada em Ligny, outra batalha era travada a apenas 8 quilômetros de distância.

A Batalha de Quatre Bras.


WELLINGTON
1ª Div. (Cooke) 18h30
3ª Div. (Alten) 17h
5ª Div. (Picton) 15h
Quatre Bras
Bois de Bossu
2ª div. dos Países Baixos (Perponcher)
Bois de l'Hutte
Frasnes 14h30
Div. de Cav. (Lefebvre-Desnouëttes)
18h30
Manhã
2º Corpo (Reille)
Div. de Cav. (Kellermann)
15h
NEY
1º Corpo (D'Erlon)
Mellery
Dyle
Tilly
Marbais
Quatre Bras & Ligny
16 de junho de 1815
0 2 km
0 2 milhas
BLÜCHER
Wagnelee
Brye
Sombreffe
1º Corpo (Zieten)
2º Corpo (Pirch)
Ligny
Ligny
3º Corpo (Thielmann)
14h30
14h30
14h30
3º Corpo (Vandamme)
4º Corpo (Gérard)
Guarda Imperial
Corpo de Cav. (Exelmans)
Corpo de Cav. (Pajol)
Fleurus
NAPOLEÃO
GROUCHY

4

Avancez, mes enfants, courage,
encore une fois, français!

Os 4 mil soldados de Bernardo de Saxe-Weimar em Quatre Bras foram reforçados cedo naquela manhã de sexta-feira por mais 4 mil homens do Exército holandês, mas para sorte deles o marechal Ney vacilou. Temia o panorama que tinha à frente, pensando que ele pudesse esconder todo o exército de Wellington, quando na verdade esse exército ainda tentava desesperadamente chegar ao cruzamento de estradas.

A batalha que ocorreria em Quatre Bras foi uma luta confusa e que se destaca de todas as outras de Wellington. Geralmente ele é retratado — de maneira um tanto depreciativa — como um grande general defensivo. De fato o foi, pois escolhia o terreno onde lutaria e o usava em benefício de seus homens, como fez em Bussaco, mas depreciá-lo como mero combatente defensivo é ignorar deliberadamente algumas de suas maiores vitórias. Quando lhe perguntaram, muito mais tarde, qual era seu maior motivo de orgulho, ele respondeu com uma palavra: "Assaye." Assaye foi uma batalha travada na Índia, contra um exército muito maior, quando ele virou o flanco do inimigo, atacou-o e o esmagou. Depois houve Salamanca, na Espanha, às vezes considerada sua obra-prima, onde 40 mil franceses foram destruídos em quarenta minutos. Salamanca foi uma batalha ofensiva brilhante que pegou os franceses de surpresa e os destroçou. Ou Vitoria, a batalha que tirou os franceses da Espanha, outra obra da arte ofensiva que deixou o inimigo em ruínas. Ele foi, na verdade, um grande general atacante, mas as ofensivas são, em linhas gerais, mais onerosas em termos de homens do que as táticas defensivas, e o Exército britânico era pouco numeroso e nunca havia reposições suficientes para as baixas em combate, portanto, o duque preferia batalhas defensivas, em que podia usar o terreno para proteger seus homens da artilharia inimiga.

Quatre Bras foi, na essência, uma batalha defensiva, mas travada num terreno que Wellington não escolhera. Ele não teve tempo para se preparar, pouco prazo para reagir aos assaltos do inimigo e, durante quase todo o dia, esteve em inferioridade de efetivos. A história de Quatre Bras é, em suma, a de tropas aliadas chegando em

cima da hora para evitar outra crise, mas tudo começou discretamente. Wellington se aproximou da encruzilhada por volta das 10h e, ao verificar que os franceses ainda hesitavam, seguiu para leste a fim de se encontrar com Blücher. Esta foi a conferência no moinho de vento de Brye em que Wellington prometeu enviar tropas para ajudar os prussianos, "contanto que eu não seja atacado".

No meio da tarde, no entanto, ele estava sob ataque e percebeu ter pouca chance de enviar qualquer tropa para ajudar os prussianos. Wellington necessitava de cada homem que chegava. Precisava defender a intercessão porque esta era sua ligação com os aliados, e os franceses tinham finalmente decidido conquistar o entroncamento vital. Avançavam com força total e a maioria dos homens de Wellington ainda marchava sob o calor desgastante para Quatre Bras.

A maioria dos soldados britânicos veio de Bruxelas, a uma distância de 35 quilômetros. Assim que chegaram a Quatre Bras, enfrentaram uma batalha acirrada. Diante deles havia uma faixa de terreno rural levemente ondulado onde sólidas casas de fazenda construídas em pedra pareciam pequenos fortes. Não que algum homem pudesse ver muita coisa. A paisagem era encoberta por grupos de árvores e pelos campos cerrados de centeio alto, que crescia em meio aos pastos. E estava encoberta também pela fumaça de canhões que aos poucos se tornava espessa.

Os combates aconteceriam ao sul da estrada de Nivelles, que seguia a leste para os prussianos. O lado oeste do campo de batalha era delimitado por um bosque espesso, quase impenetrável, o bosque de Bossu, onde as tropas cansadas de Saxe-Weimar haviam procurado refúgio. Um pequeno riacho passava pelo bosque e escorria pela estrada para Bruxelas, embora não fosse obstáculo algum para a cavalaria, a infantaria ou para os canhões. No ponto onde a estrada encontrava o riacho, bem no centro do campo de batalha, havia uma grande fazenda com edificações em pedra chamada Gemioncourt. Teria sido de grande ajuda a Wellington ocupar essa fazenda, mas os franceses haviam expulsado os defensores holandeses e agora guarneciam seus muros espessos. Depois de passar pela fazenda, o riacho seguia em frente para alimentar um lago artificial, o Materne. Mais à frente havia um lugarejo chamado Piraumont, que, para consternação de Wellington, também estava ocupado pela infantaria francesa. Esses soldados da infantaria inimiga se posicionavam perigosamente próximos à estrada de Nivelles e, como estavam a leste do campo de batalha, ameaçavam cortar a ligação crucial entre Wellington e Blücher.

Os franceses em Piraumont não tiveram chance de bloquear a estrada porque Wellington os conteve com as primeiras unidades que chegaram, o 95º de Fuzileiros, reforçado por um batalhão de infantaria de Brunswick. O flanco esquerdo, portanto, estava a salvo por hora, enquanto o direito tinha a proteção da cerrada vegetação do bosque de Bossu. Assim, a luta principal aconteceria num trecho de menos de 2

quilômetros de extensão de campos ondulados entre o lago e o bosque, e quando o duque retornou de seu encontro com Blücher, por volta das 15h, essa faixa de terras cultivadas estava infestada de franceses.

Rebecque, o holandês inteligente, conseguira reunir 8 mil soldados em Quatre Bras, mas os recém-chegados haviam fugido em pânico dos franceses, enquanto os homens de Saxe-Weimar, ainda com pouca munição, buscavam abrigo no bosque de Bossu. Parecia que nada poderia impedir o avanço francês, mas por acaso a boa divisão de Sir Thomas Picton chegava a Bruxelas. O 95º a liderava e foi prontamente enviado para a esquerda a fim de impedir que os franceses bloqueassem a estrada para Ligny, enquanto o restante foi posicionado para enfrentar o ataque que vinha diretamente pela estrada de Bruxelas. Parte da artilharia britânica recém-chegada entrou em posição ao sul da encruzilhada, mas quase imediatamente se viu sob o fogo de escaramuças francesas escondidas pelos campos de centeio alto. Havia ainda alguns combatentes holandeses em meio ao centeio, mas eles eram incessantemente pressionados para trás de modo que os franceses podiam designar fuzileiros para disparar contra artilheiros britânicos e a infantaria recém-chegada. O tenente Edward Stephens, do 32º, um regimento de Cornish, descreveu o fogo das escaramuças francesas como "muito exasperante [...] nossos homens caíam em todas as direções".

Essas escaramuças desempenharam papel importante na história de Waterloo. Basicamente, são soldados de infantaria especializados que não combatem nem em linha nem em coluna (embora possam fazê-lo em ambas as formações, e com frequência o faziam), mas sim à frente de uma linha ou coluna. Eles formavam uma linha de engajamento, um grupo disperso de soldados que se espalhava bastante e cuja missão era atirar de tocaia contra a formação do inimigo. Todo batalhão possuía uma Companhia Leve, e alguns deles eram totalmente constituídos por tropas leves, como os do 95º de Fuzileiros. Os franceses haviam ampliado o número de escaramuçadores porque, assim como a artilharia, eles eram úteis para enfraquecer uma linha inimiga antes de a coluna atacar. A melhor defesa contra escaramuças eram escaramuças oponentes, portanto, na batalha, os dois lados tinham suas tropas leves bem desdobradas, bem dispersas e bem à frente de suas formações. Estas eram alvos difíceis para os mosquetes imprecisos e não valiam o preço de uma bala de canhão, embora fossem vulneráveis ao *grapeshot*, uma bomba de artilharia que transformava o canhão numa autêntica escopeta gigante. Os escaramuçadores operavam em pares, um homem atirando enquanto seu companheiro carregava a arma. Em situação ideal, os escaramuçadores franceses, que eram chamados de *voltigeurs* ou *tirailleurs*, progrediam à frente da tropa até que seus mosquetes ficassem à distância de tiro da linha inimiga e então abriam fogo, esperando atingir oficiais. *Tirailleur*, o nome oficial, significa simplesmente atirador, do verbo *tir*,

atirar, enquanto o *voltigeur* é um saltador, ou ginasta, porque o escaramuçador ideal era um homem ágil, de movimentos rápidos. Eles se ajoelhavam ou deitavam para atirar, tornando-se alvos pequenos, e uma quantidade suficiente de escaramuçadores podia causar sérios danos a uma linha de soldados, mas só se eles conseguissem se aproximar. Os escaramuçadores franceses geralmente eram mais numerosos do que os britânicos, embora estes últimos tivessem a vantagem de portar, muitos deles, fuzis, uma arma que Napoleão se recusava a empregar. A desvantagem do fuzil era a demora para carregá-lo. A bala, geralmente envolta num pedaço de couro, tinha que ser empurrada com força cano adentro, e isso demorava muito mais do que deixar simplesmente uma bola metálica escorregar para dentro do cano sem raias. No entanto, o fuzil tinha a vantagem da precisão. Os britânicos usavam o Baker, uma arma excelente e confiável, que era muito mais precisa do que qualquer mosquete.

As escaramuças não ousavam ir muito à frente de seus batalhões de origem porque, no jogo mortal de pedra, papel e tesoura que caracterizava a artilharia, a infantaria e a cavalaria na era napoleônica, os escaramuçadores eram totalmente vulneráveis aos cavalarianos. Seu dispositivo disperso significava que eles não podiam formar quadrado ou desfechar salvas de tiros, portanto uns poucos combatentes montados podiam dizimar uma linha de escaramuça em questão de segundos. Mas quando a Divisão de Picton chega a Quatre Bras, não há cavalaria alguma para dizimar os escaramuçadores. A Legião Negra de Brunswick aproximou-se do campo de batalha ao mesmo tempo que os homens de Picton, mas o restante dos regimentos de cavalaria do duque ainda galopava para lá chegar, então Wellington decide atacar os escaramuçadores franceses com sua linha de infantaria. Havia colunas da infantaria francesa atrás dos escaramuçadores inimigos, mas as linhas britânicas nunca haviam tido problemas para derrotar colunas francesas e, portanto, os seis batalhões receberam ordem para avançar.

Eles estavam em número seriamente inferior. Os franceses se aproximavam em três colunas, a maior delas com mais de 8 mil homens, atacando ao norte, perto do bosque de Bossu. A coluna central, progredindo pela estrada, tinha 5.400 homens, enquanto à sua direita havia mais 4.200 soldados da infantaria, todos eles apoiados por mais de cinquenta canhões e por tropas da cavalaria. Os seis batalhões da infantaria britânica somavam perto de 3.500 homens que precisavam enfrentar pelo menos 17 mil soldados da infantaria, bem como artilharia e cavalaria, mas esses batalhões estavam entre os melhores e mais experientes do exército de Wellington.

O que aconteceu em seguida foi típico dos combates confusos daquele dia. Um dos batalhões era o dos Highlanders de kilt, pouco mais de quinhentos homens do 42º, o Black Watch. James Anton era um sargento do batalhão que teve de avançar primeiro pelo campo de centeio onde os escaramuçadores holandeses estavam sendo sobrepujados pelo pesado ataque francês.

> Os talos de centeio, assim como alguns juncos que crescem às margens de áreas alagadas, dificultavam nosso avanço; eram da altura de nossos chapéus, e caminhávamos com pisadas firmes e afastando os talos com as mãos o mais rápido que podíamos. Quando chegamos ao campo de trevos, do outro lado, estávamos dispersos demais; porém, conseguimos nos organizar em linha tão rápido quanto o tempo e nosso avanço veloz permitiram. Os escaramuçadores belgas se retiraram através de nossas fileiras, e não tardou para que estivéssemos diante de seus perseguidores. Nossa aparição repentina pareceu paralisar o avanço deles. A aparência singular de nossos uniformes, combinada sem dúvida à nossa estreia repentina, tendeu a abalar a resolução do inimigo: caímos em cima deles, com nossas peças carregadas e nossas baionetas brilhantes, ansiosas para beber seu sangue. Aqueles que com tanto orgulho haviam empurrado os belgas para trás se viravam agora para fugir [...] avançamos tão rápido que quase parecíamos uma turba [e] o marechal Ney, que comandava o inimigo, observou nosso entusiasmo feroz desprotegido e ordenou a um regimento de lanceiros que avançasse para cima de nós. [...] Achamos que eram os Brunswickers.

O Black Watch estava agora em campo aberto e ainda em linha. Havia uma cavalaria em seu flanco, mas eles acharam que eram os cavaleiros de Brunswick que tinham chegado a Quatre Bras mais ou menos na mesma hora que o 42º. Brunswick era um estado alemão que caíra nas mãos dos franceses e, por vingança, o duque de Brunswick criou um regimento que se juntara a Wellington na Espanha. Eles usavam uniformes pretos e eram conhecidos como a Legião Negra, liderada em Quatre Bras por seu jovem duque, Friedrich Wilhelm. Os Brunswickers, embora tivessem sido aliados dos britânicos na Espanha, não eram populares, principalmente devido a seu gosto por carne de cachorro. Um fuzileiro irlandês, o soldado Edward Costello, do 95º de Fuzileiros com seus casacos verdes, lembrou-se de um cachorro chamado Rifle que acompanhara seu batalhão na Espanha:

> Um cachorro que se apegara ao nosso regimento e que jamais poderia ser induzido a nos deixar. Nós o perdemos em uma ou duas ocasiões, mas ele sempre conseguia voltar. Costumávamos brincar entre nós com a antipatia de Rifle por um casaco vermelho, porque ele tinha uma clara preferência pelo verde. O pobre companheiro sobreviveu a muitas de nossas escaramuças, nas quais costumava correr latindo e manifestando seu prazer tanto quanto um cão poderia.

Até que um dia Rifle desapareceu completamente e descobriu-se que havia sido comido pela Legião Negra. Diz a lenda que os fuzileiros se vingaram fatiando as nádegas de alguns franceses mortos, defumando-as e depois as vendendo como presunto aos Brunswickers.

O sargento James Anton e o 42º Batalhão de Highlanders ainda avançavam em linha pelo campo aberto de trevos, sem saber que a cavalaria à sua direita não era de alemães comedores de cachorros, mas sim de franceses. Então um oficial de Estado-Maior alemão passou galopando pelo batalhão e gritando que a cavalaria em aproximação era de “Franchee! Franchee!”. Os cavaleiros eram lanceiros.

> Imediatamente formamos um quadrado de urgência; não havia tempo para pormenores; a arma de cada homem foi carregada e nossos inimigos se aproximaram em violenta carga; as patas de seus cavalos pareciam rasgar o chão.

Foi entrevero desesperado. Um batalhão em linha era terrivelmente vulnerável a uma carga de cavalaria, mas um quadrado de infantaria podia derrotar quase qualquer ataque de cavalarianos. Contudo, era preciso tempo para formar um quadrado, e os Highlanders não o tinham, por isso foi gritada a ordem de agrupar. Quase um pânico. Em vez da arrumação cuidadosa das companhias num retângulo com baionetas eriçadas, o 42º simplesmente correu em direção aos estandartes e formou um amontoado de homens virados para fora. Alguns lanceiros chegaram a ficar presos no quadrado formado às pressas e foram puxados de seus cavalos e mortos. Os escaramuçadores, que estavam posicionados à frente do batalhão, não tiveram chance alguma e foram atropelados pelos lanceiros, assim como o comandante do batalhão, Sir Robert Macara. A morte de Sir Robert foi testemunhada pelos homens do 42º e os enfureceu. Ele havia se ferido mais cedo e, pouco antes de os lanceiros aparecerem, era levado de maca para a retaguarda à procura de um cirurgião. A maca era improvisada por dois casacos com as mangas enfiadas num par de mosquetes ou, mais provavelmente, um cobertor carregado por quatro homens. Os franceses perceberam as medalhas e os galões do homem ferido e, presumivelmente tentando roubá-los, massacraram cruelmente todos os cinco homens. Aquilo era assassinato, e não guerra, e enfureceu os escoceses. Eles reagiram aos lanceiros com mosquetaria, porém mais tarde, naquele dia, os oficiais do 42º tiveram de conter seus homens, pois eles simplesmente massacravam os franceses que se rendiam aos gritos de “Onde está Macara?”.

O capitão Archibald Menzies, que comandava a Companhia de Granadeiros do 42º, também foi encurralado fora do quadrado. Era um homem de força lendária que, preferindo lutar a pé, entregara seu cavalo a um menino tamborileiro. Menzies (a pronúncia é Mingis) foi ferido e caiu ao lado do soldado Donald Mackintosh. O menino do tambor abandonou o cavalo e correu para ajudar, enquanto um lanceiro tentava se apossar do animal valioso. Mackintosh, em seu último esforço, conseguiu atirar no lanceiro. “Você não vai pegar esse animal”, disse ele, segundo relatos, “ele pertence ao nosso capitão aqui!”. Um oficial francês, ao ver Menzies tentando se levantar, atacou-o com seu sabre:

> Quando ele se curvou sobre a sela, [Menzies] agarrou sua perna e conseguiu puxá-lo de cima do cavalo, caindo sobre ele. Outro lanceiro, observando a luta, aproximou-se a galope e tentou lancear [Menzies, que], com um puxão repentino e um esforço desesperado, pôs por cima dele o oficial francês, que recebeu o golpe mortal sob sua couraça e continuou estendido sobre o corpo de Menzies durante quase dez minutos, espada à mão. Uma pausa na batalha permitiu que alguns homens do 42º carregassem o oficial para o quadrado do 92º, onde se descobriu que ele tinha dezesseis ferimentos.

Menzies sobreviveu e viveu até 1854. Enquanto era atendido no quadrado do 92º, seu batalhão tentava formar uma linha novamente, desta vez para se opor a uma coluna da infantaria francesa que se aproximava, mas quase imediatamente foi

ameaçado por mais soldados da cavalaria, desta vez os couraceiros. Os couraceiros eram a cavalaria pesada da França, e seus cavaleiros usavam peitorais. O 42º formou um quadrado justo a tempo de receber a carga. "Os couraceiros", recordou-se Anton, "se lançaram com tudo contra as duas faces [do quadrado]; seus cavalos pesados e suas armaduras de aço pareciam suficientes para nos enterrar embaixo deles", mas os cavalos se desviaram das baionetas escocesas.

> Abriu-se um fogo muito destrutivo; cavaleiros envoltos por armaduras pesadas caíram de seus cavalos; os cavalos empinaram, desequilibraram-se e caíram sobre os cavaleiros desmontados; capacetes de aço e couraças soavam ao bater contra sabres desembainhados enquanto eles eram arrojados ao chão.

O assassinato do ferido Macara inflamara os escoceses e serviu como indício das boas relações entre oficiais e praças no Exército britânico. Repetidamente, em cartas, diários e memórias, essa afeição mútua transparece. Com muita frequência, o Exército britânico do início do século XIX é descrito como uma massa de soldados açoitados liderada por janotas aristocratas, um retrato completamente equivocado. A maioria dos oficiais vinha da classe média, sendo os filhos de clérigos especialmente proeminentes, e as longas guerras haviam aprimorado suas habilidades. O 42º matou franceses indefesos no fim daquele dia porque estava enfurecido com o assassinato de Macara, queria vingança, e essa reação proveio de sua afeição pelo oficial comandante. Mais do que afeição, havia admiração. Um oficial podia ser rico, certamente mais rico do que um soldado típico. Era privilegiado e até, às vezes, um aristocrata, mas ainda assim compartilhava dos perigos inerentes à batalha. Esperava-se que os oficiais dessem o exemplo. O fuzileiro Costello, do 95º, disse que os soldados dividiam os oficiais em duas classes, os "vamos lá" e os "vão em frente". "E conosco", disse ele, "estes últimos eram extremamente poucos." O fuzileiro Plunket disse certa vez a um oficial: "As palavras 'vão em frente' não são condizentes com um líder, Sir."

Nem todos os oficiais eram respeitados. O soldado Thomas Patton era um irlandês do 28º Regimento de Infantaria, de Gloucestershire, e em Quatre Bras eles formavam um quadrado e haviam recebido ordem para parar de atirar. Os cavaleiros inimigos haviam cercado o quadrado, mas não faziam esforço algum para romper as fileiras dos casacos-vermelhos. Era um impasse. Mas Patton lembrou que um oficial francês — ele acha que era um general — "enfrentou nossas baionetas com a cabeça de seu cavalo incentivando seus homens a romper o quadrado". Patton, que estava na terceira fileira, ergueu seu mosquete e atirou no oficial inimigo, matando-o. Foi quando o tenente Irwin bateu em seu rosto com a parte plana de sua espada. Patton protestou e foi informado de que estava sendo punido "por disparar sem ordens". O general Sir James Kempt estava no quadrado e reprimiu o tenente. "Silêncio [...] deixe os homens em paz; eles conhecem seu dever melhor do que você!"

A missão da infantaria britânica era então rechaçar os ataques cada vez mais pesados da cavalaria, da infantaria e da artilharia. Os lanceiros haviam liderado ataques da cavalaria francesa, mas estavam reforçados pelos couraceiros de Kellerman. O general François-Etienne de Kellerman — um nome comprido para um homem diminuto — era um dos mais famosos comandantes da cavalaria de Napoleão. Quando chegou a Quatre Bras, Ney ordenou imediatamente que atacasse o inimigo, ordem que ele questionou, já que tinha apenas setecentos couraceiros sob seu comando. Mas Ney insistiu: "*Partez!*", gritou, "*mais partez donc!*" Vá! Vá agora! Kellerman não queria que seus homens vissem a quantidade de inimigos que eles teriam que atacar e então, de maneira incomum, levou-os diretamente a galope, "*pour charger au galop! En avant!*".

Os couraceiros realizaram a primeira carga contra os Highlanders e foram rechaçados. Um corneteiro francês, rapaz de apenas 15 anos, ficou tão impressionado com os regimentos de kilt que pensou que as *cantinières* estavam lutando. *Cantinières* eram as mulheres que acompanhavam o Exército francês e vendiam comida, bebida e, com frequência, outros confortos aos soldados. Kellerman liderou seus homens para além dos quadrados, avançando em direção à encruzilhada que recebera ordem de conquistar.

Reforços chegavam para os dois lados e tinham de ser enviados quase imediatamente para o caos no centro do campo de batalha. O 44º, um regimento de East Essex, veio apoiar os Highlanders e, assim como estes, foi surpreendido pela cavalaria. Não tiveram tempo para formar o quadrado, então o comandante virou sua fileira de trás e expulsou os lanceiros com uma salva, mas não sem antes alguns cavaleiros chegarem ao centro da linha, onde tentaram capturar os estandartes. Um dos oficiais do batalhão recordou-se de que:

> Um lanceiro francês feriu gravemente o alferes Christie, que carregava um [dos estandartes] com um golpe de lança que, entrando em seu olho esquerdo, penetrou até a parte de baixo da mandíbula. O francês então se esforçou para se apossar do estandarte, mas o bravo Christie, apesar da agonia de seu ferimento, com uma presença de espírito quase inigualável, lançou-se sobre o estandarte, não para se salvar, mas para preservar a honra do regimento. Enquanto a bandeira caía tremulando, o francês rasgou uma parte da seda com a ponta de sua lança; mas não lhe foi permitido carregar nem mesmo um fragmento para além das fileiras. Atingido por tiro e furado pela baioneta do soldado do 44º que estava mais próximo, foi levado ao chão, pagando com sua vida a vã exibição de bravura.

O 30º, um batalhão de regimento de Cambridgeshire, chegou depois do 44º. O alferes Edward Macready, de apenas 17 anos, notou uma fumaça espessa pairando sobre o campo de batalha enquanto se aproximava e também comentou sobre os pássaros voando em pânico sobre o bosque de Bossu. Ele descreveu:

> O rugido dos grandes canhões e da mosquetaria, a explosão de granadas e os gritos dos combatentes criavam um barulho infernal, enquanto os quadrados e as linhas, o galope de cavalos montados ou sem

> cavaleiros, as multidões misturadas de feridos e fugitivos, os volumes de fumaça e o flamejar do fogo. [...]

Macready e o 30º marcharam para aquele caos e passaram por alguns feridos do 44º. Os dois batalhões haviam lutado lado a lado na Espanha e, enquanto os recém-chegados avançavam, os homens feridos do 44º:

> Ergueram-se para nos saudar com gritos fracos, "Vão em frente, velhos três dez, vinguem o 44º, vocês são muito necessários, rapazes, sucesso para vocês, meus queridos". Logo encontramos nosso velho coronel se retirando do campo a cavalo, ferido na perna; ele apontou para esta e gritou: "Eles me fizeram cócegas de novo, meus rapazes, agora uma perna não pode rir da outra!"

O coronel ferido era escocês, Alexander Hamilton, e os cirurgiões decidiram amputar a perna, mas toda vez que se preparavam para a operação eram chamados para cuidar de um caso mais urgente e, no fim, simplesmente deixaram o membro ferido em paz. Hamilton caminhou sobre ele até morrer, em 1838.

Enquanto o coronel Hamilton esperava pela faca que nunca veio, Macready reforçava a linha britânica. Chegou junto com o 42º e se lembra de ter passado por cima de Highlanders mortos e feridos:

> Chegamos perto [do 42º] justamente quando um corpo de lanceiros e couraceiros cercava duas faces de seu quadrado. Entramos em formação para a esquerda e disparamos. A salva tremenda de nosso quadrado — que na pressa da formação tinha muito mais homens nos lados atacados — repeliu aqueles franceses com uma perda de muitos homens, e de seu comandante. Um bravo combatente que caiu gritando para seus homens: "*Avancez, mes enfants, courage, encore une fois, Français*."

"Avante, meus filhos; tenham coragem, mais uma vez, franceses!" Ninguém sabe quantas cargas de cavalaria foram efetuadas pelos franceses. Alguns cálculos da batalha relacionam quatro, outros cinco, seis ou sete, e a verdade é que ninguém sabe, provavelmente nem mesmo os que estavam no campo de batalha. Quatre Bras foi uma luta confusa. Não havia uma posição privilegiada para que qualquer um dos dois lados tivesse visão do que estava acontecendo no caldeirão onde os homens lutavam, sofriam e morriam. As tropas de Wellington chegaram durante toda a tarde, e ele as foi lançando no combate onde a linha britânica se opunha às colunas francesas, mas como essas linhas britânicas eram também ameaçadas pela onipresente cavalaria, tinham que formar quadrados, o que as tornava alvo fácil para a eficiente artilharia francesa que encobria as terras cultivadas com grossos rolos de fumaça. Wellington precisou inspecionar o combate pessoalmente e quase foi capturado pelos couraceiros de Kellerman, no ataque ao cruzamento de estradas. O duque manejou seu cavalo, Copenhagen, e galopou em direção aos Gordon Highlanders, o 92º, que estavam em quatro fileiras bem diante da estrada de Nivelles. O duque gritou para os Highlanders se abaixarem: eles se agacharam, e

Copenhagen voou sobre suas cabeças levando seu cavaleiro para a segurança. Foi o mais próximo que os franceses chegaram da estrada vital, e os cavalarianos sofreram para tanto, sendo massacrados pelas salvas dos Highlanders. Mais de 250 dos setecentos homens de Kellerman morreram ou ficaram feridos, e o pequeno e feroz general ficou ele próprio sem cavalo. Tentou reunir seus homens, mas eles já haviam sofrido o bastante e recuaram. Kellerman segurou as rédeas de dois cavalos e correu entre eles, enquanto cavalgavam através dos quadrados de casacos-vermelhos, que continuaram disparando contra eles.

Linhas e quadrados. A infantaria britânica formava uma linha de duas fileiras, mas se houvesse uma cavalaria por perto às vezes dobrava a linha, fazendo quatro fileiras. Se um batalhão estava em quatro fileiras, geralmente apenas as duas primeiras disparavam, enquanto os homens de trás recarregavam os mosquetes e os passavam à frente. Uma linha britânica invariavelmente derrotava uma coluna francesa, mesmo que esta tivesse o triplo, o quádruplo ou o quíntuplo de homens, simplesmente porque cada mosquete britânico podia disparar e apenas as fileiras externas dos franceses podiam responder à mosquetaria. Mas a linha era terrivelmente vulnerável à cavalaria. Se os cavaleiros conseguiam chegar ao flanco aberto da linha, rapidamente a reduziam a uma multidão em pânico, mas se o batalhão tivesse formado quadrado, então era a cavalaria que ficava vulnerável. Esse era o mortal jogo de pedra, papel e tesoura.

Um quadrado (que com frequência era um retângulo) tinha quatro fileiras em cada lado. A primeira ficava de joelhos e não disparava seus mosquetes. Em vez disso, seus soldados fincavam as coronhas dos mosquetes no chão e os mantinham ali com as baionetas caladas para formar uma cerca de lâminas, aumentada pelas da segunda fileira, que se agachava um pouco e também ficava com as baionetas caladas. Assim, os cavaleiros enfrentavam um obstáculo formidável e geralmente intransponível. Não havia nenhum flanco exposto para atacar e, em vez disso, eles tinham que enfrentar um muro de aço do qual voavam balas. Um cavaleiro ocupa pelo menos um metro de espaço, e se está diante de um batalhão britânico de tamanho médio, com cerca de quinhentos homens, apenas dezesseis ou dezessete cavalarianos podem se posicionar na fila da frente da carga, diante de pelo menos duzentos homens, metade dos quais dispara mosquetes a distâncias muito curtas. Não é de se admirar que a cavalaria raramente rompesse um quadrado. Mas isso já acontecera. A Legião Alemã do Rei desarticulou dois quadrados franceses em Garcia Hernandez, na Espanha, contudo só conseguiu isso com muito sacrifício. Acredita-se que o primeiro quadrado tenha sido rompido quando um cavalo moribundo e um homem escorregaram na sua frente e abriram uma brecha nas fileiras francesas pela qual os cavaleiros seguintes entraram galopando. Uma vez adentrados, é claro que eles puderam atacar a retaguarda das fileiras, e em Garcia

Hernandez o primeiro quadrado se desfez em pânico, correndo para o segundo, agarrando-se a este para encontrar segurança. Com isso, foi-se a sua coesão, e os cavaleiros mortais penetraram, em meio ao caos causado pelos sobreviventes do primeiro quadrado. Um terceiro quadrado, ao perceber o perigo, disparou sua mosquetaria para manter afastados tanto os fugitivos em pânico quanto os cavaleiros exultantes.

Por causa disso, a cavalaria rezava para encontrar a infantaria em linha, porque isso lhe proporcionaria uma vitória fácil, e em Quatre Bras essa prece foi atendida. Isso aconteceu quando a linha da infantaria de Wellington sofria bastante e a derrota parecia não apenas possível, mas provável. O 42º e o 44º, assim como muitos outros batalhões, começavam a carecer de munição. A cavalaria pode ter sido notada, mas assim que os cavaleiros franceses sumiram de vista a artilharia abriu fogo contra os quadrados britânicos compactos, enquanto hordas de escaramuçadores franceses atiravam sob a cobertura do centeio pisoteado. O 42º começou o dia com 525 homens, mas terminou com apenas 238. O restante havia sido morto ou estava ferido. O batalhão estava desfalcado demais para formar um único quadrado, então os Highlanders e os homens de Essex se juntaram a ele.

Na esquerda britânica, o 95º de Fuzileiros era empurrado incessantemente para trás, enquanto um número ainda maior de franceses atacava agora o bosque de Bossu à direita. Por sorte, novas tropas chegaram e Wellington pôde reforçar os fuzileiros cercados e enviar mais três batalhões para manter o terreno ao lado do bosque de Bossu. Um desses era o 69º, um batalhão de Lincolnshire, que formou quadrado perto do 41º e do 44º, mas nesse flanco direito todas as unidades estavam suspostamente sob o comando de Slender Billy, o príncipe de Orange de 23 anos, e ele decidiu que os três batalhões recém-chegados seriam mais eficientes em linha. Ordenou que se reorganizassem. Houve protestos dos oficiais das unidades, mas Slender Billy conseguiu o que queria, e então o 69º, o 33º e o 73º se esparramaram em linha.

A ordem de formar linha veio quando os couraceiros de Kellerman ainda combatiam furiosamente em meio às unidades britânicas. Eles enxergaram a vulnerabilidade dos casacos-vermelhos e atacaram. O 73º estava perto o bastante do bosque de Bossu para buscar proteção em meio aos arbustos espessos e o 33º teve tempo para formar quadrado, mas o 69º ficou abandonado no centro do campo e foi apanhado pelos cavaleiros. O tenente Frederick Pattison, do 33º, descreveu o que aconteceu numa carta a seu irmão:

> O terreno através do qual tínhamos que avançar era muito ondulado e todo coberto por uma plantação de centeio, que naquele interior rico e exuberante cresce demais e, por isso, obstruía a observação. Quando avançávamos, a companhia dianteira de nosso regimento [...] observou a cavalaria francesa se preparando para a carga. Ordens foram gritadas, então, para formar quadrado [...] o inimigo, percebendo

> que entrávamos em formação desfavorável para ele, em vez de avançar, fez um movimento para a esquerda e desfechou a carga contra as colunas abertas do 69º Regimento, que, como estava numa parte baixa do campo, não o vira.

O 69º foi destruído, sua Bandeira do Rei capturada, e apenas alguns de seus homens conseguiram chegar à segurança de um quadrado próximo. Perder o estandarte era uma desgraça terrível. Para alguns homens, as bandeiras tinham um significado quase místico; William Miller era um oficial do 1º de Infantaria de Guardas e foi ferido de morte. Seu desejo ao morrer foi ver as bandeiras pela última vez, e o Estandarte Regimental foi levado até onde ele estava deitado, moribundo, e uma testemunha ocular disse: "Seu semblante se iluminou, ele sorriu." Homens lutavam como demônios para proteger as bandeiras, e o alferes Christopher Clarke, do 69º, matou três couraceiros em sua bem-sucedida tentativa de salvar o Estandarte Regimental, mas levou 22 facadas na luta. Ele sobreviveu e mais tarde se juntou ao 42º de Highlanders.

O 33º teve momentos quase tão difíceis quanto o 69º. Formava quadrado por causa da presença da cavalaria, mas também era alvo muito visível para uma bateria de canhões franceses. O tenente Pattison viu o comandante de sua companhia ser cortado em dois por uma bala de canhão, e "os miolos do pobre Arthur Gore se espalharam pela minha barretina e pelo meu rosto". George Hemingway era um soldado do batalhão e, dois meses depois do combate, escreveu para sua mãe:

> O inimigo ficou com uma visão muito satisfatória de nosso regimento naquela hora, e disparou tiros de canhão tão cerrados quanto uma chuva de pedras de granizo. Imediatamente nos protegemos, porém vimos em nossa direção uma grande coluna da cavalaria francesa, chamada de couraceiros e chegando bem perto; imediatamente tentamos formar quadrado para enfrentar a cavalaria, mas tudo em vão, porque os tiros de canhão do inimigo desmanchavam nosso quadrado mais rápido do que conseguíamos formá-lo; matavam nove e dez homens a cada disparo; as balas caindo entre nós [...] e granadas explodindo em uma centena de pedaços [...] se não fosse o bosque à nossa direita, a cerca de 300 metros, cada homem teria sido cortado em pedaços pela cavalaria, e pisoteado por seus cavalos.

O 33º, antigo regimento do duque, conseguiu chegar ao bosque, aonde alguns couraceiros foram tolos o bastante para também penetrar, proporcionando então para os casacos-vermelhos a oportunidade de matar. No emaranhado de árvores, eles abateram sem dó seus perseguidores.

A aniquilação do 69º Batalhão e a captura de seu estandarte foram pontos altos da batalha para os franceses. Eles tinham avançado sobre os dois flancos e destruído firmemente o centro britânico, porém mais tropas oponentes ainda chegaram de Bruxelas, e o duque finalmente passou a contar com homens e artilharia suficientes. Decidiu que era hora de atacar, mas primeiro uma casa de pedra ao lado da estrada principal tinha quer ser varrida de sua guarnição francesa. O coronel Cameron, do 92º de Highlanders, não via a hora de se livrar daquela guarnição e havia pedido

repetidas vezes permissão ao duque para assaltá-la. “Espere um pouco, Cameron”, respondera o duque, “você terá o que quer antes do anoitecer.” Agora Wellington iria liberar os escoceses. Uma história regimental registra as palavras de um soldado Highlander:

> Foi um trabalho duro. Eles estavam na casa como um monte de camundongos, e não podíamos alcançá-los com nossos tiros embora o fogo deles atingisse muitos homens bons entre nós, mas [...] eles tinham que sair de onde estavam, então seguimos pela sebe e pela horta até a casa ficar bem cercada, de modo que o inimigo não conseguia nos acertar, mas nós também não tínhamos como entrar. No fim, eles foram expulsos e mantidos do lado de fora. Porém os franceses eram homens corajosos e tentaram diversas vezes tirar a casa de nós, mas foram seguidamente rechaçados. Apesar de seus esforços, deixaram seus mortos para adubar o terreno da horta.

Os flancos da posição britânica foram fortalecidos pelos reforços recém-chegados, que incluíam a Divisão de Guardas, vinda de Nivelles. Quando se aproximavam de Quatre Bras eles:

> encontraram constantemente carroças cheias de homens das várias nações que lutavam sob o comando do duque, feridos das maneiras mais horríveis. As laterais da estrada tinham montes de homens moribundos e mortos, muitos deles britânicos.

Esta é uma das lembranças de Robert Batty, um alferes do 3º Batalhão do 1º Regimento da Infantaria de Guardas. Ele tinha 26 anos, velho para um alferes, a patente mais baixa dos oficiais do Exército britânico, mas que envergava uniforme havia apenas dois anos. Estudara medicina no Caius College, em Cambridge, mas deixara a universidade para lutar na Espanha e agora se deslocava para o bosque de Bossu, onde uma pesada coluna francesa repelia os defensores cansados. Os seiscentos homens do 1º Regimento da Infantaria de Guardas estavam à direita da linha britânica e progrediram para perto do bosque até verem os franceses.

> Paramos no momento em que os vimos, entramos em formação e, com as armas carregadas e as baionetas caladas, avançamos [...] os homens deram três vivas gloriosos, e apesar de termos marchado quinze horas sem nada para comer e beber, a não ser a água que encontramos no caminho, desembestamos contra o inimigo.

Os franceses tentavam conquistar o bosque de Bossu, então os Guardas britânicos entraram pelo meio das árvores que, recorda-se Batty:

> eram tão espessas que constituíam obstáculos quase insuperáveis [...] o inimigo disputou cada arbusto e num pequeno riacho que corria pelo bosque tentou nos segurar, mas não conseguiu resistir [...] nossa perda foi tremenda, como difícil foi também cumprir aquela missão arrojada [...] a infantaria e a cavalaria francesas lutaram desesperadamente e, depois de um embate de quase três horas (com uma obstinação que não poderia encontrar qualquer paralelo, a não ser no massacre que ocasionou), tivemos a felicidade de nos vermos totalmente de posse da estrada e do bosque.

A cavalaria que Batty menciona não estava dentro do bosque, nenhum cavaleiro poderia se movimentar entre os arbustos emaranhados e os galhos baixos, mas os Guardas também combateram o inimigo no terreno aberto a oeste, onde os homens do Black Watch, do 44º, do 69º e de todos os outros batalhões lutavam, pereciam ou resultavam muito feridos.

Porém, ao cair da noite, os reforços do duque haviam todos chegado e, com eles, carroças repletas de munição. Era hora de sair da defesa para o ataque, e o duque ordenou à sua linha robustecida que avançasse. Os franceses resistiram durante algum tempo, depois recuaram em toda a frente, até o lugar de onde haviam partido naquela manhã, e Gemioncourt, a grande fazenda que dominava o campo de batalha, estava novamente em mãos britânicas. Os franceses acabaram um tanto desarticulados. Uma testemunha ocular francesa anônima escreveu que:

> a multidão de couraceiros e soldados feridos correndo para a retaguarda do exército semeou pânico; as guarnições de equipamentos, os enfermeiros das ambulâncias, o pessoal do rancho, os serventes, toda a multidão de não combatentes que acompanhava o exército fugiu precipitadamente, carregando com ela tudo o que encontrava, pelos campos e ao longo da estrada para Charleroi, que logo ficou congestionada. A debandada foi completa e se espalhou rapidamente, todos fugiam em total confusão e gritando: "Lá vem o inimigo!"

O pânico era prematuro. Ney estava frustrado, mas suas forças ainda se encontravam intactas e tinham conseguido pelo menos negar a Blücher qualquer ajuda britânica. "Estávamos muito felizes por termos impedido os ingleses de socorrer os prussianos", disse o capitão Bourdon de Vatry, um ajudante de ordens de Jérôme, irmão de Napoleão que comandava parte das forças de Ney. De Vatry jantava com o marechal Ney e Jérôme Bonaparte quando um mensageiro chegou exigindo que Ney se deslocasse para apoiar o imperador. A mensagem, é claro, chegou tarde demais, e de qualquer modo Ney não poderia obedecer porque não conseguira conquistar o vital cruzamento de estradas.

Escureceu tarde em 16 de junho. Era o meio do verão, o sol se punha às 21h e a escuridão só seria total duas horas depois. Havia sido um dia longo, que começara muito bem para Napoleão e, ainda que ele não tivesse alcançado seus objetivos, retinha a capacidade de conduzir outras operações militares. Quase conseguira dividir seus inimigos e empurrara os prussianos para trás, em retirada. Ney atacara tarde demais e, em decorrência, não tivera a chance de rocar seus homens para o leste e atacar o flanco prussiano, mas conseguira manter Wellington ocupado a tarde toda e o início da noite. O duque prometera socorrer Blücher, mas só se não fosse atacado, e o fora. Consequentemente, quando a noite caiu, enquanto Ney jantava a uma mesa improvisada com uma tábua se equilibrando sobre dois barris, os franceses ainda se encontravam em posição dominante.

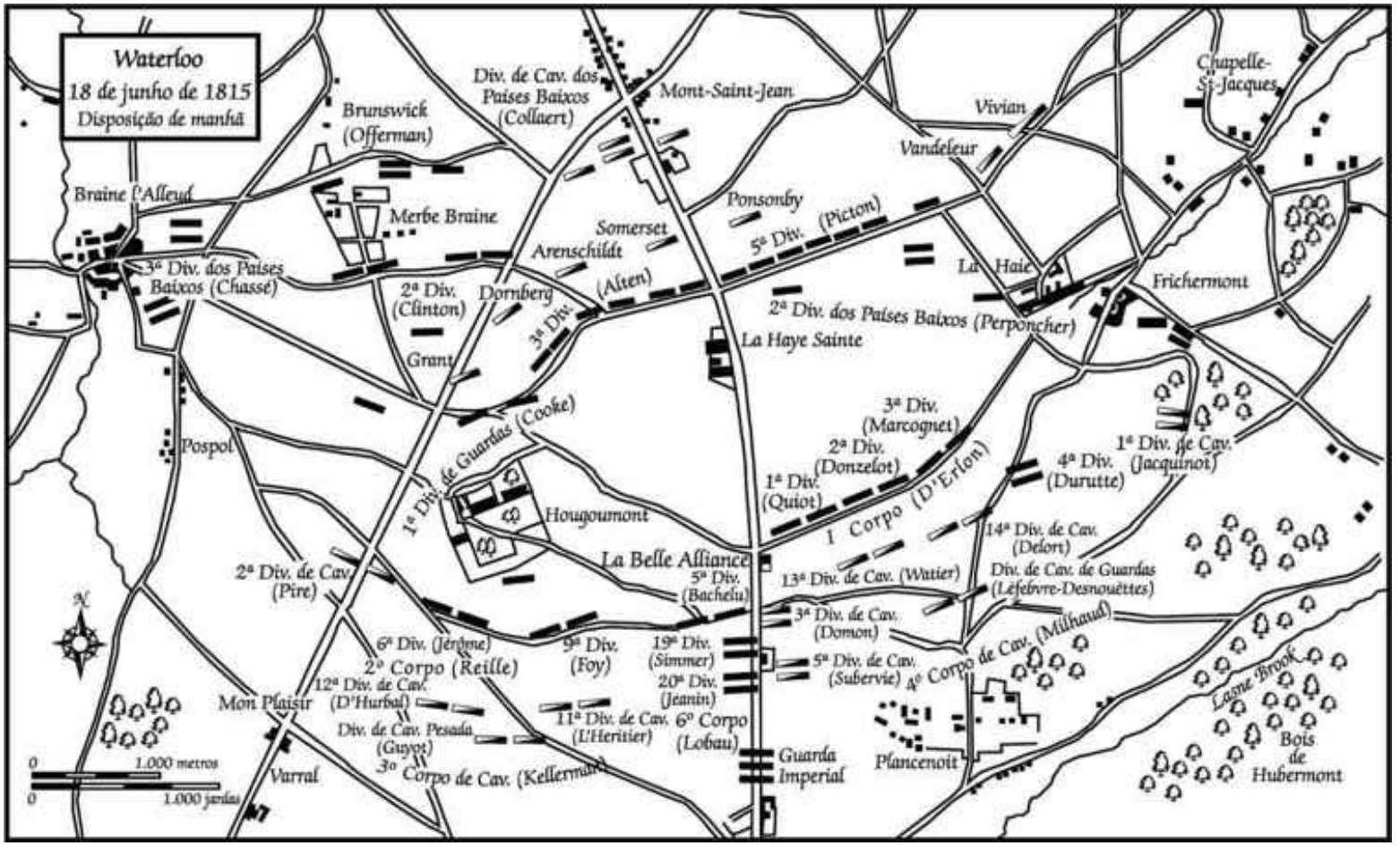
Wellington vencera sua batalha, pelo menos em termos de frustrar o objetivo

francês. Mantivera a encruzilhada e negara a Ney a chance de virar para o leste e avançar contra o flanco dos prussianos. Não era uma vitória pequena. Se Ney, ou mesmo D'Erlon, tivesse atacado a direita prussiana, a Batalha de Ligny poderia ter acabado em total debandada do exército de Blücher. Isso não acontecera. O exército prussiano fora vencido, mas ainda estava intacto e constituía valiosa força combatente, porém o custo do duque havia sido alto. Mais de 2.200 baixas britânicas, outras 1.100 entre os hanoverianos e os Brunswickers, incluindo o duque de Brunswick, que morrera com uma bala na cabeça, e aproximadamente 1.200 holandesas. As perdas francesas foram ligeiramente menores, cerca de 4.400 mortos ou feridos contra os 4.500 de Wellington.

O duque defendera a intercessão de estradas contra o que, na maior parte do dia, havia sido uma força bem superior. Mas, enquanto o sol finalmente se punha, a encruzilhada não oferecia qualquer vantagem aos aliados, porque em vez de ir na direção dos prussianos, a estrada de Nivelles levava agora às forças vitoriosas de Napoleão. Wellington ainda não soubera do ocorrido em Ligny, porém, mais tarde, na noite daquela sexta-feira, ele ouviu um relato confuso de que os prussianos haviam sido derrotados. Enviou um assistente a Ligny para descobrir o que pudesse, e o homem voltou dizendo que tudo o que vira sob a luz mortiça foram sentinelas francesas e grupos da cavalaria patrulhando as cercanias. Estava claro que Napoleão repelira os prussianos, embora Wellington ainda não soubesse para onde, para que distância ou em que condições.

Mesmo assim, quer a derrota tivesse sido maciça ou menor, era óbvio o que o imperador faria agora. Usaria a estrada de Nivelles para avançar contra o flanco de Wellington. O objetivo da campanha estava dentro das possibilidades do imperador. Os britânicos, afinal de contas, eram os financiadores da nova coalizão que se opunha à França. Derrote-os e pode ser que a coalizão se desintegre

Tudo o que Napoleão tinha a fazer era marchar ao amanhecer.


Waterloo
18 de junho de 1815
Disposição de manhã
Braine l'Alleud
Brunswick (Offerman)
Div. de Cav. dos Países Baixos (Collaert)
Mont-Saint-Jean
Vivian
Vandeleur
Chapelle-St-Jacques
Merbe Braine
Ponsonby
5ª Div. (Picton)
Somerset
Arenschildt
3ª Div. dos Países Baixos (Chassé)
2ª Div. (Clinton)
Dornberg
3ª Div. (Alten)
La Haie
Frichermont
2ª Div. dos Países Baixos (Perponcher)
La Haye Sainte
Grant
3ª Div. (Marcognet)
2ª Div. (Donzelot)
1ª Div. de Cav. (Jacquinot)
1ª Div. de Guardas (Cooke)
Pospol
1ª Div. (Quiot)
4ª Div. (Durutte)
1 Corpo (D'Erlon)
Hougoumont
14ª Div. de Cav. (Delort)
La Belle Alliance
13ª Div. de Cav. (Watier)
Div. de Cav. de Guardas (Lefebvre-Desnouëttes)
2ª Div. de Cav. (Pire)
5ª Div. (Bachelu)
3ª Div. de Cav. (Domon)
4º Corpo de Cav. (Milhaud)
6ª Div. (Jérôme)
2º Corpo (Reille)
9ª Div. (Foy)
19ª Div. (Simmer)
5ª Div. de Cav. (Subervie)
20ª Div. (Jeanin)
12ª Div. de Cav. (D'Hurbal)
Mon Plaisir
Div. de Cav. Pesada (Guyot)
11ª Div. de Cav. (L'Heritier)
6º Corpo (Lobau)
3º Corpo de Cav. (Kellermann)
Guarda Imperial
Plancenoit
Lasne Brook
Bois de Hubermont
Varral
N
0 1.000 metros
0 1.000 jardas

5

Ah, esses ingleses, agora os peguei!

Sábado, 17 de junho. O tempo nublara durante a noite e o amanhecer foi extemporaneamente frio. Wellington teve três horas de sono na vila de Genappe, ao norte de Quatre Bras, mas estava de volta à encruzilhada pouco depois das 3h. "Nonagésimo Segundo", disse ele para alguns Highlanders acampados, "eu ficaria grato a vocês por um pouco de fogo." E os soldados obedientemente fizeram uma fogueira ao lado da qual o duque se aninhou enquanto aguardava mais relatos sobre o destino de seus aliados prussianos. Ele usava bombachas e botas de cano curto, um fraque azul-marinho e um lenço branco no pescoço, com seu habitual chapéu de abas levantadas. Sempre se vestia com simplicidade para as batalhas. Muitos oficiais gostavam de usar seu uniforme mais vistoso, e ninguém mais do que Horatio Nelson, que se destacara no convés do HMS *Victory* com seu casaco repleto de galões e condecorações com pedras preciosas, mas Wellington invariavelmente usava o casaco simples. Seus homens sabiam quem era, ele não precisava de penduricalhos brilhantes.

O sol nasceu mais ou menos às 4h30 e, pouco depois, o duque deve ter notado uma mulher atormentada vagando com três filhos pequenos pelos acampamentos do exército. Ela por certo era fácil de se destacar, porque Martha Deacon estava grávida de nove meses. Viajara para Quatre Bras um dia antes, presumivelmente com seus filhos numa carroça de suprimentos. Seu marido, Thomas Deacon, era um oficial, alferes do 73º, outro batalhão Highlander. Agora, ela o perdera. Tudo o que sabia era que ele fora ferido no avanço final da noite anterior. Caminhava ao lado do sargento Thomas Morris quando uma bala de mosquete atingiu o homem que estava do outro lado de Morris. A bala entrou pela testa do soldado, matando-o imediatamente. "Quem é esse?", perguntara Deacon. "Sam Shortly", disse Morris, e olhou para o oficial, "Sir, o senhor está ferido!".

"Deus me proteja, estou mesmo", exclamou Deacon. Um braço fora quebrado por bala de mosquete. Ele largou a espada e seguiu para a retaguarda em busca de Martha e seus filhos, que havia deixado com a guarda dos trens do 73º, no entanto, apesar de ter procurado até depois do anoitecer, não a encontrou. Quando

amanheceu, fraco com a perda de sangue, Deacon foi posto em uma das carroças que carregavam feridos de volta a Bruxelas.

Martha, que usava apenas um vestido de seda preto coberto por xale leve, continuou procurando por Thomas. Por fim encontrou alguém que sabia do destino de seu marido, mas àquela altura não havia transporte para o norte e então, com seus três filhos e embora grávida de nove meses, Martha Deacon caminhou os 35 quilômetros até Bruxelas. E o fez em meio a uma tempestade tão forte que o duque declarou não ter visto nada assim nem na Índia, mas ela continuou andando. A pequena família demorou dois dias para fazer a viagem, mas a história teve final feliz. Martha encontrou Thomas se recuperando em Bruxelas e, no dia seguinte, deu à luz uma menina. Eles a batizaram como Waterloo Deacon.

Os prussianos também acordaram cedo. O marechal Blücher, esfolado e exaurido, dormira por algumas horas na aldeia de Mellery, perto de Ligny. Foi descoberto ali por seus assistentes e, no início da manhã, houve um debate sobre o que os prussianos deviam fazer em seguida. Gneisenau, que desconfiava muito dos britânicos, sugeriu um recuo para o leste em direção ao Reno e à Prússia, mas esse movimento afastaria o exército prussiano ainda mais de seus aliados britânico-holandeses, e Blücher, diferentemente de Gneisenau, gostava de Wellington e confiava nele. A reunião foi breve. Gneisenau, apesar de inteligente e vaidoso, sabia que seu comandante tinha um talento instintivo para a guerra e concordou com a decisão de Blücher. O exército não iria para o leste, e sim para o norte, em direção a Wavre.

Esta talvez tenha sido a decisão mais crucial daqueles quatro dias. Os aliados haviam perdido a comunicação fácil que a estrada de Nivelles oferecia, mas ainda havia caminhos vicinais que ligavam Wavre à estrada de Bruxelas. Essas vias não eram pavimentadas, e seguiam tortuosas por campos e bosques, cruzavam rios e córregos, mas, marchando para o norte, até Wavre, em vez de recuar para o leste, Blücher mantinha viva a possibilidade de reunir suas forças com o exército de Wellington. Foi uma decisão corajosa. Blücher decerto sabia que os franceses enviariam uma força para prejudicar seu deslocamento e tentar bloquear qualquer movimento para o oeste, em direção a Wellington. Contudo, ao marchar para Wavre, ele tornava muito mais difíceis suas chances de uma retirada segura para o leste, mas não era à toa que ele tinha o apelido de Marechal Avante. Wellington podia não ter vindo para ajudá-lo no dia anterior, mas o velho cavalo de guerra não abandonaria seu aliado.

Os prussianos, por conseguinte, marcharam para o norte. O capitão de um esquadrão da cavalaria westfaliana observou que o humor dos soldados estava péssimo. Começara a chover e algumas selas novas ficaram inchadas de água, causando feridas nos cavaleiros; ele então ordenou que seus comandados apeassem

e conduzissem os cavalos pelas rédeas. A estrada era difícil, o clima pavoroso e os soldados se sentiam miseráveis, mas quando encontraram o marechal Blücher à margem da estrada, o estado de ânimo mudou imediatamente, graças ao:

> espírito alegre e vigor de nosso marechal de campo de 74 anos. Ele tinha membros contundidos banhados em conhaque, tomara um bocado de aguardente e agora, embora cavalgar fosse certamente muito doloroso, seguia ao lado de seus soldados trocando piadas e brincadeiras com eles, e seu humor se espalhou como fogo pela coluna. Vi o velho herói apenas de relance, mas gostaria muito de ter manifestado meu prazer por ele ter escapado.

É difícil imaginar-se o duque de Wellington trocando "anedotas e brincadeiras" com seus homens. Não era seu estilo. Mais de uma vez ele impediu que seus homens o aclamassem porque, dizia, se você os deixa ovacioná-lo hoje, amanhã eles poderão zombar de você. Não era amado como Blücher, nem venerado como Napoleão, mas era respeitado. Podia ser bastante espirituoso; muito depois do fim das guerras, alguns oficiais franceses viraram-lhe ostensivamente as costas em Paris, e uma mulher se desculpou pela grosseria. "Não se preocupe, madame", disse o duque, "já os vi pelas costas antes." Ele aprendera a esconder suas emoções, embora chorasse abertamente pelas baixas que suas batalhas causavam. Seus homens deviam ver seu temperamento e raramente as emoções, mas se ele os tratava com frieza, também confiava neles, e vice-versa. Como escreveu o soldado William Wheeler, do 51º, que serviu a Wellington na Península e em Waterloo:

> Se a Inglaterra requisitasse o serviço de seu exército novamente e eu estivesse incorporado, gostaria de ter o "Velho Abelhudo" no comando. Nossos interesses com certeza seriam observados, jamais teríamos ocasião para temer um inimigo. Há duas coisas das quais estaríamos certos. Primeiro, sempre seríamos tão bem abastecidos de rações quanto a natureza da logística da força admitisse. Segundo, estaríamos certos de que surraríamos muito bem o inimigo. O que mais um soldado pode querer?

Wellington teria gostado desse elogio. Mas agora, na manhã após a luta em Quatre Bras, ele provavelmente não tinha certeza se seria capaz de dar "uma boa surra" em Napoleão. Esperava notícias de Blücher enquanto andava para lá e para cá ao lado da fogueira que os Highlanders haviam feito para ele. Estava sozinho havia pelo menos uma hora, mergulhado em pensamentos, às vezes mascando distraidamente uma haste cortada de arbusto, mas o honorável tenente-coronel Sir Alexander Gordon, um dos assistentes do duque, trouxe para Wellington a notícia que ele precisava ouvir. O exército de Blücher, embora ferido, ainda estava organizado e seguira para Wavre. Para o norte, para Wavre, e não para o leste em direção à Prússia. "O Velho Blücher levou uma sova danada", rosnou o duque para um oficial dos Guardas de Coldstream, "e foi para Wavre, a uns 30 quilômetros. Como ele voltou, temos que ir para lá também. Suponho que na Inglaterra dirão que levamos uma tunda. Não há como evitar isso; como eles voltaram, temos que voltar."

Foram então despachadas ordens a fim de que a tropa se preparasse para recuar à posição que Wellington reconhecera no ano anterior, a cadeia de elevações de Mont-Saint-Jean, acima do vale pouco notável onde o centeio crescia muito. O duque podia temer que o público britânico interpretasse o recuo como uma admissão de derrota, mas não havia qualquer perigo de o público francês ver os acontecimentos de 16 de junho como outra coisa a não ser uma vitória. Napoleão se assegurou disso enviando um comunicado ao *Le Moniteur Universel*, o jornal oficial, em que descrevia Ligny e Quatre Bras como mais duas vitórias para acrescentar ao acervo de honras do Império. O comunicado publicado causou júbilo em Paris.

A primeira tarefa do dia para os britânicos foi resgatar os feridos, muitos dos quais haviam passado a noite inteira no lugar onde haviam caído. Cavalarianos puseram homens feridos sobre cavalos, e aqueles que estavam fracos demais para se equilibrar na sela foram carregados em cobertores. Certamente alguns franceses feridos foram também recuperados, mas foi dada prioridade aos britânicos e holandeses, porque os feridos foram transportados de volta a Bruxelas em carroças, sem dúvida, um sofrimento.

Os franceses cuidavam de seus feridos muito melhor do que seus inimigos, ou pelo menos tentavam, principalmente graças à influência de Dominique Jean Larrey, cirurgião-chefe da Guarda Imperial. Larrey percebeu que tratar dos homens logo que possível depois de se ferirem produzia resultados muito melhores do que deixá-los sofrer. Para facilitar a tarefa, inventou a "ambulância voadora", um veículo leve, com molas de suspensão e eixo dianteiro giratório que o tornava manobrável num campo de batalha repleto de cadáveres e destroços, e com um piso que podia ser removido por trás a fim de se tornar uma mesa cirúrgica ou para ajudar a carregar os feridos. Com frequência ele realizava cirurgias no campo de batalha, mas preferia montar uma estação central de baixas para a qual suas ambulâncias levavam os feridos, enquanto os britânicos, em contrapartida, usavam os músicos de sua banda para carregar os homens para a retaguarda, onde cirurgiões com aventais ensopados de sangue os aguardavam com serras, facas e sondas. Um cirurgião habilidoso — e Larrey era bastante — podia amputar uma perna em menos de um minuto. Não havia anestésicos, exceto os efeitos entorpecentes do álcool, e nenhum antisséptico que não vinagre ou óleo de terebintina. Larrey preferia operar enquanto o paciente estava em choque, e descobrira que o índice de recuperação de homens assim tratados era muito mais alto, embora feridos no abdome tivessem muito poucas chances de sobreviver, independentemente da rapidez da operação. A maioria das baixas britânicas tinha que esperar muito tempo antes de receber assistência médica, e muitos homens feridos em Quatre Bras só foram atendidos por um cirurgião quando chegaram à distante Bruxelas, enquanto Larrey operava muito perto do campo de batalha. Napoleão disse: "Ele foi o homem mais honesto e o melhor amigo do

soldado que conheci.”

Os britânicos só terminaram de resgatar seus feridos ao meio-dia, e enquanto isso Wellington dava instruções cuidadosas para a retirada do exército. A infantaria tinha que seguir primeiro, mas “de maneira a impedir que o inimigo observe o que fazemos”. O tenente Basil Jackson foi enviado para dar a ordem de retirada ao general Picton.

> Eu [o] encontrei numa casa de fazenda a curta distância da estrada de Charleroi, e [ele] acusou rispidamente o recebimento da ordem; evidentemente não gostou de se retirar de uma posição que mantivera com tanta coragem no dia anterior, e isso não me surpreendeu!

O que Jackson não sabia, e mais ninguém salvo Picton e seu ordenança, era que o irascível general galês fora atingido por uma bala de mosquete no dia anterior. A bala quebrara duas de suas costelas, o suficiente para deixar qualquer homem de mau humor, mas Picton escondeu o ferimento porque não queria que tentassem persuadi-lo a deixar o exército. De qualquer modo, ele estava irritadiço, obrigado a montar o cavalo de um soldado porque o cavalariço se apavorara e fugira com seus animais.

Wellington tinha mais de 30 mil homens e 70 canhões em Quatre Bras, e precisava movimentá-los ao longo de quase 13 quilômetros, até as elevações de Mont-Saint-Jean. Chegou a considerar a parada de seu exército mais perto de Quatre Bras, numa cadeia ondulada mais baixa ao norte de Genappe, mas decidiu que o terreno em Mont-Saint-Jean era mais favorável à defesa. Tinha consciência de que podia ser atacado a qualquer momento. Já ocorriam combates aleatórios porque os piquetes avançados dos dois exércitos disparavam uns contra os outros, e esse estrépito de mosquetes e fuzis poderia rapidamente crescer e se transformar no ruidoso troar da batalha. E o duque tinha que se retirar por uma única estrada, a *chaussée*, por onde precisavam passar todos os seus canhões e carroças. A infantaria e a maior parte da artilharia partiram na frente, enquanto a cavalaria e a artilharia mais leve permaneciam atrás, formando a retaguarda. Wellington queria que a retirada fosse feita com calma e, como que para demonstrar sua falta de preocupação, deitou-se num pasto, pôs um exemplar do jornal *The Sun* sobre o rosto e fingiu que dormia. Mas devia estar preocupado, porque cada momento significava gradativamente menos homens em Quatre Bras, e os que permaneciam ficavam cada vez mais vulneráveis a um ataque inimigo.

Mas o inimigo não apareceu.

Surpreendentemente, o marechal Ney não fez nada. Suas tropas estavam acampadas perto da vila de Frasnes, menos de 5 quilômetros ao sul do cruzamento de estradas, mas não receberam ordem alguma para atacar as forças minguantes ao norte, nem mesmo para patrulhar os campos onde haviam lutado com tanta fúria no

dia anterior. Houve algumas escaramuças enquanto os piquetes franceses avançados lutavam contra seus adversários correspondentes, mas Ney não ordenou qualquer ataque geral. Foi durante essas esporádicas trocas de tiros ao amanhecer de sábado, 17 de junho, que Edward Costello, infante, registrou um momento triste quando o 95º se retirava das posições que mantivera durante o dia anterior. Nem todas as mulheres que seguiam o exército haviam ficado em Bruxelas e muitas, como Martha Deacon, haviam acompanhado seus homens. A companhia de Costello recuava por uma trilha que dava na estrada de Nivelles. O caminho, disse ele:

> estava parcialmente protegido do fogo inimigo por uma sebe, quando um de meus companheiros ouviu o choro de uma criança do outro lado; ao olhar por cima, ele viu um menino bonito, de 2 ou 3 anos de idade, ao lado de sua mãe morta, que ainda sangrava copiosamente de um ferimento na cabeça, ocasionado, muito provavelmente, por uma bala perdida do inimigo. Nós nos revezamos para carregar a criança sem mãe, e talvez órfã, para Genappe, onde encontramos várias mulheres de nossa divisão, uma delas reconheceu o pequeno companheiro, acho que disse que ele pertencia a um soldado do First Royals.

Embora os piquetes dos dois lados trocassem tiros, os franceses pareciam ignorar a retirada de Wellington. O marechal Ney de algum modo pensou que esse sábado seria um dia de descanso para suas tropas e, então, sob grandes nuvens negras que aos poucos vinham do norte para cobrir o céu, os britânicos e os holandeses escapuliram até que, às 14h, restava apenas a retaguarda da cavalaria e da artilharia a cavalo.

A inatividade de Ney foi imperdoável. Sua tarefa naquela manhã seria tornar a vida de Wellington difícil atacando novamente, porque Wellington seria forçado a deixar tropas em Quatre Bras para enfrentar os ataques franceses e essas tropas poderiam ser ameaçadas por uma investida vinda de Ligny. Na verdade, Wellington se encontrava numa posição muito precária, exposto ao sul e ao leste, e com apenas uma estrada como rota de escape para o norte. Ele podia, é evidente, ter se retirado para Nivelles, a oeste, mas isso o deixaria mais longe dos prussianos, e o duque não estava pensando em abandonar a campanha conjunta. Portanto, Ney tinha uma excelente oportunidade de deixar Wellington sem saída, mas nada fez. Napoleão, quando descobriu a retirada britânica, humilhou Ney publicamente, dizendo na frente dele e de outros, "*On a perdu la France*!", você perdeu a França!, mas o comportamento do próprio imperador naquela manhã de sábado não fora muito melhor.

Napoleão dormiu até tarde e acordou com um humor afável. Insistiu em visitar o campo de batalha em Ligny, como que se deleitando com a vitória que tivera no dia anterior. Ele supunha que Wellington, assim como Blücher, estava em retirada, e não tinha qualquer pressa evidente em perseguir qualquer um dos dois exércitos. Enviou, sim, patrulhas da cavalaria para o leste, a fim de encontrar os prussianos, e esses

cavalarianos enviaram relatos de que os homens de Blücher fugiam para o leste em desordem. Na verdade, essas tropas desordenadas na estrada para Namur eram soldados da Renânia que haviam desertado do exército prussiano. Blücher não estava na estrada de Namur, deslocava-se para o norte, na direção de Wavre.

Napoleão soube também que o exército de Wellington, longe de estar se retirando, ainda mantinha Quatre Bras. A informação o deixou pasmo. Poderia Wellington ser tão estúpido? Percebendo uma oportunidade, Napoleão enviou ordens para Ney fixar Wellington no lugar enquanto o imperador deslocava 69 mil homens a fim de atacar o flanco esquerdo exposto do duque. Entrementes, destacou um quarto de seu exército — 33 mil homens sob o comando do marechal Grouchy — e ordenou que essa força perseguisse os prussianos.

Essa foi a manhã em que Napoleão podia ter vencido a campanha. Os homens de Ney já estavam bem próximos de Wellington e o restante de seu exército se encontrava a não mais que uma hora de marcha das forças britânico-holandesas. Se Napoleão tivesse atacado ao amanhecer, Wellington certamente estaria perdido, mas o imperador deixou a manhã se escoar em desperdício e, quando chegou a Quatre Bras no início da tarde, encontrou as últimas unidades do Exército britânico-holandês partindo, sem serem incomodadas pelas tropas de Ney, que preparavam refeições em seus acampamentos. "*On a perdu la France!*", rosnara o imperador para Ney, mas o Napoleão fora quase tão apático quanto o marechal. Os franceses, naquela manhã de sábado, deveriam ter perseguido os prussianos de Blücher e atacado Wellington sem demora, mas não fizeram uma coisa nem outra. Pior, ainda não sabiam onde estavam os prussianos e tinham dado a Wellington o tempo que ele necessitava para se retirar em segurança.

Napoleão ordenou uma perseguição, enviando a cavalaria e a artilharia a cavalo para caçar os homens de Wellington, mas a natureza interveio. O céu se abriu. Aquelas nuvens negras que retumbavam trovões foram cortadas por relâmpagos e veio a chuva. Que chuva! Essa foi a tempestade que Wellington considerou pior do qualquer uma que havia experimentado na Índia das monções, um aguaceiro prolongado que transformou os campos em lama e lavou a tintura vermelha dos casacos da infantaria britânica, vazando-a para suas calças brancas e tornando-as cor-de-rosa. Mas essa infantaria estava bem avançada em seu caminho para Mont-Saint-Jean. A cavalaria e a artilharia a cavalo é que teriam que manter a perseguição francesa distante.

É hora de encontrar novamente Cavalié Mercer, o oficial artilheiro britânico cujos oficiais e praças receberam a notícia da fuga de Napoleão de Elba "com sincera alegria... todos ansiosos para se lançar no perigo e no derramamento de sangue, todos esperando obter glória e distinção". Mercer deixou um dos melhores e mais famosos relatos sobre a campanha de Waterloo, e sua bateria de artilharia a cavalo

foi uma das que precisaram conter a perseguição francesa. Pouco antes de a chuva cair, porém, ele viu Napoleão pela primeira vez.

> Eu ansiava por ver Napoleão, aquele guerreiro poderoso, gênio surpreendente que espalhara seu renome pelo mundo. Então eu o vi e foi um momento sublime raramente igualado. O céu se tornara nublado desde a manhã, e, naquele exato instante, apresentava uma aparência extraordinária. Grandes massas isoladas de nuvens de trovoada, do negro mais profundo, quase como tinta, as bordas de baixo firmes e fortemente definidas, vagarosas e baixas, como que prestes a estourar a qualquer momento, pairavam sobre nós [...] enquanto a colina distante recém-ocupada pelo exército francês ainda era banhada por um sol brilhante [...] quando um cavaleiro só, imediatamente seguido por vários outros, surgiu no platô.

Mercer teve um vislumbre do imperador montando sua égua branca, Désirée. Napoleão, ao ver o recuo da retaguarda britânica, lançou sua cavalaria em perseguição. O combate mais feroz foi perto de Genappe, a vila que ficava pouco menos de 5 quilômetros ao norte de Quatre Bras. Os lanceiros franceses acossavam os hussardos britânicos e foram contra-atacados pelo Life Guards. A bateria de Mercer, assim como os outros artilheiros, foi encontrando posições vantajosas das quais disparava granadas contra a cavalaria inimiga antes de atracar palamenta e seguir galopando. Uma das unidades de artilharia era uma bateria de foguetes, nova arma que Wellington achava que só servia para assustar cavalos. Ele se deparara com foguetes pela primeira vez na Índia, onde eles foram empregados pelo inimigo, e depois na Espanha, onde os foguetes do coronel William Congreve foram desdobrados pela primeira vez, e o capitão Mercer ficou fascinado com sua primeira visão da arma moderna.

> Os lançadores de foguetes haviam montado um pequeno triângulo de ferro na estrada com um foguete encostado nele. A ordem de fogo é dada, o estopim é aceso; o míssil inquieto começa a cuspir fagulhas, mexe sua cauda durante mais ou menos um segundo e alça voo diretamente para a frente na *chaussée*. Há um canhão bem no seu caminho, e a granada na cabeça do foguete explode entre suas rodas; os artilheiros caem para a direita e a esquerda; e os dos outros canhões debandam, a bateria é abandonada num instante. Estranho; mas foi assim.

Foi estranho, possivelmente, porque aquele primeiro foguete foi extraordinariamente preciso. Depois disso todos os outros voaram de forma aleatória, alguns até se virando durante o voo para ameaçar os próprios britânicos. O duque teria ficado feliz caso se livrasse da bateria de foguetes, mas ela era patrocinada pelo príncipe regente e, portanto, Wellington era quase obrigado a empregá-la.

A chuva enfraqueceu a perseguição. Depois de chegar às ruas apertadas de Genappe, onde uma ponte estreita atravessava o rio Dyle, o exército deixou os franceses para trás, embora o capitão Mercer tenha escapado por pouco na vila. Lorde Uxbridge, vice de Wellington e comandante de toda a cavalaria britânico-holandesa, obrigou que Mercer e seus canhões o seguissem por uma trilha vicinal,

com largura apenas suficiente para a passagem dos canhões. Mercer não sabia o que Uxbridge queria, mas obedeceu, até que, subitamente, quando sua bateria atingiu campo aberto além da vila, a cavalaria inimiga apareceu menos de 50 metros à frente.

> Tudo aquilo me pareceu tão louco e incompreensível que às vezes mal posso acreditar que não foi mais do que um sonho confuso, mas foi verdade; o general-chefe da cavalaria se expondo em meio aos escaramuçadores de sua retaguarda e literalmente fazendo o papel de um segundo-tenente! "Por Deus, seremos todos capturados" (ou algo assim), exclamou lorde Uxbridge, esporeando seu cavalo para uma das margens floridas do campo, sobre a qual saltou, e lá se foi, deixando-nos para escapar do aperto da melhor maneira que pudéssemos.

Não havia espaço algum para os cavalos tracionarem os canhões e virá-los, então Mercer teve que desengatar as peças e manobrá-las à mão. Milagrosamente, a cavalaria inimiga não perturbou o processo trabalhoso e Mercer conseguiu conduzir sua bateria de volta ao centro da vila, onde descobriu lorde Uxbridge reunindo um grupo de resgate.

E todos seguiram em frente sob a chuva torrencial. A artilharia e as carroças usaram a estrada, a cavalaria progrediu pelo campo a leste da estrada, e a infantaria a oeste. Um oficial de Nassau, o capitão Friedrich Weiz, avaliou que o trabalho em equipe foi "exemplar" e que a retirada foi feita com eficiência, apesar do mau tempo e da perseguição francesa. Os britânicos perderiam menos de cem homens durante a jornada para Mont-Saint-Jean, os franceses provavelmente mais ou menos o mesmo. Um dos feridos do lado francês foi o coronel Jean Baptiste Sourd, que comandava um batalhão de lanceiros. Sourd subira na hierarquia, tornara-se barão do Império, e Napoleão acabara de lhe oferecer mais uma promoção, oferta à qual Sourd ainda não havia respondido. Agora, em Genappe, o coronel Sourd, de 40 anos, sofrera um corte sério, provavelmente causado pelo Life Guards, e teve de voltar para a estação de baixas onde Larrey, o cirurgião-geral, decidiu que seu braço direito tinha de ser amputado. Sourd deitou-se sobre a mesa e, enquanto Larrey cortava, serrava, suturava artérias e costurava uma aba da pele sobre o coto, o coronel ditava uma carta ao imperador:

> O maior favor que o senhor pode me fazer é deixar-me no comando do regimento que espero levar à vitória. Recuso a patente de general se o grande Napoleão me perdoar, porque o posto de coronel é suficiente.

Em seguida Sourd assinou a carta com a mão esquerda antes de voltar a montar seu cavalo e galopar atrás de seus homens que ainda seguiam a retaguarda britânica. Seus ferimentos curaram e Sourd sobreviveria até 1849. O coronel fora seriamente atingido num combate da cavalaria em Genappe, uma luta que deixou profunda impressão em muitos observadores britânicos. A cavalaria inglesa estava armada de

espadas ou sabres, mas os franceses tinham lanceiros. Esses lanceiros ocuparam a estrada entre as casas da cidadezinha, formando uma cerca quase impenetrável de lâminas sem qualquer flanco aberto que pudesse ser atacado. O 7º de Hussardos da Grã-Bretanha recebeu ordem de atacar os franceses, que então se encontravam perigosamente próximos das forças britânico-holandesas em retirada. O sargento-ajudante Cotton recordou-se de que os lanceiros eram "clientes difíceis de lidar":

> Quando nossa carga começou, as lanças deles estavam eretas, mas ao chegarmos a uma distância de dois ou três cavalos, eles abaixaram as pontas e agitaram as bandeirolas, o que assustou alguns de nossos cavalos.

As bandeirolas sobre as quais ele fala eram flâmulas presas por trás da fina lâmina de aço das lanças. O ataque do 7º de Hussardos fracassou, eles sofreram muito e depois, de novo, quando tentaram uma segunda carga. Os sobreviventes foram perseguidos por um grupo misto de lanceiros e couraceiros, que só foi contido por uma carga do Life Guards, cavalaria mais pesada, que conseguiu ultrapassar as lâminas compridas das lanças e lanhou os franceses com suas longas espadas. A lança era uma arma eficiente, principalmente numa perseguição, mas seu ponto fraco era o fato de que, se o inimigo conseguia se esquivar da lâmina, o lanceiro restava totalmente indefeso. Entretanto, os britânicos ficaram tão impressionados com o desempenho dos franceses que, depois das guerras, criaram seus próprios regimentos de lanceiros.

O Life Guards impediu a perseguição imediata, mas a chuva torrencial foi o que mais ajudou os homens de Wellington a escapar. "As trilhas estavam com uma lama tão profunda", recordou-se Hippolyte de Mauduit, da Guarda Imperial, "que achamos impossível manter qualquer ordem em nossas colunas". O tenente Jacques Martin, oficial da infantaria francesa, descreveu o caos:

> Uma tempestade, como eu nunca tinha visto, desabou de repente sobre nós [...] em poucos minutos a estrada e a planície não passavam de um alagadiço que se tornou ainda mais intransitável porque a tempestade persistiu pelo resto do dia e por toda a noite. Homens e cavalos afundavam até os joelhos na lama. A escuridão crescente impedia as tropas de ver umas às outras, os batalhões se misturaram e cada soldado marchava da melhor maneira que podia e onde podia. Já não éramos um exército, e sim um aglomerado de gente.

A perseguição francesa se transformou numa luta contra o mau tempo e a lama. A maior parte da infantaria marchava pelos campos, deixando a estrada pavimentada para os artilheiros, e os homens encontravam seus próprios caminhos, tentando evitar a lama pisoteada por aqueles que haviam passado antes, e se espalharam tanto que alguns só voltaram a se reunir às suas unidades de manhã. E ainda chovia. Então, quando a noite caiu, os cavaleiros franceses que seguiam à frente enfrentaram uma pequena subida na estrada e foram recebidos por uma repentina saraivada de

granadas. Anoitecia, o céu estava anormalmente escuro, com nuvens pesadas, a chuva caía torrencialmente e ali, no breu, houve clarões repentinos de fogo e sobre o extenso vale molhado vieram as granadas, deixando pequenos traços da fumaça de seus estopins, e os clarões dos disparos mostravam o tempo todo uma cadeia de elevações ao norte. As granadas explodiam, causando poucos danos, e algumas não explodiam porque o chão ensopado apagava os estopins, e então os tiros cessaram tão de repente quanto haviam começado.

Até então os canhões britânicos haviam sido disparados perto da estrada, mas a cavalaria francesa à frente vira os novos clarões ao longo de toda a cadeia que agora estava envolvida pela fumaça que pairava em meio à chuva forte. Eles sabiam o que essa fumaça significava: os canhões tinham deixado a estrada e estavam posicionados ao longo das elevações que o inimigo pretendia defender. Os britânicos haviam decidido manter as posições e a perseguição havia acabado. À frente dos franceses estavam o duque de Wellington e seu exército.

Oferecendo combate num lugar chamado Mont-Saint-Jean.

* * *

Quatrocentos anos antes, perto de uma vila chamada Azincourt, um exército inglês havia esperado travar batalha contra os franceses, e naquela noite de outubro chovera, e chovera, e o céu ecoara trovões. Era uma chuva forte e na manhã seguinte, quando finalmente parou, o campo onde os ingleses ofereciam combate era um atoleiro de lama. Foi essa lama, mais do que as flechas ou a coragem inglesas, que derrotou os soldados franceses. Carregados com mais de 20 ou quase 30 quilos de metal das armaduras, eles tiveram que enfrentar lama até a altura dos joelhos para alcançar seus oponentes. A lama espessa os cansou, de modo que quando eles chegaram à linha de Henrique V foram estraçalhados numa impiedosa carnificina.

E no domingo, 18 de junho de 1815, as terras do vale ao sul de Waterloo estariam lamacentas. Era um presságio.

Ou o imperador não conhecia a história ou decidiu que a chuva na véspera da batalha não era mau augúrio algum. Ele cometera erros nos dois anos anteriores, mas ainda estava supremamente confiante. O general Foy lembrou-se da previsão de Napoleão:

> Não há possibilidade de os prussianos e ingleses se juntarem por mais dois dias depois de uma batalha como Fleurus [Ligny] e levando-se em conta o fato de que eles estão sendo perseguidos por um número considerável de soldados. Só temos que estar muito felizes se os ingleses decidirem ficar, porque a batalha que se aproxima salvará a França e será celebrada na história do mundo!

Esta é uma mudança e tanto em relação a "*On a perdu la France!*", mas o

comentário feroz fora feito num acesso de raiva, quando Napoleão percebeu que Ney deixara escapar uma oportunidade. Porém, apesar da chance perdida, o imperador ainda tinha bons motivos para estar confiante. Até onde ele sabia, os prussianos recuavam para o leste, perseguidos pelo marechal Grouchy, enquanto Wellington estupidamente havia oferecido combate.

> Terei meu fogo de artilharia e minha carga de cavalaria para forçar o inimigo a revelar suas posições, e quando estiver bem certo das posições que as tropas inglesas tomaram, marcharei diretamente para eles com minha Velha Guarda.

Napoleão era bastante propenso a fazer essas declarações desdenhosas, e sua tática no domingo 18 de junho não seria tão simples quanto ele previu, mas ainda assim indicaria confiança. Os franceses tinham boas fontes de inteligência entre os belgas de língua francesa, e o imperador devia saber que o exército de Wellington era uma coalizão frágil, enquanto o seu estava repleto de veteranos calejados pelas batalhas. O temor de Napoleão naquela noite era de que Wellington escapulisse na escuridão e privasse a França de uma grande vitória. "A chuva caía em torrentes", recordou Napoleão em suas memórias:

> Vários oficiais que haviam sido enviados para reconhecimento e alguns espiões que voltaram às três e meia confirmaram que as tropas anglo-holandesas não estavam se movendo [...] dois desertores belgas, que haviam acabado de deixar seu regimento, disseram-me que seu exército estava se preparando para a batalha e não havia qualquer recuo, que os belgas rezavam pelo meu êxito e que os ingleses e prussianos eram igualmente odiados ali. [...] O comandante inimigo não podia fazer nada mais contrário aos interesses de sua causa e seu país [...] do que ficar nas posições que ocupara. Ele tinha atrás de si os desfiladeiros da floresta de Soignes e, se fosse vencido, qualquer retirada seria impossível. [...] O dia começou a amanhecer. Voltei para meu quartel-general bem satisfeito com o grande erro que o comandante inimigo cometia [...] a oligarquia britânica seria derrubada por isso! A França, naquele dia, cavalgaria mais gloriosa, mais forte e mais poderosa que nunca!

O quartel-general de Napoleão naquela noite foi numa casa de fazenda, Le Caillou, um pouco ao sul do vasto vale onde seus inimigos esperavam. Ele passou a noite inquieto, o que está longe de ser uma surpresa, e bem cedo na manhã de sábado, 17 de junho, recebeu um comunicado de Grouchy que deve tê-lo perturbado. A mensagem dizia que os prussianos, em vez de recuar para o leste, haviam ido para o norte, em direção a Wavre, o que significava que as forças de Blücher estavam a poucas horas de marcha do vale ensopado de chuva sob o Mont-Saint-Jean, mas o imperador não pareceu se alarmar e só responderia a Grouchy no meio da manhã. Afinal de contas, ele havia despachado uma grande parte de seu exército para manter os prussianos ocupados. Aqueles 33 mil homens tinham sido enviados para impedir Blücher de se juntar a Wellington, e o imperador esperava poder impedir essa junção. Estava interessado apenas nas tropas que o enfrentavam, o Exército britânico-holandês, e, como nunca lutara uma batalha campal contra tropas

britânicas, pediu a opinião de seus generais. Foi no café da manhã em Le Caillou que o marechal Soult lhe disse: "Senhor, numa luta direta, a infantaria inglesa é o próprio demônio", uma opinião que irritou Napoleão, assim como o comentário sombrio do general Reille de que a infantaria britânica bem posicionada era *inexpugnável*, impenetrável. A resposta de Napoleão é famosa:

> Como você foi derrotado por Wellington, considera-o um bom general! E agora afirmo-lhe que Wellington é um general ruim, que os ingleses são soldados ruins e que esse caso estará encerrado antes do almoço!

Napoleão tem sido ridicularizado por essa afirmação, assim como por seu comentário desdenhoso de que Wellington não passava de um "general sipaio", mas, como observa Andrew Roberts em seu bom livro *Napoleon and Wellington*, o que mais o imperador poderia dizer na manhã da batalha? Sua tarefa era elevar o moral, e não elogiar a força do inimigo. Ele conhecia a reputação de Wellington, sabia que seus generais temiam o duque e, portanto, depreciou seu oponente com menosprezo. E é quase certo que ele acreditava ser um comandante melhor. "Existem noventa chances a nosso favor", disse a seus generais. Certa vez, afirmara que "batalhas não devem ser travadas se não se pode contar com pelo menos setenta por cento de chance de vitória".

Essa confiança viria da doença? Esta pode parecer uma pergunta estranha, mas existe a hipótese de que Napoleão padecia de acromegalia, um distúrbio hormonal raro que, entre outras coisas, provoca um otimismo excessivo. Tem sido sugerido também que Napoleão sofria de hemorroidas, constipação, cistite ou epilepsia. Tudo isso é apresentado como explicação para seu comportamento letárgico naquele junho. Ele estava certamente cansado, mas assim também estavam praticamente todos os oficiais importantes envolvidos na campanha. O falecido Sir John Keegan calculou que Wellington não teve mais do que nove horas e meia de sono nos três dias anteriores à Batalha de Waterloo, o que provavelmente foi menos do que o imperador.

Muitos argumentos sobre as doenças de Napoleão cheiram a desculpas, mas há poucas dúvidas de que ele não tinha a mesma energia de quando era mais jovem. O coronel Auguste-Louis Pétiet era do Estado-Maior do marechal Soult e teve muitas oportunidades de observar Napoleão.

> A corpulência de Napoleão aumentara. Sua cabeça se tornara maior e mais profundamente assentada entre os ombros. Sua barriga grande estava anormalmente pronunciada [...] era perceptível que ele permanecia montado no cavalo muito menos do que antes. [...] Eu achava difícil manter meus olhos afastados daquele homem extraordinário sobre o qual a Vitória durante tanto tempo derramara suas dádivas. Sua corpulência, sua tez branca embaciada e o caminhar pesado o faziam parecer muito diferente do general Bonaparte I que eu vira no início de minha carreira durante a campanha de 1800 na Itália, quando ele era tão alarmantemente magro que nenhum soldado em seu exército podia entender

como, com um corpo tão frágil e uma aparência tão doentia, ele podia resistir a tanta fadiga.

Contudo, cansado ou não, o imperador estava ansioso para combater. Seu temor, durante a noite, era de que Wellington recuasse mais, porém o amanhecer confirmou sua presença. Na noite anterior, ao ver seus acampamentos iluminarem o céu chuvoso, o imperador exultara, "*Ah! Je les tiens donc, ces Anglais!*". Ah! Esses ingleses, agora os peguei!

E assim foi.

* * *

O quartel-general britânico-holandês ficava na cidadezinha de Waterloo, onde o ajudante-geral escrevera a giz nomes nas portas para mostrar onde os homens estavam alojados. "Sua Graça, o Duque de Wellington" estava escrito na porta da frente de uma casa confortável na rua principal (hoje um museu) onde o duque passou grande parte da noite escrevendo cartas. Ele teve aproximadamente três horas de sono. A chuva continuava caindo.

Wellington escreveu para o embaixador britânico no Reino dos Países Baixos, Sir Charles Stuart, que estava em Ghent: "Por favor, mantenha os ingleses calmos, se puder. Deixe que todos se prepararem para partir, mas não com pressa nem medo, porque tudo sairá bem." Escreveu também para Lady Frances Webster, a amiga de 22 anos que ele encontrara no parque em Bruxelas. No alto da carta ele escreveu "Waterloo, manhã de domingo, 3 horas, 18 de junho de 1815":

> Minha prezada Lady Frances, lutamos uma batalha violenta sexta-feira, em que fui bem-sucedido, embora tivesse poucos soldados. Os prussianos foram tratados com muita brutalidade e recuaram à noite, o que me obrigou a fazer o mesmo, ontem, para este lugar. O curso das operações pode me obrigar a deixar Bruxelas a descoberto por um momento, e talvez a expor a cidade ao inimigo; por essa razão recomendo que você e sua família se preparem para seguir para Antuérpia a qualquer momento. Eu lhe darei a primeira informação sobre qualquer perigo que possa vir a meu conhecimento; no momento não sei de nenhum.

Não havia problema algum em aconselhar alguém a não entrar em pânico, mas ele já começara. Rumores se espalham rapidamente, e boatos corriam que os britânico-holandeses haviam sido derrotados, que os prussianos estavam fugindo e que Napoleão avançava impávido em direção a Bruxelas. Tupper Carey era assistente do intendente-geral e fora enviado a Bruxelas em busca de suprimentos.

> Eu mal viajara 1,5 quilômetro quando de repente o pânico pareceu tomar conta de todos diante do grito de que o inimigo se aproximava. A mim, que acabara de chegar da frente de batalha, onde tudo estava calmo, aquilo me pareceu ridículo. [...] Eu nunca havia testemunhado uma cena de tanta confusão e desatino. Para aumentar esses efeitos ruins, chovia muito e estávamos na floresta de Soignes. Os

> criados se livraram de suas bagagens, deixando-as cair no chão e em seguida, saltaram para cima de seus animais e galoparam para a retaguarda. [...] Os camponeses, carregando provisões nas carroças, cortaram os tirantes dos arreios e fugiram com os cavalos, abandonando as carroças.

Em Bruxelas não estava muito melhor. Rumores sobre a derrota de Wellington se espalhavam e os visitantes ingleses estavam desesperados por transporte para sair da cidade. John Booth, um civil inglês, encontrava-se lá naquela noite e deixou um relato sobre a confusão:

> É impossível descrever as disputas que aconteciam para chegar aos cavalos e carruagens; as brigas de patrões e criados, cavalariços, camareiras, cocheiros e cavalheiros, todos gritando ao mesmo tempo e xingando uns aos outros em francês, inglês e flamengo [...] palavras eram seguidas de socos [...] metade dos cocheiros belgas se recusava a ir ou a abandonar seus animais, e com muitas gesticulações clamavam a todos os santos e anjos do céu para testemunhar que não iriam, não, não para salvar o príncipe de Orange; e nem amor ou dinheiro, nem ameaças, nem súplicas poderiam induzi-los a alterar essa determinação. Aqueles que tinham cavalos, ou meios de consegui-los, partiram com impressionante rapidez, e uma carruagem inglesa após a outra tomou a estrada para Antuérpia.

Antuérpia fica diretamente ao norte de Bruxelas, e as estradas para o porto eram boas, assim como o sistema de canais. Viajantes afortunados podiam conseguir leito numa balsa que lhes servisse boas refeições em cabine de luxo enquanto cavalos a puxavam suavemente para o norte. Contudo, em 17 de junho, as balsas ou haviam saído de Bruxelas ou sido requisitadas pelo Exército britânico, que as usava como ambulâncias flutuantes para transportar feridos até os cais de Antuérpia. Rumores sobre uma grande derrota britânica em Quatre Bras chegaram à cidade com os refugiados, causando mais pânico. Boatos semelhantes haviam infectado os franceses no início da noite em Quatre Bras, onde "todos estavam fugindo em total confusão aos brados de 'Lá vem o inimigo!'". Ned Costello, o infante, escreveu: "É curioso observar que na retaguarda de um exército em campanha geralmente há confusão e alvoroço, enquanto tudo na frente é ordem e regularidade. Muitas pessoas imaginam o contrário."

O duque demonstrava ordem e regularidade. Em algum momento naquela noite ele recebeu a garantia de que os prussianos marchariam para ajudá-lo na manhã seguinte, e essa garantia era tudo o que ele precisava. Sua preocupação de então era que Napoleão flanqueasse sua direita e assim o impedisse de recuar para Ostend. E, para se proteger dessa eventualidade, Wellington postou 17 mil homens na vila de Hal. Esses soldados não teriam qualquer participação na batalha porque Napoleão nunca tentou manobrar para tirar Wellington de sua posição preparada, atacou-o apenas frontalmente, mas naquela noite chuvosa Wellington não tinha como saber o que o imperador planejava. O subcomandante do duque, o conde de Uxbridge, perguntou a Wellington o que ele planejava para a manhã e recebeu uma resposta bastante vaga. "Quem atacará primeiro amanhã", questionou o duque, "eu ou

Bonaparte?”.

“Bonaparte”, respondeu Uxbridge.

“Bem, Bonaparte não me deu nenhuma ideia de seus projetos, e como meus planos dependerão dos dele, como você pode esperar que eu lhe diga quais são os meus?”

Wellington não queria que Uxbridge fosse seu vice e chefe da cavalaria britânica. Tem sido sugerido com frequência que o motivo disso foi que Uxbridge fugira com a mulher do irmão caçula de Wellington, Henry. Um grande escândalo. Wellington teria preferido lorde Combermere como comandante da cavalaria. Sir Stapleton Cotton, como Combermere era chamado em 1812, liderara a cavalaria britânica na Batalha de Salamanca e desempenhara papel crucial naquela vitória impressionante, mas Uxbridge tinha apadrinhamento real e isso prevalecia sobre os desejos de um mero duque. “Lorde Uxbridge tem a reputação de fugir com todo mundo que pode”, ironizou um amigo ao duque quando a nomeação foi anunciada.

“Vou tomar cuidado para que ele não fuja comigo”, foi a réplica breve de Wellington. E na noite anterior à batalha, sem dúvida sentindo que fora duro demais com Uxbridge em seu comentário mordaz sobre seus planos, ele deu um tapinha no ombro de seu vice. “Uma coisa é certa, Uxbridge: o que quer que aconteça, você e eu cumpriremos nosso dever.”

Uxbridge era, na verdade, um cavalariano de talento, mas devia achar extremamente frustrante ser subcomandante de Wellington. O duque não delegava. Não tinha um chefe de Estado-Maior como tinham Blücher e o imperador. Ele era seu próprio chefe do Estado-Maior e acreditava que ninguém faria seu trabalho nem pela metade tão bem quanto ele sabia que podia fazer. A pergunta de lorde Uxbridge sobre o que o duque planejava era inteiramente justificada e merecia uma resposta ponderada, mas Wellington não queria uma discussão e certamente não desejava incitar Uxbridge a oferecer conselhos. Ele era o comandante e ponto final.

O tom das cartas que Wellington escreveu naquela noite e a rispidez com que tratou Uxbridge denunciam que ele não estava tão confiante quanto Napoleão. Nem era para estar. Ele acreditava que apenas metade de seu exército lutava bem, e esse exército seria derrotado se os prussianos não conseguissem chegar. O tsar podia ter chamado Wellington de conquistador do conquistador do mundo, mas ele ainda precisava provar isso, e deve ter sido assaltado pela dúvida naquela noite encharcada de chuva. Estava prestes a enfrentar o homem que era universalmente considerado o maior soldado da época, um homem que nunca encontrara numa batalha, e um homem com frequência chamado de gênio.

Mas Wellington sabia que não podia demonstrar nervosismo. De manhã, enquanto a chuva passava, ele encontrou seu amigo Álava, embaixador espanhol nos Países Baixos cuja presença em Waterloo se devia exclusivamente à sua lealdade ao duque. Álava preocupava-se porque Wellington não exteriorizava sua habitual

autoconfiança, mas o duque tranquilizou o amigo quando lhe indicou o vale onde os franceses estavam se preparando para a batalha. “Aquele camaradinha”, disse sobre Napoleão, “não sabe a surra que o aguarda!”.

* * *

Mas Napoleão só levaria uma surra se os prussianos chegassem. Esse é, talvez, o ponto mais importante para se entender a campanha de Waterloo. Há discussões sobre quem “venceu” a campanha, como se os prussianos e os britânicos disputassem essa honra. O fato essencial, no entanto, é que Wellington jamais teria oferecido resistência em Mont-Saint-Jean se não acreditasse que os prussianos marchariam para ajudá-lo, e Blücher nunca teria se arriscado a fazer essa marcha sem crer que Wellington conseguiria repelir os ataques franceses.

Gneisenau, o inteligente chefe do Estado-Maior de Blücher, argumentou a favor de abandonar Wellington. Ele tem sido alvo de muitas críticas, especialmente de analistas britânicos, por insistir numa retirada para o leste, mas, na verdade, estava sendo inteiramente responsável. Apontava os perigos a seu intenso e volúvel comandante. É fato que Gneisenau não tinha boa opinião sobre os soldados britânicos e achava que Wellington não era digno de confiança, e essas convicções sem dúvida distorciam sua visão, mas ele estava dizendo a Blücher que Wellington poderia apenas fingir oferecer resistência e em seguida escapulir, deixando o exército prussiano vulnerável. Napoleão poderia então se voltar contra os homens de Blücher, dando tempo a Wellington para salvar seu exército. Gneisenau acreditaria nisso? Talvez não, mas ele estava certo ao apresentar a Blücher tal possibilidade. O velho marechal tinha que tomar uma decisão e precisava saber os riscos que havia na opção de ajudar Wellington. E Gneisenau, quando estivera temporariamente no comando das forças prussianas enquanto Blücher se restabelecia dos ferimentos na vila de Mellery, certificara-se de que o recuo fosse para o norte. Posicionara oficiais do Estado-Maior na encruzilhada a fim de direcionar os homens para as estradas que levavam a Wavre. Mantivera as opções de seu comandante em aberto.

Gneisenau, quaisquer que fossem suas opiniões particulares sobre seus aliados britânico-holandeses, não forçou suas objeções. Quando Blücher decidiu marchar para ajudar Wellington, Gneisenau pôs os planos em ação. Um jovem oficial do Estado-Maior do exército de Blücher escreveu mais tarde:

> Blücher abandonara sua linha natural de retirada em troca do contato com o duque de Wellington porque achou que a primeira batalha, até certo ponto, não fora bem executada e ele estava, portanto, determinado a travar a segunda. Então informou ao duque de Wellington que chegaria para lhe dar assistência com todo o seu exército.

Esse jovem oficial era o major Carl von Clausewitz, que se tornaria um dos mais celebrados escritores sobre guerra. Ele aguentara o recuo para Wavre, uma jornada terrível na escuridão que a chuva torrencial tornou perigosa. Descreveu numa carta para sua esposa como as tropas tiveram que se esforçar ao longo da estrada encharcada, sempre temendo uma perseguição francesa. "Acho que meu cabelo ficou grisalho naquela noite."

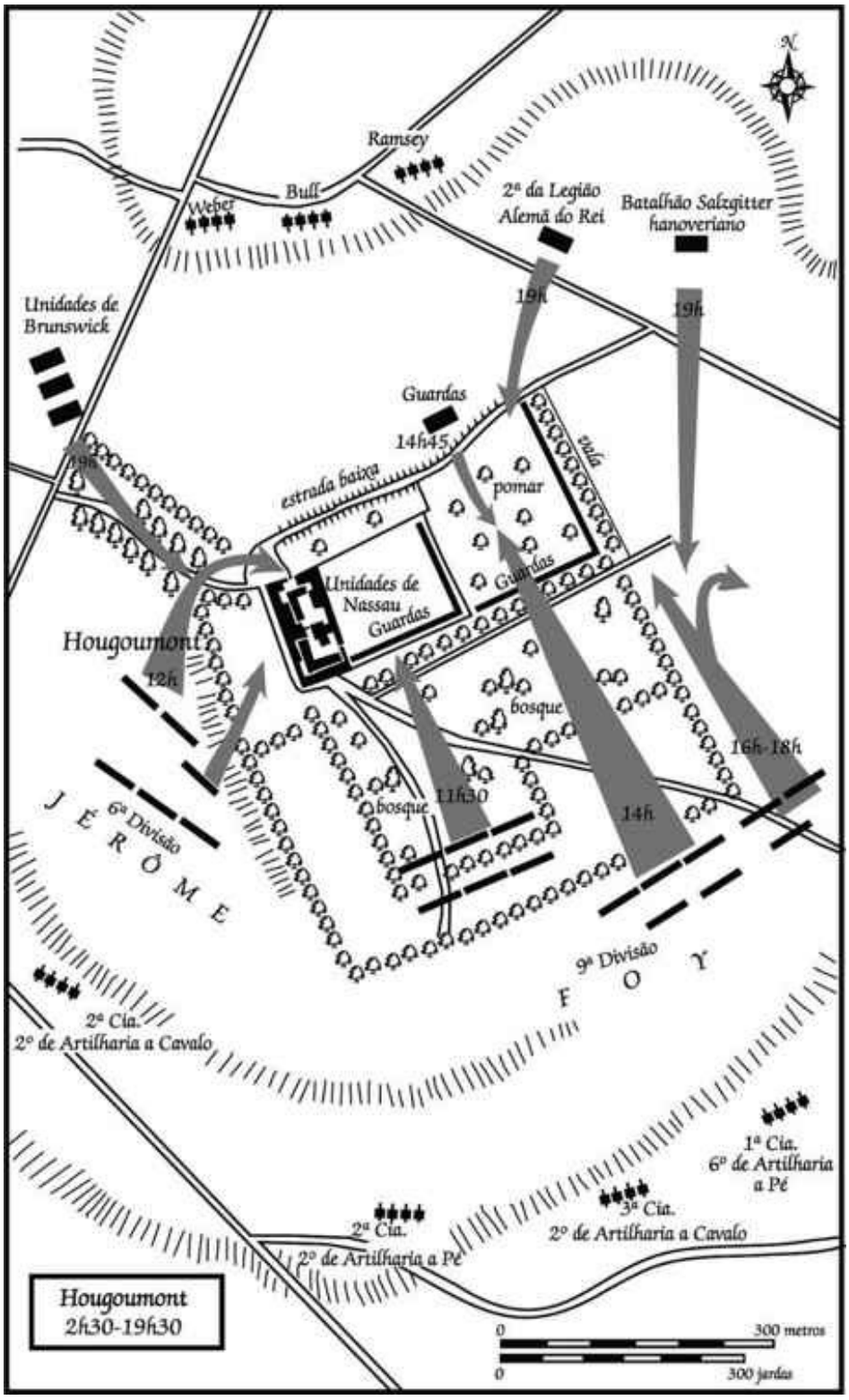
Mas a perseguição francesa não se materializou. Grouchy tinha 33 mil homens e 96 canhões para acossar os prussianos, mas não sabia para onde olhar; na verdade, havia tão poucas evidências de atividade francesa no amanhecer de 18 de junho que Blücher supôs que Napoleão não despachara homem algum para segui-lo. Apesar do mau tempo, da escuridão e da derrota que sofrera em Ligny, o exército prussiano estava agora a menos de 20 quilômetros das forças de Wellington. Eram quilômetros difíceis, transpondo riachos e colinas íngremes, mas Blücher prometera a Wellington que marcharia, e assim fez. "Mais uma vez conduzirei vocês contra o inimigo", declarou o velho marechal em sua ordem do dia, "e nós o derrotaremos, porque temos que fazê-lo!".

Em Ligny, o imperador preparara uma armadilha para Blücher, na esperança de que Ney ou D'Erlon caíssem como um raio sobre o flanco direito prussiano. A armadilha falhou.

Blücher esperava que Wellington viesse para Ligny e atacasse o flanco esquerdo francês, mas essa armadilha também falhou.

Agora uma terceira armadilha era montada. Wellington era a isca, Napoleão, a vítima pretendida, e Blücher, o executor.

Amanhecia no domingo, 18 de junho de 1815.


N
Ramsey
Bull
Weber
2ª da Legião Alemã do Rei
Batalhão Salzgitter hanoveriano
19h
19h
Unidades de Brunswick
Guardas
14h45
estrada baixa
pomar
sebe
Unidades de Nassau
Guardas
Guardas
Hougoumont
12h
bosque
16h-18h
bosque
11h30
14h
6ª Divisão
J É R Ô M E
9ª Divisão
F O Y
2ª Cia.
2º de Artilharia a Cavalo
1ª Cia.
6º de Artilharia a Pé
3ª Cia.
2º de Artilharia a Cavalo
2ª Cia.
2º de Artilharia a Pé
Hougoumont
2h30-19h30
0
300 metros
0
300 jardas

6

Uma bala de canhão veio sabe Deus de onde e arrancou a cabeça de nosso ajudante

Os generais tinham telhados sobre suas cabeças, mas para a maioria dos soldados a véspera da batalha foi um pesadelo de chuva, lama e privações. Poucos tinham algum abrigo. William Gibney era um cirurgião da cavalaria britânica e teve mais sorte do que alguns porque pelo menos contava com algo para comer e beber:

> Não havia escolha; tivemos que nos acomodar na lama e na sujeira da melhor maneira que podíamos; e aqueles que tinham algumas provisões eram os sortudos. Como eu conseguira um pouco de língua de manhã (mas se era cozida ou apenas defumada e salgada não sei) e tinha um bom dedo de conhaque no cantil, estava melhor do que muitos. Procurei um lugar mais seco para deitar. [...] Era tudo lama, mas conseguimos um pouco de palha e galhos de árvores e com isso tentamos diminuir o lamaçal e fazer um abrigo tosco contra as torrentes de chuva que caíram a noite inteira; enrolamo-nos nas capas e nos aconchegamos uns aos outros, deitados mesmo na lama.

Ele afirmou ter dormido "como uma pedra", mas se o fez foi um dos poucos. Outro cirurgião da cavalaria, John Gordon Smith, recordou-se que seus dragões precisavam de comida, bebida e fogo:

> Primeiro nossos homens receberam certos suprimentos; os cavalos também, pelo menos em parte, tinham sido cuidados, mas não receberam água! Havia um poço perto da vila ou aldeia de Saint-Jean, e esta era a única fonte à qual milhares de sedentos tinham acesso. O primeiro ataque ao poço foi o último; a corda rompeu e o balde caiu numa profundidade de onde não podia ser recuperado. Decepcionados com o artigo água, nossa atenção foi atraída para o fogo, em cuja obtenção fomos muito bem-sucedidos. A vila adjacente forneceu combustível em abundância. Portas e janelas, móveis de todo tipo, carroças, arados, ancinhos, carrinhos de mão, caixas de relógios, barris, mesas, etc. etc. foram carregados ou rolados para o bivaque e, depois de quebrados, viraram fogueiras potentes, apesar da chuva. As cadeiras, por outro lado, foram utilizadas. Oficiais pagavam dois francos por cada uma delas, e os homens pareciam, de início, capazes de conservar os suprimentos. Isso acabou não acontecendo, e eu pelo menos fiquei satisfeito por comprar um feixe de palha. Em frente ao campo que os cavalos ocupavam passava uma lamacenta estrada carroçável (sobre a qual a fogueira dos oficiais foi acesa) e à beira dessa estrada havia um dreno, ou uma vala rasa. Ali, alguns de nós depositamos nossa palha e resolvemos nos acomodar para a noite, cobertos por nossas capas; mas a natureza barrenta do fundo era tal que a chuva não afundava na terra, e sim subia como num buraco no casco de navio, em meio à palha, e ficamos, em consequência, mais ensopados por baixo do que por cima.

As cadeiras, é claro, eram para manter os traseiros dos oficiais fora da lama. O duque de Wellington se opunha ferozmente a saquear os civis e punia severamente os homens por esses roubos. Seu motivo, além da preservação da disciplina, era impedir que se fizessem inimigos desnecessários. Na Espanha, os exércitos franceses haviam provocado o ódio de quase todos os espanhóis com seu comportamento predador, e o resultado havia sido a guerra de guerrilha que contribuíra tanto quanto os combates formais para derrotar os exércitos de Napoleão. Quando Wellington invadiu o sul da França, em 1814, exerceu um controle feroz para impedir que seus homens roubassem a população civil, mas ali, na véspera da batalha, os soldados receberam licença para saquear. Foi o general Sir Frederick Adam, e não Wellington, quem permitiu esse comportamento. O segundo-tenente Richard Cocks Eyre, cujo Batalhão de Fuzileiros estivera "brincando" com lanceiros franceses perto de Mons dois dias antes, diz que na noite de 17 de junho seus homens estavam, "assim como tantos, metade afogados e metade ratos famintos". Então eles receberam

> licença do general Adam, que comandava nossa brigada, para saquear três casas de fazenda [...]. A ideia de um fogo foi muito consoladora! Cadeiras, mesas, sofás, berços, batedeiras, barris e todo tipo de combustível logo estavam crepitando nas chamas, nossos companheiros em seguida começaram a abater todos os animais que o curral continha e em menos de uma hora tivemos um café da manhã delicioso com bife, porco, vitela, pato, frango, batatas e outras iguarias que eu ataquei como nunca.

O segundo-tenente Eyre teve sorte, alguns homens não tiveram sequer o conforto de uma fogueira, que dirá um banquete. O soldado Matthew Clay, dos Guardas, passou a noite à beira de uma trincheira, parcialmente abrigado por uma sebe espessa. Outros homens dormiram ao relento, usando suas mochilas como travesseiros. O sono foi pouco para todos eles. Trovões atravessavam a escuridão que de vez em quando era cortada por raios, e cavalos, amarrados a uma corda sobre o solo molhado, soltaram-se e galoparam em pânico em meio aos soldados bivacados. Um dos cavalos que escapou pertencia ao capitão Johnny Kincaid, do 95º de Fuzileiros. Ele amarrara as rédeas a uma das espadas-baionetas (os fuzileiros portavam uma baioneta com punho de espada e uma lâmina com cerca de 60 centímetros) de seus homens, enfiara a lâmina na terra e fora dormir. Ao acordar, descobriu que o animal sumira e se desesperou para encontrá-lo, mas, passada uma hora, o cavalo foi descoberto pastando entre dois animais da artilharia, a baioneta ainda amarrada às rédeas. E durante toda aquela noite a chuva continuou caindo torrencialmente, encharcando o chão, abatendo as plantações e inundando as trincheiras. O capitão Mercer se aconchegou com outros oficiais:

> Não sei como meus camaradas conseguiram, mas todos nós ficamos deitados por muito tempo perfeitamente quietos e em silêncio, os velhos experientes da Peninsular evitando reclamar diante dos

recrutas novatos, e estes temendo fazer isso para não provocar comentários como "Senhor, tende piedade dessa pobre carcaça macia! O que alguém como você teria feito nos Pirineus?", ou "Ah, meu garoto! Isso é brincadeira de criança comparado ao que vimos na Espanha!". Então todos aqueles que não dormiram (acredito que a maioria) fingiram que sim e suportaram seu sofrimento com heroísmo admirável.

Para os franceses foi pior. Os homens de Wellington pelo menos haviam chegado a Mont-Saint-Jean de dia e tiveram tempo de saquear e quebrar móveis para alimentar suas fogueiras. As tropas de Napoleão, por outro lado, foram chegando durante a primeira metade da noite. Os britânicos, a mais ou menos 1,5 quilômetro de distância, podiam ouvir o som das rodas de carroças, canhões e carretas de artilharia roncando sobre a estrada de Bruxelas. A escuridão cada vez mais densa significava que os franceses tinham poucas oportunidades para procurar combustível ou comida. Alguns cavalarianos dormiram no lombo de seus cavalos, ou tentaram dormir, e devem ter invejado as fogueiras britânico-holandesas ardendo em meio à chuva incessante.

Haviam chegado ao vale 150 mil homens, que tentaram dormir naquela escuridão varrida pela chuva, sabendo que de manhã haveria uma batalha. É impossível dar os números exatos, exceto da artilharia, mas o exército de Napoleão tinha algo em torno de 77.500 homens com 246 canhões. Wellington esperava por ele com aproximadamente 73.200 homens e 157 canhões. Blücher, com outros 100 mil homens e 240 canhões, se encontrava quase 20 quilômetros a leste. Por enquanto Blücher não podia participar da batalha, mas ele prometeu mandar metade de seus homens e 134 canhões para Mont-Saint-Jean. Napoleão, portanto, precisava derrotar Wellington antes que essas tropas prussianas conseguissem chegar.

O imperador possuía mais soldados do que Wellington, mas não muito mais. A verdadeira vantagem dele era que suas tropas, no conjunto, eram melhores. Wellington tinha fé irrestrita em suas unidades britânicas e naquelas da Legião Alemã do Rei, mas o restante — aproximadamente metade de seu exército — era de qualidade duvidosa e lealdade incerta. A segunda vantagem de Napoleão estava na quantidade de peças e na eficiência de sua artilharia. Napoleão era um artilheiro por formação. As peças eram suas "filhas bonitas", mas a eficácia dessas filhas seria dificultada pela lama.

Assim como a lama em Azincourt* havia tornado os homens de armas franceses mais lentos e cansados, a lama de Waterloo ajudaria os soldados de Wellington. Napoleão gostava de empregar seus canhões para martelar o inimigo, para enfraquecê-lo a longa distância, assim como destroçara a infantaria prussiana desabrigada em Ligny. Um batalhão em linha, quadrado ou coluna era um alvo suficientemente fácil, mas a longas distâncias, os artilheiros gostavam de "fazer quicar" suas balas de canhão. Isso era um pouco como fazer uma pedra saltitar

sobre um lago, salvo que a bola pesada era apontada para antes do alvo e saltava uma, duas ou muitas vezes antes de acertá-lo. De maneira talvez surpreendente, era método mais preciso do que o tiro direto. Se um artilheiro apontava para atingir diretamente seu alvo, sem quicar a bala, qualquer pequena variação na carga de pólvora ou na própria bala podia afetar o voo, e um tiro alto não causava dano algum. Um disparo quicado era realizado com pequena elevação do tubo e acertava o alvo quase sempre; no entanto, a lama tornava lentos esses tipos de disparos e até os detinha. A lama afetou as granadas também. A bala de canhão era sólida, a granada era uma esfera de ferro oca cheia de pólvora e o terreno em Waterloo era tão macio que muitas granadas se enterravam antes de explodir, ou então o estopim aceso era apagado pela terra úmida. Os obuseiros eram peças que faziam disparos mais verticais, permitindo aos artilheiros lançar granadas por cima de obstáculos intervenientes, ou contra as vertentes opostas, onde Wellington gostava de proteger suas tropas, e as granadas dos obuseiros eram também particularmente propensas a ser engolfadas pela lama ao cair.

Napoleão tinha cerca 53 mil soldados de infantaria, quase o mesmo número de Wellington, embora, de novo, as tropas de Wellington fossem de qualidade variável. A artilharia podia castigar o inimigo e a cavalaria destruir unidades vulneráveis, mas a infantaria vencia as batalhas. Eram os infantes que tinham que realizar os ataques para conquistar o terreno do inimigo e o manter. A cavalaria podia penetrar fundo no território do oponente, mas, como Kellerman havia descoberto em Quatre Bras, quando lá se encontrava, tornava-se terrivelmente vulnerável a mosquetes e disparos de canhões. Para subjugar uma infantaria um general precisava de sua própria infantaria, e ali Napoleão realmente não tinha vantagem alguma. A fim de penetrar nas posições de Wellington, a infantaria do imperador precisava avançar por quase 1 quilômetro de terreno aberto, o tempo todo açoitada pelos canhões britânico-holandeses, enquanto seus adversários podiam permanecer abaixados até o último momento, para então se engajarem numa troca de tiros de infantaria versus infantaria, travada a uma distância muito curta. E, como já vimos, era quase impossível movimentar homens em linha em campo aberto. Os franceses teriam que avançar em coluna e seriam confrontados por linhas. Os atacantes, é claro, formariam linha quando estivessem bem perto do inimigo, mas precisavam atravessar o vale em coluna, e a coluna era um alvo apetitoso para o artilheiro.

Quando amanheceu naquele domingo úmido, os franceses puderam ver o inimigo esperando na cadeia distante de elevações, embora muitas tropas britânico-holandesas estivessem escondidas nas vertentes opostas. Entretanto, o formato do campo de batalha estava bem visível, e ele era pequeno. Waterloo foi uma das batalhas travadas em espaço mais apertado; três exércitos combatendo em pouco menos de 8 quilômetros quadrados.

O centro francês estava na taberna chamada La Belle Alliance, situada onde a estrada passava pela cadeia sul de elevações. Um homem em pé junto à taberna e olhando para o norte, na direção da estrada, veria à sua frente o vale se espalhando à esquerda e à direita. As linhas de elevações não eram paralelas, ambas eram curvas, sendo que a do norte formava um semicírculo com a concavidade virada para o sul; e a linha do sul era quase uma imagem no espelho, de modo que o vale formava uma espécie de grande arena circular natural. O limite leste dessa arena era marcado por construções de pedra dispersas, algumas de madeira, e para além delas havia um interior irregular. As pequenas colinas, cortadas por riachos e pelas cabeceiras do rio Lasne, eram facilmente defendidas e difíceis de serem atacadas, portanto a extremidade leste do campo de batalha era definida por esse interior mais acidentado. Havia algumas aldeias espalhadas e grandes fazendas às margens das estradas desse terreno mais movimentado: Papelotte, La Haie (não confundir com La Haie Sainte), Smohain, Frichermont, todas elas capazes de servir como sólidas fortalezas de pedra, portanto aquele flanco, o flanco esquerdo britânico-holandês, não era o espaço ideal para tentar manobrar e desbordar as forças de Wellington. Atrás das linhas francesas, ainda à direita delas, havia uma grande vila chamada Plancenoit. A maioria dos franceses provavelmente deu pouca atenção a ela. A vila estava atrás deles, portanto era improvável que fizesse parte de qualquer batalha contra os homens de Wellington, mas no fim do dia ela seria local de carnificina.

Napoleão passou a maior parte daquele dia perto de La Belle Alliance. Wellington estava muito mais ativo do que o imperador, mas quando não tinha trabalho em outros lugares tendia a ficar perto de um olmo que havia nas proximidades de uma intercessão de estradas, no centro da cadeia norte. A distância de La Belle Alliance para aquele elmo era de uns 1.400 metros, e da encruzilhada para Papelotte, a leste, também de aproximadamente 1.400 metros. Uma estrada menor passava pela crista das elevações do norte. Os franceses podiam ver as sebes da estrada, e entre estes últimos e a estrada se estendia o amplo vale com suas plantações altas de centeio, cevada e trigo. Para um observador em La Belle Alliance, essa faixa de campo aberto entre o elmo e Papelotte dava a impressão de ser uma encosta longa e suave levando à crista mais baixa da cadeia onde as forças de Wellington esperavam. Um ataque nesse campo aberto era muito possível.

O assalto frontal ao longo da estrada em direção ao elmo era bem mais difícil, porque a meio caminho da encosta suave das elevações distantes havia a sólida fazenda de pedra de La Haie Sainte, e os franceses podiam ver claramente que o inimigo guarnecera a fazenda. Qualquer ataque contra o centro de Wellington teria que enfrentar a fortaleza de La Haie Sainte e os fuzileiros de casaco verde posicionados num grande areal do outro lado da estrada em relação à fazenda. Esta e o areal ficavam a cerca de 200 metros, à frente da crista de elevações do norte.

À esquerda de La Haie Sainte havia outra faixa de campo aberto, com uma frente de cerca de 500 metros, outro lugar onde um ataque encontraria poucos obstáculos, embora tivesse que se afunilar entre a guarnição de La Haie Sainte e os defensores do grande complexo do Château Hougoumont.

Hougoumont era uma rica casa de fazenda construída diante da cadeia de elevações de Wellington, muito maior que La Haie Sainte. Havia uma casa de grande porte (o castelo), celeiros, uma capela, estábulos e outras construções externas, todos cercados por um muro de alvenaria alto. Existia também um jardim murado e um pomar cercado de sebe. Essa era outra fortaleza formidável, e era ali que as duas linhas de elevações se aproximavam mais, embora as encostas entre elas fossem as mais íngremes. Hougoumont seria uma castanha dura de quebrar, mas havia espaço suficiente entre ela e La Haie Sainte para um poderoso ataque da infantaria.

A leste de Papelotte, Napoleão encontraria dificuldade para virar o flanco esquerdo britânico-holandês, já que o campo irregular era muito fácil de ser defendido, porém o flanco direito de Wellington, para além de Hougoumont, deve ter-lhe atraído, de vez que o terreno era mais aberto. Se atacasse ali, na direção oeste, ele poderia forçar Wellington a abandonar suas posições na crista e virar o exército para enfrentar a nova ameaça. Wellington temia uma manobra assim e pusera a maior parte de suas tropas de reserva na vila de Braine l'Alleud, que ficava na retaguarda de seu flanco direito. Essas tropas poderiam confrontar um ataque pelo flanco, mas, se tudo desse errado e Wellington fosse forçado a recuar, ele tinha mais 17 mil homens na vila de Hal, 16 quilômetros a oeste de Waterloo, lá estacionados para formar uma retaguarda caso seu exército fosse forçado a recuar em direção ao mar. Pelo que se veria, esses 17 mil soldados não teriam qualquer participação nos combates do dia.

Napoleão também destacara parte de seu exército — 33 mil homens de Grouchy e 96 canhões — para perseguir os prussianos. A missão deles era encontrar os inimigos, combatê-los e, assim, impedir que os homens de Blücher pudessem ajudar Wellington.

Sendo assim, no amanhecer de domingo, 18 de junho, os três exércitos aguardam a batalha. A chuva finalmente para, embora pancadas passageiras ocorrerão durante a maior parte do dia e, apesar do verão, ainda está bastante frio. Os fuzileiros de Johnny Kincaid, tiritando ao lado da estrada, um pouco ao norte do olmo, fervem um grande caldeirão de água e jogam ali chá, açúcar e leite; "todos os figurões do exército tiveram sua vez de passar por ali", disse ele, e "acredito que todos eles, do duque para baixo, pediram uma xícara".

Os franceses não estavam em melhor situação. Louis Canler, soldado da infantaria de 18 anos, passou a noite na chuva com frio até os ossos, mas pelo menos houve um café da manhã ao raiar do dia. Sua companhia abateu um carneiro e o cozinhou

com um pouco de farinha para engrossar o caldo, mas faltou sal para temperar e um dos homens jogou um punhado de pólvora. A carne, recordou-se Canler, "tinha ficou com um gosto horrível".

O soldado Matthew Clay, o guarda que passara uma noite miserável ao lado de uma vala no pomar de Hougoumont, teve uma experiência bastante parecida. Ao amanhecer, disse ele:

> procuramos algum combustível na fazenda de Hougoumont e em seguida acendemos fogueiras e nos aquecemos. Sentíamos muitas câimbras nos membros por termos ficado sentados ao lado da vala úmida a noite inteira. O sargento de cada seção distribuiu um pedaço de pão pequeno, de mais ou menos 30 gramas, a cada homem e começou-se a perguntar ao longo das fileiras à procura de um açougueiro.

Um porco foi abatido, e a carcaça descarnada. Clay recebeu um pedaço da cabeça do animal, mas, apesar de ter torrado a carne, achou impossível comê-la. Então dedicou-se ao seu mosquete. Estava carregado, porque a guarnição de Hougoumont temera um ataque noturno que não viera, e ele então atirou contra uma margem enlameada. Ao longo das duas cadeias de elevações, soldados descarregavam seus mosquetes. A pólvora podia ter ficado úmida e ninguém queria um mosquete inútil quando o inimigo chegasse; disparavam então suas armas para se livrar da carga da noite anterior. Clay checou a munição, ajustou o gatilho de seu mosquete, o fecho aparafusado que mantinha a pederneira no lugar, em seguida passou óleo na mola potente e no gatilho. A umidade havia inchado a madeira de alguns mosquetes, obstruindo as molas.

Clay, assim como todos os outros casacos-vermelhos, portava um mosquete Brown Bess, embora na verdade essa arma não existisse. Havia mosquetes modelo Land, modelo India e modelo New Land, todos eles com o apelido de Brown Bess. O mosquete básico foi desenvolvido nos primeiros anos do século XVIII, cem anos antes de Waterloo, e um soldado do exército de Marlborough não teria tido dificuldade alguma em acionar um modelo New Land fabricado no início do século XIX. Os mosquetes eram pesados, com aproximadamente 4,5 quilos, incômodos, com um comprimento de cano de 99 ou 107 centímetros, e disparavam uma bala com diâmetro de cerca de 2 centímetros. Era possível disparar cinco tiros em um minuto, mas isso era excepcional, e o índice normal era de dois a três tiros por minuto, assim mesmo otimista. À medida que a batalha progredia os furos para a carga propelente dos mosquetes ficavam sujos de pólvora queimada, os canos se empastavam de resíduos de pólvora e as pederneiras lascavam e precisavam ser trocadas. Todavia, um batalhão britânico de quinhentos homens podia esperar disparar de mil a 1.500 tiros por minuto. Se disparasse de uma distância muito grande, digamos 90 metros, erraria a maioria dos tiros, porque o mosquete de alma lisa era notoriamente impreciso. Grande parte da imprecisão era causada pela

“folga”, que é a diferença entre o diâmetro interno do cano e o da bala. Tal diferença era, em geral, de aproximadamente 0,1 cm, o que tornava mais fácil (e, portanto, mais rápido) carregar a bala, mas ela saía aos saltos pelo interior do cano quando disparada e o último salto ditava a direção do voo. Vários testes foram feitos para avaliar a precisão de um mosquete, e um teste típico foi realizado pelos prussianos, que descobriram que um batalhão que dispara contra um alvo de 30 metros de largura e 1,80 metro de altura acerta 60% dos tiros a 68 metros de distância; 40% a 137 metros; e 25% a 205 metros. O coronel George Hanger, especialista em armas, escreveu em seu livro *To All Sportsmen*, publicado em 1814:

> O mosquete de um soldado, quando não excessivamente mal perfurado (como muitos são) acertará a figura de um homem a 73 metros, talvez até a mais de 91 metros; mas um soldado terá muita falta de sorte se for ferido por um mosquete comum a 137 metros, desde que seu antagonista mire nele; e se disparar contra um homem a 183 metros com um mosquete comum será o mesmo que tentar atingir a lua.

Estimativas sobre a eficiência do mosquete foram feitas durante as guerras napoleônicas. Na Batalha de Talavera, calculou-se que em meia hora 1.300 franceses foram mortos ou feridos, mas foram necessárias 30 mil balas de mosquete para conseguir isso! Em Vitoria, o exército de Wellington disparou 3.675.000 tiros e causou 8 mil baixas, o que significa um acerto para cada 459 tiros! A distâncias curtas os resultados são muito melhores, e os britânicos, especialmente, eram treinados para esperar até o que o inimigo estivesse bem perto antes de abrir fogo.

Os franceses também descarregavam suas armas. Ela era o mosquete Charleville, quase meio quilo mais leve do que o Brown Bess, e tão impreciso quanto. O calibre era menor, e isso significava que a infantaria francesa não podia usar as balas britânicas que eventualmente encontrasse em seus inimigos mortos ou feridos, enquanto os soldados britânicos podiam usar a munição francesa que catavam, e eles o faziam. A pólvora francesa era de qualidade significativamente pior do que a britânica, o que sujava mais rapidamente o cano e o furo da carga propelente. A maneira normal de limpar um cano da pólvora empastada era lavá-lo com água quente, mas a urina também era bastante eficiente.

O amanhecer encontrou os soldados de ambos os exércitos sentindo frio, úmidos e rígidos. “Se eu estiver com a metade de sua aparência ruim”, disse o capitão William Verner, do 7º de Hussardos britânicos, a um colega oficial, “eu parecerei miserável!”. O sargento Duncan Robertson, do 92º de Highlanders, avaliou: “Nunca senti tanto frio em minha vida.” Mas se recuperou um pouco quando o batalhão recebeu uma ração de gim. “Todo mundo estava coberto de lama”, recordou o cirurgião-assistente Haddy, do 1º Life Guards:

> E foi com a maior dificuldade que os homens conseguiram acender fogueiras, preparar um café da

> manhã, limpar suas armas e secar a munição. Várias horas decorreram calmamente, o tempo melhorou e, mais tarde, o sol apareceu [...] a maioria de nós estava esperando e quieta.

"Fomos incitados a sentir raiva do inimigo e ordenados para nos aprestar para a ação", lembrou-se o cirurgião-assistente William Gilbey, do 15º de Hussardos.

> Fizemos isso na escuridão, molhados, no desconforto, mas uma noite passada sob chuva torrencial, sentado sobre os quadris numa água lamacenta, em meio a pedaços de palha pendurados em volta, faz um homem se sentir e parecer estranho ao levantar pela primeira vez. De fato, era quase cômico observar os variados semblantes de nós, oficiais, quando, fumando cigarros e às vezes tremendo de frio, ficávamos olhando o fogo do qual saía mais fumaça do que calor. Era entediante esperar por ordens. Estávamos ansiosos para entrar em ação, mesmo que fosse só para fazer o sangue circular, porque tanto os cavalos quanto os homens tremiam de frio.

O duque de Wellington saiu de seu alojamento em Waterloo às 6h e percorreu a cavalo a curta distância até a crista do monte Saint-Jean, parando ao longo do caminho para pegar uma daquelas xícaras de chá quente dos fuzileiros de Kincaid. Uma vez na crista, ele cavalgou ao longo dela, inspecionando as posições. Ordenou que mais buracos fossem abertos no grande muro externo de Hougoumont. Müffling, o oficial de ligação prussiano, temia que o duque tivesse posto muito poucos homens no grande castelo com amplos jardins, pomar e construções de fazenda. "Ah, você não conhece Macdonell", respondeu o duque, "mandei Macdonell para lá". O tenente-coronel James Macdonell era um escocês de 34 anos que fora transferido para os Guardas de Coldstream em 1811. Sua missão naquele domingo era defender Hougoumont com 1.500 guardas e 600 aliados holandês-alemães.

E ao longo de toda a crista homens tentavam secar seus uniformes e a munição e apanhavam qualquer naco de alimento que conseguiam encontrar. Alguns soldados sortudos descobriram uma plantação de batatas e as desenterraram — limparam seus mosquetes e esperaram.

E esperaram.

E o ataque francês não vinha.

* * *

Napoleão tomou a decisão. Os artilheiros afirmaram que a terra estava molhada demais para suas peças. Os grandes canhões recuariam bastante a cada disparo e se enterrariam no lamaçal, e então seria uma luta tremenda arrancar essas armas pesadas da lama que as sugava e, de novo, apontá-las corretamente, portanto o imperador decidiu que esperaria duas ou três horas para deixar o terreno secar. Ainda haveria tempo suficiente para destruir o exército de Wellington. O marechal Soult, chefe do Estado-Maior do imperador, sugeriu que seria melhor atacar logo,

por temer que os prussianos pudessem chegar, mas Napoleão descartou a ideia. Os prussianos haviam sido vencidos, não? Não poderiam se recuperar a tempo de ajudar Wellington e, além disso, o marechal Grouchy não estava lá os deixando atarefados?

O imperador não desperdiçou as horas enquanto o terreno secava. Ele sabia do valor de uma guerra psicológica, por conseguinte, deliberadamente, começou a intimidar o exército que o esperava ao norte. A história é mais bem contada por um dos homens de Wellington, um cabo dos Royal Scots Greys. Ele realizava uma missão de piquete, postado na crista das elevações logo atrás da estrada com sebe que se estendia ao longo de tal crista, portanto alguns metros à frente de seu regimento protegido na vertente oposta, e ele teve uma visão esplêndida do dispositivo francês.

> Era dia e o sol de vez em quando enviava raios de luz brilhantes em meio às nuvens quebradas. Enquanto eu estava atrás da sebe irregular e das faias baixas que beiravam as margens elevadas da estrada rebaixada dos dois lados, pude ver o exército francês se formar em massas pesadas diante de mim. Eles estavam apenas a cerca de 1 quilômetro e meio de minha posição, mas a distância parecia maior, porque entre nós a neblina ainda preenchia os vazios. Havia grandes colunas de infantaria e esquadrão após esquadrão de couraceiros, dragões vermelhos, hussardos marrons e lanceiros verdes com flâmulas de rabo de andorinha na ponta de suas lanças. A visão mais impressionante foi a de um regimento dos couraceiros precipitando-se a pleno galope de um morro à minha frente, com a luz do sol refletindo brilhantemente em seus peitorais de aço. Um espetáculo extraordinário [...] Quem viu jamais poderia esquecer.
>
> Houve um repentino rufar de tambores ao longo de toda a linha do inimigo e uma explosão de música das bandas de uma centena de batalhões chegou a mim carregada pelo vento. [...] Então cada regimento começou a se mover. Entravam em posição para a batalha.

Era outra tentativa de intimidar o Exército britânico-holandês. Até certo ponto, funcionou. Alguns observadores disseram que os jovens soldados pouco treinados olharam pálidos e tremendo a glória da França concentrada desfilando sob o sol intermitente, mas os outros, veteranos da Península, já tinham visto tudo aquilo.

E todos ainda esperavam. Nove horas da manhã, dez horas. Os dois exércitos em posição com suas armas, as bandas tocando, mas ninguém se mexia. Napoleão ainda aguardava o terreno secar, embora tivesse tomado o cuidado de enviar novas ordens ao marechal Grouchy. Elas foram redigidas pelo marechal Soult, e tencionavam a garantia de que Blücher não tivesse a menor chance de interferir na grande batalha do dia. O documento trazia o cabeçalho, “Em frente à fazenda de Caillou, 18 de junho, 10h”, e parece que Grouchy ainda não sabe exatamente onde estão os prussianos, porque Soult precisa dizer a ele que finalmente havia relatos confirmando que pelo menos parte do exército de Blücher seguia para Wavre.

> O imperador me instrui a dizer a você que nesse momento Sua Majestade vai atacar o exército inglês já posicionado em Waterloo. [...] Portanto, Sua Majestade deseja que você direcione seus movimentos

> para Wavre, venha para perto de nós, coloque-se a par de nossas operações e ajuste suas comunicações conosco, tendo à sua frente as frações do Exército prussiano que tomaram a direção norte e podem ter parado em Wavre, onde você deve chegar o mais rápido possível. Você seguirá a coluna do inimigo à sua direita, usando algumas tropas leves para observar seus movimentos e capturar seus retardatários. Informe-me imediatamente sobre os dispositivos que você adotou e sua marcha, e também sobre qualquer notícia do inimigo, e não deixe de acertar suas comunicações conosco. O Imperador deseja ter notícias suas com muita frequência.

Vale a pena citar essa ordem detalhadamente porque ela é absurdamente incompreensível, e Grouchy, em vez de pedir elucidação, ateve-se ao simples comando de direcionar seus movimentos para Wavre. O que Napoleão parecia querer era que Grouchy posicionasse seu exército entre Blücher e o campo de Waterloo. Isso teria puxado Grouchy para mais perto de Napoleão, e nesse caso a ordem de "ter à sua frente as frações do exército prussiano" faz pouco sentido, porque Grouchy estaria simplesmente pastoreando os prussianos para Wellington. Se Blücher havia se retirado para Wavre — e o documento não deixa claro se os franceses estavam certos disso —, então Grouchy deveria segui-lo mantendo a coluna prussiana "à sua direita", e isso sim era coerente porque, mantendo os prussianos à sua direita, a seu leste, Grouchy estaria se colocando entre Blücher e Napoleão. Mas Grouchy também recebeu ordem para marchar para Wavre "o mais rápido possível". Avançando diretamente para Wavre, que foi a opção escolhida por Grouchy, os prussianos não estariam à sua direita, mas sim à sua frente e se desviando cada vez mais para a esquerda. Entre Wavre e Mont-Saint-Jean havia um desfiladeiro de margens íngremes pelo qual passava o rio Lasne, e os 33 mil homens e 96 canhões de Grouchy poderiam ter atrasado um exército dez vezes maior do que o seu durante horas nesse obstáculo. No entanto, presumivelmente, os franceses não sabiam desse desfiladeiro, então não pediram a Grouchy para defendê-lo. Em vez disso, esperava-se que ele direcionasse seus movimentos para Wavre, onde deveria chegar o mais rápido possível, e também que mantivesse o inimigo à sua frente, à sua direita e o atraísse para perto de Napoleão. Como fazer todas essas coisas contraditórias de uma só vez? Grouchy, que já estava alguns quilômetros a leste de Napoleão, decidiu que seu trabalho era marchar para o norte, para Wavre, e foi o que fez. E isso significou que as estradas do interior e o profundo vale do Lasne entre Wavre e Mont-Saint-Jean ficaram indefesos.

Mas o que isso importava? Napoleão estava certo de que os prussianos não poderiam se juntar a Wellington durante pelo menos dois dias, acreditava que tinha nove entre dez chances de vencer a batalha; além disso, perto das 11h, o terreno foi finalmente considerado firme o suficiente para permitir aos canhões dispararem.

E então começa a batalha. É possível especular que, com tantas memórias sobre a batalha, tantas testemunhas oculares que registraram suas lembranças daquele dia terrível, saberíamos exatamente como e quando a batalha começou, mas alguns

dizem que foi um canhão britânico que disparou primeiro, outros que foram os franceses, e ninguém consegue concordar com a hora em que um ou outro canhão disparou. A melhor estimativa é de que foi por volta das 11h20, e que os canhões à esquerda da linha de Napoleão dispararam primeiro. E, quando fizeram isso, as outras "filhas bonitas" do imperador abriram fogo, coroando a elevação de La Belle Alliance com a fumaça espessa da pólvora. Johnny Kincaid e seus fuzileiros haviam tomado posição no areal do outro lado da estrada de La Haie Sainte, que estava guarnecida pelas boas tropas da Legião Alemã do Rei. Sua posição, bem adiante da linha britânico-alemã, deu-lhe uma visão formidável dos primeiros movimentos da batalha. Ele viu uma massa de soldados da infantaria francesa de casacos azuis avançando pelo bosque em direção a Hougoumont e em seguida os canhões dispararam. "Uma bala de canhão veio sabe Deus de onde", disse ele, "e arrancou a cabeça de nosso ajudante." À sua frente agora estavam "inúmeros pontos" que ele reconheceu como peças de artilharia. Esses pontos desapareceram por trás da própria fumaça enquanto as balas de canhão retumbavam acima de suas cabeças, para atingir a crista da cadeia.

> Vimos o próprio Bonaparte assumir posição ao lado da estrada, imediatamente à nossa frente, cercado por uma equipe numerosa; e cada regimento, ao passar por ele, varava o ar com gritos de "*Vive l'Empereur!*", e não parava de bradar depois de passar; apoiados pelo trovão de sua artilharia e carregando com eles o rufar dos tambores e o agudo som das cornetas, além de seus gritos crescentes; a impressão, de início, foi que eles tinham alguma esperança de nos assustar para que deixássemos nossas posições no terreno.

Era um "contraste singular com o silêncio grave que reinava do nosso lado", disse Kincaid.

Mas o silêncio grave acabou. A batalha havia começado.

* * *

Blücher decidiu enviar primeiro seu 4º Corpo para ajudar Wellington, decisão consistente porque este grande-comando de seu exército não estivera envolvido na derrota em Ligny. Estava pronto para o combate, ileso, mas, inadequadamente, distante demais de Mont-Saint-Jean. Marchou ao amanhecer e se deparou com problemas quase instantâneos, porque um padeiro, ao acender seu forno em Wavre, conseguira incendiar sua casa e sua loja. A única estrada larga o bastante para permitir o deslocamento de canhões e carroças de munição passava pela casa em chamas. As duas máquinas de combate a incêndio da cidade — bombas manuais — foram arrastadas para o local e os soldados prussianos ajudaram a apagar as chamas, mas o fogo atrasou a marcha em pelo menos duas horas, porque era forte e quente

demais para permitir que as carroças de munição passassem em segurança.

O atraso significou que os homens do 2º Corpo de Blücher a se deslocar foram obrigados a esperar enquanto o 4º Corpo do general Von Büllow os ultrapassava. Blücher, nesse meio-tempo, enviou um mensageiro ao barão Carl von Müffling, oficial de ligação que prestava assistência cerrada a Wellington: "Solicito a Vossa Senhoria que diga ao duque de Wellington, em meu nome, que, mesmo muito machucado, pretendo me pôr à frente de minhas tropas." Blücher ainda sofria em decorrência da queda de cavalo em Ligny, mas, conforme escreveu mais tarde, "preferia ser amarrado ao meu cavalo a perder a batalha". Seu chefe Estado-Maior, Von Gneisenau, era bem mais cauteloso e acrescentou uma nota de advertência ao despacho, perguntando a Von Müffling se, em sua opinião, Wellington realmente estava disposto a combater ou simplesmente queria que Napoleão se voltasse contra os prussianos que chegavam, e ter um pretexto para escapar.

Uma vez fora de Wavre, as estradas para Mont-Saint-Jean eram atrozes, meros caminhos rurais que serpenteavam pela paisagem montanhosa. Um pastor local guiou as tropas, mas a marcha foi inevitavelmente lenta e difícil. "Foi preciso transpor trilhas malfeitas em desfiladeiros profundos", lembrou-se o tenente-coronel Von Reiche, um oficial do Estado-Maior:

> Havia bosques quase impenetráveis nos dois lados, de modo que não tínhamos oportunidade alguma de sair da estrada. O progresso foi muito lento, especialmente porque em diversos lugares homens e cavalos só podiam passar em fila indiana e a artilharia só se movia com enorme dificuldade. Como resultado, as colunas ficaram extremamente alongadas e, sempre que o terreno permitia, a frente da coluna tinha que parar para dar aos homens mais atrás tempo para se aproximarem.

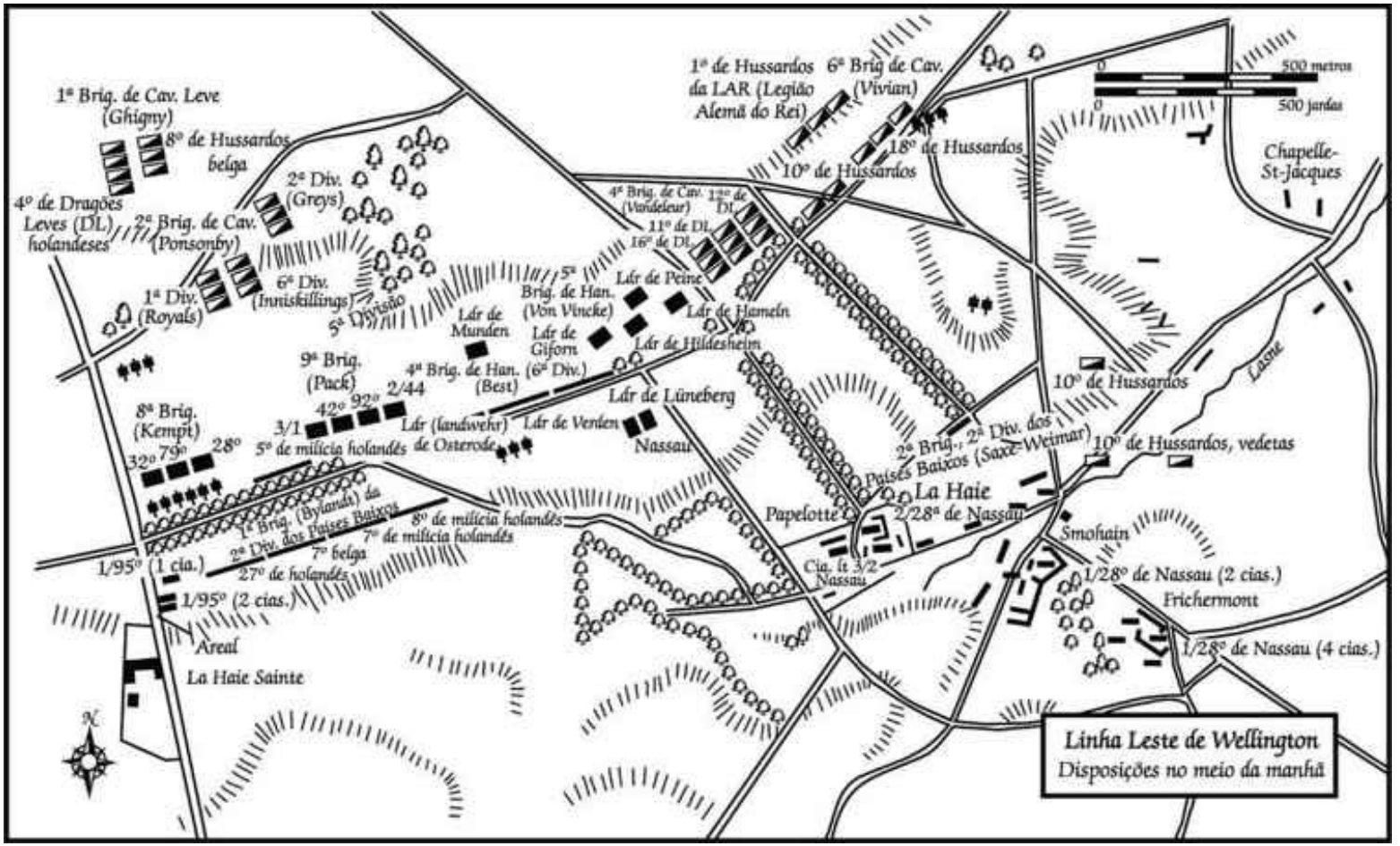
E à frente estava o desesperadamente difícil e íngreme desfiladeiro do rio Lasne, um lugar onde um pequeno grupo de soldados franceses poderia deter um exército. Mas as patrulhas da cavalaria de Blücher já haviam atravessado o desfiladeiro e descoberto que ele estava desprotegido. A estrada para Waterloo se encontrava livre.

E no fim da manhã, pouco depois de o próprio Blücher deixar Wavre e cavalgar para o oeste, o som de tiros de canhão ecoou nas colinas.

Quase 13 quilômetros ao sul de Wavre, o marechal Grouchy estava terminando um café da manhã tardio quando ouviu os canhões. Abandonou o prato de morangos e levou seu Estado-Maior para o jardim, onde eles ouviram o som distante. Alguns, talvez suspeitando de que estivessem ouvindo trovões, agacharam-se e colaram suas orelhas no chão. Eram tiros de canhão o que escutavam, sem sombra de dúvida, e vinham do oeste. O general Gérard instou o marechal a dar meia-volta e marchar em direção ao som, mas Grouchy rejeitou a sugestão. "Isso é a apenas um entrevero de retaguarda", respondeu ele, supondo que Wellington se retirava de Mont-Saint-Jean assim como ele saíra de Quatre Bras no dia anterior. Gérard, que era um militar

capaz e experiente, insistiu para que eles marchassem em direção ao som dos tiros de canhão, mas Grouchy se recusou terminantemente. Gérard estava tendo uma campanha ruim. Comandava o 4º Corpo de Napoleão e fora por sua recomendação que o general Louis-Auguste-Victor Bourmont recebera uma brigada desse corpo. E Bourmont, um monarquista, desertara assim que os franceses cruzaram a fronteira. Cavalgara de encontro aos prussianos, levando com ele tudo o que sabia sobre as intenções de Napoleão. Agora, Grouchy ignorava o excelente conselho de Gérard. O marechal recebera ordem para "direcionar seus movimentos para Wavre" e, portanto, terminado o café da manhã, ele obedeceu. Manteve suas tropas marchando para o norte.

Enquanto isso, a 19 quilômetros a oeste, a matança do longo dia começara.


1ª Brig. de Cav. Leve (Ghigny)
8º de Hussardos belga
4º de Dragões Leves (DL) holandeses
2ª Brig. de Cav. (Ponsonby)
2ª Div. (Greys)
1ª Div. (Royals)
6ª Div. (Inniskillings)
5ª Divisão
1ª de Hussardos da LAR (Legião Alemã do Rei)
6ª Brig de Cav. (Vivian)
18º de Hussardos
10º de Hussardos
4ª Brig. de Cav. (Vandeleur)
1º de Dl.
11º de Dl.
16º de Dl.
5ª Brig. de Han. (Von Vincke)
Ldr de Peine
Ldr de Hameln
Ldr de Hildesheim
Ldr de Giforn
Ldr de Munden
9ª Brig. (Pack)
4ª Brig. de Han. (6ª Div.) (Best)
2/44
42º
92º
3/1
8ª Brig. (Kempt)
32º
79º
28º
5º de milícia holandês
Ldr (landwehr) de Osterode
Ldr de Verden
Ldr de Lüneberg
Nassau
1ª Brig. (Bylandt) dos Países Baixos
2ª Div. dos Países Baixos
8º de milícia holandês
7º de milícia holandês
7º belga
27º de holandês
1/95º (1 cia.)
1/95º (2 cias.)
Areal
La Haie Sainte
2ª Brig., 2ª Div. dos Países Baixos (Saxe-Weimar)
La Haie
Papelotte
2/28ª de Nassau
Cia. lt 3/2 Nassau
Smohain
1/28º de Nassau (2 cias.)
Frichermont
1/28º de Nassau (4 cias.)
10º de Hussardos, vedetas
10º de Hussardos
Lasne
Chapelle-St-Jacques
0
500 metros
0
500 jardas
N
Linha Leste de Wellington
Disposições no meio da manhã

Nota

* Batalha de Azincourt, em que os ingleses venceram os franceses, em 1415, durante a Guerra dos Cem Anos. (*N. do T.*)

7

Os “botas-grandes” não gostam de coisas brutas!

Algumas pessoas têm se perguntado por que o duque de Wellington não fortaleceu a crista baixa das elevações com pontos fortificados; em particular com bastiões que pudessem proteger sua artilharia do número de canhões muito maior do imperador. Teria sido difícil fazer esses bastiões durante as intensas tempestades da noite de sábado, mas não impossível. Porém, o duque não ordenou que fossem feitos, provavelmente porque a última coisa que queria era incentivar Napoleão a manobrar em torno de sua posição. Desejava ser atacado de frente. Numa luta direta de infantaria contra infantaria, o duque tinha total confiança tanto em seus casacos-vermelhos quanto em seus batalhões da Legião Alemã do Rei. Ele possuía, como disse a alguém mais tarde, “o suficiente”, mas muitos de seus soldados da infantaria não tinham preparo nem experiência, e esperar que esses soldados saíssem do conforto de sua vertente oposta e manobrassem em campo aberto, sob tiros de canhões e diante dos veteranos de Napoleão, era um convite ao pânico e ao desastre. Ele temia aquele flanco direito exposto para além de Hougoumont e, em consequência, nada fez para tornar as elevações mais poderosamente defensivas. Queria um ataque diretamente pela *chaussée*, uma luta frontal.

Napoleão desejava destruir o exército de Wellington e descreveu sua proposta de tática simples:

> Terei meu fogo de artilharia e minha carga de cavalaria para forçar o inimigo a revelar suas posições, e quando eu estiver bem certo sobre quais posições as tropas inglesas tomaram, marcharei diretamente para elas com minha Velha Guarda.

Não era sincero. O que ele realmente planejava era enfraquecer a linha de Wellington antes de lançar ataques maciços e fortes que atingiriam o centro do duque, ou seja, ele fazia exatamente o que Wellington queria. O imperador declarara que tudo estaria terminado na hora do almoço, mas adiara o início para permitir que o terreno secasse, portanto, em vez disso, tudo estaria terminado na hora do chá.

Então, como enfraquecer o centro britânico-holandês? Primeiro, havia os canhões, os grandes canhões que podiam estraçalhar batalhões e arruiná-los assim como

haviam destruído a infantaria prussiana exposta nas encostas acima de Ligny. Wellington posicionou a maior parte de sua infantaria atrás da crista, o que reduzia a eficiência do bombardeio, mas o imperador também planejava um ataque diversionário que pressionaria bastante, o suficiente para persuadir Wellington a reforçar a ala direita britânico-holandesa à custa de seu centro. Isso significava atacar Hougoumont, o complexo de construções no flanco direito de Wellington, a fortaleza que o barão Von Müffling receava estar guarnecida de maneira inadequada. Napoleão calculou que se ameaçasse capturar Hougoumont, Wellington não teria escolha a não ser levar tropas da crista das elevações para reforçar a guarnição. Quando esses reforços saíssem da cadeia, o verdadeiro ataque, o ataque esmagador, poderia ser lançado pelo vale para capturar Mont-Saint-Jean.

Por consequência, a batalha começa em Hougoumont, com o embate do tenente-coronel James Macdonell, do Coldstream, contra Sua Majestade Jérôme I, pela Graça de Deus, rei da Westfália, príncipe da França, príncipe de Montfort, e que não seria nada disso se não fosse irmão de Napoleão. Ele era o caçula da família, mas, como todos os irmãos e irmãs de Napoleão, subira a alturas inimagináveis graças à proteção do imperador. Joseph, o mais velho, tornou-se rei da Espanha; Lucien era príncipe de Canino e Musignano; Elisa, grã-duquesa da Toscana; Louis havia sido rei da Holanda; Pauline era a princesa Borghese; Caroline, a rainha consorte de Nápoles; e Jérôme, por pouco tempo, rei da Westfália, era agora general de divisão no Exército de seu irmão. As relações entre os dois eram com frequência tensas, porque Jérôme era um pródigo gastador. Tinha 31 anos em 1815, mas seus problemas com o irmão haviam começado bem antes, quando, aos 19 anos, conhecera uma americana, Elizabeth Patterson, de Baltimore, e casara com ela. O matrimônio deixara Napoleão furioso. Ele precisava que seus irmãos e irmãs se casassem por motivos dinásticos, e não por algo tão trivial quanto o amor. Portanto, proibiu Elizabeth de entrar na França e insistiu para que seu irmão se divorciasse dela. Elizabeth, ou Betsy, como era conhecida, retirou-se para Londres, onde seu filho, Jérôme Napoleon Bonaparte II, nasceu em Camberwell. Os britânicos, é claro, ficaram mais do que felizes por abrigar Betsy e usar sua história para constranger o imperador. “Você tem muita ambição”, escrevera Napoleão a Jérôme em 1809:

> alguma inteligência, algumas boas qualidades, mas é estragado pela estupidez, pela grande presunção e por não ter qualquer conhecimento autêntico. Em nome de Deus, pense melhor para escrever e falar com propriedade.

Quatro anos depois, após os reveses da desastrosa campanha russa, na qual Jérôme fracassou miseravelmente, o imperador deixou escapar um julgamento muito mais desfavorável:

> Você é detestável para mim. Sua conduta me enoja. Não conheço ninguém tão desprezível, tão estúpido,

tão covarde; você é destituído de virtude, talentos e recursos.

Mas a lealdade à família prevaleceu sobre esses julgamentos, e Jérôme fora incumbido da liderança da maior divisão de infantes do exército de seu irmão, a 6ª Divisão de Infantaria, com quase 8 mil homens, embora mil destes tivessem sido perdidos em Quatre Bras. Agora Jérôme recebia ordens para atacar Hougoumont, e precisava provar algum valor. Queria mostrar ao irmão que não era desprezível, covarde e estragado pela estupidez e, após receber suas ordens, mostrou-se determinado a capturar Hougoumont.

Não havia nada de errado nisso, salvo que Napoleão não desejava captura. Queria sitiar o lugar, e o cerco deveria ser firme o bastante e durar o suficiente para persuadir Wellington a reforçar a guarnição do castelo com tropas vindas das elevações. Só quando o cerco tivesse alcançado esse objetivo de enfraquecer a linha de Wellington é que poderia ser capturado, mas Jérôme tinha outras ideias. Ele tomaria Hougoumont! Seu superior imediato era o general Reille, militar experiente que subira na hierarquia por mérito e que, em Waterloo, era responsável pela maior parte da ala esquerda de Napoleão. Fora Reille quem despertara a ira do imperador ao apresentar sua opinião de que a infantaria britânica bem posicionada era quase impenetrável, e agora ele tinha que atacar essa mesma infantaria, e começou determinando a Jérôme que ocupasse o vale ao sul do bosque de Hougoumont e avançasse uma forte linha de escaramuças até as árvores.

O bosque era uma vasta extensão de árvores grandes, na maioria carvalhos, que cresciam ao sul do complexo murado de Hougoumont. Havia framboesas silvestres na esparsa vegetação rasteira e miosótis brilhando ao longo das margens do bosque. O terreno subia abruptamente em meio às árvores, de modo que qualquer ataque seria morro acima e de cara para os defensores do bosque — seiscentos escaramuçadores de Hanover e holandês-alemães de Nassau. O bosque e a encosta íngreme pelos quais os franceses iniciaram seus ataques também estavam ao alcance da artilharia britânico-holandesa posicionada no terreno alto além do castelo.

Era o fim da manhã. Napoleão originalmente queria começar a batalha às 9h, mas esperara o terreno ficar menos alagado, então passava das 11h quando os homens de Jérôme avançaram para capturar o bosque. As ordens do general Reille eram bastante específicas, ameaçar Hougoumont, mas nem Napoleão nem Reille queriam um embate de vulto que absorvesse soldados franceses demais. O principal esforço francês seria contra a esquerda e o centro de Wellington, e não contra sua direita, mas Jérôme almejava sua vitória e, quando as primeiras tropas francesas descobriram que os escaramuçadores alemães eram oponentes formidáveis, Jérôme empregou mais combatentes. O general Foy, que comandava outra divisão de Reille, chamou o bosque de “armadilha mortal”. Para chegar a ele os franceses tinham que atravessar a faixa de campo aberto que estava sob fogo de artilharia e, uma vez no

bosque, enfrentaram mosquetes e fuzis. Os defensores tinham a vantagem do terreno elevado e pouca necessidade de se expor, exceto ao atirar. Os franceses se esforçavam para subir a colina, mas os disparos os faziam descer, e logo seus feridos estavam sendo transportados de volta pelo vale. O capitão De Vatry, um dos oficiais do Estado-Maior de Jérôme, ouviu os homens reclamando que não havia mais ambulâncias;

> O que aconteceu foi [...] a maioria [dos condutores] jamais ouvira tiros de canhão antes; ficaram nervosos sob o fogo das baterias inglesas, desatrelaram os cavalos ou cortaram os tirantes e foram embora galopando.

O marechal Ney, responsável pelos ataques do dia, enviou um oficial do seu Estado-Maior para descobrir o que acontecera em Hougoumont e seguiu-se mais um mal-entendido. O assistente ficou estarrecido quando descobriu a infantaria francesa escondida atrás das árvores implorando por ajuda, e instou Jérôme a enviar toda a sua divisão, mais de 7 mil homens. Jérôme dificilmente precisava de incentivo. Despachou todas as suas tropas e em seguida solicitou ainda mais combatentes a Reille. A luta por Hougoumont, longe de esgotar as reservas do exército de Wellington, estava a essa altura consumindo um número exagerado de soldados da infantaria francesa. Mas quantidades contavam, e quando milhares de franceses de casaco azul subiram em meio às árvores crivadas de balas, inevitavelmente empurraram os defensores para fora do bosque. A luta transcorria havia aproximadamente uma hora e agora, em algum momento depois do meio-dia, os homens de Jérôme enfrentavam a própria e verdadeira fortaleza, Hougoumont.

O complexo de Hougoumont é talvez mais bem visualizado como três retângulos sobrepostos. O retângulo maior era um pomar de macieiras protegido por vala e sebe. Os franceses, atacando pelo sul, poderiam obter acesso ao pomar, mas uma vez ali dentro encontravam o segundo e muito mais formidável retângulo, o jardim formal murado. O jardim outrora devia ter sido o orgulho de Hougoumont, um espaço adorável com canteiros de flores cortados por caminhos sombreados por carpinos e cerejeiras. Mais importante para o coronel Macdonell, o jardim era protegido a oeste por prédios, e ao sul e a leste por um muro de tijolos com pouco mais de 2 metros de altura. Ele construiu plataformas atrás do muro para que os homens pudessem atirar do alto do obstáculo, e ainda foram abertos buracos no muro. O terceiro retângulo era o das construções a oeste do jardim, e estas eram realmente formidáveis. Os prédios eram contíguos, de modo que tinham um sólido e espesso trabalho de alvenaria. Ao sul, de frente para o ataque francês, ficavam a casa do jardineiro, um depósito e, entre eles, um grande portão arqueado que havia sido fechado e barricado. Também foram abertos buracos nas paredes desses prédios, assim como nos de frente para o oeste, sendo o principal deles um grande

celeiro. No lado oposto do retângulo havia estábulos e cocheiras que davam fundos para o jardim formal, enquanto no centro do retângulo ficava o castelo em si, uma casa ampla e confortável com janelas altas das quais os homens podiam atirar por sobre os telhados das outras estruturas. Ao lado da casa, uma pequena capela. O grande pátio ficava entre o celeiro e os estábulos, e a entrada principal para todo o complexo era no lado norte do pátio. Trata-se do famoso portão norte que testemunharia um dos incidentes mais celebrados da batalha.

Um caminho passava ao lado do grande celeiro, separando os prédios murados de uma pequena horta protegida por sebe e cerca. Todo o complexo de pomares, jardins, sebes, muros de tijolos e construções de pedra era, nas palavras do tenente-coronel Alexander Woodford, do Coldstream, "bem calculado para a defesa":

> A residência no centro era uma forte construção quadrada, com portas e janelas pequenas. Os celeiros e armazéns formavam quase um quadrado, com uma porta de comunicação com o pátio pequeno ao sul; e no pátio havia uma porta para o jardim, um portão duplo para o bosque [...] e outra porta se abrindo para o caminho a oeste. Havia também outro portão para carruagens no ângulo noroeste do pátio grande.

Quando os franceses saíram do bosque de carvalhos, depararam-se com esse conjunto formidável de muros e construções. Imediatamente à sua frente, viram a casa do jardineiro, suas janelas cuspindo fogo de mosquete, enquanto à direita estavam os 200 metros do muro alto de tijolos do jardim formal. A distância da margem do bosque até o muro era de aproximadamente 9 metros, e foi nesse espaço que os homens de Jérôme morreram e sofreram. Um dos primeiros a ser morto foi o general Bauduin, comandante da 1ª Brigada de Jérôme. Muitos soldados alemães que defendiam o bosque haviam agora se juntado à guarnição dentro dos muros de Hougoumont, e um deles, o soldado Johann Leonhard, lutou atrás do muro do jardim cheio de buracos.

> Mal havíamos tomado posição nos buracos quando massas de franceses vieram do bosque, todos com a intenção de capturar a fazenda, mas estavam atrasados demais! A chuva de balas que despejamos sobre o inimigo foi tão terrível que logo a grama ficou coalhada de cadáveres de franceses. O recuo e avanço deles persistiu!

Os soldados holandês-alemães que defendiam o bosque precisaram recuar para o complexo de prédios e, como não havia uma entrada disponível diante das árvores, eles correram em volta do muro e sua pressa compreensível deu origem à acusação de que entraram em pânico e fugiram. Vários oficiais britânicos escreveram com desdém que os soldados holandeses se acovardaram, mas as evidências indicam que eles se juntaram aos guardas no jardim formal, que estava agora sob cerco, enquanto os franceses faziam esforços desesperados para escalar o muro. Homens de Jérôme atacaram repetidas vezes, mas foram seguidamente repelidos por mosquetes disparados dos buracos no muro ou dos andares superiores dos prédios. Um dos

soldados alemães dentro da propriedade descreveu o fogo dos defensores como "assassino" e, como a distância era muito curta, os tiros de mosquete eram precisos. Uma espessa fumaça de pólvora envolveu as construções e o alto do bosque, e os franceses, desesperados para capturar aquele grande bastião, enviaram outra brigada da infantaria. Foi um esforço horrível. Os franceses não haviam levado artilharia para derrubar os muros, nem dispunham de escadas para escalar as defesas, mas ainda assim atacaram. Um soldado da infantaria francesa relembrou que os "mortos, moribundos e feridos estavam deitados em pilhas". O tenente-coronel Francis Home, do 3º de Guardas, os Royal Scots, relatou o massacre em frente ao muro como "imenso", e disse que os franceses feridos, deitados naquelas pilhas, pediam a ele repetidamente para "ordenar que seus homens disparassem contra eles e acabassem com seu sofrimento". Uma bateria de seis obuseiros britânicos também apontava para o alto do bosque, fazendo chover estilhaços de granada sobre os carvalhos, o que aumentava a carnificina.

Mais de 9 mil soldados da infantaria francesa estavam agora tentando desalojar os defensores de James Macdonell. Incapazes de escalar o muro do jardim, os franceses tentaram cercar os prédios, enviando homens para a esquerda e a direita. O castelo estava sendo duramente pressionado, mas vieram reforços das elevações acima. Não do centro de Wellington, mas dos batalhões de Guardas que estavam imediatamente atrás do castelo. O próprio Wellington despachou alguns desses reforços com as palavras: "Vamos lá, meus rapazes, lá para dentro, não quero ver nenhum de vocês por aqui." Duas companhias do Coldstream atacaram morro abaixo e, com baionetas caladas, afastaram os franceses do flanco leste e, em seguida, se juntaram à guarnição dentro dos muros. Outras companhias foram enviadas mais tarde, até que, de acordo com o tenente-coronel Home, "o efetivo total do 3º Regimento e oito companhias do Coldstream estavam empregados dentro ou nas imediações de Hougoumont. O efetivo inteiro de Wellington empregado em qualquer momento jamais ultrapassou 1.200 homens", e esses 1.200 homens (aos quais deveríamos acrescentar os sobreviventes de Nassau) subjugavam pelo menos 9 mil franceses.

O soldado Matthew Clay, o guarda cujo café da manhã insuportável havia sido um pedaço de cabeça de porco torrada, era um dos homens que defendia a pequena horta circundada por uma sebe e que ficava do outro lado do caminho em relação ao grande celeiro. Era muito difícil defender a horta do maior número de franceses que tentavam agora atacar Hougoumont, portanto os defensores receberam ordem para retornar para trás dos muros, mas Clay e outro guarda, "um velho soldado bastante firme e destemido", separaram-se da companhia durante esse breve recuo. Foram obrigados a ficar fora dos muros enquanto trocavam tiros com os escaramuçadores inimigos:

> De maneira imprudente, subi para a parte mais alta de um terreno inclinado sobre o qual o muro externo

> da fazenda fora construído. Pensei que seria capaz de distinguir os escaramuçadores inimigos [...] mas muito rapidamente descobri que me tornara um alvo deles porque meu casaco vermelho era mais distintamente visível. [...] Continuei a trocar tiros com o inimigo pela horta, mas como tinha a vantagem da cerca como cobertura, seus tiros atingiam diretamente o muro atrás de mim [...] meu mosquete começou então a engasgar, muito desanimador, mas ao olhar para o terreno vi outro, do qual imediatamente tomei posse. O novo mosquete estava quente do uso recente e mostrou-se excelente.

Alguns minutos passados, Clay notou que um portão que levava ao pátio da fazenda estava aberto e os dois casacos-vermelhos correram até lá, chegando em segurança pouco depois de vários franceses serem mortos no mesmo portão:

> os portões estavam crivados de balas [...] na entrada havia muitos cadáveres do inimigo. Um deles que particularmente notei parecia oficial francês, mas eles mal podiam ser distinguidos, porque parecia que todos tinham sido pisoteados e cobertos de lama.

A incursão francesa pelos portões foi provavelmente a primeira de duas. A maioria dos relatos sobre a batalha calcula que apenas um ataque francês conseguiu entrar na propriedade murada, mas Clay viu dois e seu cálculo é reforçado pelas memórias de defensores alemães. A luta por Hougoumont é feroz e incessante, e durará a maior parte desse dia longo, mas, por um momento, deixemos de lado sitiadores e sitiados porque os grandes canhões no centro da linha de Napoleão abriram fogo, anunciando o primeiro grande ataque contra a crista de elevações de Wellington. Hougoumont não está de forma alguma segura, os franceses trarão artilharia para lidar com os muros e haverá uma crise brutal durante a tarde, mas enquanto o troar dos canhões de Napoleão enche o céu, os homens de Macdonell estão aguentando firme.

Entrementes, no centro da linha do imperador, os grandes canhões escoiceiam, expelindo uma fumaça espessa para o vale, e martelam a cadeia de Wellington com balas e granadas. E os veteranos da Peninsular nessa cadeia reconhecem outro som, o *pas de charge,* o dos tamborileiros que rufam no ritmo de assalto, som indicador de que um dos maiores ataques de infantaria de todas as guerras napoleônicas está prestes a ser lançado.

* * *

O troar dos canhões de Napoleão preenchia o ar acima dos campos de Mont-Saint-Jean e o mesmo barulho vibrava vidros de janelas em Paris. Um único canhão disparava em Les Invalides, o hospital militar construído por Luís XIV e que também servia de asilo para veteranos inválidos. Não havia bala ou granada no canhão, que disparava tiros de festim e cobria o chão das grandes paradas com uma fumaça espessa de pólvora. “O canhão de Les Invalides está atirando!”, lembrou-se Emile

Labretonnière, estudante de matemática, “está ouvindo?”, perguntou ele ao amigo com quem dividia quarto em Paris:

> “Tem que ser uma grande vitória!” Nós nos levantamos ao mesmo tempo e corremos para investigar. O canhão comemorava a vitória do imperador contra os prussianos em Ligny em 16 de junho. Fomos para o Café des Pyrénées para ler o boletim. Estávamos loucos de alegria! O canhão de Les Invalides trazia lembranças de triunfos que haviam agitado nossa infância. Estávamos muito orgulhosos. [...] Recordo-me do entusiasmo com que um estudante de Grenoble chamado Rousseau nos disse que Wellington havia sido aprisionado e Blücher morto!

Emile havia visto o exército deixando Paris no início de junho e ficara muito impressionado. Descreveu a partida dos soldados como “soberba” e acreditava que eles estavam “tão cheios de ardor” que tinham de ser invencíveis. Ficou exultante com a notícia sobre Ligny, enquanto os monarquistas em Paris se abatiam e espalhavam rumores tentando minar a conquista do imperador. Mas naquela manhã de domingo o canhão de Les Invalides contradizia a tristeza dos monarquistas, falava de vitória. E Emile, assim como a maioria dos parisienses, ansiava por saber sobre o triunfo total do imperador. “Finalmente”, escreveu ele com animação, “a luta começou!”.

E estava certo.

* * *

Napoleão e Wellington empregavam suas artilharias de maneiras diferentes. Para começar, o imperador tinha muito mais canhões em Waterloo; 246 contra 157 de Wellington, e em geral esses canhões eram mais pesados. Os franceses e prussianos desdobraram canhões 12-pounders, enquanto as peças britânicas mais pesadas usavam balas de 9-pounders. O imperador fora formado como artilheiro e depositava grande fé em seus canhões. Gostava de reuni-los numa Grande Bateria e usá-los como arma ofensiva, e não defensiva. Em Wagram, em 1809, Napoleão dilacerou o coração do Exército austríaco com uma Grande Bateria de 112 canhões. Agora, em Waterloo, concentrava oitenta canhões em outra Grande Bateria.

As peças francesas, é evidente, também operavam na defensiva, mas Napoleão sabia que qualquer posição inimiga precisava ser “amaciada” antes de suas tropas atacarem. Essa era a missão da Grande Bateria: desarticular as formações inimigas antes de sua infantaria ou cavalaria avançarem. Essas tropas de assalto ficariam sob fogo da artilharia inimiga; portanto, a outra missão dos canhões de Napoleão era o fogo de contrabateria: tentar destruir ou incapacitar os canhões do inimigo.

Wellington optou por não concentrar seus canhões numa Grande Bateria, espalhando-os ao longo de toda a sua linha, onde eram posicionados para disparar

contra qualquer assalto francês. Em essência, os canhões britânico-holandeses eram empregados como defesa, e absolutamente proibidos de efetuar missões de contrabateria. Se uma unidade de artilharia iniciava duelo com uma bateria inimiga, provavelmente atrairia o fogo de outros canhões oponentes e, inevitavelmente, resultaria com rodas destruídas e carretas quebradas, tornando os canhões inúteis até que consertos pudessem ser feitos. O capitão Mercer descobriu isso por si mesmo quando desobedeceu às ordens e abriu fogo contra uma bateria francesa que o perturbava:

> Aventurei-me a cometer uma besteira, pela qual teria pagado caro se nosso duque por acaso estivesse por perto. Atrevi-me a desobedecer às ordens e abrir fogo lento e deliberado contra a bateria, pensando que meus 9-pounders logo silenciariam seus 4-pounders. Minha perplexidade foi grande, porém, quando logo nossa primeira peça recebeu resposta de pelo menos meia dúzia de "cavalheiros" de calibre muito superior, de cuja presença eu nem sequer suspeitava e cuja superioridade reconhecemos imediatamente. [...] De imediato percebi minha tolice e cessei o fogo, e eles fizeram o mesmo — só seus 4-pounders continuaram o canhoneio como antes. Mas isso não foi tudo. O ajudante de nossa bateria foi atingido por um dos malditos tiros de longo alcance. Jamais esquecerei o grito que o pobre rapaz deu quando recebeu o balaço. Foi um dos últimos que eles dispararam e deixou seu braço esquerdo em pedaços.

Mercer de fato teve sorte, pois o duque não viu sua tentativa de fogo de contrabateria. Mais tarde, naquele dia, quando Wellington percebeu uma de suas baterias fazendo a mesma coisa, ordenou a prisão do comandante da subunidade. E bem no começo do dia, quando os franceses desfilavam suas tropas enquanto esperavam o terreno secar, outro comandante de bateria britânica viu que Napoleão inspecionava seu exército da cadeia montanhosa distante. Wellington por acaso estava nas proximidades, e o comandante pediu permissão para tentar um tiro que poderia matar o imperador, sendo asperamente informado de que comandantes de exércitos tinham coisas melhores a fazer do que disparar uns contra os outros. Os canhões britânico-holandeses estavam ali para defender a crista de elevações, e não para atacar a posição do inimigo, que dirá assassinar imperadores.

Napoleão, sim, usava seus canhões de maneira ofensiva e, por volta das 13h, ordenou que a Grande Bateria começasse a bombardear a posição de Wellington. Metade da bateria era de grandes canhões 12-pounders e os restantes eram 8-pounders ou obuseiros de 15 centímetros. Mercer falou em ser atacado por canhões de 4-pounders, mas os franceses não os tinham, então seus atacantes ou eram 6-pounders — o menor calibre francês em Waterloo — ou talvez obuseiros de 14 centímetros. Estes últimos provariam ser mortais naquele dia, devido à sua capacidade de disparar tiros verticais, nesse caso sobre a crista que acobertava a maioria das tropas de Wellington.

A Grande Bateria estava à direita da posição de Napoleão, os canhões posicionados bem à frente na encosta, diante do exército britânico-holandês. Seu

alvo era o lado esquerdo da cadeia de elevações de Wellington — de La Haie Sainte até a fortaleza menor de Papelotte — e sua missão era enfraquecer os defensores com balas de canhão e granadas. Em carta após carta, diário após diário, soldados da época falam do horror desses bombardeios. A infantaria sofria quando grandes projéteis rasgavam suas fileiras e granadas explodiam, mas era por isso que Wellington sempre tentava posicionar seus homens em vertente oposta. Isso não apenas os escondia totalmente como abrandava grande parte do efeito da Grande Bateria.

A distância era curta, de 600 a 800 metros, e os canhões eram enormes. Um 12-pounder pesava quase 2 toneladas e precisava de uma guarnição de quinze homens, que tinha de reposicionar o monstro após cada disparo, por causa do enorme recuo. Uma guarnição bem treinada podia disparar dois tiros por minuto, embora isso fosse raro e, nas condições lamacentas de Waterloo, quase impossível. Mark Adkin, em seu livro indispensável *The Waterloo Companion*, calcula que a Grande Bateria disparou cerca de 4 mil balas de canhão e granadas contra a seção leste da cadeia de elevações de Wellington durante a hora e meia anterior ao ataque da infantaria. Isso parece ser um peso de metal considerável, mas a área de alvos era ampla, funda e grande parte dela escondida dos artilheiros. Aquelas vertentes opostas mascaravam a infantaria britânico-holandesa, embora a proteção que oferecessem fosse certamente incompleta. O tenente-coronel Francis Home, antes de ser enviado para reforçar a guarnição de Hougoumont, estava posicionado à direita da cadeia, acima do castelo, e outros canhões franceses atacavam também essa parte da linha de Wellington. Durante algum tempo os canhões causaram poucos danos, "não alcançavam nossa distância", disse Home, "e disparando um tanto alto, seus tiros passavam sobre nós", mas aos poucos os artilheiros franceses ajustaram os parafusos de elevação de seus canhões e as balas começaram a cair entre os casacos-vermelhos, que então receberam ordem para se abaixar. Uma bala de canhão "dilacerou terrivelmente" o tenente Simpson, "ele, porém, se manteve perfeitamente sensato e consciente de sua situação. Seu único pedido depois era para acabarem com sua dor, mas ele viveu até o início da noite".

Se Wellington não tivesse protegido suas tropas, se, como Blücher em Ligny, as mantivesse visíveis para os artilheiros de Napoleão, o massacre teria sido pavoroso, mas os artilheiros franceses só podiam supor onde a infantaria estava escondida e tentar roçar o topo da cadeia montanhosa na esperança de que suas balas caíssem entre os inimigos. "Os artilheiros estavam em linha", escreveu um oficial francês da Grande Bateria:

> inserindo as cargas, checando-as e balançando os estopins de queima lenta para fazê-los queimar com mais força. [...] Atrás deles ficavam os comandantes de peças, quase todos idosos, e eles davam suas ordens como numa parada. Oitenta canhões disparavam juntos, abafando todos os outros sons. O vale

> inteiro se enchia de fumaça. Um ou dois segundos depois as vozes claras e calmas dos comandantes de peças podiam ser ouvidas novamente; "Carregar! Sovar! Preparar! Fogo!" Isso continuou sem intervalo durante meia hora. Mal podíamos ver nossos companheiros enquanto os ingleses também abriam fogo no vale. Era possível ouvir o zunido de suas balas de canhão no ar, a batida surda quando elas atingiam o chão e aquele outro barulho quando os mosquetes eram quebrados em pedaços e os homens eram lançados vinte passos para trás, com todos os ossos esmagados.

A precisão era difícil. Os tubos não eram raiados, então a folga dentro deles afetava cada tiro; e havia a fumaça. O vento era brando naquele dia, então a fumaça permanecia no ar úmido, e depois do primeiro tiro havia dúvidas se os artilheiros franceses conseguiam ver seus alvos claramente, mas eles sabiam a distância e os comandantes de peças checavam a elevação do tubo antes de cada tiro. Em 1835, os britânicos testaram a artilharia das guerras napoleônicas e descobriram que a cerca de 580 metros os tiros atingiam o alvo quase nove vezes em dez, embora a precisão caísse acentuadamente à medida que a distância aumentava. Os alvos do teste foram cercas de tábua que simulavam a infantaria em linha, o que é um teste generoso. E contra um alvo menor, como um único canhão de campanha, foi muito mais difícil manter a precisão. Mas se uma bala de canhão atingia seu alvo, os danos podiam ser terríveis. Em Waterloo, uma bala francesa de 12-pounder, com 12 centímetros de diâmetro, matou ou feriu 26 homens de uma vez. Felizmente para as forças britânico-holandesas, a maioria das canhonadas da Grande Bateria foi frustrada pelo uso da vertente oposta por Wellington.

Havia cerca de 15 mil soldados britânico-holandês-alemães na área bombardeada pela Grande Bateria, mas quase todos eles estavam escondidos atrás da crista de elevações. Os franceses sabiam que eles estavam ali, mesmo que não pudessem vê-los. Podiam observar alguns oficiais e escaramuçadores à frente dos batalhões, e muitos homens do exército de Napoleão conheciam o hábito de Wellington de posicionar homens fora da linha de visada, mas os poucos que podiam ser identificados, juntamente com a artilharia posicionada na vertente frontal, eram alvos pequenos e difíceis. Os artilheiros de Napoleão queriam enfraquecer a linha do defensor, e isso era quase impossível para os canhões, embora os obuseiros, ao lançarem suas granadas pouco além da crista, fossem mais perigosos.

O barulho era enorme. Oitenta canhões, mesmo que disparando apenas uma vez por minuto, enchiam o ar com uma batida percussiva, e outros canhões além desses da Grande Bateria juntavam-se à cacofonia. A fumaça tornava-se espessa diante das bocas enegrecidas dos tubos das armas e as explosões aplainavam o centeio com os grandes sopros diante de cada canhão. Um soldado descreveu o som da bala de canhão passando no alto como parecido com o barulho de um barril de cerveja pesado rolando sobre um piso de madeira acima de sua cabeça. De fato, o barulho era tão ensurdecedor que alguns homens pensaram que outro enorme temporal caíra sobre o interior belga.

O bombardeio, como disse um oficial do 92º, foi "horrendo", mas as baixas foram poucas. A infantaria se deitava ou sentava, e a lama espessa ajudou. Granadas de obuseiro se enterravam, amortecendo os efeitos da explosão, e um oficial hanoveriano observou que "o número de baixas teria sido muito maior se a chuva não tivesse amolecido o solo de modo que as balas de canhão perdessem grande parte da força letal que as poderia manter saltando sobre um solo duro". Mas alguns tiros atingiram os alvos. Friedrich Weiz, capitão de um dos batalhões de Nassau, relatou que a artilharia aliada sofreu duramente:

> Três canhões de uma bateria recém-chegada foram estraçalhados antes de disparar um único tiro, e uma das carretas de munição dessa bateria explodiu quando passava perto da frente do 1º Batalhão. Com a carreta em chamas, seus cavalos entraram em pânico e a puxaram diretamente para o grande parque de artilharia de onde haviam vindo. Um enorme desastre foi evitado quando alguns dragões saíram às pressas a cavalo e, enquanto galopavam lado a lado, apunhalaram e derrubaram os animais.

Os veteranos das fileiras aliadas já haviam visto e ouvido essas canhonadas, embora raramente com tal intensidade, mas o barulho e os gritos de homens e cavalos feridos fizeram efeito sobre soldados novatos. E uma brigada parece ter sido especialmente afetada, a Brigada de Bylandt, de batalhões holandeses e belgas. A maioria das histórias sobre Waterloo relata que eles foram deixados por engano na vertente frontal e, por isso, sofreram baixas extraordinárias que acabaram desarticulando os batalhões, de modo que seus integrantes bateram em retirada, mas na verdade eles haviam sido deslocados da posição à frente e posicionados um pouco atrás da crista. À frente deles estava a estrada que passava ao longo dessa crista, e ela era ladeada por sebes espessas. O tenente Isaac Hope, o oficial que descreveu a canhonada como "horrenda", disse que as sebes "não forneciam [aos homens de Bylandt] qualquer abrigo contra o fogo inimigo, mas proporcionavam cobertura".

Diante da estrada, na vertente frontal, os canhões britânicos estavam inteiramente expostos à artilharia francesa. Havia 34 canhões ali, guarnecidos por cerca de mil homens. Mil parece muito, mas além das guarnições das peças que os carregavam, disparavam e reposicionavam eram necessários homens para trazer a munição das carretas estacionadas na retaguarda. Esses homens se expunham ao fogo inimigo, mas continuavam seu bombardeio, direcionado não para a Grande Bateria coberta de fumaça, mas para além dela, onde o Corpo de D'Erlon se reunia para atacar. Dezoito mil soldados da infantaria francesa estavam na cadeia montanhosa distante, e os canhões holandês-britânicos atiravam contra suas grossas fileiras.

Os canhões britânicos mais pesados eram os 9-pounders, suplementados pelos 6-pounders e por obuseiros. Os britânicos tendiam a usar seus obuseiros como canhões, disparando-os em trajetória razoavelmente tensa, enquanto os franceses com frequência elevavam os tubos em até 30 graus. Em Waterloo, os obuseiros

britânicos não foram necessários para lançar granadas sobre obstáculos porque os franceses não usaram a tática da vertente oposta de Wellington, então as peças para tiro vertical realizavam tiro direto contra a infantaria que avançava à frente dos turbilhões de nuvens de fumaça. Os canhões britânicos disparavam uma mistura de granadas, balas e uma arma "secreta", o *canister* esférico.

Os franceses sabiam tudo sobre a arma "secreta", mas nunca conseguiram reproduzi-la. Era uma invenção de Henry Shrapnel, oficial da Artilharia Real, e consistia simplesmente em uma granada destinada a explodir sobre o inimigo e fazer chover sobre ele balas de mosquete. Quando era boa, era boa, mas quando ruim, era horrível. Em 1813, na Península, uma única dessas granadas matou todos os cavalos e homens de uma guarnição francesa de canhão, mas a fricção entre as balas de mosquete e a pólvora dentro do invólucro era às vezes tão intensa que ele explodia dentro do tubo do canhão. Esse problema só seria resolvido meio século depois, mas felizmente para os artilheiros isso não acontecia com frequência, e o invólucro esférico de balins de Shrapnel era suficientemente confiável. Só era eficiente se o artilheiro cortasse o estopim no comprimento certo, uma habilidade que também se aplicava às granadas. Uma granada era simplesmente uma bola de ferro cheia de pólvora acionada por estopim. Este era um pedaço de cordel que se projetava para fora da granada e era aceso pelo disparo do canhão. Cortado o estopim curto demais e a granada explodia no ar, sem causar dano algum. Cortado muito comprido, a granada caía com o estopim soltando fagulhas e um homem corajoso poderia apagá-lo. Com o corte no comprimento certo — e isso dependia da distância entre o canhão e o alvo —, a granada explodia e espalhava fragmentos de seu invólucro por quase 20 metros. Todos os artilheiros em Waterloo eram especialistas em cortar estopins, mas muitos homens dos dois lados relataram que as granadas se tornaram menos eficientes por causa da lama. O major Jean-Baptiste Lemmonier-Delafosse, oficial de Estado-Maior, estava na esquerda francesa, a uma longa distância de onde a Grande Bateria disparava contra a cadeia britânica de elevações. Ele assistia ao embate em Hougoumont e pouco atrás dele estava postada uma brigada de carabineiros, cavalaria pesada que, a exemplo dos couraceiros, usava peitoral metálico e grandes botas de montaria até a altura da coxa. A colina onde Lemmonier-Delafosse se encontrava estava sob fogo de canhões britânico-alemães em posição acima de Hougoumont, e muitos desses tiros caíam em meio à cavalaria de carabineiros. "Para escapar de seu alcance", recordou-se Lemmonier-Delafosse

> essa brigada se deslocou para a esquerda, o que divertiu o general Foy: "Há, há! Os 'botas-grandes' não gostam de coisas brutas!" Recebíamos as balas de canhões, nos mantendo firmes. Elas nos cobriam de lama, e o terreno ensopado, por conservar as marcas de seus trajetos, parecia um campo sulcado por rodas de carroça. Isso foi sorte para nós porque muitos projéteis se enterravam ou eram amortecidos enquanto rolavam pelo solo lamacento.

A canhonada sobre Hougoumont é um lembrete de que a Batalha de Waterloo não foi uma série de eventos distintos como os atos de uma peça de teatro. Ela é com frequência descrita dessa maneira, com um primeiro ato sendo o assalto a Hougoumont, e o segundo, o ataque do Corpo de D'Erlon, mas é claro que os dois eventos coincidiram. Enquanto o Corpo de D'Erlon ameaça a esquerda de Wellington há também fumaça, tiros de canhão e morte à direita do duque. Ele é atacado por tudo isso. Pode ver pouco por causa da fumaça, e quase nada do que acontece em Hougoumont porque uma elevação esconde o castelo de seu posto de comando na cadeia de elevações. As balas de canhão e granadas francesas passam voando perto dele, e o barulho castiga seus tímpanos — não apenas o barulho dos canhões e das granadas explodindo, mas os gritos dos feridos, os tamborileiros na cadeia distante e, nas duas cristas de elevações, as bandas regimentais tocando. Um oficial descreveu o ar como "ondulando" com a passagem das granadas e balas de artilharia, e esse ar já estava esquentando com as explosões dos grandes canhões. Com o tempo, isso seria descrito como entrar num forno. O grande dom do duque foi permanecer calmo nessa confusão, descartar o que não ameaçava e se concentrar no que era essencial. Ele sabe que o grande ataque está prestes a ser lançado à sua esquerda e cavalga ao longo dessa parte das elevações para inspecionar as tropas que serão atacadas, mas está contente por ter deixado o general Picton, que comanda essa ala, lidar com a ameaça. Ele conhece Picton e confia nele, assim como em Macdonell em Hougoumont. Observa a cadeia distante, usando seu telescópio, e tenta interpretar o que Napoleão pretende, mas também aponta sua luneta para o leste.

E Napoleão faz o mesmo, porque os dois homens esperam reforços. Wellington sabe que precisa das tropas de Blücher, na verdade jamais teria oferecido essa resistência na cadeia baixa de Mont-Saint-Jean se não tivesse a promessa dos prussianos de vir ajudá-lo. Já Napoleão está à procura do Corpo de Grouchy, aqueles 33 mil homens com seus 96 canhões que lhe darão uma vantagem numérica esmagadora e, portanto, levarão à vitória sobre o homem que carrega o epíteto impertinente de conquistador do conquistador do mundo.

E ao longe, a leste, de onde virá a ajuda para um lado ou para o outro, tropas são avistadas.

* * *

Essas tropas estão a pouco menos de 10 quilômetros de distância e o dia está nublado, por vezes chuvoso. O duque de Wellington calculou que vestiu e despiu sua capa cinquenta vezes naquele dia enquanto a chuva caía sobre o campo de batalha. Mesmo num dia claro teria sido difícil distinguir quais eram essas tropas ao

longe, mas naquele dia chuvoso e coberto de fumaça era impossível. Tudo que se podia ver eram cavaleiros de uniforme escuro vindo de um bosque. Mas Napoleão já sabia quem eles eram.

Eram prussianos, a vanguarda do Corpo de Von Bülow, e Napoleão sabia disso porque uma de suas patrulhas de cavalaria havia capturado um oficial prussiano que levava uma mensagem para Wellington. O mensageiro foi trazido a Napoleão e disse ao imperador que o exército prussiano passara uma noite sem ser incomodado em Wavre, onde não havia visto qualquer tropa francesa. "Supomos que marcharam para Plancenoit", declarou o mensageiro, querendo dizer que os prussianos haviam presumido que Grouchy, em vez de persegui-los, voltara para se juntar ao imperador. Plancenoit era a grande vila atrás da ala direita de Napoleão.

O imperador já sabia que Grouchy não havia feito isso. O marechal enviara uma mensagem no início daquela manhã, que era quase tão confusa quanto as ordens que Napoleão despachara para ele:

> Senhor, todos os relatos e informações confirmam o fato de que o inimigo está se retirando para Bruxelas, seja para se concentrar ali ou para oferecer combate depois de se juntar a Wellington. [...] felizmente o tempo à noite estava tão ruim que eles não podem ter avançado muito. [...] Partirei imediatamente para Sart-à-Walhain, de onde prosseguirei para Corbais e Wavre.

Em outras palavras, Grouchy não tinha a menor ideia de onde os prussianos estavam, ou do que faziam, e seguia para o norte com a impressão de que eles estavam marchando de Wavre para Bruxelas. Certamente não estava em posição de impedir Blücher de marchar para Mont-Saint-Jean. Napoleão devia saber de tudo isso. Os prussianos chegavam para ajudar Wellington, estavam à vista, e Grouchy ainda avançava para Wavre. Mas a resposta do imperador a Grouchy, ditada ao marechal Soult, foi espantosamente complacente:

> Seu movimento de Corbais para Wavre está de acordo com os arranjos de Sua Majestade. Contudo, o Imperador me pede para lhe dizer que você precisa continuar manobrando em nossa direção e buscar se aproximar de nosso exército antes que qualquer corpo [militar] se ponha entre nós. Não indico qualquer direção particular a você.

Mais uma vez, o significado é, na melhor das hipóteses, nebuloso. O imperador aprova que Grouchy leve suas tropas para o norte, em direção a Wavre, mas, ao mesmo tempo, sugere que ele manobre para oeste a fim de impedir que os homens de Blücher se juntem a Wellington. Mas antes de o despacho ser enviado o marechal Soult acrescentou um pós-escrito urgente e mais convincente:

> Uma carta que acaba de ser interceptada nos diz que o general Büllow vai atacar nosso flanco direito. Acreditamos que podemos ver esse corpo [militar]... Portanto, não perca um minuto para se aproximar de nós e esmagar Büllow, que você apanhará no ato.

“Não perca um minuto para se aproximar de nós.” Isso é claro o bastante, uma instrução para Grouchy se apressar na direção oeste, rumo à batalha do imperador, e atacar os prussianos enquanto eles se aproximam da ala direita de Napoleão, mas a mensagem só chegou a Grouchy no fim da tarde, quando ele lutava contra a retaguarda que Blücher deixara em Wavre. Os 33 mil homens e 96 canhões de Grouchy venciam, mas isso nada significava porque a verdadeira batalha, a decisiva, estava acontecendo a oeste deles.

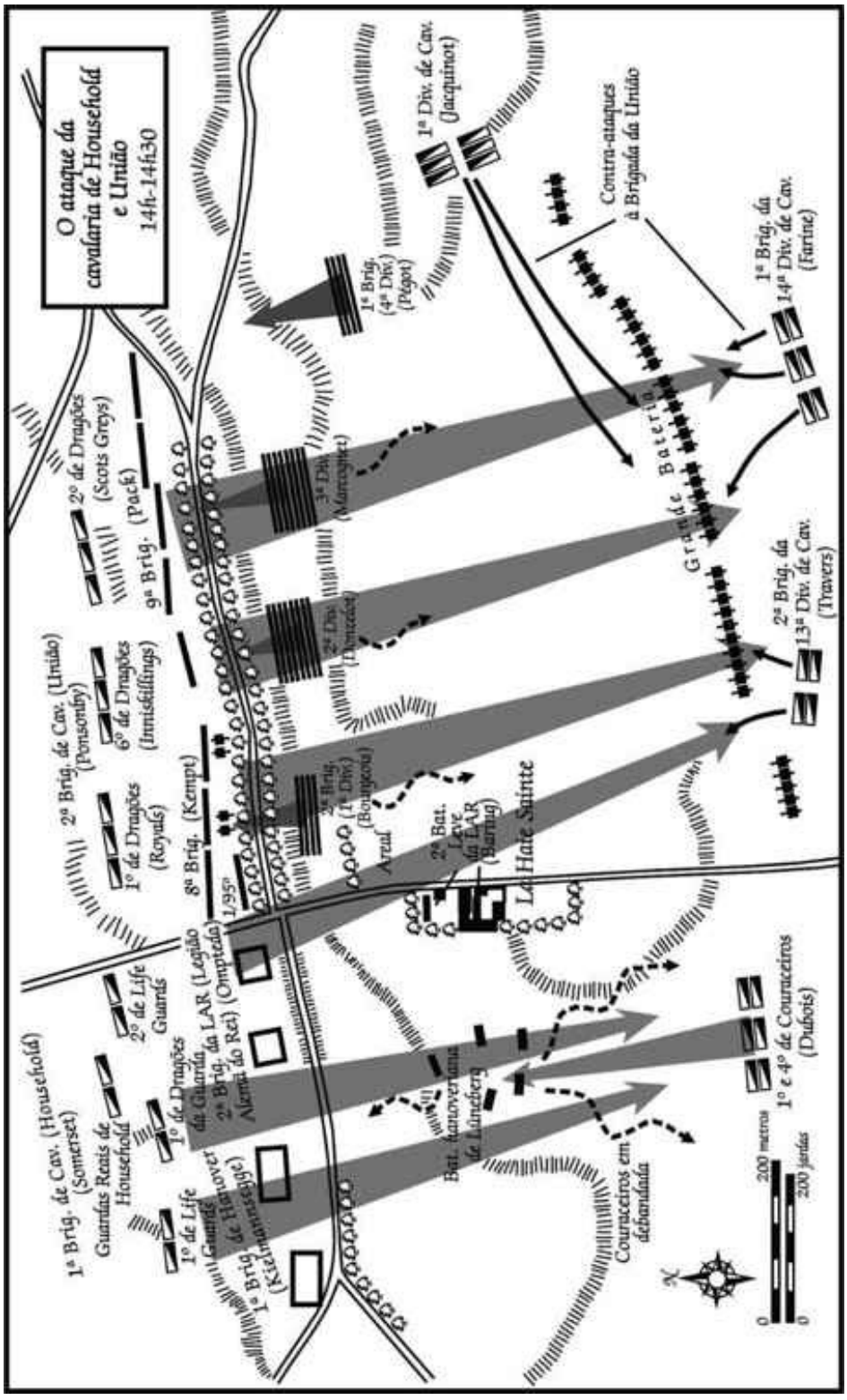
Grouchy não ajudará em nada Napoleão. Não fica claro quando o imperador percebeu que aqueles 33 mil homens não chegariam para apoiá-lo, mas a partir das 13h isso devia estar óbvio. Os prussianos estão à vista, e Grouchy, não. Napoleão agora enfrenta um dilema. Ele tem o exército de Wellington à sua frente, mas deve saber que uma força pesada de prussianos se aproximava à sua direita. Ele ficará em grande inferioridade numérica, mas ainda assim insiste que tem uma boa chance de vencer a batalha. “Esta manhã tivemos noventa chances de vencer”, disse o imperador a Soult, “ainda temos sessenta”. Um general mais prudente poderia ter pensado em desengajar e recuar para o sul, procurando então outra chance de dividir os aliados, mas Napoleão acreditava que a vitória estava ao seu alcance. Tudo o que precisava fazer era penetrar na linha de Wellington, pôr os britânico-holandeses para correr em pânico e, em seguida, virar-se para enfrentar o novo inimigo. Os homens de Blücher ainda estavam longe — a vanguarda a quase 10 quilômetros de distância —, mas o grosso provavelmente se encontrava em colunas de marcha distendidas ao longo de estradas rurais estreitas. Demoraria muito tempo para essas colunas chegarem a Mont-Saint-Jean, e ainda mais tempo para as tropas se desdobrarem para o combate. O imperador acreditava contar com tempo suficiente, mas ainda assim enviou 3.500 soldados da cavalaria, 7 mil da infantaria e 28 canhões para formar uma nova linha voltada para o leste, que pudesse defender seu flanco direito contra qualquer ataque prussiano. A batalha mal começou, o plano de Napoleão continua sendo atacar os britânicos frontalmente, mas 9 mil homens já estão empenhados na luta em Hougoumont, e agora mais contingentes são enviados para o flanco oposto. O imperador esperava obrigar Wellington a enviar reforços a Hougoumont, enfraquecendo o centro de sua linha, mas em vez disso são os franceses que usam suas reservas para reforçar os flancos.

Mesmo assim, no início da tarde, Napoleão ainda calcula que pode destruir o exército de Wellington antes de os prussianos se envolverem, e os instrumentos imediatos para essa destruição são as quatro colunas de ataque do Corpo de D’Erlon.

Os canhões da Grande Bateria cessaram fogo porque 18 mil homens da infantaria francesa progridem na direção da linha de fogo. Eles só voltariam a disparar quando esses soldados tivessem descido o vale e fosse seguro atirar sobre suas cabeças,

mas isso levaria algum tempo, porque os batalhões haviam passado em fila pelos canhões e agora tinham que formar suas colunas de ataque. Sargentos gritavam, oficiais checavam a formação das fileiras, enquanto balas de canhão dos britânico-holandeses desorganizavam essa arrumação e granadas se rompiam em gotas de chamas e fragmentos cruéis de seus invólucros.

Então eles ficaram prontos. Os tambores recomeçaram a rufar o *pas de charge*, as águias se alçaram bem acima das bandeiras tricolores, os canhões da Grande Bateria se prepararam para abrir fogo novamente e as quatro poderosas colunas marcharam para o ataque.



8

Esses terríveis cavalos cinzentos, como lutam!

O general Jean-Baptiste Drouet, o conde D'Erlon, tinha algo a mostrar. Suas aventuras em 16 de junho, quando marchara com seu 1º Corpo de um campo de batalha para outro e não enfrentara o inimigo em nenhum dos dois, haviam enfurecido Napoleão. Mas tudo isso seria perdoado e esquecido se ele penetrasse na linha de Wellington. E, por acaso, seu grande ataque seria lançado contra a metade mais fraca da posição do duque.

A preocupação de Wellington com seu flanco direito o persuadira a fazer aquela ala duas vezes mais forte do que o lado leste, portanto suas forças mais potentes e a maioria de seus canhões estavam a oeste da grande estrada para Bruxelas e o Corpo de D'Erlon se encontrava então atacando no lado leste. Havia 18 mil homens de infantaria marchando nas quatro colunas e, novamente, vale lembrar que "coluna" é uma palavra um tanto enganadora. Sugere uma formação alongada com uma ponta estreita direcionada como uma lança contra a linha do inimigo, quando na verdade é muito mais parecida com um tijolo avançando de lado, e o ataque de D'Erlon era formado por quatro desses tijolos, sendo cada um deles uma divisão da infantaria francesa. Os quatro não progrediam juntos, mas em escalões, com a 1ª Divisão do general Quiot abrindo caminho à esquerda. Os homens de Quiot marchavam perto da estrada, na verdade alguns deles iam pela própria estrada e atacariam a guarnição da Legião Alemã do Rei em La Haie Sainte, bem como a cadeia de elevações mais além. Eram protegidos por oitocentos couraceiros, a cavalaria pesada, que seguiam pelo flanco esquerdo. A Divisão de Quiot atacaria primeiramente a linha de Wellington e em seguida, rapidamente, as 2ª, 3ª e 4ª Divisões, uma após a outra. A 2ª estava à direita de Quiot e assim sucessivamente até a 4ª Divisão, que assaltaria a extremidade leste dos morros, sendo que alguns homens atacariam a forte fazenda de Papelotte. O assalto, portanto, abarcava toda a linha leste de Wellington, de La Haie Sainte a Papelotte. Mais soldados de cavalaria seguiriam pelo flanco externo da 4ª Divisão.

Ao todo havia 33 batalhões franceses marchando pelo vale, e à espera deles existiam dezessete batalhões aliados; cinco do exército holandês, quatro do

hanoveriano e, mais importante, oito experientes batalhões britânicos. A estatística é enganadora, porque os batalhões franceses geralmente eram menores que os britânicos, com cerca de 550 homens contra 650, mas os franceses tinham vantagem nos efetivos totais. Quatro dos batalhões atacantes foram atraídos para combates separados nos flancos, seja para atacar La Haie Sainte, seja para Papelotte, mas o grosso do Corpo de D'Erlon objetivava o topo vazio das colinas que se estendia por 1.200 metros entre aquelas duas fortalezas improvisadas.

Parecia um topo vazio. Na realidade, havia os canhões dos aliados na vertente frontal, mas para além deles tudo o que a infantaria atacante conseguia ver eram as sebes ladeando a estrada que passava ao longo da crista da cadeia de elevações. As sebes não eram obstáculos de porte. O capitão Von Rettburg, da artilharia da Legião Alemã do Rei, registrou que partes das sebes tinham sido cortadas para permitir que canhões e soldados passassem por ali. Entre as sebes havia a estrada um pouco rebaixada, depois a suave vertente oposta onde a maioria dos defensores esperava, deitada ou sentada para evitar as balas de canhão roçando o topo da cadeia.

Tipicamente, um batalhão francês em coluna teria a largura de duas companhias e uma profundidade de nove fileiras, o que significava cerca de sessenta homens em cada fileira, mas para esse ataque D'Erlon ordenou a suas quatro divisões que formassem suas colunas numa configuração incomum. Cada batalhão estaria em linha — uma linha normal com profundidade de três fileiras — e em seguida os batalhões seriam dispostos um atrás do outro para formar um retângulo gigante. Assim, a 3ª Divisão do general Marcognet tinha oito batalhões em linha, totalizando 24 fileiras, três de cada batalhão. A divisão marchou para o combate com 4 mil homens, portanto cada uma das 24 fileiras tinha aproximadamente 160 soldados. Na verdade, as fileiras eram um pouco menores, porque oito batalhões enviaram seus escaramuçadores para explorar a área à frente da coluna, mas essas tropas leves voltariam para seus batalhões quando o confronto chegasse à crista da cadeia. Vinte e quatro fileiras, cada uma delas contendo de 150 a 160 homens, formavam uma coluna imensa, e essa formação era inusitada, embora não desconhecida. Por que D'Erlon a escolheu? Assim como muitos outros oficiais franceses em Waterloo, D'Erlon enfrentara a infantaria britânica na Península. Ele sabia que a linha britânica, com profundidade de duas fileiras, dava aos casacos-vermelhos uma ampla frente e permitia que cada mosquete fosse usado contra a frente da coluna adversária, que só podia oferecer uma resposta esparsa, porque a maioria dos homens estava dentro da formação e não tinha como atirar. Então como tal coluna poderia derrotar uma linha daquelas? Uma resposta era esperar que a linha fosse enfraquecida pela artilharia e pelos escaramuçadores, mas a vertente oposta acabara com grande parte da eficácia da artilharia e as escaramuças francesas tiveram que enfrentar escaramuçadores britânico-holandeses, então D'Erlon entendeu que seus homens teriam que fazer face

àquelas linhas britânicas letais. A solução para o problema foi combinar linha e coluna. O primeiro batalhão da coluna já estava em linha, do tipo francesa com profundidade de três fileiras, e cada homem dessa linha podia usar seu mosquete enquanto os batalhões seguintes tinham a possibilidade de marchar lateralmente, como portas de correr, para estender a linha à esquerda e à direita. A doutrina francesa insistia que uma coluna devia sempre se desdobrar em linha no momento do ataque, mas a ocasião desse desdobramento era, com frequência, um momento de debilidade, em particular quando diante de soldados disciplinados dispostos numa linha mais ampla, que podiam disparar para o interior, a partir de seus flancos, então a formação incomum parecia promessa de solução. O batalhão na liderança, afinal, não precisaria se movimentar, podendo disparar suas salvas de tiros para proteger os batalhões da retaguarda, enquanto eles aumentavam a largura total.

Mas, antes que essa teoria pudesse ser testada, os franceses precisavam chegar à cadeia de elevações ocupadas pelos britânicos, e para fazer isso necessitavam atravessar o amplo vale sob fogo da artilharia aliada. Aos canhões britânicos e holandeses localizados na vertente frontal oferecia-se um alvo difícil de errar: suas balas sólidas atingiam as fileiras francesas, e as de *shrapnel* explodiram no ar sobre suas cabeças; à medida que os franceses combatiam esforçadamente mais à frente, eram atingidos pelos disparos de *canister*.

O *canister* era a arma antipessoal mais eficiente disponível aos exércitos napoleônicos. Era simples e sórdida: mera lata cheia de balas de mosquete. Havia dois tipos, pesado e leve, a diferença sendo, evidentemente, o peso das balas dentro da lata. Quando um *canister* era disparado, a lata se abria na boca do canhão e as balas de mosquete se espalhavam, transformando o canhão numa escopeta gigante. Artilheiros com frequência faziam o disparo duplo, atirando o *canister* e a bala de canhão ao mesmo tempo. O *canister* era um artefato de curto alcance, inútil a mais de 550 metros, embora em geral os britânicos reservassem seu emprego até a distância ser reduzida para cerca de 320 metros, quando o cone formado pelas balas se espalhava pelo diâmetro de pouco mais de 30 metros. Alguns balins, é claro, eram desperdiçados no ar ou no chão, mas a curta distância, contra formações compactas, o *canister* era uma arma temível. O Corpo de D'Erlon teve sorte por existirem apenas 36 canhões aliados à sua frente, e alguns desses já fora de ação, mas os restantes causaram estragos imensos aos franceses. O capitão Von Rettburg, oficial da artilharia da Legião Alemã do Rei, observou seus 9-pounders abrirem enormes buracos na coluna francesa mais próxima. Ela avançava à sua direita, portanto o capitão pôde disparar contra a enorme formação a curta distância e percebeu como os franceses perderam logo a coesão enquanto suas fileiras eram exterminadas por tiros diretos e *canister*. Uma estimativa aproximada sugeriria que os canhões dos aliados conseguiram fazer seiscentos disparos — fossem de balas

sólidas, granadas, granadas esféricas ou *canister* — contra os franceses que avançavam.

O capitão Pierre-Charles Duthilt era oficial do 45º Regimento, que tinha a honra duvidosa de integrar o batalhão-vanguarda da coluna do general Marcognet, a terceira a progredir. "Nossa vez chegou", escreveu ele:

> e a ordem de atacar foi recebida com um grito fervoroso de "*Vive l'Empereur!*" As quatro colunas desceram a encosta [...] com armas em punho. Subiríamos a vertente à frente, onde os ingleses mantinham a crista e de onde suas baterias nos atacavam. A distância não era grande e uma pessoa comum a pé não levaria mais do que cinco ou seis minutos para percorrer o terreno, mas a terra mole, ensopada pela chuva, e o centeio alto retardaram nosso progresso consideravelmente. Como resultado, os artilheiros ingleses tiveram tempo de sobra para nos destruir.

Louis Canler, o jovem recruta cujo café da manhã havia sido temperado com pólvora, estava no 28º Regimento da Linha na 1ª Divisão, a mais próxima da estrada. Ele viu D'Erlon se posicionar no centro das colunas e ouviu o general gritar: "Hoje vocês têm que conquistar ou morrer!"

> O grito de "*Vive l'Empereur!*" saiu de cada boca em resposta a essas breves palavras e, com os tamborileiros rufando, o assalto das colunas partiu [...] nesse momento, as baterias inimigas que haviam disparado apenas balas de canhão e granadas dizimaram nossas colunas com *canister*. Mal havíamos dado cem passos quando o comandante de nosso segundo batalhão, Marins, foi mortalmente ferido. O capitão de minha companhia, Duzer, foi atingido por duas balas. O ajudante Hubaut e o portador da Águia, Crosse, foram mortos [...] na segunda descarga dos canhões ingleses o tamborileiro dos granadeiros, Lecointre, perdeu o braço direito.

Lecointre continuou batendo seu tambor com a mão esquerda até desmaiar devido à perda de sangue, embora tenha sobrevivido à batalha. Assim como todos os tamborileiros franceses, ele rufava o *pas de charge*, o ritmo que sempre acompanhava os ataques franceses. Um jovem oficial britânico lembrou-se desse ritmo como sendo "rum dum, rum dum, rumadum dumadum, dum, dum", seguido de uma pausa durante a qual as tropas compactas gritavam "*Vive l'Empereur!*". O capitão Johnny Kincaid, que esperava com seus fuzileiros no local onde cascalho era extraído próximo a La Haie Sainte, recordou-se que a batida desses tambores fatídicos tinha como acompanhamento o estridente som das cornetas e era pontuada por gritos de "*Vive l'Empereur!*", e acima disso tudo havia o impacto ensurdecedor dos grandes canhões. Uma cacofonia ensurdecedora. Era como se os franceses, avaliou Kincaid, tivessem esperança "de nos assustar e expulsar" apenas com o barulho.

Os oficiais franceses, lembrou-se Canler, gritavam o tempo todo "Cerrar fileiras!".

> A terceira salva reduziu a frente de nosso batalhão à de uma companhia. A ordem excitante de "Cerrar fileiras!" foi ouvida novamente. Essa ordem, longe de trazer pavor ou desespero para nossos corações, incentivava um efeito totalmente oposto. Aumentava nossa coragem e inspirava não apenas a ideia de

vitória, mas a de vingar nossos companheiros infelizes que estavam morrendo diante de nós.

Canler calculou o tempo de vinte minutos gasto pela coluna para atravessar o terreno molhado, com centeio espesso, uma caminhada que o capitão Duthilt estimou que duraria apenas cinco ou seis minutos, mas, apesar do avanço lento, Duthilt ainda achava que os franceses estavam apressados demais, arriscando-se à indisciplina, devido ao fervor que sentiam:

> A pressa e o entusiasmo estavam se tornando perigosos porque os soldados ainda tinham uma longa marcha antes de se chocarem com o inimigo e logo ficaram cansados por causa da dificuldade de se deslocar sobre o solo pesado, remexido, que arrebentava correias de polainas e até arrancava sapatos. Logo houve desordem nas fileiras, especialmente quando a frente da coluna chegou ao alcance do fogo inimigo.

Foram necessários quinze ou vinte minutos para cruzar o vale, e durante todo o tempo as colunas eram atacadas por balas de canhão, granadas e *canister*, mas continuavam avançando, agora morro acima, embora a encosta fosse suave. Entreveros já ocorriam à frente das colunas, onde os escaramuçadores dos dois lados disparavam uns contra os outros, mas à medida que as enormes colunas se aproximavam da crista da cadeia os escaramuçadores franceses voltavam para se juntar a seus batalhões. Eles haviam obrigado os seus correspondentes aliados a recuar, mas não tinham atravessado a crista para disparar contra as tropas que estavam além dela. Essa seria a missão das grandes colunas.

Os artilheiros aliados disparam uma última salva de *canister* para abrir buracos sangrentos nas fileiras que se aproximam e, em seguida, abandonam seus canhões e correm de volta para se abrigar com a infantaria atrás da crista. Um sargento da artilharia britânica, sabiamente, martelou um prego de ferro no orifício de entrada para a carga propelente, inutilizando a peça, por temer que o inimigo pudesse empregá-la contra os aliados. Os canhões destes últimos estão agora calados, e em seguida os canhões franceses cessam fogo por temerem atingir sua própria infantaria, que está se posicionando quase na crista da cadeia de elevações. À esquerda, tropas francesas conseguiram expulsar os fuzileiros da Legião Alemã do Rei do pomar de La Haie Sainte e entrar pelas construções da fazenda, onde irrompe uma pequena batalha como aquela travada em Hougoumont. La Haie Sainte é cercada por um muro de pedra alto, mas com poucos buracos para tiros. No entanto, a guarnição alemã consegue barrar um número muito maior de inimigos. Slender Billy, o príncipe de Orange, vê a fazenda ameaçada, envia um batalhão hanoveriano para ajudar e, então, como em Quatre Bras, insiste para que o batalhão forme uma linha. A unidade avança à direita da estrada principal, no lado oposto àquele onde as colunas francesas se aproximam da crista dos morros, mas esse flanco dos franceses está coberto por oitocentos couraceiros. Os hanoverianos veem a cavalaria tarde demais

e são destruídos, perdendo seu estandarte.

Mas a luta em La Haie Sainte não é a batalha principal. Os alemães ali dentro estão sitiados, mas os franceses, embora tenham cercado a fazenda, não dispõem de meios para escalar os muros ou forçar os portões pesados. O celeiro perdeu as portas, mas a Legião barricou a entrada e mantém os franceses afastados. No outro flanco, os defensores de Papelotte são expulsos pela enorme superioridade dos efetivos, mas, de novo, isso não é tão importante. A vitória só virá se as colunas chegarem à crista e atacarem com força a linha do duque.

Os canhões da Grande Bateria pararam de atirar e suas enormes nuvens de fumaça aos poucos se deslocam para leste e limpam a visão ao longo do vale. E os franceses sentem que a vitória está próxima. Veem a massa de uniformes azuis chegar à crista. Atrás deles há grandes campos de centeio ensanguentado e inumeráveis corpos, alguns mortos, alguns mutilados, alguns se arrastando de volta em direção aos canhões silenciosos, mas as águias se mostram bem elevadas pela cadeia ocupada pelos britânicos. Um oficial do Estado-Maior francês fitou Napoleão para ver sua reação: "Podia-se ler satisfação em seu rosto, tudo estava indo bem e não há dúvida de que, naquele momento, ele pensou que sua batalha estava ganha." O marechal Soult pensou a mesma coisa e, enquanto observava os eventos se desdobrando lentamente no lado distante do vale, encontrou tempo até para escrever uma carta rápida a um amigo em Paris dizendo que a batalha decorria muito bem e prometia linda esperança de vitória.

Mas Soult já lutara contra o duque de Wellington e deveria esperar um pouco mais.

* * *

O jovem Louis Canler sobreviveu à travessia do vale. Vira homens sendo mortos e mutilados, mas estava ileso. A subida para a crista foi difícil porque o solo estava encharcado e os talos de centeio muito pisoteados, e quando ele se aproximava da sebe que marcava a crista, a correia de sua polaina direita arrebentou. As polainas ajudavam a manter os sapatos no lugar e agora seu pé direito estava descalço. Ele se abaixou para arrancar o sapato da lama e naquele exato momento uma bala de mosquete atingiu sua barretina, fazendo um buraco na placa de metal com o número de seu regimento estampado. A bala passou raspando em seu couro cabeludo e saiu pela parte de trás da barretina. Se o sapato não tivesse ficado preso na lama, ele estaria morto.

Essa bala de mosquete provavelmente veio de um soldado da Brigada de Bylandt, das tropas holandesas que estavam posicionadas atrás das sebes. Ou possivelmente foi disparada por algum dos escaramuçadores holandês-britânicos que haviam

recuado para a crista onde as sebes ladeavam a estrada rebaixada. Os franceses haviam parado momentaneamente, não por temerem o que os aguardava além das sebes, mas porque chegara a hora de se organizar em linha. A coluna fizera seu trabalho de arrastar uma massa de homens pelo vale, mas agora era o poder de fogo que venceria o dia e ele precisava de uma formação em linha.

Isso soa como manobra disciplinada: passar de coluna para linha. Mas na verdade era movimentação frenética. Os franceses ficaram de repente conscientes de que tropas os aguardavam atrás da crista, e elas, então, se puseram de pé. A mosquetaria veio de batalhões holandeses alinhados na sebe. Os batalhões franceses da vanguarda reagiram ao fogo. O capitão Duthilt, que estava a uns 250 metros a leste do jovem Canler, diz que eles "desembestaram" contra o inimigo. "Nós os perseguimos com as baionetas", diz ele, "e atravessamos as sebes [...] estávamos no platô e gritamos vitória."

O grito foi prematuro, embora o ataque francês tivesse repelido a maior parte da Brigada de Bylandt. Aqueles soldados holandeses haviam sido posicionados mais à frente do que o resto dos defensores, alinhados nas sebes, e tinham sofrido mais com o tiroteio. Eles trocaram disparos com os franceses por um momento e, em seguida, se desorganizaram, fugiram e foram alvos de zombarias dos casacos-vermelhos enquanto corriam. Um batalhão holandês permaneceu combatendo e a maioria dos fugitivos se reagrupou na retaguarda e voltou para a crista quando a ação terminou. A brigada era formada principalmente por soldados inexperientes que lutaram bravamente em Quatre Bras, mas a longa canhonada e o ataque das vastas colunas francesas os aterrorizou. Esse era um dos efeitos das colunas. Elas podiam ter poder de fogo limitado, mas seu tamanho intimidava os soldados novatos.

Todavia, atrás da crista havia alguns soldados muito calejados, homens que já haviam combatido colunas francesas, homens de casaco vermelho liderados pelo galês irascível, o general Picton. O capitão Mercer encontrara Picton na noite anterior, mas não o reconhecera:

> Ele usava um sobretudo pardo velho e surrado e um chapéu redondo desbotado. Na ocasião, pensei que fosse algum paisano de Bruxelas (ouvíramos falar que havia vários deles por ali) e, achando muitas de suas perguntas impertinentes, dei-lhe respostas um tanto curtas e logo ele se afastou. Imagine meu espanto ao saber, pouco depois, que aquele era Sir Thomas Picton!

Picton trocara o chapéu redondo desbotado por uma cartola. Estava a cavalo, observando os franceses que haviam conseguido passar pelas sebes e pela estrada. Foi nessa hora que ordenou a seus casacos-vermelhos que avançassem. Eles estavam em linha, é claro, e envolveram as colunas francesas desordenadas. O tenente James Kerr-Ross, do 92º dos Gordon Highlanders, descreve o avanço para a crista da cadeia onde

> encontramos uma forte coluna da infantaria francesa se desdobrando no topo de nossa posição, cujas filas dianteiras abriram fogo, ao qual nossos homens não responderam, mas continuaram avançando decididamente para atacar, mas quando a distância encurtou (talvez para uns 30 metros), eles se desarticularam e correram para trás em grande confusão. Nosso fogo, então, era muito destrutivo.

Foi uma ação clássica da infantaria britânica; não desperdiçar fogo de mosquete impreciso a longa distância, mas sim aproximar-se, permanecer firme e então deixar a salva de tiros planejada fazer seu trabalho mortal. Picton viu os franceses recuarem e percebeu a oportunidade. "Atacar!", gritou, "Atacar, hurra!", e foi imediatamente morto por uma bala de mosquete que furou sua testa. Seu pressentimento ao lado do túmulo galês havia sido tristemente acurado.

Com também o foi seu ímpeto final. Os casacos-vermelhos seguiram adiante com baionetas caladas e os franceses foram contidos, não sem antes ocorrer um combate corpo a corpo. Um dos batalhões britânicos era o 32º da Cornualha, o mais próximo da encruzilhada, um pouco ao norte de La Haie Sainte, e os franceses se aproximaram desta unidade. Um dos porta-bandeiras era um tenente e ele foi subitamente confrontado por um oficial francês que

> agarrou a haste; eu ainda segurando a seda (as bandeiras eram quase novas). No mesmo momento ele tentou puxar seu sabre, mas ainda não havia conseguido quando o sargento-protetor da bandeira, chamado Switzer, enfiou a lança em seu peito e o soldado raso da divisão à direita, chamado Lacy, disparou contra ele. O francês caiu morto aos meus pés.

Esses sargentos tinham exatamente essa missão: proteger as bandeiras e estandartes; portavam uma arma que não estaria deslocada em Azincourt: o espontão, uma lança de 2,7 metros com uma peça em cruz para impedir que a lâmina penetrasse demais o corpo do inimigo. Não se tratava de piedade, mas de praticidade. Um oficial britânico em Waterloo viu um lanceiro inimigo tentando puxar a arma do corpo de um dragão britânico e dando vários puxões firmes para libertar a lâmina, e, enquanto fazia isso, ficou vulnerável. A peça em cruz tinha o objetivo de impedir que a lâmina ficasse presa ao corpo do inimigo.

O tenente Scheltens estava no batalhão holandês-belga que não fugiu com o restante da Brigada de Bylandt. "Nosso batalhão abriu fogo assim que os escaramuçadores voltaram para a unidade", e isso deve ter sido perigosamente perto da crista da cadeia de elevações porque

> o capitão Henri l'Olivier, que comandava nossa companhia de granadeiros, foi atingido no braço por uma bala de mosquete cuja bucha, ou cartucho de papel, permaneceu fumegando na manga de sua túnica.

Agora havia combates ao longo de toda a crista. Alguns batalhões de casacos-vermelhos, como o dos homens do tenente Scheltens, disparavam salvas de tiros a distâncias letalmente curtas. As salvas ondulavam os batalhões: uma companhia

disparando, em seguida recarregando e esperando sua vez. Os franceses não haviam se organizado de maneira apropriada. Deviam se esticar numa linha maior para ultrapassar a de seus oponentes, mas as salvas comprimiram seus flancos e faziam seus homens recuarem antes de formar a ampla linha. Outros casacos-vermelhos empregavam suas baionetas, enfiando as lâminas de 43 centímetros em franceses que saíam de sua formação. Homens gritavam, esbravejavam, tambores retumbando, cornetas ressoando estridentes, mosquetes castigando enquanto milhares de homens disputavam a crista dos morros. Os casacos-vermelhos tiveram uma vantagem momentânea e o capitão Duthilt pensou que isso se devia ao entusiasmo de seus homens, que haviam

> levado nossas fileiras à confusão, e, ao mesmo tempo, fomos atacados pelas baionetas de novos inimigos. A luta recomeçou e seguiu-se um enfrentamento. Nessa confusão sangrenta os oficiais cumpriram seu dever tentando restaurar alguma ordem [...] porque tropas em desordem não conseguem combater bem.

Duthilt enfrentava o 92º, que empregava suas baionetas para rechaçar os franceses enquanto à sua direita o capitão Johnny Kincaid fora forçado a sair do areal e recuara para a crista junto à encruzilhada, onde seus fuzileiros disparavam contra a coluna mais próxima. Sir James Kempt herdou o comando de Picton, e gritou para Kincaid, querendo a garantia "de que eu nunca deixaria aquele lugar". Kincaid deu sua palavra ao general e imediatamente se arrependeu disso porque

> ao dar uma olhada para a direita, vi o terreno ao lado coberto de couraceiros, alguns dos quais já avançavam diretamente para a abertura na sebe onde eu estava parado.

A cavalaria francesa ameaçava, a infantaria francesa estava na crista das elevações e o marechal Soult certamente tinha motivos para pensar que a vitória era iminente. Os homens de Duthilt podiam estar desordenados, mas havia mais batalhões em escalões atrás do seu e o enorme peso dos efetivos faria os casacos-vermelhos recuarem. A infantaria aliada oponente estava desdobrada em linha, e assim, como Soult bem sabia, não era páreo para os cavalarianos — os couraceiros já haviam provado sua força aos hanoverianos, cujos corpos massacrados jaziam em abundância perto de La Haie Sainte. Os batalhões britânicos teriam que formar quadrados e, embora isso os protegesse da cavalaria, também os deixaria terrivelmente vulneráveis às salvas da infantaria francesa. Pedra, papel e tesoura

E então a cavalaria atacou.

Só que foi a cavalaria britânica.

* * *

O barão Simon Bernard era um dos assistentes do imperador. Homem inteligente com idade em torno de 35 anos, engenheiro por formação e soldado por opção, distinguira-se na Batalha de Leipzig, mas depois da primeira abdicação de Napoleão jurara lealdade ao rei Luís XVIII e fora promovido a general. A volta de Napoleão de Elba levara a outra mudança de fidelidade, e o general Bernard mais uma vez se tornou assistente do imperador.

Agora, enquanto os sons da batalha subiam num crescendo, ele cavalgava para o leste com um regimento da cavalaria leve. O pouco vento daquele dia soprava do oeste, então o barulho dos canhões e o crepitar dos mosquetes — alguns homens diziam que soavam como espinhos secos pegando fogo — chegavam aos cavaleiros enquanto eles reconheciam o interior emaranhado a leste do campo de batalha.

Algum tempo depois, o general Bernard apeou. A cavalaria permaneceu escondida no bosque enquanto ele ia adiante a pé. Uma das muitas habilidades de Bernard era fazer mapas, portanto ele sabia como interpretar as áreas rurais e se manteve escondido por terrenos rebaixados, cercas vivas e árvores. Depois de algum tempo chegou à beira do desfiladeiro do Lasne e se agachou. O rio mais abaixo estava caudaloso por causa das chuvas, mas ele se interessou mais pelos soldados que podia ver se agrupando no distante lado oposto do desfiladeiro. Usou sua luneta.

Esperava ver uniformes azuis, e viu. Sabia que os prussianos avançavam por aquele interior difícil, mas ainda ansiava ver sinais dos homens de Grouchy no lado oposto do rio. Em vez disso, porém, viu que os casacos eram do azul mais escuro da infantaria prussiana. Os soldados do outro lado do desfiladeiro também usavam cobertores enrolados e pendurados sobre o ombro esquerdo, e nenhum exército exceto o prussiano fazia isso. A boa notícia era que o desfiladeiro do rio tinha margens íngremes, altas, que estavam escorregadias por causa da lama. Não havia uma estrada fácil para a artilharia prussiana, obstáculo que seria um pesadelo para os engenheiros do inimigo. Havia tempo, portanto, mas não muito.

Ele voltou para seu cavalo e galopou para dar a notícia a Napoleão.

O general Bernard sobreviveria incólume à batalha de Waterloo, mas sua mudança de fidelidade — de Luís XVIII para o imperador — significava que ele seria banido da França, portanto acabou depois emigrando para os Estados Unidos, onde sua formação de engenheiro foi-lhe muito útil. Ele construiu o Forte Monroe, na Virgínia, e ajudou a projetar os canais de Chesapeake e de Ohio.

Mas, naquela ocasião, ele precisava contar ao imperador que os prussianos estavam seriamente próximos do flanco direito francês, o que implicava derrotar imediatamente os britânico-holandeses, do contrário tudo se transformaria numa batalha de três exércitos.

E nas cristas dos morros anteriormente ocupados pelos britânicos as águias se mostravam bem no alto.

* * *

Talvez a pintura mais famosa de Waterloo seja o magnífico quadro de Lady Butler que mostra o ataque dos Royal Scots Greys. Chama-se *Scotland Forever*, e agora está exibido na Leeds Art Gallery, mas, embora esplêndido, o quadro é completamente equivocado. Foi pintado 66 anos depois da batalha, e Lady Butler usou as ligações de seu marido com o Exército para conseguir que o regimento executasse uma carga à sua frente enquanto ela estava sentada diante de seu cavalete. Os grandes cavalos acinzentados estão a pleno galope, liderados por um oficial que brande sua espada, e a massa de homens segue diretamente na direção dos olhos do observador. É a visão do inimigo, e ela é assustadora.

Assim também foi a carga verdadeira, mas, no lugar onde Lady Butler mostra os cavaleiros galopando sobre terreno plano, a cavalaria pesada britânica teve de enfrentar a estrada rebaixada e negociar a passagem pelas sebes e pelos casacos-vermelhos antes de conseguir se aproximar do inimigo. Quatro regimentos participaram do ataque. Ninguém parece ter certeza de quem ordenou o contra-ataque da cavalaria pesada, mas quer tenha sido Wellington ou, mais provavelmente, lorde Uxbridge, a oportunidade foi perfeita. A Brigada dos Householders atacou descendo pela estrada principal e, em seguida, progredindo do oeste para leste, avançaram os Royals, os Dragões dos Inniskillings e, no flanco esquerdo, os Royal Scots Greys. Ingleses, irlandeses e escoceses, todos soldados de cavalarias pesadas, montados em grandes animais e carregando a brutal espada modelo Heavy Cavalry, uma arma de lâmina reta que podia ser cravada ou usada para golpear. A cavalaria leve era equipada com sabre, arma penetrante, mas a pesada era a tropa de choque de um campo de batalha, usando peso, alcance e força para romper a formação inimiga. Desses cavalarianos, 1.300 foram à luta. Vieram em duas linhas por trás dos casacos-vermelhos, que tiveram de se movimentar às pressas para o lado a fim de deixá-los passar, mas alguns casacos-vermelhos foram pisoteados enquanto outros agarraram estribos e foram com a cavalaria. E ela executou cargas cobrindo toda a amplitude da crista, da estrada principal até a elevação à frente de Papelotte. O choque, a surpresa, foi total.

John Dickson, que se lembrou de ter visto o desfile do exército de Napoleão sob os primeiros raios de sol da manhã, era soldado dos Royal Scots Greys. Seu regimento, todo montado em cavalos tordilhos mais para o cinzento, estava atrás do 92º, o regimento de escoceses que combateram muito em Quatre Bras. Ele ouviu Sir Denis Pack, o comandante da brigada, incitar o 92º: "Vocês precisam avançar! Todos à sua frente abriram espaço!" Ele se referia aos batalhões da Brigada de Bylandt que haviam recuado, e então os Highlanders calaram baionetas e avançaram pelas sebes de faia e azevinho, atravessaram a estrada e dispararam uma salva contra os

franceses a vinte passos de distância, e só então Dickson ouviu a ordem: “Agora, Scots Greys, carga!”

> Como um grito só, soou o brado de nossas fileiras. [...] Esporeei minha velha e brava Rattler e partimos como o vento [...] depois de empinar por um momento, ela se lançou para a frente, emitindo relinchos e roncos, e saltou sobre a bendita sebe a uma velocidade tremenda. Foi uma grande visão a longa linha de cavalos cinzentos gigantes galopando juntos com crinas ondulando e cabeças abaixadas, rasgando a relva. Os homens em seus casacos vermelhos e suas barretinas de pele de urso gritavam, e os corneteiros tocavam “carga”. Além da primeira sebe a estrada era rebaixada, entre margens altas e inclinadas, e foi difícil descer sem cair; mas houve muito poucos acidentes. [...] Todos nós estávamos bastante empolgados e começamos a bradar “Hurra! Nonagésimo Segundo! Escócia para sempre!” enquanto cruzávamos a estrada [...] ouvimos as gaitas de foles de Highland soando[...] e vi claramente meu velho amigo major diretor da banda ficando separado, sobre um pequeno monte, tocando friamente “*Johnny Cope, are you wauking yet?*” em meio àquela barulheira. [...] Eu cavalgava na segunda fileira. Equilibrando-nos nas selas para descer a colina passando pelo milharal, pudemos distinguir os barretes com penas dos Highlanders e ouvimos os oficiais gritando para eles virarem para trás por seções. Mais um momento e estávamos entre eles. Alguns não tiveram tempo de abrir para nossa passagem e foram derrubados. [...] Eram os Gordons, e quando os ultrapassamos eles gritaram: “Atrás deles, Greys! Escócia para sempre!” Meu sangue ferveu e apertei o sabre com mais força. Muitos Highlanders agarraram nossos estribos, e na mais feroz empolgação correram conosco para a luta. Os franceses soltavam brados, mas destoantes. Só então vi os primeiros franceses. Um jovem oficial dos fuzileiros investiu com sua espada, mas eu a desviei com um golpe e quebrei seu braço; no instante seguinte estávamos no meio deles. Não conseguíamos ver 5 metros à frente por causa da fumaça. [...] Os franceses combatiam como tigres [...] enquanto varríamos para baixo a encosta íngreme passando por cima de tudo — eles tiveram que abrir caminho. Foi então que os franceses das fileiras da frente começaram a gritar por “piedade” largando seus mosquetes e tirando seus cintos. Os Gordons, diante disso, avançaram para dentro do dispositivo inimigo e o empurraram para trás. Naquela ocasião, eu já estava na fileira da frente, porque muitos dos nossos haviam caído.

Os Royal Scots Greys atacaram na extremidade leste da crista. Os franceses haviam avançado suas grandes colunas em escalões a partir do oeste, de modo que a divisão sobre a qual Dickson e seus companheiros despejaram a carga ainda não havia chegado à crista, nem chegaria agora porque os grandes cavalos abriam canais sangrentos nas fileiras francesas e as afugentavam. O jovem Louis Canler era componente da coluna mais próxima à estrada de Bruxelas, aquela que liderara o ataque escalonado. Ele aguentara o bombardeio dos canhões dos aliados, seu batalhão atravessara o vale e vira o tamborileiro continuando a rufar seu tambor apesar de perder o braço direito. Sua coluna chegou ao topo das elevações e os homens pensaram que isso era suficiente para lhes dar a vitória, mas tão logo alcançaram a estrada rebaixada, foram atacados pelos Royals, um dos regimentos da cavalaria pesada inglesa. Canler comenta que não houve tempo para formar quadrado e, portanto, sua unidade foi penetrada.

Foi essa a grande desvantagem da formação que os franceses optaram por empregar. Uma coluna com batalhões sucessivos em linha parecia magnífica e, se tivesse a oportunidade, poderia se alongar e formar uma linha formidável para

disparar salvas de tiros devastadoras, mas um batalhão em linha de três fileiras precisaria de demasiado tempo para formar quadrado, e seria dificultado pelos da frente e os da retaguarda quando tentasse fazer isso. Não havia espaço nem tempo para mudar a formação. O major Frederick Clarke, que atacou com os Scots Greys, calcula que o inimigo tentou formar quadrados, mas "o primeiro e mais próximo deles não teve tempo para completar sua formação e os Greys se lançaram em sua direção". A cavalaria pesada britânica investiu contra as colunas em pânico e Canler conta o que aconteceu:

> Seguiu-se uma verdadeira carnificina. Todo mundo foi separado de seus companheiros e lutou por sua vida. Sabres e baionetas cortavam as carnes trêmulas porque estávamos apertados demais para usar nossas armas de fogo.

Canler estava na retaguarda da sua coluna, mas os cavalarianos vieram abrindo caminho a golpes de espada e dividiram os batalhões. Canler, de repente, se viu sozinho e fez o sensato — rendeu-se. A infantaria aliada acompanhara os cavaleiros e tomou as armas de Canler e sua mochila com todos os pertences. As mochilas francesas eram muito cobiçadas nas pilhagens, porque mais bem-feitas e mais confortáveis que as britânicas.

A leste, onde o soldado Dickson cavalgava a égua Rattler de encontro ao inimigo, o capitão Duthilt tentava reunir seus homens que, pensou ele, haviam se desorganizado por causa do entusiasmo.

> Justamente quando eu empurrava um de meus soldados para a formação, o vi cair a meus pés cortado por golpe de sabre. Virei-me rapidamente. A cavalaria inglesa abria caminho no meio de nós e retalhava nossos homens. Assim como é difícil, se não impossível, a melhor cavalaria romper uma infantaria formada em quadrados [...] também é verdade que depois que as fileiras são rompidas e penetradas a resistência é inútil e só resta à cavalaria massacrar os oponentes quase sem risco algum para si própria. Foi isso o que aconteceu. Nossos pobres homens se erguiam e esticavam os braços, mas não conseguiam alcançar com a baioneta aqueles cavaleiros em suas poderosas montarias, e os poucos tiros disparados naquele embate caótico foram tão fatais para nossos homens quanto para os ingleses. Em consequência, acabamos indefesos contra um inimigo impiedoso que, intoxicado pela batalha, varava com os sabres até nossos tamborileiros e tocadores de pífano. Naquele combate, nossa águia foi capturada.

O 45º Regimento da Linha, de Duthilt, está sendo massacrado pelos Royal Scots Greys, e um dos integrantes do regimento de cavalaria é o sargento Charles Ewart, homem particularmente forte. Ele descreveu em detalhes a captura da águia inimiga. Isso deve ter ocorrido numa fase bem mais avançada da luta entre o 45º e os Scots Greys, porque ele menciona a presença de um lanceiro, portanto, é provável que Ewart tenha descido a encosta a cavalo e capturado o grupo da bandeira do regimento francês quando este tentava escapar. Os franceses batiam em retirada pelo vale enquanto sua cavalaria se apressava para tentar resgatá-los.

> Foi na primeira carga que tomei a Águia do inimigo; uma dura disputa por ela; o portador tentou me acertar na virilha, eu me desviei e cortei sua cabeça; depois fui atacado por um dos lanceiros, que arremessou sua lança em minha direção, mas errou o alvo porque eu a afastei com a espada pelo lado direito; depois o cortei do queixo para cima, e o corte entrou através de seus dentes. Em seguida, fui atacado por um infante que, depois de atirar contra mim, ameaçou-me com sua baioneta; mas logo foi derrotado, porque me desviei e cortei sua cabeça de cima a baixo; e assim se encerrou a disputa pela Águia. Depois, ousei acompanhar meus companheiros, com Águia e tudo, mas fui impedido pelo general que me disse: "Você, bravo companheiro, leve isso para a retaguarda; você fez o bastante até o fim da batalha", o que fui obrigado a fazer [...] levei a Águia para Bruxelas, em meio à aclamação de milhares de espectadores que a viram.

Ewart foi recompensado com uma patente e até hoje há um pub com seu nome na Royal Mile, em Edimburgo. Diz-se que Napoleão, assistindo da crista distante, comentou: "Esses terríveis cavalos cinzentos, como lutam!"

Os Royals também capturaram outra águia, a do 105º Regimento, que estava à frente do batalhão de Louis Canler. O capitão Kennedy Clark descreveu o acontecimento. Seu esquadrão, disse ele,

> avançara uns 200 ou 300 metros além da segunda sebe e, com a primeira linha da infantaria francesa rompida, percebi, um pouco à minha esquerda, uma "Águia" do inimigo no meio dos infantes. Seu portador se esforçava com o intuito de levá-la para a retaguarda da coluna. Imediatamente cavalguei até o lugar gritando "Peguem a bandeira!", e ao mesmo tempo, alcançando-a com meu cavalo, atingi com a espada o lado direito do oficial que carregava a "Águia". Ele cambaleou e caiu para a frente, mas acho que não chegou a bater no chão, tão apertado estava por seus companheiros.

O cabo Francis Stiles, que acompanhava Kennedy Clark, conseguiu apanhar o estandarte da águia e se afastar a cavalo, levando-a para trás.

Nem todos os cavalarianos se saíram tão bem quanto Ewart ou Stiles. O soldado Hasker, tecelão de meias e devoto da religião metodista quando ingressou no exército, ao atacar os couraceiros, cruzou espadas com um inimigo, mas nem ele nem o francês queriam lutar até a morte e então afastaram seus cavalos. O francês impressionara bastante Hasker com seu grito de guerra, presumivelmente "*Vive l'Empereur!*", e Hasker achou que devia também bradar alguma coisa, mas tudo o que conseguiu pensar no ímpeto do momento foi "A espada do Senhor e de Gideão!" Mas quando pronunciou alto essas palavras, seu cavalo tropeçou e caiu:

> Mal me levantei, um dos couraceiros se aproximou a cavalo e começou a talhar minha cabeça a golpes de espada. Logo caí de rosto no chão. Nesse momento, um homem passou a cavalo e me furou com uma lança. Eu me virei e fui cortado pela espada de outro homem que passou caminhando por mim. Logo depois outro inimigo veio com um mosquete de baioneta calada e, erguendo seus braços, enfiou a baioneta (conforme ele pensou) no meu lado, perto do coração [...] um de meus dedos foi decepado e fiquei ali deitado e sangrando em pelo menos uma dúzia de lugares, e logo eu estava coberto de sangue. Também nessa hora soldados franceses pilharam meu relógio, dinheiro, cantil, mochila e calças, não obstante balas do exército britânico zunissem por todos os lados.

O pobre Hasker passou o resto do dia e toda a noite seguinte no lugar onde caiu. Até que foi resgatado e conseguiu subir numa carroça que o levou para Bruxelas, onde, finalmente, seus ferimentos foram tratados.

Mas o assalto da Cavalaria Pesada britânica deixou o grande ataque de D'Erlon completamente desarticulado. As grandes colunas haviam sido rompidas e os cavalarianos trotavam entre os franceses dispersos desferindo golpes de espada, enquanto a infantaria britânica descia da crista para pilhar e levar prisioneiros. O tenente Scheltens, o oficial belga cujo capitão ficara com uma bucha de mosquete fumegando na manga de sua jaqueta, ajudou a reunir os presos:

> Um comandante de batalhão francês recebera um corte de sabre no nariz, que ficara então pendurado sobre a boca. "Veja", disse-me ele, "o que fizeram conosco!". O pobre sujeito poderia ter sofrido muito mais. Dei proteção a dois oficiais franceses nessa derrota. Eles me deram o símbolo maçônico, então os mandei para a retaguarda, onde não foram, como geralmente acontece, revistados e roubados.

Os franceses haviam chegado sedutoramente perto da vitória na crista da cadeia de elevações. As colunas maciças foram contidas pelo fogo da infantaria, mas a disparidade de efetivos deveria ter influenciado no final, salvo pelo fato de a cavalaria britânica ter se arremessado ao longo da estrada e penetrado profundamente nas fileiras francesas em pânico. Os minutos seguintes à carga foram de verdadeiro caos. Cavaleiros ainda atacavam inimigos isolados, enquanto os outros soldados da infantaria se retiravam o mais rápido que podiam e, embora ninguém mencione isso, eles devem ter formado quadrados reunidos às pressas para se protegerem ao longo do caminho por onde haviam vindo. "Centenas de soldados da infantaria se jogaram no chão e fingiram estar mortos enquanto a cavalaria passava por cima deles", recordou Kincaid, "nunca vi uma cena assim em toda a minha vida!". Os couraceiros que haviam ameaçado Kincaid foram rechaçados pela Cavalaria dos Householders, que se lançou ao ataque ao mesmo tempo que os Scots Greys, os Inniskillings e os Royals. "Lançar-se" é um verbo forte demais, porque o caminho deles foi atravessar a estrada, passar pelas sebes, cruzar valas e, como lembrou o capitão William Clayton, "o chão apresentava uma superfície de lama [...] que, logo depois de a ação começar, tornou-se tão profunda [...] que ficou muito difícil, ao avançar para o ataque, impor um trote aos nossos cavalos".

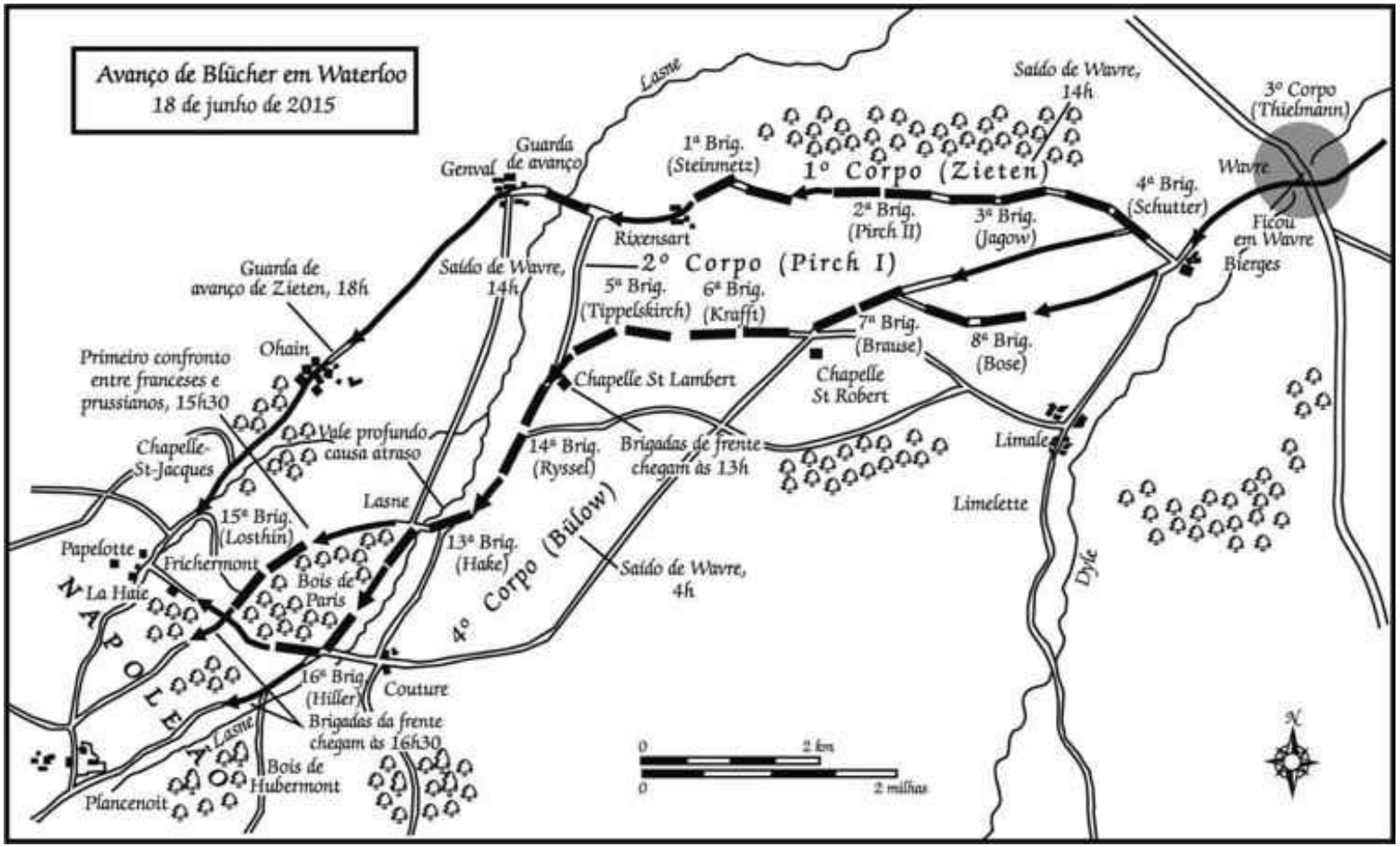
Entretanto cerca de oitocentos soldados da cavalaria pesada da Brigada dos Householders atacaram um número semelhante de couraceiros. Os franceses tinham a vantagem de usar peitorais e de portar espadas com lâminas 15 centímetros mais longas do que as britânicas, enquanto os britânicos tinham uma ligeira vantagem numérica, bem como por terem descido a encosta e pelo fator surpresa. O som de cavalaria pesada combatendo cavalaria pesada foi como o de "funileiros trabalhando", recordou-se um oficial. Os franceses foram empurrados para trás e

alguns foram suficientemente azarados para ficarem presos na estrada rebaixada ao lado de La Haie Sainte, onde tiveram seu recuo bloqueado por um abatis, barricada grosseira, mas eficiente, montada com galhos pesados. E esses homens, comprimidos juntos e incapazes de se livrar, foram cruelmente massacrados. A carnificina continuou até alguns soldados da infantaria francesa, ainda posicionados no pomar de La Haie Sainte, dispararem contra a cavalaria britânica. Tais remanescentes de La Haie Sainte recuaram logo depois, deixando a Legião Alemã do Rei ainda no controle da fazenda isolada.

A infantaria britânico-holandesa arrebanhou cerca de 3 mil prisioneiros na retaguarda, tirando-lhes armas e posses. À direita do avanço francês, a coluna mais a leste atacara a fazenda de Papelotte, mas agora se retirava da mesma forma que todas as outras. O grande ataque contra a centro-esquerda de Wellington chegara perto do êxito, mas se transformara em debandada, e os sobreviventes do Corpo de D'Erlon caminhavam com dificuldade, mancavam ou se arrastavam de volta pelo vale.

Enquanto isso, à direita de Wellington, a crise chegara a Hougoumont.

E a cavalaria britânica, exultante com a vitória, decidiu vencer a batalha inteiramente sozinha.


Avanço de Blücher em Waterloo
18 de junho de 2015
Lasne
Saído de Wavre, 14h
3º Corpo (Thielmann)
Wavre
Ficou em Wavre
Bierges
Genval
Guarda de avanço
1ª Brig. (Steinmetz)
1º Corpo (Zieten)
4ª Brig. (Schutter)
2ª Brig. (Pirch II)
3ª Brig. (Jagow)
Rixensart
2º Corpo (Pirch I)
Guarda de avanço de Zieten, 18h
Saído de Wavre, 14h
5ª Brig. (Tippelskirch)
6ª Brig. (Krafft)
7ª Brig. (Brause)
8ª Brig. (Bose)
Ohain
Primeiro confronto entre franceses e prussianos, 15h30
Chapelle St Lambert
Chapelle St Robert
Vale profundo causa atraso
Chapelle-St-Jacques
14ª Brig. (Ryssel)
Brigadas de frente chegam às 13h
Limale
Lasne
Limelette
15ª Brig. (Losthin)
13ª Brig. (Hake)
4º Corpo (Bülow)
Papelotte
Frichermont
Bois de Paris
Saído de Wavre, 4h
Dyle
La Haie
NAPOLEÃO
16ª Brig (Hiller)
Couture
Brigadas da frente chegam às 16h30
Lasne
Bois de Hubermont
Plancenoit
0
2 km
0
2 milhas
N

9

Tivemos nossa vingança! Que massacre!

Seu nome era Legros, e o apelido, *L'Enfonceur*, o Arrombador. Subtenente de um dos batalhões de infantaria que sitiara Hougoumont, ele era um homem grande, que alguns descreviam como "gigante". Ascendera na carreia com muitos méritos e estava prestes a escrever seu nome na história.

O portão norte de Hougoumont dava de frente para a cadeia de elevações mantidas pelos britânicos. Um caminho descia até o portão, e ainda existe, embora os muros de cada lado do portão atual sejam bem mais baixos do que eram em 1815. O portão abria para dentro e ficava destrancado a maior parte do tempo; aquela era a melhor rota por onde munição e reforços podiam chegar à guarnição duramente pressionada que, no meio da tarde, estava sob fogo vindo de três lados.

Em algum momento daquela tarde, o colossal Arrombador liderou um grupo de cerca de trinta ou quarenta homens da infantaria e forçou a abertura do portão norte. Ele carregava o machado de um sapador. Os sapadores serviam aos engenheiros do exército como mão de obra e usavam grandes machados para cortar árvores, mas nas mãos de um homem como Legros o machado era também arma mortal. Não se sabe bem ao certo se *l'Enfonceur* encontrou o portão aberto ou se o arrombou. Alguns relatos sugerem que ele arrebentou alguns portões com seu machado, mas o mais provável é que um ataque francês tenha empurrado alguns escaramuçadores britânicos para leste do castelo e que eles tenham se retirado pelo portão sem tempo de fechá-lo. O subtenente Legros invadiu o pátio seguido de seus homens e de um menino tamborileiro.

A situação era desesperadora para Macdonell. A ferocidade do ataque de Legros deixava desimpedido o grande pátio e, se mais tropas francesas conseguissem entrar pelo portão, os defensores seriam destruídos ali dentro. E esses reforços chegavam.

Macdonell percebeu que a tarefa mais importante não era matar Legros e seus companheiros, mas fechar os portões para que não entrassem mais franceses. Ele liderou um pequeno grupo de homens, que passaram pelos intrusos e, juntos, se empenharam para fechar os grandes portões. Tiveram que fazer muita força contra a pressão vinda de fora, alguns homens foram atingidos por tiros disparados pela

abertura enquanto ela era lentamente fechada, e ignoraram os homens de Legros combatendo atrás deles. Outros defensores atiraram de janelas e portas, despejando tiros de mosquete contra os invasores. Até que, finalmente, o portão foi fechado e reforçado, e Macdonell e seus homens se voltaram para Legros. Todos os franceses, exceto o menino do tambor, foram mortos.

O duque de Wellington disse, de forma memorável, que um homem pode também escrever a história de uma batalha como conta a história de uma dança; coisas demais acontecem de uma só vez num turbilhão de cores, sons e confusão. Poucas batalhas têm sido estudadas com tanta atenção, pesquisadas com tanta abrangência ou motivado escritos com tanta frequência, mas ainda há mistérios. O ataque de Legros coincidiu com o do Corpo de D'Erlon? Ou foi depois? Os Guardas do Coldstream ocupavam realmente Hougoumont quando os primeiros franceses atacaram? O capitão Moritz Büsgen era oficial de um dos batalhões holandeses de Nassau e, em sua descrição da luta em Hougoumont, parece que Macdonell recebera ordens para abandonar os prédios antes de o ataque começar, e que os homens de Büsgen assumiram as posições deixadas por ele; "pelas preparações das defesas existentes [...] ficou óbvio que esse posto já fora ocupado", escreveu Büsgen. Um historiador sugere que Slender Billy ordenou aos guardas britânicos que saíssem de Hougoumont, o que certamente seria uma atitude impensada, mas é quase inconcebível que Macdonell tivesse obedecido, sabendo como sabia da confiança que o duque nele depositava. Büsgen também menciona uma incursão francesa por volta das 15h30, por um portão lateral, o que ninguém mais registra. Quando Matthew Clay, o jovem guarda que ficara em dificuldade fora dos muros, retirou-se em segurança pelos portões, viu:

> o tenente-coronel Macdonell carregando um grande pedaço de madeira ou o tronco de uma árvore nos braços. Uma de suas faces estava manchada de sangue, e seu cavalo também sangrava, deitado a uma curta distância. Com essa madeira ele corria para reforçar os portões contra os repetidos ataques do inimigo, repelidos com muito vigor até então.

Clay provavelmente não estava com um relógio e não tenta dizer a que horas correu para a segurança e viu Macdonell carregando a viga de madeira, mas fala de outra incursão francesa, mais tarde, e essa segunda parece ser uma referência aos homens de Legros, porque Clay observa que um menino tamborileiro foi o único sobrevivente. Foi Clay quem abrigou o menino em segurança numa casa anexa. Ele calcula que os portões foram forçados pela artilharia, o que ninguém mais registra, embora, em algum momento naquela tarde, os franceses tenham realmente trazido a artilharia para se juntar à luta pelo castelo.

Parece provável que tenha havido duas incursões francesas a Hougoumont, ambas derrotadas, assim como é também provável que a guarnição fosse composta por

soldados britânicos e holandeses, apesar de a leitura dos relatos de testemunhas oculares causar alguma confusão. O problema está no patriotismo. Relatos britânicos enfatizam as conquistas britânicas e raramente dão crédito a outros aliados que não sejam a Legião Alemã do Rei, enquanto relatos de holandeses, hanoverianos e soldados de Nassau transmitem uma tendência semelhante em favor de suas próprias proezas. Fonte para o que aconteceu em Hougoumont são as memórias não publicadas do soldado Johann Leonhard, de Nassau: assim como Büsgen, ele sustenta que foram os soldados de Nassau que ocuparam a fazenda e não há menção alguma aos Guardas britânicos na repulsa aos ataques vindos do bosque:

> Mal havíamos tomado posição nos buracos [dos muros] quando massas de franceses saíram do bosque [...] mas tarde demais! A chuva de balas que disparamos [...] foi tão terrível que a grama em frente logo estava coalhada de cadáveres de franceses [...] fomos atacados quatro vezes [...] mas a cada uma delas os inimigos eram repelidos.

Isso parece bastante claro: os soldados de Nassau derrotaram cada ataque francês. O capitão Büsgen diz quase a mesma coisa, embora reconheça que alguns soldados do Coldstream tenham sido enviados "em apoio ao batalhão sob meu comando", o que indica que Büsgen comandava a guarnição. Mas contra isso temos as memórias de George Evelyn, oficial dos Guardas britânicos, que se recorda que "os franceses atacaram com uma força muito superior e os holandeses imediatamente cederam e fugiram". O tenente-coronel Francis Home, subcomandante de Macdonell, escreve que os britânicos ocuparam o castelo na noite do dia 17 e só receberam reforço de soldados de Nassau às 11h do dia da batalha; "estes de início deviam ser seiscentos", escreve ele, com desdém, "mas depois da primeira hora não se via um deles; todos haviam desaparecido [...] e nunca mais foram vistos depois, exceto alguns retardatários". Quem estava certo? A suspeita é de que a verdade esteja em algum lugar entre as duas versões. Macdonell seguramente comandou a guarnição, mas também é certo que soldados holandeses ainda estavam lutando quando Legros atacou, porque um deles, um tenente de Nassau, teve a mão decepada por um machado provavelmente manejado por *l'Enfonceur*. Não se pode acreditar que os Guardas britânicos tenham desocupado Hougoumont na manhã do dia 18, o que quer que Slender Billy tenha ordenado. Nenhuma das memórias menciona isso, e temos várias. Então por que Büsgen insistiu que Hougoumont estava abandonada quando ele chegou? É possível que ele tenha conduzido seus homens para o castelo em si, e que, por não estar o prédio situado no perímetro das construções, podia estar vazio, mas isso é uma tentativa de explicação. Quanto à fuga dos holandeses, existem evidências de sobra de que eles permaneceram ali. O soldado Leonhard descreve os carpinos do passeio ornamental do jardim formal

sendo destruídos e os muros do castelo desabando sob o "bombardeio pesado ou sob as fortes tempestades que se abateram sobre nós", ainda que nenhum outro participante mencione forte tempestade durante a batalha. "O céu", escreveu ele:

> parecia ter se transformado num oceano de fogo, todos os prédios da propriedade estavam em chamas. O chão sob meus pés começou a sacudir e tremer, e grandes fendas se abriram diante de meus olhos.

Essa talvez seja uma descrição tão boa quanto qualquer outra das impressões daquela luta horrível. Milhares morreriam dentro e em torno de Hougoumont, e temos que perdoar os sobreviventes se seus relatos nem sempre são coerentes.

A luta por Hougoumont continua. Wellington certa vez comentou que o fechamento dos portões foi um ato decisivo para a batalha e que, mais tarde, quando um clérigo excêntrico quis oferecer uma pensão anual para "o homem mais bravo de Waterloo" e pediu ao duque para fazer essa difícil avaliação, Wellington escolheu Macdonell. Este, por sua vez, insistiu em dividir o dinheiro com o sargento James Graham, um irlandês que estivera a seu lado naqueles momentos de desespero. A dupla recebeu a pensão durante dois anos, até o clérigo perder seu dinheiro, mas é significativo que Wellington, forçado a fazer uma escolha, tenha indicado Macdonell e, por associação, Graham. Pouco depois de ajudar a fechar os portões, Graham salvou a vida de um capitão de 25 anos, Henry Wyndham. Um francês subiu no muro alto ao lado do portão e mirou seu mosquete contra Wyndham, mas Graham atirou primeiro. Wyndham viveu até 1860 e as mulheres de sua família sempre reclamaram que sua casa era excessivamente fria e exposta a correntes de ar porque, afirmavam elas, desde que ajudara a fechar os portões de Hougoumont, ele jamais fechara qualquer porta.

Os portões de Hougoumont foram, de fato, cerrados, mas o cerco estava longe de acabar, e os franceses começam agora a bombardear a fazenda, enquanto a oeste, para além da estrada principal que divide em duas partes o campo de batalha, a cavalaria britânica está enfurecida.

* * *

O duque de Wellington nunca teve muita confiança na cavalaria britânica. "Eu considerava nossa cavalaria", escreveu ele depois das guerras:

> tão inferior à francesa por falta de ordem que, embora um esquadrão fosse páreo para dois franceses, eu não gostava de ver quatro britânicos em oposição a quatro franceses. À medida que os efetivos aumentam, a ordem se torna mais necessária. Nossos homens podiam galopar bem, mas não conseguiam manter a ordem.

O duque prezava a ordem acima de qualquer outra virtude militar. Ela tornava os

soldados estáveis sob fogo, permitia que se mantivessem firmes sob horríveis bombardeios de artilharia e sustentava os homens numa troca de salvas de disparos a curtas distâncias. O infame comentário do duque sobre seu exército ser "a escória da terra" foi feito quando a ordem ruiu. Isso ocorreu depois de seu grande triunfo em Vitoria, quando as tropas britânicas capturaram o comboio de bagagens do inimigo, com toda a pilhagem francesa de sua ocupação na Espanha, e a disciplina foi para o espaço, numa orgia de saques, roubos e assassinatos. A ordem tornava tudo o mais possível, e a cavalaria britânica era famosa pela carência dela. Na Península, Wellington confiou na cavalaria da Legião Alemã do Rei, mas era sempre cauteloso com a sua. Bem verdade que a cavalaria pesada fora responsável pelo ataque que vencera uma batalha em Salamanca, em 1812, mas na época estava sob o comando do major-general John Le Marchant, provavelmente o melhor líder da cavalaria britânica no período napoleônico, e que foi morto nesse combate.

A Brigada dos Householders, os Inniskillings, os Dragões Reais e os Royal Scots Greys haviam feito um trabalho magnífico ao desbaratar o ataque de D'Erlon. As colunas francesas, despedaçadas pelo pânico, se retiravam rapidamente, deixando para trás 3 mil prisioneiros e aproximadamente a mesma quantidade de feridos ou mortos. Cavalarianos se espalhavam pela longa encosta, espadas ensanguentadas à mão, e os corneteiros se esfalfavam tocando ordens para que voltassem, mas quase todos ignoraram as convocações. "Nossos homens estavam fora de controle", admitiu um oficial do Estado-Maior. Do outro lado do vale, eles podiam ver a Grande Bateria de Napoleão, a grande linha de canhões que castigara a cadeia de morros ocupados pelos aliados. Esses canhões ainda estavam silenciosos por medo de atingir os sobreviventes do Corpo de D'Erlon que ainda se encontravam no lado britânico do vale. A Grande Bateria não estava na crista da cadeia francesa de elevações, mas bem à frente dela, e os cavalarianos britânicos não resistiram. Viraram seus cavalos e executaram uma carga contra os canhões. O soldado Dickson viu o sargento Ewart levando a águia para a retaguarda e depois, disse ele, "cavalgamos rapidamente em busca de um êxito semelhante". Ele e seus companheiros viram outra coluna, quase certamente os homens do general Durutte, na extremidade direita do ataque francês.

> O corneteiro Reeves […] que cavalgava ao meu lado, fez soar a ordem de "agrupar" e um enxame de homens veio de todos os lados, alguns *Enniskillens* e Royals entre eles. Iniciamos ao mesmo tempo um ataque violento [...] os batalhões [franceses] pareciam se abrir para passarmos, e assim em cinco minutos galopamos em nosso caminho reto entre muitos milhares de franceses. Agora chegávamos à base da encosta. Ali o terreno era escorregadio, com lama profunda. Incitando uns aos outros, galopamos da melhor maneira possível em direção às baterias na cadeia de elevações acima, que haviam causado tanta destruição em nossas fileiras. O terreno era muito difícil, principalmente no lugar onde atravessamos a extremidade do campo arado, de modo que nossos cavalos afundavam até os joelhos enquanto nos esforçávamos para prosseguir. Minha corajosa Rattler estava ficando bastante cansada, mas seguimos em frente com toda a energia. Nesse momento, o coronel Hamilton se aproximou de

> nós, a cavalo, gritando, "Carga! Carga contra os canhões!", e partiu como o vento morro acima em direção à terrível bateria que fizera trabalho tão mortal contra os Highlanders. [...] Lá estávamos nós entre os canhões e tivemos nossa vingança. Que massacre! Enfiamos sabres nos artilheiros, aleijamos os cavalos e cortamos seus tirantes e arreios. Ainda posso ouvir os franceses gritando "*Diable!*" enquanto eu os atingia, e o sibilo prolongado entre seus dentes enquanto minha espada os varava. [...] Os condutores da artilharia sentados em seus cavalos choravam alto enquanto passávamos entre eles; simples garotos, pensamos. Rattler perdeu a calma e mordia e rasgava tudo o que aparecia à sua frente. [...] A infantaria francesa corria entre nós em desordem no rumo da retaguarda.

Dickson calculou que quinze canhões ficaram inoperantes, outros cavalarianos sugeriram que o número foi maior, mas como ninguém apeou para entupir os orifícios de entrada da pólvora de ignição, é provável que todos os canhões tenham sido usados novamente. O general Durutte, que havia visto sua coluna rompida, assistiu à carga da cavalaria britânica no vale e concluiu que eles "ou estavam bêbados ou não sabiam como frear seus cavalos".

Centenas de combatentes da cavalaria britânica sobre cavalos em disparada estavam agora no lado francês do campo de batalha. Os invadidos perceberam a oportunidade e despacharam lanceiros e caçadores contra eles. A cavalaria francesa veio do leste e atingiu duramente os britânicos. "Em nenhuma ocasião", disse o general Durutte, "apreciei tanto quanto nesse confronto a superioridade da lança sobre o sabre". Os britânicos tentaram alcançar seu lado do vale, mas os franceses montavam animais descansados e os derrubaram. O coronel Bro de Commères era o oficial no comando do 4º de Lanceiros:

> Tomei a frente dos esquadrões e gritei "*En avant*, rapazes! Temos que destruir essa ralé!" Os soldados responderam: "*En avant! Vive l'Empereur!*" Dois minutos depois, o embate aconteceu. Três fileiras de inimigos foram derrubadas e atacamos terrivelmente as outras! A confusão se tornou assustadora. Nossos cavalos pisoteavam cadáveres e soavam gritos de feridos.

O coronel De Commères teve o azar de ser ferido no braço, mas o maior azar foi dos britânicos que lutaram contra a lama profunda para escapar dos cavaleiros franceses mais leves. Sir William Ponsonby era o comandante da 2ª Brigada, que enquadrava os Royals, os Scots Greys e os Inniskillings, e participara da carga. Agora, com seu cavalo cansado e atolado na lama, ele dava a seu ajudante de ordens algumas lembranças e objetos de valor para que entregasse à sua família, e esperava o inevitável. Seu corpo foi descoberto com sete ferimentos de lança. O tenente-coronel Sir Frederick Ponsonby, primo em segundo grau do predestinado Sir William, foi ferido nos dois braços e derrubado inconsciente de seu cavalo por um corte de sabre. Recuperou os sentidos para ver um lanceiro se erguendo sobre ele. "*Tu n'est pas mort, coquin!*", disse o lanceiro, tratando Ponsonby como se ele fosse uma criança, "Você não está morto, seu canalha!". Em seguida, atirou sua lança de 2,7 metros para furar o pulmão de Ponsonby, que ficou ali deitado, sangrando. Homens

da infantaria que se retiravam o pilharam e, mais tarde, ele foi usado como descanso de mosquete por um escaramuçador francês antes de ser pisoteado pela cavalaria prussiana, porém, milagrosamente, sobreviveu. Morreu, aos 54 anos, em 1837.

Os britânicos não usavam lanças, mas a experiência em Waterloo os persuadiu a adotar a arma. John Dickson, em sua égua Rattler, voltou a salvo, mas centenas não conseguiram, embora a cavalaria leve britânica tivesse intervindo para dar cobertura à retirada em pânico. Durante algum tempo, o vale a leste da estrada principal foi o caos, e Louis Canler ainda estava longe da encosta britânica, depois de se render e ter sua mochila e seus pertences tomados.

> De repente ouvi a ordem, "Ao trote!". Lanceiros e couraceiros franceses haviam chegado para nos ajudar. Os dragões ingleses tiveram de nos abandonar para repelir essa carga e aproveitei a liberdade repentina para me esconder num campo de trigo próximo. A cavalaria francesa atacou os dragões ingleses com fúria, ferindo-os com sabres e lanças de maneira tão selvagem que os ingleses recuaram e deixaram um bom número de seus homens no campo de batalha. Isso me permitiu atravessar o campo e me juntar novamente à minha unidade (e)... vi-me perto de um oficial dragão inglês que havia sido morto no embate. Um sabre abrira sua cabeça, fazendo parte do cérebro explodir do crânio. Uma corrente de ouro magnífica pendia de seu bolso e, apesar de minha pressa, parei um momento para pegar aquela corrente e um belo relógio de ouro.

Canler se junta ao que restara de seu batalhão, mais rico do que quando o deixara, e aos poucos o caos diminui. Os cavalarianos britânicos sobreviventes retornam para suas colinas e, por volta das três horas da tarde, o vale está vazio novamente, exceto pelos mortos, moribundos e aqueles que sofrem. Os artilheiros dos dois exércitos voltam para seus canhões e começam a disparar. O grande ataque do Corpo de D'Erlon chegou muito perto do êxito, mas foi arruinado por salvas de tiros, baionetas e pela cavalaria pesada britânica que, depois de destruir vastas colunas, destroçou a si própria de maneira tão estúpida. Aproximadamente metade dos homens que realizaram a carga estava perdida — mortos, feridos ou capturados —, e agora o restante se reunia de novo atrás da crista das elevações. Por um momento havia pouca atividade no vale, mas o intervalo não duraria muito tempo. O tempo do imperador acabava.

* * *

"Grandes batalhas são vencidas pela artilharia", disse certa vez Napoleão, embora ele tenha dito tantas coisas que é difícil saber quando estava falando sério. Ele gostava de fazer afirmações diretas, solenes, com um grão de verdade, presumivelmente para provocar uma discussão que ele poderia vencer, mas amava sua artilharia e agora os grandes canhões disparavam ao longo de toda a linha, bombardeando toda a cadeia britânica com balas e granadas. Outros canhões

atacavam Hougoumont, embora essa batalha estivesse fora da visão de Napoleão.

O imperador nunca foi à ala esquerda de seu exército para ver o que acontecia em Hougoumont, embora deva ter recebido relatos sobre as frustrações que seus homens sofriam, porque foi ele quem ordenou que obuseiros fossem empregados contra a fortaleza. Durante quase toda a batalha, Napoleão permaneceu perto da estrada principal, fosse na fazenda Rossomme, bem ao sul de La Belle Alliance, ou próximo a esta última. Trajava um sobretudo cinza, e muitos homens o viam caminhando para cima e para baixo no pedaço de terreno elevado de onde podia ver o campo de batalha coberto de fumaça. Uma cadeira com assento de junco e uma mesa pequena haviam sido trazidas da hospedaria e ele se sentava ali durante longos períodos; alguns observadores disseram que se debruçava de vez em quando e olhava o mapa aberto sobre a mesa; palitava os dentes com pedaços de palha, ou observava através da fumaça com seu telescópio. Seu irmão Jérôme mais tarde afirmou que Napoleão saía do campo de batalha por breves momentos para que aplicassem sanguessugas em suas hemorroidas, e é correto que o imperador acreditava no poder de tal remédio, mas está longe de ser certo que ele o tenha usado naquele dia fatal.

Anos depois de Waterloo, o campo de batalha se tornou um destino turístico popular, e um dos muitos guias era um homem chamado Decoster, que afirmava ter sido feito prisioneiro na manhã da batalha e forçado a ser informante de Napoleão na região rural. Faz sentido que perguntassem a um homem local o que havia atrás das elevações e para onde seguiam as estradas, mas as histórias de Decoster parecem conter boa dose de fantasia. Napoleão assistia à batalha da melhor maneira que podia em meio à fumaça, mas não montava seu cavalo para inspecionar as várias unidades que lutavam para ele. Assistentes faziam isso em seu nome, seus cavalos disparando pelos morros com notícias e mensagens. Havia uma torre de observação em uma das elevações do lado francês, uma estrutura alta e frágil com um andaime de madeira, provavelmente construída por agrimensores pouco antes da batalha para ajudar na confecção de mapas. Sem dúvida, alguns oficiais franceses observavam do alto da torre, mas não há menção alguma a Napoleão subindo escadas.

O duque de Wellington, por sua vez, nunca descia de seu cavalo, Copenhagen. Durante grande parte da batalha, permaneceu ao lado do elmo, na encruzilhada, mas em momentos de grande perigo sempre estava perto das tropas ameaçadas. Visitara Picton pouco antes de as colunas de D'Erlon chegarem à crista, mas à medida que o dia foi passando, ele começou a se preocupar cada vez mais com sua ala direita. Mais tarde, afirmou que o "dedo da providência" o protegeu porque, embora muitos de seus companheiros tenham sido mortos ou feridos ao seu lado, nem ele nem Copenhagen foram atingidos. O duque foi sempre um comandante presente, dando ordens aos batalhões pessoalmente, enquanto Napoleão se contentava em deixar que Ney dirigisse os combates. Uma das afirmações feitas sobre o imperador era de que

ele tinha um sexto sentido para o momento em que a crise de uma batalha se avolumava e, então, desfechava seu golpe de mestre que incapacitava o inimigo, mas se isso é verdade, então o sexto sentido o abandonou em 18 de junho de 1815. Seriam muitas as crises, mas nenhuma delas provocou uma ação inesperada para tirar proveito da fraqueza britânico-holandesa. Wellington calculou que a presença de Napoleão num campo de batalha valia 40 mil homens para os franceses e, sem sombra de dúvida, os soldados veneravam o imperador, até o amavam, e lutaram por ele com uma coragem desesperada, todavia a presença de Wellington também valia homens. Ele não era venerado nem amado, mas respeitado. Quando passava a cavalo ao longo da linha, podiam-se ouvir sargentos ordenando a seus homens: "Olhem para a frente! Silêncio nas fileiras! Lá vem o Abelhudo!" Eles sabiam que o comandante valorizava a ordem acima de tudo. Admirava também seus homens, e eles sabiam disso, e muitos relatos homenageiam a participação do duque. Quando a batalha se tornava mais acirrada, quando *canister* e balas de canhão e mosquete atingiam as fileiras britânico-holandesas, Wellington com frequência estava a apenas passos de distância. Um oficial britânico notou sua presença naquela tarde, acompanhado de um único assistente, "todo o resto de sua equipe morto ou ferido" e Wellington, registrou o oficial, "surgiu perfeitamente composto, apesar de parecer muito pensativo e pálido". Ele passava a impressão de ser imperturbável não porque o fosse, mas porque tinha que ser assim. Um soldado que estivesse carregando e disparando seu mosquete, seu rosto salpicado de queimaduras de pólvora, seus ouvidos zunindo com o barulho, sua visão da batalha reduzida a alguns metros de fumaça e seus companheiros morrendo ou já mortos, daria uma olhada no duque. Se o Abelhudo mostrasse preocupação, era hora de entrar em pânico, mas se ele aparentasse calma e confiança, então as coisas provavelmente estavam indo bem.

Wellington não estava nem calmo nem confiante. Em determinado momento, ouviram-no murmurando "Que venham os prussianos ou o anoitecer!", e foi visto olhando seu relógio com frequência. Mais tarde, diria muitas vezes como aquela batalha havia sido vencida por pouco. "Nunca estive tão perto de ser derrotado." E durante todo o tempo ele olhava para o leste. Assim como Napoleão. Os dois vigiavam as colinas distantes, esperando por tropas. O duque sabia que os prussianos chegavam, jamais teria oferecido combate se não acreditasse nisso, mas à medida que seu exército se desgasta, que o combate continua, ele tem consciência de que precisa desesperadamente dos prussianos. E Napoleão sabe que, então, só lhe resta uma chance: romper o dispositivo de Wellington antes que os prussianos cheguem. Agora é uma corrida. Salvo que, para Blücher e suas tropas prussianas, tornou-se uma corrida de obstáculos.

* * *

Os prussianos fizeram uma pausa no lado leste do vale do Lasne. Blücher estava com pressa, mas não teve escolha a não ser esperar sua coluna desgarrada alcançar a vanguarda. Ele importunava seus soldados. "Avante!", citaram-no afirmando: "Ouço vocês dizendo que é impossível, mas isso tem que ser feito! Dei minha palavra a Wellington, e vocês certamente não querem que eu a descumpra! Força, para a frente, rapazes, e seremos vitoriosos!"

É impossível não gostar de Blücher. Ele tinha 74 anos, ainda sentia a dor e o desconforto de suas aventuras em Ligny, exalava aguardente e unguento de ruibarbo, mas era puro entusiasmo e energia. Se a atitude de Napoleão naquele dia era de mal-humorado desdém por um inimigo que ele subestimava, e a de Wellington, calma fria e calculada que escondia a preocupação, Blücher era a paixão personificada. Ele pode ouvir a batalha que está sendo travada apenas 5 ou 6 quilômetros a oeste, sabe que suas tropas farão a diferença, mas, apesar de toda a sua impetuosidade, sabe também que precisa se aproximar do combate com certa cautela.

Há tropas francesas no lado oposto do desfiladeiro do Lasne. São da cavalaria leve, logo é improvável que comecem um entrevero sério, mas se Blücher enviar algumas frações, ou mesmo partes de unidades à medida que cheguem, é provável que induza a infantaria francesa a entrar nos bosques espessos além do Lasne e, com isso, arrisque a perda de unidade por unidade. Ele tem que reunir soldados suficientes a fim de transpor o pequeno rio em força, de modo que eles possam se defender enquanto o resto de seu exército chega. Então Blücher espera.

O desfiladeiro do Lasne hoje não parece grande obstáculo, mas em 18 de junho o pequeno rio estava largo e caudaloso devido às chuvas torrenciais do dia anterior, e as laterais do vale, que já eram íngremes o bastante, estavam traiçoeiras por causa da lama. Havia degraus nas trilhas, feitos com toras de madeira, para proporcionar aos cavalos de carroças pequeno descanso, e agora eles serviam para ajudar a artilharia prussiana a fazer a travessia precária, mas os canhões, bem mais pesados do que a maioria das carroças, precisavam de enormes equipes de homens para controlar seu peso desajeitado nas encostas íngremes e escorregadias. A cavalaria tinha que conduzir seus cavalos, a infantaria escorregava e subia com dificuldade, mas aos poucos as forças cruzavam o obstáculo que era psicológico e também real. Uma vez atravessado o vale do rio, Blücher teria poucas chances de recuar. Se suas forças fossem pressionadas pelos franceses, ficariam acuadas contra o vale e, com certeza, seriam aniquiladas. Mas é questionável se Blücher estava preocupado com essa possibilidade. Ele só queria transpor o rio, passar pelas árvores e estourar o flanco direito de Napoleão. Uma proposta é simplesmente se juntar às forças de Wellington, acrescentando regimentos prussianos à linha britânico-holandesa, mas

Gneisenau argumenta em favor de uma abordagem mais ao sul, que possa dividir suas forças em duas atrás do exército de Napoleão e, assim, ofereça a chance de uma manobra em pinça, que inevitavelmente levaria à completa destruição daquele exército. Blücher concorda e, em decorrência, o primeiro alvo dos prussianos será a vila de Plancenoit.

Mas primeiro eles precisam cruzar o Lasne. A cavalaria leve prussiana foi a primeira a atravessar e enfrentou hussardos franceses no Bois de Paris, o bosque de Paris, que fica no lado oeste do desfiladeiro. O coronel Marcellin de Marbot comandava os cavaleiros franceses:

> Empreguei hussardos e lanceiros, que empurraram [a coluna prussiana] para trás duas vezes. Tentei ganhar tempo mantendo o inimigo pressionado o máximo que pude. Ele só podia vir pelas trilhas lamacentas íngremes com grande dificuldade.

Os franceses perderam excelente oportunidade. O general Lobau tinha mais de 6 mil soldados da infantaria a oeste e bem perto do bosque, e se esses homens tivessem sido posicionados na boca do vale do Lasne, poderiam ter retardado os prussianos por horas, mas Napoleão dera a Lobau instruções específicas para só avançar sobre os prussianos quando ouvisse os canhões de Grouchy atacando-os pela retaguarda, e então Lobau permaneceu onde estava, esperando ouvir um som que não chegava e, unidade após unidade, os prussianos conseguiram cruzar o rio. Reuniram-se no Bois de Paris, cavalaria à frente, infantaria atrás e artilharia na estrada. Foi demorado, havia apenas uma ponte estreita sobre o Lasne, mas no meio da tarde os prussianos haviam passado pelo rio em grande quantidade. Grouchy, que deveria os estar atacando, ainda progredia para Wavre, onde seus batedores haviam descoberto a retaguarda prussiana deixada para defender a cidade. Napoleão podia estar rezando para Grouchy chegar a Waterloo, mas o marechal estava prestes a começar uma batalha só sua a quase 20 quilômetros de distância.

O general e barão Von Müffling era o oficial de ligação prussiano com Wellington e agora tinha mensageiros indo e voltando entre ele próprio e Blücher. Os aliados estavam em contato, embora fosse demorar algum tempo para que os prussianos conseguissem enfrentar o inimigo com força suficiente para fazer a diferença. Mas Von Müffling não tinha dúvida alguma de que a assistência de seus compatriotas era urgentemente necessária. “Depois das três horas”, escreveu ele em suas memórias, “a situação do duque se tornava crítica, a não ser que o socorro do exército prussiano chegasse logo”.

Porque foi depois das três horas que os franceses lançaram seus ataques mais temerários contra a linha de Wellington.

* * *

Hougoumont estava em chamas. Obuseiros franceses arremessavam granadas por cima dos muros altos. Se não conseguissem forçar a guarnição a se retirar, talvez pudessem expulsá-la por meio de incêndios. O fogo ocasionou uma das ordens mais famosas de Wellington. Ele mantinha um suprimento de tiras de pele de asno (a pele de asno é lisa o bastante para ser secada, limpa e reutilizada) nas quais escrevia suas ordens, usando o cepilho de sua sela como mesa. Cavalgara ao longo da crista, observara Hougoumont abaixo e agora escrevia para Macdonell, e vale a pena citar a ordem inteira, lembrando que foi redigida sob tiros, num lugar assaltado por barulhos. A clareza é extraordinária:

> Vejo que o fogo se comunicou do palheiro para o telhado do Château. Você tem que manter, porém, seus homens nas partes que o fogo não alcança. Cuide para que nenhum Homem seja perdido com o desabamento do Telhado ou dos pisos. Depois que estes desabarem, ocupe os Muros Arruinados dentro do Jardim, em particular se for possível ao Inimigo passar pelas Brasas para Dentro da Casa.

Pode-se dizer que Macdonnell dificilmente precisaria da ordem e teria feito precisamente o que Wellington queria, sem as meticulosas instruções, mas era raro o duque confiar alguma coisa à sorte. Matthew Clay, depois de sua aventura fora dos muros do castelo, atirava agora de uma das janelas superiores da casa principal, que, observou ele, era mais alta que os outros prédios, e os tiros disparados dali "incomodavam os escaramuçadores inimigos":

> Os franceses perceberam isso, despejaram suas granadas entre nós e atearam fogo no prédio que defendíamos. Nosso oficial se colocou na entrada do cômodo e não deixou ninguém sair de seu posto até que nossas posições se tornassem inúteis e perigosas demais para serem mantidas. A todo momento, esperávamos que o piso desabasse completamente conosco, e quando deixamos a sala vários de nós estavam feridos de uma forma ou de outra.

As chamas destruíram a casa principal, que jamais foi reconstruída. O fogo alcançou a capela, onde muitos feridos estavam deitados, mas elas se apagaram justo quando chegaram ao crucifixo pendurado sobre o pequeno altar, só o chamuscando. Alguns consideraram isso um milagre. Outros homens feridos se encontravam no celeiro, que também pegava fogo, e nem todos puderam ser resgatados. Seus gritos podiam ser ouvidos enquanto morriam queimados. Alguns cavalos também foram incinerados no celeiro, seu sofrimento contribuindo para a estridência do dia. Mas a guarnição ainda se mantinha defendendo o local. Em algum momento durante a tarde, um bravo condutor do Royal Wagon Train passou pela estrada chicoteando seus cavalos. O capitão Horace Seymour, assistente de lorde Uxbridge, pedira ao homem que levasse a carga de munição de sua carroça para os defensores:

> Eu simplesmente lhe apontei onde ele era necessário e o condutor corajosamente partiu com seus cavalos, seguindo diretamente morro abaixo até a Fazenda, em cujo portão eu o vi chegar. Ele deve ter perdido seus cavalos, já que foi submetido a fogo severo. Estou convencido de que os Guardas devem sua munição ao serviço desse homem.

Registre-se aqui com reverência todos os heróis de Waterloo: o subtenente Legros e seus homens, o sargento James Graham, Charles Ewart; tantos de ambos os lados. Mas houve também covardia. Alguns homens se ofereceram para ajudar a levar feridos para a retaguarda e não voltaram mais. Isso aconteceu até nas unidades de elite. O general Sir Andrew Barnard comandava uma brigada da Divisão Leve que enquadrava um batalhão de seu 95º Regimento de Fuzileiros. Ele escreveu depois da batalha:

> Lamento dizer que um grande número de nossos homens foi para a retaguarda sem motivo depois da aparição dos couraceiros; foram pelo menos cem os ausentes depois da luta e isso muito me envergonha, já que foi a primeira vez que aconteceu no regimento. Kincaid diz que poucos abandonaram o corpo depois da carga da cavalaria. Entre os que fugiram para a retaguarda havia alguns dos quais eu não esperava tal atitude.

Edward Costello, um dos fuzileiros de Barnard, fora ferido em Quatre Bras. Ele recuou com o restante de sua unidade, mas no dia da batalha recebeu ordem de ir para Bruxelas cuidar do ferimento. Ele caminhou para o norte, pelo bosque, e viu "bandos" de homens em meio às árvores:

> belgas, e ingleses também, com fogueiras acesas, cozinhavam ativamente depois de deixar seus companheiros combatendo o inimigo. Pareciam não se importar nem um pouco com eles.

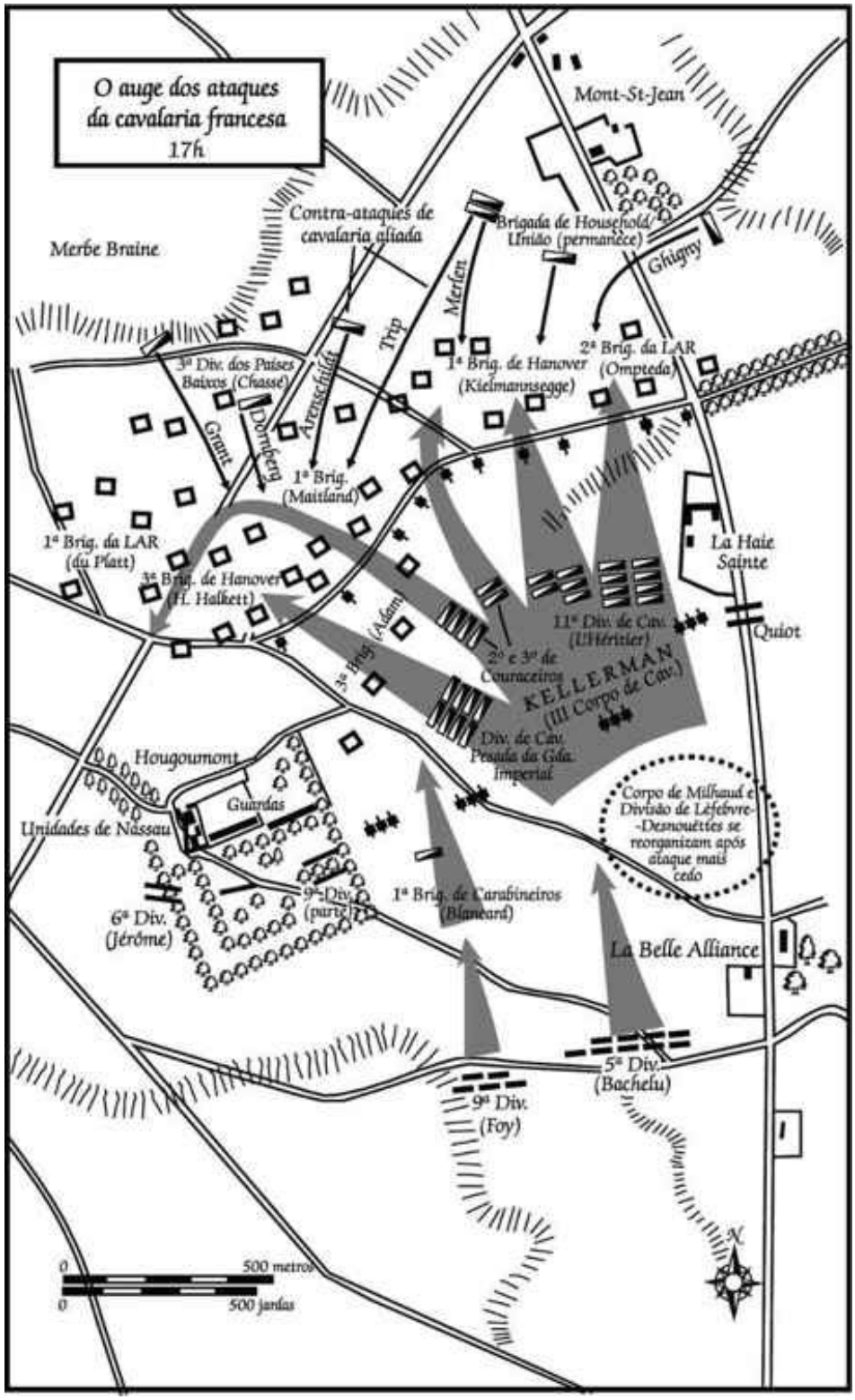
Vale lembrar que muito mais soldados ficaram do que foram. Alguns homens feridos receberam ordem de ir para a retaguarda e sem dúvida se sentiram aliviados com a determinação, mas muitos se recusaram a ir, preferindo ficar com os companheiros. Outros tiveram razões legítimas para deixar o campo de batalha. Três esquadrões dos Dragões dos Inniskillings — o que constituía a metade dos sobreviventes — receberam a missão de escoltar uma massa de prisioneiros franceses até Bruxelas. Esses prisioneiros tiveram sorte por ter sobrevivido. Wilhelm Schutte era um cirurgião que acompanhava os esquadrões de Brunswick. "Nossos homens", escreveu ele a seus pais, "estavam cheios de uma raiva infernal". E deu um exemplo:

> Às quatro horas da tarde, cerca de cem prisioneiros franceses foram trazidos; um deles escapou numa oportunidade que lhe foi favorável. Um hussardo o perseguiu e atirou em sua cabeça com a pistola, outros correram em direção a ele e o esfaquearam, e até homens feridos pegaram pedaços de pau ou o que quer que pudessem encontrar e bateram no fugitivo até não sobrar uma única parte de seu corpo no lugar.

No meio da tarde, há um fluxo constante de homens deixando o campo de batalha e se retirando para o norte. A maior parte deles tinha razões genuínas para fazê-lo, pois estavam feridos ou ajudavam os que estavam nessa situação a chegarem ao cirurgião, apesar de nem todos os que cuidavam dos feridos fossem médicos ou enfermeiros. Elizabeth Gale, menina de 5 anos de idade e filha de um fuzileiro do 95º, havia acompanhado a mãe seguindo o batalhão até Mont-Saint-Jean. Anos mais tarde, Elizabeth se lembrou de como ajudou a cortar tiras de algodão para fazer bandagens para os feridos e chegou até a auxiliar a mãe no tratamento de alguns ferimentos. Elizabeth viveria até os 95 anos e se tornaria um dos mais idosos sobreviventes da batalha, falecendo em 1904. Um jornalista a entrevistou pouco antes de sua morte:

> Ela tinha lembranças vívidas de diversos homens à beira da morte em campanha e ficou muito nervosa quando a mãe levantou um lençol que cobria um deles e viu os olhos abertos do homem morto, aparentemente fitando o vazio na direção do campo de batalha.

Então o marechal Ney, observando da crista ao sul, viu aglomerados de homens seguindo para o norte na direção de Bruxelas. Em sua maioria, feridos, mas também desertores e condutores manejando carroças para buscar munição na retaguarda, e milhares eram prisioneiros sob escolta; esse fluxo intenso de homens, cavalos e carroças foi a causa direta do grande drama que se seguiu em Waterloo.


O auge dos ataques da cavalaria francesa 17h
Mont-St-Jean
Contra-ataques de cavalaria aliada
Brigada de Household/ União (permanece)
Merbe Braine
Merlen
Ghigny
Trip
Arenschildt
3ª Div. dos Países Baixos (Chasse)
1ª Brig. de Hanover (Kielmannsegge)
2ª Brig. da LAR (Ompteda)
Grant
Dornberg
1ª Brig. (Maitland)
1ª Brig. da LAR (du Plat)
3ª Brig. de Hanover (H. Halkett)
La Haie Sainte
11ª Div. de Cav. (L'Héritier)
Quiot
3ª Brig. (Adam)
2º e 3º de Couraceiros
KELLERMAN (III Corpo de Cav.)
Div. de Cav. Pesada da Gda. Imperial
Hougoumont
Guardas
Unidades de Nassau
Corpo de Milhaud e Divisão de Lefebvre-Desnouettes se reorganizam após ataque mais cedo
9ª Div. (parte)
1ª Brig. de Carabineiros (Blancard)
6ª Div. (Jérôme)
La Belle Alliance
5ª Div. (Bachelu)
9ª Div. (Foy)
0 500 metros
0 500 jardas
N

10

As mais belas tropas do mundo

O reverendo William Leeke, formado em Cambridge, foi o cura perpétuo da paróquia de Holbrook, em Derbyshire, e é autor de vários trabalhos sérios que tentaram melhorar a Igreja anglicana. Mas, antes de estudar teologia e se tornar padre, ele havia sido soldado e, em 1815, era alferes do 52º Regimento da Infantaria de Guardas. "Ficar parado recebendo canhoneio", escreveu ele em suas memórias sobre o serviço militar:

> sem ter mais nada para fazer, é a coisa mais desagradável que pode acontecer com soldados numa batalha. Com frequência eu tentava acompanhar com meus olhos o curso das balas saídas de nossos canhões, que eram disparados por cima de nós. É muito mais fácil ver uma bala passando sobre sua cabeça e indo para longe do que avistar uma bala vindo pelo ar em sua direção, embora isso ocorra de vez em quando. Falo de tiros disparados de canhões 6, 8, 9 ou 10-pounders.

Leeke portava uma das bandeiras do regimento, embora as duas outras — conduzidas durante as batalhas de Vimiero, La Coruña, Bussaco, Fuentes d'Onoro, Ciudad Rodrigo, Badajoz, Salamanca, Vitoria, Nivelle, Orthez e Toulouse — fossem agora pouco mais do que trapos esfarrapados em hastes lisas. O 52º era o maior batalhão de infantaria em Waterloo, com mais de mil homens em suas fileiras, dos quais aproximadamente metade eram veteranos da Peninsular. Logo ele teria uma chance de glória, mas por ora precisa resistir à "coisa mais desagradável que pode acontecer com soldados". O reverendo Leeke continua sua história:

> Depois de ficarmos estacionados por mais de uma hora a uma grande distância, na frente da posição britânica, um brilho de sol que caía sobre eles atraiu particularmente minha atenção para alguns canhões metálicos à nossa frente, que pareciam estar posicionados mais abaixo na encosta francesa e mais perto de nós do que os outros. Vi nitidamente os artilheiros franceses executarem todo o movimento de passar a haste com esponja no tubo de um dos canhões e recarregá-lo [...] e quando ele foi disparado observei a bala, que vinha em linha reta na minha direção. Pensei, devo me mover? Não! Reuni todas as forças e fiquei firme, com a bandeira em minha mão direita. Não sei exatamente com que rapidez as balas de canhão voam, mas acho que dois segundos se passaram do momento em que percebi o tiro sair do canhão até atingir a face frontal do quadrado. Não pegou os quatro homens atrás dos quais eu estava, mas sim os quatro companheiros à direita deles. Foi disparada com alguma elevação, atingiu o homem da frente na altura dos joelhos e, batendo no chão sob os pés do homem que estava mais atrás dos

quatro, e que se feriu mais seriamente, subiu e, passando a alguns centímetros da haste da bandeira, alçou-se sobre a fileira da retaguarda do quadrado sem causar mais estragos. Os dois homens na primeira e segunda fileiras caíram para fora, temo que não tenham sobrevivido por muito tempo; os outros dois caíram dentro do quadrado. O homem de trás gritou bem alto que estava ferido, mas quando um dos oficiais disse gentilmente a ele, "Ah, homem, não faça alarde", ele imediatamente se recompôs e ficou quieto.

O batalhão de Leeke estava disposto em quadrado. Integrava a reserva, mas Wellington o trouxera para a frente, para a direita de sua linha, que, até então, não fora atacada. Alguns homens relataram que a batalha ficou "calma" depois da repulsa ao Corpo de D'Erlon e do desgaste da cavalaria britânica que se seguiu à sua derrota, mas a "calma" era relativa. Os barulhos ainda martelavam os tímpanos. Hougoumont estava em chamas e sitiada, mas por algum tempo os franceses não fizeram tentativa alguma de cruzar o vale. Os sobreviventes do Corpo de D'Erlon se reorganizavam à direita da linha de Napoleão, preparando-se para lutar de novo, mas o marechal Ney, que tinha o comando operacional das forças francesas, se encontrava então à esquerda dos franceses de frente para o 52º. Estava a cavalo, o que lhe conferia uma altura ainda maior, e também se posicionava numa elevação do terreno na cadeia francesa, o que lhe permitia ver com o telescópio a linha britânica envolta em fumaça.

E o que ele viu o deixou exultante. Vislumbrou a salvação da França. Viu a vitória.

O que ele realmente avistou foram canhões britânico-holandeses espalhados ao longo do cume, com alguma infantaria um pouco atrás. Teria visto a fumaça causada pela explosão das granadas dos obuseiros franceses que caíam sobre essa infantaria, mas o que chamou sua atenção foi o que acontecia além dessa matança e, como estava em posição elevada o bastante para ver o terreno por trás da linha de Wellington, notou centenas, talvez milhares, de homens se retirando. Percebeu carroças se dirigindo para o norte, homens feridos sendo carregados por companheiros, prisioneiros sendo escoltados e concluiu, precipitadamente, que Wellington liberava seu exército e tentava se retirar das proximidades do campo de batalha. Em suma, viu os britânicos em fuga. Também sabia que a última coisa que um bom soldado podia fazer era permitir a um inimigo se retirar sem ser molestado. Ele próprio cometera esse erro apenas dois dias antes, quando deixara Wellington escapulir de Quatre Bras sem ser acossado. Napoleão ficara furioso com Ney por causa desse erro, e Ney não se arriscaria a outra reprimenda. Ele podia ver os homens de Wellington enfileirados pela estrada enquanto seguiam às pressas para o norte, na direção de Bruxelas, o que significava que as tropas deixadas para trás na cadeia de elevações deviam ser poucas e em menor número a cada minuto, por conseguinte aquele era o momento de se redimir e dar a vitória à França!

Ordenou à cavalaria que atacasse.

De início, queria que uma brigada dos couraceiros realizasse a investida, e então ordenou a quase novecentos soldados da cavalaria pesada, com seus característicos peitorais metálicos, que atacassem os morros das posições britânicas entre Hougoumont e La Haie Sainte, mas o comandante da brigada, o tenente-general Delort, discordou do avanço. Delort protestou com o colega general, dizendo que:

> só recebia ordens do general que comandava o corpo ao qual minha divisão pertencia. Durante essa altercação, que impediu o movimento da brigada, o próprio marechal Ney chegou, fervilhando de impaciência. Não apenas insistiu para que sua primeira ordem fosse obedecida como, em nome do imperador, também exigiu o avanço de outras duas divisões! Eu ainda hesitei, argumentando que a cavalaria pesada não deveria atacar uma infantaria que estava bem postada em terreno alto, que não fora enfraquecida e se encontrava bem posicionada para se defender. O marechal gritou: "Avante! A salvação da França está em jogo!" Eu obedeci com relutância.

O general Edouard Milhaud era o comandante do corpo de exército que deveria ter dado ordens a Delort, mas ele próprio estava agora contagiado pela empolgação do momento. Disse a Delort para atacar, em seguida apertou a mão do comandante da Cavalaria Leve da Guarda Imperial e o incitou, "Vamos atacar! Junte-se a nós!", o que o comandante fez, portanto mais cavaleiros se associaram ao assalto. O coronel Michel Ordener comandava o 1º de Couraceiros e se perguntou se a história militar relatava "outros exemplos de uma massa de cavaleiros como essa atacando simultaneamente". Na verdade, o famoso ataque francês na neve de Eylau, em 1807, teve quase o dobro do efetivo, mas Ordener (que estava presente em Eylau, mas provavelmente podia ver pouco em meio à tempestade de neve ofuscante) calculou que jamais tinha visto uma massa de cavalaria como aquela. Os novecentos haviam aumentado para quase 5 mil.

> O marechal Ney se pôs à nossa frente. Eram quatro horas da tarde. De início nosso impacto foi irresistível. Apesar da chuva de ferro que batia em nossos capacetes e peitorais, e malgrado a estrada rebaixada acima da qual estavam posicionadas as baterias inglesas, chegamos à crista das colinas e seguimos como raios através dos canhões.

As palavras-chaves são "de início". Porque o que começava foi talvez o evento mais extraordinário da luta naquele dia pleno de acontecimentos. De início, Ordener provavelmente pensou que Ney fazia a coisa certa porque, quando seu cavalo assomou à crista das elevações britânico-holandesas, ele também viu "os trens do inimigo e fugitivos em massa saindo às pressas pela estrada para Bruxelas" e viu a artilharia abandonada pela qual os cavaleiros haviam passado "como raios", mas em seguida percebeu outra coisa.

Quadrados britânicos. O inimigo não se retirara. Wellington não liberara suas forças nem tentara retirá-las. De fato, havia homens e carroças na estrada, mas a maior parte do Exército britânico-holandês ainda se posicionava nos morros, pronta

para combater. Os canhões dos aliados, é verdade, estavam abandonados, porém temporariamente, porque os artilheiros haviam se refugiado dentro dos quadrados. Esses canhões já tinham provocado muitas baixas entre os cavalarianos, arremessado balas entre suas fileiras para deixar cavalos incapacitados e moribundos no vale, depois dispararam *canisters* mortais a distâncias curtas, antes de os artilheiros correrem para se abrigar no quadrado de infantaria mais próximo.

Então agora se tratava de um embate de cavaleiros contra infantaria, e cada cavalariano devia saber o que o capitão Duthilt havia escrito, que "é difícil, se não impossível, a melhor cavalaria romper uma infantaria formada em quadrados"; por consequência, embora "de início" a impressão fosse de um rompimento da linha britânico-holandesa, os cavalarianos estavam, em vez disso, deparando-se com o pior obstáculo que poderiam encontrar. O amplo platô no topo da cadeia estava repleto de quadrados, pelo menos vinte, numa disposição semelhante ao padrão de tabuleiro de xadrez, de modo que, se um cavaleiro passasse em segurança por um dos quadrados, fazia, de imediato, face a outro, e ainda mais outros adiante. E cada quadrado estava eriçado de baionetas e cuspia tiros de mosquete. Naquele momento, o sensato para o marechal Ney seria reconhecer o erro e retirar a cavalaria do perigo, todavia Michel Ney raramente era sensato em batalhas. Achava que a coragem e a paixão podiam fazer o homem superar qualquer dificuldade, e realmente podiam, mas não conduziriam cavalos de encontro à face de um quadrado.

O que aconteceu em seguida foi sangrento para ambos os lados. Johnny Kincaid disse sobre Waterloo que nunca tinha "ouvido falar de uma batalha em que todos foram mortos, mas esta parecia ser provavelmente uma exceção". Os aliados, é evidente, haviam sido advertidos de que a cavalaria se aproximava; tinham visto os cavalarianos galopando em massa pelo vale e tiveram tempo para se preparar; por causa disso, o batalhão do jovem alferes Leeke formara quadrado. A artilharia igualmente se aprestara. Sir Augustus Frazer comandava a artilharia a cavalo e galopou até o capitão Mercer: "Engatar as bocas de fogo, meter armões à esquerda o mais rápido possível! A galope, marche!" Mercer prossegue:

> Segui a cavalo com Frazer, cujo rosto estava preto como um limpador de chaminé devido à fumaça, e a manga esquerda de sua jaqueta rasgada por uma bala de mosquete ou de *grapeshot* que apenas o esfolara. Enquanto cavalgávamos, ele me disse que o inimigo reunira uma massa enorme de cavalaria pesada em frente ao ponto para o qual ele nos levava (a mais ou menos um terço da distância entre Hougoumont e a estrada de Charleroi), e que com toda a probabilidade seríamos de pronto atacados para capturarem nossa posição. "As ordens do duque, porém, são definitivas", acrescentou ele, "para que, no caso de eles perseverarem e chegarem às nossas posições, você não exponha seus homens, e sim se retire com eles para quadrados adjacentes da infantaria." Enquanto ele falava, subíamos a vertente oposta da posição principal. Respirávamos uma nova atmosfera — o ar estava sufocante e quente, parecia sair de um forno. Fumaça espessa nos envolvia [...] tiros de canhões também sulcavam a terra em todas as direções, e a chuva de balas era tão intensa que esticar o braço parecia perigoso, pelo risco de ele ser arrancado.

Os canhões britânicos e holandeses se posicionaram no topo plano da cadeia, e a cavalaria francesa que se aproximava era alvo impossível de errar. Os franceses falaram em seguir "como um raio", mas poucos homens conseguiram galopar. A carga era confinada por aqueles grandes baluartes à frente da linha de Wellington — La Haie Sainte e Hougoumont. O fogo partindo das duas fortalezas forçava os cavalarianos para dentro e a pressão resultante era tão grande que alguns cavalos eram suspensos do chão pelos animais de um lado e do outro. Além disso, eles progrediam por um terreno molhado, morro acima, passando por plantações crescidas e tenazes, que ainda não haviam sido pisoteadas e aplainadas. Mercer disse que a cavalaria da frente veio num "trote ligeiro". Quando sua bateria entrou em posição, ele estimou que o inimigo já estivesse a menos de 100 metros. Ordenou, portanto, o emprego do *grapeshot*. "Logo o primeiro tiro, vi muito bem, derrubou vários homens e cavalos." Seus outros cinco canhões entraram em ação:

> fazendo um massacre terrível, e num instante o chão se encontrava coberto de homens e cavalos. Ainda assim, eles perseveraram na aproximação — a primeira salva os obrigara a avançar "ao passo" — e apesar de lentos, parecia realmente que eles conseguiriam cavalgar para cima de nós. Estávamos um pouco abaixo do nível do terreno por onde eles passavam, tendo à nossa frente uma barreira de aproximadamente uns 40 centímetros de altura, e isso aumentou o efeito de nosso *grapeshot* [...] porque a carnificina foi pavorosa.

É interessante que Mercer ressalte que seus canhões se posicionavam "um pouco abaixo do nível do terreno por onde eles passavam". Ele estava, com certeza, no cume da cadeia, mas ali a elevação tinha um topo plano, formando um platô razoavelmente amplo, e os quadrados britânicos se desdobravam bem atrás da parte dianteira desse terreno mais plano prestes a se tornar um campo de matança. A bateria de Mercer atirou à queima-roupa contra os cavaleiros e, logo depois, Mercer cita um relato francês que, tinha certeza, se referia à sua bateria. "Em meio à fumaça", escreveu o cavalariano francês:

> vi os artilheiros ingleses abandonarem suas peças, todos, menos seis canhões, abaixo da estrada, e quase imediatamente nossos couraceiros estavam diante dos quadrados, cujos fogos vieram em forma de zigue-zague. Agora, pensei, vamos cortar em pedaços esses malditos artilheiros; mas não, os demônios continuaram disparando *grapeshot*, o que nos ceifou como grama.

Milhares de cavaleiros agora se esforçavam para atacar os quadrados, mas a aritmética foi fatal para eles. Suponha que um batalhão britânico tivesse quinhentos homens e fizesse um quadrado de lados iguais, então cada lado do quadrado teria quatro fileiras de cerca de trinta homens. Isso significa 480 homens nos quatro lados do quadrado, e os oficiais ou sargentos, o centro da figura, completam o restante. Agora pegue um lado do quadrado. Trinta homens estão ajoelhados, segurando seus mosquetes em posição, apontados para fora com baionetas caladas. Outros trinta

estão agachados na segunda fileira com suas baionetas também apontadas para fora, e atrás deles estão sessenta homens disparando mosquetes. Trinta ocupam aproximadamente 16 metros, a largura de nosso quadrado hipotético, mas um cavaleiro precisa de muito mais espaço — bem mais que um metro, algo mais próximo de 1,20 metro —, portanto, apenas cerca de quatorze ou quinze cavaleiros podem atacar a face do quadrado. Eles podem vir em fileiras, mas a da frente não pode ter mais de quinze homens, e esses quinze enfrentam 120, metade dos quais dispara mosquetes. Isso é uma das hipóteses. Os quadrados, na verdade, quase sempre são retangulares, mas a aritmética ainda é válida. Se a cavalaria atacasse o quadrado, seria derrotada. Homens e cavalos cairiam em agonia e os cavaleiros seguintes seriam dificultados por cascos se debatendo e corpos caídos. A carga é reduzida ao caos logo na primeira salva. O tenente Eeles, um fuzileiro, descreve bem isso. Os couraceiros haviam avançado para perto de "trinta ou quarenta metros" de seu quadrado:

> quando disparei uma salva com minha Companhia, o que teve o efeito, somado ao fogo do 71º, de derrubar tantos cavalos que se tornou praticamente impossível para o Inimigo continuar a carga. Creio seguramente que metade do Inimigo estava nesse instante no chão; alguns poucos homens e cavalos foram mortos, mais feridos, porém a maior parte deles era derrubada sobre os que estavam mortos, moribundos ou feridos.

Portanto, a maior parte dos inimigos caídos simplesmente tropeçara nas baixas das fileiras da frente da carga, e mesmo que a salva errasse — e isso acontecia com frequência com tropas inexperientes que tendiam a disparar alto — a cavalaria ainda não podia avançar contra a face do quadrado porque seus cavalos se desviavam desses obstáculos. Quando a Legião Alemã do Rei rompeu os quadrados em Garcia Hernandez, foi porque a salva francesa matou um cavalo e seu cavaleiro, e o peso dos dois corpos escorregou como um aríete abrindo brecha na face do quadrado, pela qual outros cavaleiros entraram galopando, mas essa batalha foi em solo seco, duro, enquanto em Waterloo os cavaleiros enfrentavam lama e plantas emaranhadas, e já haviam sido atingidos por balas de canhão e *grapeshot* que haviam rasgado suas fileiras. Um oficial dos Engenheiros Reais buscou abrigo num quadrado do 79º e calculou que muitos homens dispararam alto em suas salvas iniciais, porque as balas de mosquete fizeram pouco efeito sobre a cavalaria, mas ainda assim os cavaleiros se desviaram para os lados, avançando pelos flancos do quadrado, onde, é claro, foram recebidos por mais fogo de mosquete. E atrás da primeira fileira de quadrados havia mais quadrados, mais baionetas e mais mosquetes. Ney conduzira sua cavalaria para um labirinto de morte.

A cavalaria rompia quadrados. Isso podia acontecer por acidente, como em Garcia Hernandez, porém mais provavelmente era o medo que desorganizava a infantaria. Uma carga de cavalaria era um espetáculo apavorante, homens grandes sobre

cavalos enormes, homens com peitorais, capacetes e plumas, uma trovoada de cascos, a visão de espadas e sabres erguidos para atacar. Tropas cruas podiam entrar em pânico, ou quadrados serem rasgados por fogo de canhão e mosquetaria, oferecendo aos cavaleiros uma chance de terminar o serviço sangrento. Na Batalha de Wagram, em 1809, os caçadores franceses a cavalo romperam um quadrado austríaco com um ataque oblíquo contra uma face que acabara de disparar salva contra outra unidade da cavalaria, mas essa façanha era tão rara que o coronel que comandava os vitoriosos caçadores foi recompensado imediatamente com uma promoção.

Mesmo soldados experientes podiam se sentir intimidados pela visão de uma cavalaria em plena carga. O sargento Tom Morris — que acolhera a mulher grávida de um de seus oficiais depois que ela havia caminhado de Quatre Bras a Bruxelas — estava no quadrado e viu os couraceiros chegando ao cume.

> Sua aparência, como inimigo, era certamente suficiente para inspirar um sentimento de pavor, nenhum deles com menos de 1,80 metro de altura, protegidos por capacetes de aço e chapas metálicas no peito [...]. A impressão era de natureza tão formidável que pensei que não teríamos a menor chance contra eles.

Rees Howell Gronow era alferes do 1º de Infantaria de Guardas. Seu batalhão fora deixado em Londres para realizar missões cerimoniais, mas o jovem Gronow, que deixara o Eton College apenas três anos antes e se desesperava para acompanhar o exército a Flandres, tomara emprestadas 200 libras esterlinas e apostara-as, transformando-as em 600 libras, o suficiente para ele comprar cavalos e, sem pedir permissão de licença, embarcar para a Bélgica. Agora, em vez de tirar serviço de guarda no St James's Palace, encontrava-se na cadeia de elevações e nenhum homem, disse ele, poderia esquecer "a assombrosa grandeza daquela carga".

> Percebia-se ainda longe o que parecia ser uma linha avassaladora, longa, movendo-se, e que, progredindo sempre, brilhava como uma onda do mar tempestuosa ao captar a luz do sol. A horda montada se aproximava muito rápida, enquanto a própria terra parecia vibrar sob aquele pisotear trovejante. Era possível supor-se que nada resistiria ao choque daquela massa terrível em movimento. Tratava-se dos famosos couraceiros [...] que haviam se destacado na maioria dos campos de batalha da Europa. Num período incrivelmente curto eles estavam a 20 metros de nós, gritando "*Vive l'Empereur!*". A ordem "Preparar para enfrentar cavalaria" fora dada, cada homem das fileiras da frente se ajoelhou e um muro pontudo de aço, mantido coeso por mãos firmes, apresentou-se aos couraceiros enfurecidos. [...] A carga da cavalaria francesa era executada corajosamente; mas nosso fogo bem direcionado derrubava homens e cavalos, e logo foi criado o caos nas fileiras atacantes. [...] Repetidas vezes diversos regimentos de cavalaria, dragões pesados, lanceiros, hussardos, carabineiros de Guardas, tentaram romper nossos muros de aço.

Alguns soldados da cavalaria francesa carregavam carabinas — mosquetes sem raias e de cano mais curto — que disparavam contra os quadrados, mas Gronow

calculou que esses tiros "produziam pouco efeito" e que os cavaleiros tinham poucas chances de recarregar no meio da confusão, enquanto os casacos-vermelhos recarregavam com a habilidade conseguida pela prática. "Nossos homens", registrou Gronow, "tinham ordens para só disparar quando pudessem fazer isso contra uma massa próxima". Mesmo o mosquete mais impreciso não podia errar um tiro contra um regimento de cavalaria a vinte passos, e os homens tinham ordens para atirar contra os cavalos, porque um animal caído e ferido era um verdadeiro obstáculo para outros cavalarianos. "Era de dar pena testemunhar a agonia dos pobres cavalos", disse Gronow. E a mosquetaria funcionava. Salvas firmes, constantes e impiedosas reduziam a carga da cavalaria à impotência. O fogo de mosquete, disse Gronow:

> derrubava um grande número de cavalos e criava uma confusão indescritível. Os cavalos da primeira fileira de couraceiros, apesar de todos os esforços de seus cavaleiros, paravam, tremendo e cobertos de espuma, a aproximadamente 20 metros de distância de nossos quadrados, e geralmente resistiam a todas as tentativas de forçá-los a atacar a linha cerrada de aço.

Fuzileiros de jaqueta verde formavam quadrado também. O fuzil era uma arma mais curta do que o mosquete, portanto carregava uma baioneta mais comprida, 60 centímetros de aço. O fuzileiro John Lewis viu os couraceiros chegando, "todos vestidos de armadura". Gronow pode ter pensado que o fogo da carabina era ineficiente, mas Lewis não teria concordado.

> Todos nós nos reunimos como nos exercícios e formamos um quadrado quando eles chegaram a 10 metros de nós; eles dispararam suas carabinas contra nós e desviaram imediatamente à direita, e nesse momento o homem ao meu lado direito foi atingido no corpo e sangue espirrou de sua barriga e de suas costas como um porco espetado na garganta; ele caiu de lado; falei com ele; mas mal conseguiu dizer, "Lewis, estou acabado!", e logo morreu. Durante todo o tempo mantivemos fogo constante contra a Guarda Imperial enquanto ela recuava, mas com frequência faziam meia-volta e atiravam; e enquanto eu recarregava minha arma um dos tiros do inimigo atingiu meu fuzil, nem 5 centímetros acima de minha mão esquerda, exatamente na ocasião em que eu socava a bala com a direita; quebrei a haste de socar e entortei o cano de tal maneira que não consegui pôr a bala para dentro; justo nesse momento [...] um disparo de um 9-pounder veio e cortou o sargento de nossa companhia em dois; ele não estava a mais do que três filas de mim, então larguei meu fuzil e fui pegar o dele.

Gronow havia comparado a cavalaria se aproximando a uma "onda do mar", e como uma onda quebrando na praia a cavalaria chegou, foi barrada e recuou. Assim que os cavaleiros se afastaram do topo da cadeia, os artilheiros aliados saíram correndo dos quadrados, guarneceram os canhões e abriram fogo de novo. O capitão Mercer usou projéteis duplos em suas peças, carregando-as com *grapeshot* na frente da bala. A cavalaria se reorganizou a uns 50 ou 60 metros de distância, em seguida atacou novamente, e Mercer ordenou: "Fogo!"

> O efeito foi horrendo, quase toda a fileira da frente caiu de uma só vez; e as balas de canhão, penetrando

> na coluna, provocavam confusão por toda a sua extensão... Nossas peças atuavam com impressionante velocidade de suas guarnições. [...] Os cavalarianos inimigos, que forçaram o caminho à frente, sobre pilhas de carcaças de homens e cavalos, conseguiram avançar apenas alguns passos para também cair e aumentar as dificuldades dos que os sucediam. Cada disparo de canhão era seguido de uma queda de homens e cavalos como grama diante da foice de um ceifeiro.

Ainda assim os franceses continuaram pressionando e penetrando nas lacunas entre os quadrados, onde eram abatidos por fogo de mosquete. Os quadrados aliados estavam suficientemente seguros quando os cavaleiros atacaram porque, cercada pela cavalaria, a artilharia francesa parou de atirar. Mas assim que os cavalarianos se retiraram, os canhões do inimigo recomeçaram seus disparos, e como os cavaleiros só recuaram para curta distância além do topo plano da cadeia, a infantaria não pôde se abaixar. Os quadrados então foram castigados por balas de canhão e granadas. Os franceses também haviam deslocado a artilharia a cavalo à frente e a posicionado bem próximo do platô, e esses canhões também participaram do bombardeio. John Lewis novamente:

> O homem que estava ao meu lado esquerdo teve seu braço esquerdo arrancado pelo tiro de um 9-pounder pouco acima de seu cotovelo; ele se virou, agarrou-me com a mão direita e seu sangue correu por toda a minha calça.

O sargento Tom Morris contou que alguns artilheiros franceses avançaram com os cavaleiros, viraram ao contrário um canhão britânico e dispararam o que ele chamou de *grapeshot*, mas que seguramente foi *canister*. “Nossa situação”, escreveu ele, “era realmente terrível”:

> nossos homens caíam às dúzias com o fogo inimigo. Mais ou menos nessa hora, uma granada grande caiu diante de nós e, enquanto o estopim queimava, nos perguntávamos quantos de nós ela destruiria. Quando explodiu, mais ou menos dezessete homens foram mortos ou feridos.

O alferes Gronow ficou estarrecido com o que viu dentro do quadrado. “Era impossível mover-se um metro que fosse”, escreveu ele:

> sem pisar num companheiro ferido, ou em corpos de mortos; e os gemidos altos dos feridos e moribundos eram horríveis. [...] Nosso quadrado era um perfeito hospital, cheio de soldados mortos e mutilados, alguns dando os últimos suspiros. As cargas da cavalaria aparentemente foram formidáveis, mas na realidade foram também grande alívio, já que a artilharia, enquanto éramos atacados pelos cavalarianos, não podia mais disparar contra nós.

Espantosamente, Ney insistiu com os ataques de cavalaria. Nenhum quadrado havia sido rompido, mas ainda assim ele mandou os cavaleiros de volta à colina e de encontro ao fogo cruzado da mosquetaria disciplinada. E teimou que mais homens participassem da carga até ela se tornar quase das dimensões da de Eylau: talvez 9 mil cavalarianos estivessem agora sendo lançados contra 20 mil soldados da

infantaria. Ney viu uma brigada de carabineiros, homens com peitorais de aço, à espera numa faixa de terreno baixo perto de Hougoumont. O comandante deles, o general Blanchard, recebera ordem do general Kellerman para não participar da loucura, mas, conforme Kellerman se lembrou, o marechal Ney:

> galopou até [a brigada] e perdeu a calma com sua inatividade. Determinou que ela se lançasse contra sete ou oito quadrados ingleses [...] flanqueados por numerosas baterias de artilharia. Os carabineiros foram obrigados a obedecer, mas sua carga não teve sucesso algum, e metade da brigada foi deixada estendida no chão.

"O melhor de tudo o que a França possui", disse o general Foy, assistindo, espantado, à cavalaria seguir repetidas vezes para sua ruína. "Vi seus peitorais dourados", disse um oficial da infantaria francesa sobre os couraçados, "eles passaram por mim e não os vi mais."

De vez em quando, a cavalaria fazia uma pausa entre os quadrados. Desafiava a infantaria britânica a disparar, porque todos os cavaleiros sabiam que sua melhor chance de romper um quadrado era depois do disparo de uma salva e quando as duas fileiras de trás recarregavam; tinha sido assim que o quadrado em Wagram fora rompido, mas a infantaria britânica estava treinada para disparar por pelotão ou companhia, de modo a ter sempre alguns mosquetes carregados. A cavalaria francesa não teve chance alguma. Passava pelos quadrados disparando e era recebida pela cavalaria leve britânica, que a esperava na retaguarda das formações da infantaria. Alguns franceses tentaram escapar da cavalgada de volta em meio aos quadrados que cuspiam tiros de mosquete galopando desimpedidos pela parte de trás de Hougoumont e, assim, retornando ao seu lado no vale. Eram os couraceiros. Seus cavalos estavam cansados, e muitos deles feridos, mas os cavaleiros encontraram uma estrada baixa que parecia oferecer caminho mais livre de volta às linhas francesas, mas sem nenhuma segurança. A estrada estava bloqueada com um abatis, e o 51º, um batalhão de Yorkshire e um regimento de Brunswickers, esperavam por perto. O sargento William Wheeler, do 51º, conta o que aconteceu numa carta escrita a seus pais cinco dias depois:

> Nós os vimos chegando e estávamos preparados. Abrimos nosso fogo e o trabalho foi feito num instante. Quando já havíamos recarregado as armas e a fumaça se dissipara, um e apenas um indivíduo solitário foi visto correndo bem à nossa frente. Um outro foi salvo pelo cap. Jno. Ross de ser morto por alguns Brunswickers. Fui ver o efeito que nosso fogo causara e nunca tive antes uma visão como aquela num espaço tão pequeno, pois cerca de cem homens e cavalos estavam amontoados, em diferentes posições. Aqueles que morreram tiveram sorte, porque os cavalos feridos nas lutas caíam e escoiceavam, terminando o trabalho que havíamos começado.

Wheeler viu apenas um sobrevivente, mas na verdade havia um pouco mais, e um major da infantaria francesa os viu retornando para o seu lado do vale:

> Observamos uma fumaça subindo, como se viesse de uma pilha de feno queimando... Corremos para o lugar e vimos de quinze a dezoito couraceiros. [...] Homens e cavalos estavam desfigurados, cobertos de sangue e pretos de lama [...]. Um subtenente recolhera os homens daquela passagem terrível e letal através da metade de um exército! Os cavalos estavam cobertos de suor, e a fumaça que havíamos visto não era nada mais do que o vapor de seus corpos. [...] Que carga terrível!

Mesmo assim os cavaleiros retornaram e foram rechaçados. O 14º da Infantaria de Guardas era um regimento de Bedfordshire e, entre todos os batalhões britânicos em Waterloo, o único que não era veterano das campanhas de Wellington na Peninsular. O comandante era o tenente-coronel Tidy — "Old Frank" para seus homens — e sua filha anotou o conselho do pai para seus soldados inexperientes enquanto eles viam a cavalaria intimidante vindo em sua direção:

> "Agora, meus jovens desajeitados", disse ele, "fiquem firmes! Enquanto vocês permanecerem em sua posição atual, o velho Harry não poderá tocá-los, mas se um de vocês abrir espaço, ele pegará cada filho da mãe de vocês, com toda certeza!"

E esta era a chave. Ficar firme, porque, enquanto o quadrado mantivesse sua coesão, a cavalaria francesa estaria impotente. O sargento Wheeler admirou:

> a coragem fria e intrépida de nossos quadrados, expostos como ficavam com frequência ao fogo destrutivo da artilharia francesa e, ao mesmo tempo ou em menos de um minuto, cercados por todos os lados pela Cavalaria Pesada do inimigo, que cavalgava até a boca dos mosquetes de nossos homens e tentava penetrar entre eles nos quadrados. Mas isso de nada adiantou, nem um único quadrado eles conseguiram romper.

A cavalaria francesa, no entanto, era igualmente corajosa, cavalgando repetidamente em meio ao inferno do fogo da artilharia de encontro às barreiras mortíferas de mosquetes. O tenente John Black, dos Royal Scots, quase se apiedou do inimigo; "foi a visão mais grandiosa que se pode imaginar", escreveu ele ao pai:

> ver os homens chegando a pleno galope, todos em armaduras brilhantes e gritando "*Vive l'Empereur!*" com toda a sua alma, e nossos soldados bradando também, tão alto quanto podiam. Nós lhes demos uma salva tamanha que suas duas fileiras da frente foram reduzidas a um homem, e eles fugiram, nossos atiradores furando-os da maneira mais horrível até que eles cavalgaram para fora da colina e desceram pela face oposta, onde tiveram a mesma recepção e se viraram para nossa retaguarda, [...] e realizaram a terceira carga, com os lanceiros à frente. Os couraceiros foram quase todos destruídos, os poucos restantes que estavam na retaguarda dos lanceiros, forçaram a carga até uns 10 metros de nós, mas nosso fogo foi tão potente que eles não conseguiram suportá-lo e se dividiram ao meio: uma parte correndo para um lado de nosso quadrado e alguns outros para o outro lado, de modo que receberam todo o nosso fogo desses dois lados além do de nossa frente, e alguns de nossos homens correram para o alto do morro e os apanharam descendo: dos 500 ou 600 soldados mais bonitos do mundo escaparam cinco homens e quatro cavalos, pode acreditar, é verdade, palavra de honra.

Porém, se os soldados mais bonitos do mundo morriam, os casacos-vermelhos também não permaneciam ilesos. Dificilmente eles sofriam com a cavalaria, mas

entre uma carga e outra os artilheiros franceses continuavam atirando e "Cerrar fileiras!" era a ordem repetida. Alguns quadrados encolheram e viraram triângulos. As balas de canhão roçavam o cume, atingindo os quadrados. O sargento Wheeler viu o general "Daddy" Hill — que comandava o flanco direito do exército de Wellington — chegar ao quadrado do 51º e pedir uma bebida porque estava sedento e, enquanto esvaziava o cantil de madeira de um soldado, uma bala de canhão matou quatro homens próximos. As cargas da cavalaria fracassavam, pelo menos no que dizia respeito ao marechal Ney. Ele ficou tão frustrado, depois de ter mais um cavalo que montava atingido, que foi visto batendo sua espada contra o cano de um canhão britânico, porém, mesmo um tanto ao acaso, desgastava as forças britânico-holandesas, porque, enquanto estas precisassem permanecer em quadrado para resistir à ameaça da cavalaria, eram alvos preferidos dos habilidosos artilheiros franceses.

Os canhões holandeses e britânicos eram abandonados entre uma carga e outra e retomados assim que os cavaleiros se retiravam. Esses cavaleiros não recuavam para longe. Várias testemunhas oculares dizem que a cavalaria voltava pela cadeia, mas seus quepes e capacetes permaneciam visíveis atrás do cume enquanto eles reorganizavam suas fileiras para outro ataque infrutífero. Quantas cargas? Ninguém sabe. Alguns dizem sete ou oito, outros doze ou ainda mais, e há dúvidas se os próprios franceses sabiam. Eles simplesmente continuavam dando cargas até não conseguirem suportar mais suas perdas, e nos intervalos, enquanto se preparavam para outra carga, os canhões franceses mordiam a linha britânico-holandesa. Um oficial de batalhão registrou:

> Tivemos três companhias quase totalmente despedaçadas, um tiro matou ou feriu 25 da 4ª Companhia, outro do mesmo tipo matou o pobre Fisher, meu capitão, e dezoito de nossa companhia. [...] Eu trocava palavras com [Fisher] e todos os seus miolos vieram para cima de mim, sua cabeça explodiu em átomos.

O soldado John Smith, do 71º, foi mais detalhista: "Membros, braços e cabeças voaram em todas as direções, nada me atingiu." Ele avaliou que a cavalaria francesa "foi a mais ousada que já enfrentamos, atacou-nos muitas vezes, mas permanecemos firmes como um rochedo [...] eles caíam no chão aos cinquenta e sessenta, cavalos e homens tombando aos montes". Muitos cavalos morreram. Mais cedo, durante a batalha, antes da grande carga da cavalaria, o capitão Mercer havia visto os artilheiros de uma bateria vizinha afastando um cavalo ferido de seus canhões e carretas, mas o pobre animal continuava voltando, querendo ficar com os outros cavalos. Finalmente empurraram o animal e ele se refugiou entre os cavalos de Mercer. "Fui tomado por uma sensação de enjoo", recordou-se Mercer, "misturada com um profundo sentimento de pena."

> Um tiro de canhão havia arrancado completamente a parte inferior da cabeça do animal, imediatamente

abaixo dos olhos. Ainda assim ele resistia vivo, e aparentemente consciente de tudo ao redor, enquanto seu olho bom parecia implorar para que não o afastássemos de seus companheiros. Ordenei ao ferrador que desse fim ao seu sofrimento, e minutos depois ele relatou ter cumprido a determinação, enfiando seu sabre no coração do animal. Até ele ficou comovido.

Alguns escaramuçadores da infantaria francesa haviam seguido a cavalaria e provaram ser um incômodo, atirando de tocaia da boca do platô contra os artilheiros enquanto a cavalaria se reorganizava numa parte mais baixa da encosta. Os homens de Mercer quiseram usar *grapeshot* contra os escaramuçadores, mas o capitão recebera ordem para poupar sua munição e, além disso, empregar *grapeshot* contra uma linha dispersa de escaramuça era um desperdício, provavelmente ineficaz. Então Mercer decidiu que precisava dar exemplo cavalgando para cima e para baixo diante das bocas dos canhões.

Isso aquietou meus homens; mas os altos cavalheiros de azul, ao me verem assim, desafiando-os, tornaram-me imediatamente alvo e iniciaram uma prática bastante deliberada, para me mostrar como atiravam mal e confirmar o velho provérbio da artilharia, "Quanto mais próximo o alvo, mais a salvo você está." Bem verdade que um dos "cavalheiros" meteu-me medo, mas errou; então fiz um gesto com o dedo para ele e o chamei de *coquin* e de outras "amabilidades". O patife riu enquanto recarregava e apontou novamente. [...] Como que para prolongar meu tormento, ele tornou aquele instante interminável. Para mim, foi uma eternidade. Cada vez que eu me virava, a boca de sua carabina infernal me seguia. Por fim, veio o estrondo e a bala passou zunindo perto da parte de trás de meu pescoço.

As cargas da cavalaria duraram aproximadamente duas horas. Foram apenas esbanjamento e extravagância, destruindo grande parte da cavalaria de Napoleão por um objetivo inexpressivo e, o que é mais importante, consumindo tempo precioso. O marechal Ney perseverou numa tática que não funcionava, e Napoleão, assistindo de um lugar próximo a La Belle Alliance, não interveio. Wellington, em contrapartida, estava no meio da agitação, indo de batalhão em batalhão, às vezes buscando abrigo dentro de um quadrado, por vezes usando a velocidade de seu cavalo para escapar de um avanço da cavalaria inimiga. Sua presença foi importante. Homens o observavam, viam sua calma aparente e ganhavam confiança com isso. Ele conversava com oficiais assegurando-se de que os homens pudessem entreouvi-lo em meio aos estampidos: "Maldito camarada, ele só faz barulho no fim das contas!" Incentivava os homens a resistir, prometendo-lhes um período de paz se a batalha fosse vencida. Também foi ouvido resmungando que anoiteceria e que era melhor os prussianos chegarem logo. Mas, tão perto do dia mais longo do ano, o anoitecer ainda demoraria pelo menos quatro horas.

Não obstante, em algum momento durante o massacre dos cavaleiros franceses, canhões soaram a distância, a leste. Provavelmente ninguém nos quadrados britânico-holandeses ou nos esquadrões que atacavam percebeu o som. Este teria sido abafado pelos estrondos dos canhões dos aliados, pelos estampidos da

mosquetaria, pelo som distinto das balas de mosquete atingindo peitorais como se fosse "o barulho de uma violenta tempestade de granizo batendo em vidraças", disse Gronow, e pelo trovejar dos cascos dos cavalos. Entretanto, era um som sinistro, pelo menos para os franceses, porque disparos dos primeiros canhões prussianos. A Batalha de Waterloo acabara de se converter em uma batalha de três exércitos.

* * *

Os prussianos haviam suportado uma marcha longa e exaustiva por estradas ruins, e durante todo o tempo podiam ouvir os sons dos canhões de Mont-Saint-Jean cada vez mais próximos e mais altos. Depois de passarem pelo traiçoeiro desfiladeiro do rio Lasne, eles percorreram o amplo, profundo e espesso Bois de Paris, em meio ao qual um único caminho lamacento seguia para o oeste, e todos os canhões e carretas de munição de Blücher tiveram que ser arrastados pela estrada cheia de sulcos por cavalos cansados. Tudo isso levou tempo. Não fazia sentido gotejar homens no campo de batalha, batalhão por batalhão, onde eles seriam carne fácil para os franceses. Eles precisavam chegar juntos, prontos para combater, e então Blücher organizou seus homens no bosque.

Ele tinha escolha. Podia ter se inclinado pelo norte para que seu exército se juntasse aos homens de Wellington na cadeia de elevações, ou podia ser ousado e atacar ao sul, numa tentativa de envolver os franceses. Escolheu a segunda opção. O corpo de exército do general Von Büllow, que não lutara em Ligny, avançaria em direção à vila de Plancenoit, que ficava atrás da posição de Napoleão. Para o ataque inicial haveria 31 mil homens e, quando saíssem do bosque e espalhassem as colunas de seus batalhões, veriam a torre da igreja de Plancenoit como um marco.

O 1º Corpo, sob o comando do general Von Zieten, que sofrera pesadamente em Ligny, seguiu os homens de Büllow em direção ao campo de batalha. Depois, tomou uma rota mais ao norte porque sua missão era se unir aos britânico-holandeses na cadeia. Mensageiros haviam cavalgado de um lado para o outro o dia inteiro, mas agora Blücher enviava dois oficiais da cavalaria para anunciar sua chegada ao duque de Wellington. Os dois homens, em seus inconfundíveis uniformes prussianos, galoparam ao longo da frente da ala esquerda do duque, ainda repleta de cadáveres de soldados da infantaria de D'Erlon. Foram aclamados ao longo de toda a linha.

Eram aproximadamente 16h30 quando os prussianos fizeram sua aparição dramática, saindo do bosque, portanto, a tática de flanquear — que fracassara em Ligny e Quatre Bras — finalmente funcionava. Napoleão esperara que D'Erlon fizesse um ataque pelo flanco em Ligny, enquanto Blücher tivera a mesma esperança de Wellington. Agora, dois dias depois, um ataque pelo flanco ocorria. Napoleão rezara para que Grouchy o fizesse, mas o marechal ainda estava em Wavre, onde

encontrara a retaguarda prussiana e a atacava. Grouchy estava travando a batalha errada no lugar errado, e os inimigos que esperara combater se encontravam então lutando contra Napoleão. "Nossos homens estavam exaustos", escreveu Franz Lieber, "mas o velho Blücher não nos permitiu descanso algum."

> Quando passamos pelo marechal […] nossos soldados começaram a gritar, porque para eles era sempre um prazer ver o "Velho", como ele era chamado. "Acalmem-se, meus jovens", disse ele, "segurem suas línguas; haverá tempo suficiente depois que a vitória for conseguida." Soltou então sua famosa ordem [...] que concluiu com as palavras, "Conquistaremos porque precisamos conquistar".

O regimento de Lieber, de Colberg, estava na reserva e viu quando os homens de Bülow avançaram pelos campos abertos em direção à distante torre da igreja. Cavalaria, infantaria e artilharia avançaram juntas, num ataque de "todas as armas", que era precisamente o que o marechal Ney não conseguira fazer quando enviara a cavalaria francesa para sua encosta da morte. A artilharia francesa começou a duelar com os pesados canhões prussianos, que precisavam ser deslocados a cada poucos minutos para acompanhar o avanço. Foi um ataque clássico; canhões e infantaria juntos com a cavalaria apoiando-os, e com escaramuçadores à frente. A cavalaria francesa ameaçava constantemente a linha prussiana de escaramuças, mas só a atacou uma vez. O major Von Colomb, dos hussardos prussianos, afugentou-a. Pouco depois, Von Colomb recebeu ordem para atacar um quadrado francês e pediu voluntários de seu regimento. "Voluntários, avancem!", gritou, e todo o seu regimento esporeou os cavalos para que se adiantassem.

Não havia proteção alguma naqueles campos abertos, nenhuma vertente oposta para proporcionar cobertura aos homens, e os artilheiros dos dois lados tinham alvos fáceis. O coronel Auguste Pétiet, um oficial do Estado-Maior francês, viu quando um único tiro de canhão

> decapitou um comandante de esquadrão, arrancou duas pernas do cavalo de outro e matou o cavalo do coronel Jacquinot, o comandante do 1º de Lanceiros e irmão do general da divisão. De um só golpe três oficiais importantes do 1º de Lanceiros foram aniquilados.

O general Lobau estava em inferioridade numérica e sendo empurrado para trás, mas à sua retaguarda ficava situada Plancenoit, a maior vila do distrito. Os franceses e prussianos haviam aprendido nas estradas estreitas de Ligny e Saint Amand quão terrível uma luta em vila podia ser e agora enfrentavam o mesmo suplício em Plancenoit. Os chalés tinham muros de pedra, assim como o pátio da igreja, e Lobau transformara a vila numa fortaleza. Ela tinha que ser mantida, do contrário o exército prussiano poderia marchar atrás das forças de Napoleão e cortar a estrada para Bruxelas. Lobau não decepcionou Napoleão, seus homens ofereceram uma defesa soberba, mas os prussianos eram mais numerosos e logo os batalhões de Blücher

ameaçaram cercar a vila. Lobau apelou por ajuda.

O tenente-general Johann von Thielmann também solicitou reforços. Ele comandava a retaguarda prussiana, deixada em Wavre para repelir qualquer ataque do Corpo de Grouchy. O marechal contava com 33 mil homens, Von Thielmann, com a metade disso, mas os prussianos tinham o rio Dyle como linha de defesa. O combate foi feroz, principalmente perto da Ponte de Cristo, em Wavre, mas a superioridade francesa em efetivos permitiu a Grouchy flanquear Von Thielmann, que enviou mensageiros a Blücher pedindo reforços.

"Ele não terá nem um rabo de cavalo", foi a resposta de Blücher. O marechal sabia que a luta em Wavre era secundária. Como disse Gneisenau, "não importa que ele seja vencido, contanto que obtenhamos a vitória aqui".

Era uma noite de verão. A fumaça pairava espessa pelo vale e agora era propagada pelos canhões de Plancenoit. A luta por essa vila começara, mas enquanto isso, ao norte, onde a linha de Wellington sangrava e definhava, os franceses atacavam novamente.

* * *

O ataque de cavalaria do marechal Ney havia sido corajoso e inútil, lançando cavalos e homens contra quadrados imóveis.

Esses quadrados poderiam ter sido rompidos pela artilharia se Ney tivesse conseguido levar mais canhões para perto da linha, ou ele poderia tê-los destruído com a infantaria. Esta era a realidade inescapável da campanha militar napoleônica. Caso se pudesse forçar um inimigo a formar quadrado, então era possível levar uma linha da infantaria contra ele e subjugá-lo com fogo de mosquete. No fim da tarde, o marechal Ney, finalmente, tentou essa tática, ordenando que 8 mil soldados da infantaria atacassem os quadrados britânicos. Um historiador sugeriu que Napoleão permitira que as cargas de cavalaria continuassem porque isso obrigava as forças britânico-holandesas a permanecer em quadrado, tornando-as, portanto, vulneráveis à sua artilharia; sem dúvida, a artilharia conseguira um massacre terrível nas fileiras de Wellington, mas seria isso suficiente para enfraquecê-las e, assim, permitir que um novo ataque da infantaria rompesse a linha?

Os 8 mil soldados eram a infantaria do corpo de exército do general Reille, que não participara da luta por Hougoumont. No castelo, a batalha ainda era intensa, mas os franceses não estavam nem um pouco mais perto dele. Balas de mosquete ainda atingiam os muros, granadas explodiam nos escombros em chamas da casa principal e os mortos estavam empilhados no pomar e na horta, mas Hougoumont resistia.

Os defensores do castelo teriam visto as colunas francesas subindo a encosta a leste de onde eles estavam. Oito mil homens marcharam, seus tambores soando e

águias bem elevadas. Waterloo foi uma batalha tão vasta, tão avassaladora em sua intensidade e drama, que esse ataque da infantaria dos 8 mil de Reille com frequência é negligenciado, como se fosse uma escaramuça menor. Mas merece atenção. O maior ataque da infantaria francesa em toda a Guerra Peninsular foi do mesmo tamanho, quando 8 mil franceses marcharam ao encontro dos horrores de Albuera, e agora o marechal Ney enviava as divisões do general Bachelu e do general Foy pela longa encosta acima. A missão delas era organizar-se em linha e, em seguida, sufocar os quadrados britânicos com mosquetaria, mas os britânicos só estariam em quadrado se a cavalaria os ameaçasse, e os cavalarianos franceses estavam exauridos. Atacara repetidamente, demonstrara coragem extraordinária e um número demasiadamente grande de seus soldados estava agora morto na encosta. Não podia ser executada carga alguma, então a infantaria subiu o morro sem o apoio da cavalaria, o que significou que os britânicos puderam recebê-la em linha. Era uma linha com profundidade de quatro fileiras, o que restringia o poder de fogo britânico, mas os comandantes de batalhões sabiam que a cavalaria poderia retornar e que uma linha com quatro combatentes em profundidade permitia formar quadrado com maior rapidez.

A infantaria francesa se organizara no bosque castigado por balas abaixo de Hougoumont e, então, avançou para o combate. Enviara escaramuçadores na frente e eles tiveram entreveros com seus correspondentes britânicos, ambos os lados usando os numerosos cavalos mortos e moribundos como escudos. E atrás dos *tirailleurs* franceses vinham as colunas de ataque. “Mal saímos do bosque”, disse o coronel Trefçon, um assistente do general Bachelu:

> e balas de mosquete e de *grapeshot* choveram sobre nós. Eu seguia atrás do general Bachelu quando ele foi atingido e seu cavalo morto. [...] Ao chegarmos perto dos ingleses com nossas baionetas, fomos recebidos por um fogo de violência inacreditável. Nossos soldados caíram às centenas e o resto teve de recuar às pressas, do contrário nenhum deles teria voltado.

“Recuar às pressas” é uma maneira de descrever a ação. O general Foy, que liderava sua brigada à esquerda da divisão de Bachelu, foi mais direto:

> Quando estávamos a ponto de encontrar os ingleses recebemos um fogo bastante vigoroso de *grapeshot* e mosquetaria. Foi uma chuva mortal. O inimigo [...] estava com sua fileira da frente ajoelhada e apresentava uma cerca de baionetas. As colunas da divisão do [general] Bachelu fugiram primeiro, e sua fuga levou minhas colunas a recuar. Nesse momento, fui ferido. Uma bala atravessou a parte superior do meu braço direito, mas o osso não foi atingido. Achei que tinha apenas uma escoriação e permaneci no campo de batalha. Todos debandavam. Reuni os restos de minha brigada no vale próximo ao bosque de Hougoumont. Não fomos perseguidos.

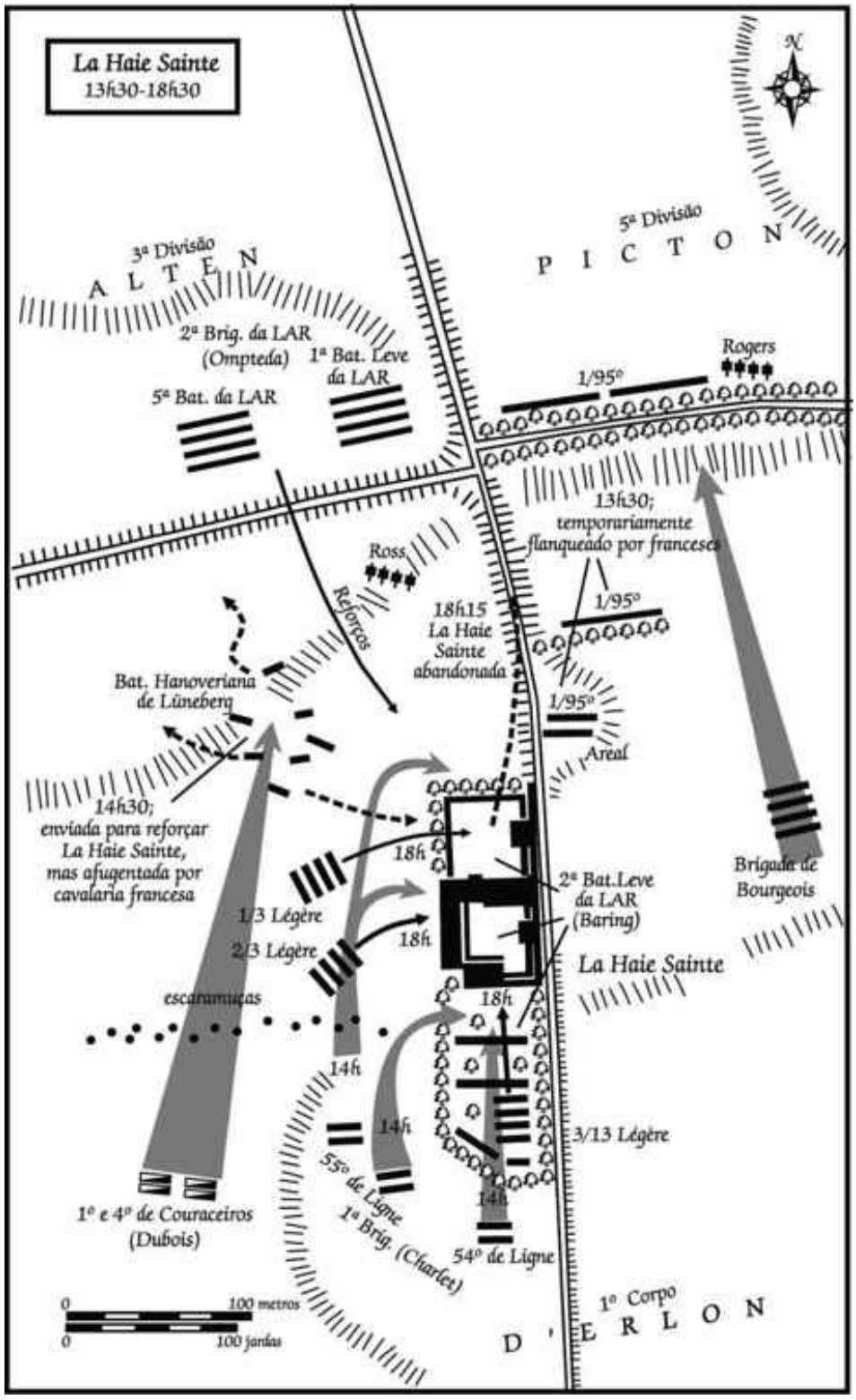
O poder de fogo da infantaria britânica mostrara mais uma vez sua força e, novamente, a linha superara a coluna. Oito mil homens haviam sido derrotados em

segundos, varridos da cadeia de elevações por salvas de mosquete concentradas e retalhados por *grapeshot*. Os sobreviventes saíram correndo daquela encosta terrível, escorregadia de sangue, cheia de cavalos mortos e moribundos e de homens mortos e feridos. Estava ainda repleta de peitorais descartados por couraceiros sem cavalo, que correram para se salvar, e de bainhas de espadas, que muitos soldados da cavalaria francesa haviam jogado fora, ostensivamente, para mostrar que não embainhariam suas espadas enquanto não alcançassem a vitória.

Tinha sido uma tolice enviar infantaria sem apoio para atacar tropas britânicas que, embora feridas, estavam inteiras, assim como havia sido bobagem enviar cavalaria sem contar com infantaria ou sem apoio aproximado e adequado de artilharia. Se o imperador realmente pensou que sacrificar sua cavalaria significaria a destruição da infantaria de Wellington, então uma "chuva de morte" e "um fogo de violência inacreditável" provaram que ele estava absolutamente equivocado. Se os franceses quisessem romper a linha de Wellington, teriam que praticar o jogo letal da pedra, papel e tesoura com muito mais habilidade, porque os generais Foy e Bachelu tinham acabado de descobrir que os batalhões britânicos, embora pudessem estar desfalcados, podiam ainda disparar salvas avassaladoras de fogo de mosquete.

O canhoneio de longo alcance continuou. Os casacos-vermelhos foram mais para trás da crista, os obuses caíam entre eles e as balas de canhão roçavam a cadeia de topo plano, mas essa batalha não seria vencida pela artilharia. Os franceses tinham que atacar a linha britânico-holandesa de novo e, até aquele momento, todas as tentativas de rompê-la haviam fracassado. Contudo, naquela ocasião, finalmente veio o êxito de que os franceses tanto precisavam.

Foi a grande crise no centro da linha de Wellington.


La Haie Sainte
13h30-18h30
N
3ª Divisão
A L T E N
5ª Divisão
P I C T O N
2ª Brig. da LAR
(Ompteda)
1ª Bat. Leve
da LAR
5ª Bat. da LAR
1/95º
Rogers
13h30;
temporariamente
flanqueado por franceses
Ross
Reforços
18h15
La Haie
Sainte
abandonada
1/95º
Bat. Hanoveriana
de Lüneberg
1/95º
Areal
14h30;
enviada para reforçar
La Haie Sainte,
mas afugentada por
cavalaria francesa
18h
Brigada de
Bourgeois
2º Bat.Leve
da LAR
(Baring)
1/3 Légère
2/3 Légère
18h
La Haie Sainte
escaramuças
18h
14h
14h
3/13 Légère
55º de Ligne
1ª Brig. (Charlet)
14h
1º e 4º de Couraceiros
(Dubois)
54º de Ligne
0
100 metros
0
100 jardas
D ' E R L O N
1º Corpo

11

Defendam-se! Defendam-se! Eles estão vindo de toda parte!

"Cavalheiros, eles estão martelando duro", disse o duque de Wellington enquanto os canhões franceses continuavam a bombardear sua linha, "vamos ver quem pode bater por mais tempo."

A estratégia do duque era bastante simples. Ele decidira lutar na cadeia de elevações e esperava manter Napoleão em dificuldade até a chegada de Blücher. O marechal prussiano já estava no campo de batalha, mas seu avanço parecia frustrantemente lento. Wellington aparentava calma, todavia os homens perceberam a frequência com que consultava seu relógio, e o duque mais tarde comentou que os ponteiros pareciam caminhar muito devagar, chegando a um rastejar quase imperceptível. O ataque prussiano em Plancenoit desviava tropas francesas da batalha que era travada entre as duas cadeias, mas isso ainda não estava aparente para Wellington ou para seus homens. Eles continuavam sendo bombardeados pela artilharia concentrada, e a infantaria se reunia na cadeia francesa numa preparação para outro assalto à posição do duque.

As "filhas bonitas" de Napoleão castigavam a cadeia de Wellington, mas a artilharia por si só não tiraria os britânico-holandeses de suas posições. Teria que haver outro assalto. Até então, os franceses haviam inadvertidamente ajudado Wellington: adiaram o início do combate para deixar o solo secar e, num dia em que cada minuto contava, isso fora uma dádiva de Deus para o duque; depois, D'Erlon atacara com uma formação inapropriada que tornara quase impossível para seus homens formar quadrado, e elas haviam sido esfrangalhadas pela cavalaria; enquanto Ney, num surto de excesso de otimismo, enviara a cavalaria do imperador contra o poder de fogo britânico. Mas agora, enquanto o martelar dos tiros de canhão soava vindo da área de Plancenoit, os franceses entendiam melhor a situação.

La Haie Sainte (o nome, misteriosamente, significa A Sebe Santa) era o bastião central da posição do duque, uma fortaleza que ficava à frente da cadeia de colinas e ao lado da principal estrada de Bruxelas para Charleroi. Uma fazenda considerável, embora, nem de longe, tão grande quanto Hougoumont, e construída inteiramente de pedra. O que havia de mais próximo dos franceses era um pomar cercado de

árvores, além do qual ficava o pátio da fazenda, enquanto o que havia de mais perto da cadeia britânica — e a cerca de 180 metros da encruzilhada — era a horta. O pátio tinha construções em três lados, menos no quarto lado, ladeando a estrada, protegido por um muro de pedra comprido, alto e com dois portões dando para a estrada. Um amplo celeiro formava o lado sul do pátio e tinha portas grandes que se abriam para os campos onde a cavalaria francesa havia atacado, mas, em seu desespero por fogo durante a noite úmida, a guarnição derrubara, quebrara e queimara as duas portas. O lado oeste do pátio possuía uma fileira de baias e currais para gado, enquanto o flanco norte era a própria casa, transpassada por uma passagem estreita do pátio à horta.

A fazenda ficara sitiada durante a batalha, mas, diferentemente de Hougoumont, não fora preparada para a defesa de maneira adequada. As portas enormes do celeiro tinham desaparecido, o que oferecia aos franceses uma entrada fácil, e não haviam sido abertos buracos nos muros. Todos os sapadores — os homens que constituíam a mão de obra da engenharia no campo de batalha — tinham sido enviados para preparar Hougoumont a fim de enfrentar sua provação, e La Haie Sainte fora ignorada. Um oficial do Estado-Maior britânico manifestou seu descontentamento com tal descuido:

> A guarnição era insuficiente, os trabalhadores foram levados embora, o lugar foi declarado forte o bastante para tudo o que se queria dele, e absolutamente nada foi feito durante a noite por sua defesa; em vez disso, os trabalhos de erguer andaimes, abrir buracos nos muros, reforçar portões e portas, destelhar parcialmente, jogar fora o feno e assegurar um suprimento de munição deveriam ter progredido durante toda a noite.

Mesmo assim, os defensores alemães rechaçaram cada ataque francês. Os invasores tomaram o pomar e a horta, mas foram barrados de adentrar pelo quadrilátero não só devido às robustas construções de pedra como também aos fuzileiros da Legião Alemã do Rei (LAR). A horta foi recapturada pela guarnição quando o Corpo de D'Erlon foi rompido e recuou, mas escaramuçadores franceses permaneceram no pomar. Eles tentaram atear fogo ao teto do celeiro, porém um pequeno poço no pátio forneceu à guarnição a água necessária para apagar as chamas. O major George Baring, oficial experiente e talentoso, liderou os defensores. Ele começara a batalha com quatrocentos homens, mas agora, com os reforços enviados à fazenda durante a tarde, comandava cerca de oitocentos.

A existência desses homens era um enorme incômodo para os franceses. Qualquer ataque à cadeia de Wellington se via sob fogo vindo pelos lados, disparado dos fuzis da LAR e dos fuzileiros britânicos que estavam no areal um pouco atrás da fazenda e do outro lado da estrada. La Haie Sainte negou aos franceses uma chance de atacar diretamente o centro da cadeia de Wellington, forçando-os a estreitar seus ataques entre a fazenda e Hougoumont, ou entre a fazenda e as construções à esquerda da

linha britânico-holandesa.

Portanto, La Haie Sainte, embora despreparada para aguentar sua localização vital, mostrava ser um grande obstáculo aos ataques franceses, e estes haviam tentado capturá-la durante toda a tarde. O inimigo, escreveu Baring, "lutou com dose de coragem que nunca antes eu testemunhara em franceses". A porta escancarada do celeiro havia sido posteriormente barricada e encontrava-se em parte bloqueada por cadáveres do inimigo, enquanto buracos grosseiros haviam sido abertos nos muros externos — alguns por tiros de canhões do inimigo — e através deles os dois lados atiravam. Agora, no fim da tarde, depois de uma fracassada tentativa de romper a esquerda britânica, o marechal Ney recebera ordem para se livrar do incômodo. Ele reuniu os batalhões do corpo de exército de D'Erlon e os conduziu para o norte, pela estrada, e desta vez levou também a cavalaria e a artilharia móvel.

O resultado, embora Ney não soubesse disso, foi o inevitável, porque a guarnição ficava perigosamente com pouca munição. Baring enviara mensageiro após mensageiro, apelando desesperadamente por cartuchos, mas nada chegou. A munição estava atrás da cadeia de elevações, pronta para ser distribuída, mas por algum motivo nenhuma das mensagens de Baring chegou à pessoa certa, portanto, o estoque da guarnição minguava. "Como posso ter me sentido", perguntou Baring, "quando, ao contar os cartuchos, descobri que em média não havia mais do que três para quatro de cada!".

Então, sob o sol que se punha e as nuvens afiladas, abaixo do manto espesso de fumaça sulfurosa, os franceses atacaram de novo. Cercaram a fazenda, e a história do que aconteceu logo depois é mais bem contada por um dos sobreviventes alemães, o fuzileiro Frederik Lindau. Ele foi considerado herói por Baring porque, mais cedo naquela tarde, fora ferido duas vezes na cabeça e, apesar da ordem de voltar para as colinas a fim de ser medicado, recusara-se a abandonar seus companheiros. Continuou a lutar com uma atadura inadequada, ensopada de rum, em torno do couro cabeludo, de modo que o sangue pingava continuamente em seu rosto. Ele estava no celeiro quando o grande assalto começou:

> Como os buracos atrás de nós não estavam totalmente guarnecidos por homens, os franceses dispararam com vigor através destes. Eu e alguns companheiros nos postamos nesses buracos e então o fogo dos inimigos se tornou mais fraco. Justamente quando acabei de fazer um disparo, um francês segurou meu fuzil para puxá-lo. Eu disse a meu vizinho, "Veja só, esse cachorro está puxando meu fuzil". "Espere aí", disse ele, "tenho uma bala carregada", e o francês sumiu. Logo depois outro agarrou meu fuzil, mas meu vizinho à direita o esfaqueou no rosto. Quando eu ia puxar meu fuzil de volta para recarregar, uma massa de balas passou voando por mim [...] uma delas rasgou o pano de lã enrolado em meu ombro e outra quebrou o cão de meu fuzil. Para conseguir outra arma, fui até o tanque onde o sargento Reese estava prestes a morrer, não conseguia nem mais falar, mas quando tentei pegar seu fuzil, que eu sabia ser bom, fez uma cara feia para mim. Peguei outro, havia muitos largados, e voltei para meu buraco. Mas logo disparei todos os cartuchos e, para poder continuar atirando, revistei os bolsos de meus companheiros caídos, a maioria dos quais já estava vazia. [...] Logo depois ouvi um

> [oficial] gritando por toda a fazenda: "Defendam-se! Defendam-se! Eles estão vindo por todos os lados!" Observei vários franceses no alto do muro. Um deles saltou [...], mas na mesma hora enfiei minha espada-baioneta em seu peito. Ele caiu em cima de mim e eu o empurrei para o lado, porém minha espada havia entortado e tive que jogá-la fora. Vi meu capitão numa luta corpo a corpo com os franceses na porta da casa. Um deles estava prestes a balear o alferes Frank, mas o capitão Graeme o furou com sua espada e bateu na cara do outro. Tentei correr até lá para ajudar, mas de repente fui cercado pelos franceses. Fiz então um bom uso da coronha de meu fuzil. Bati até restar apenas o cano de meu fuzil, mas consegui sair daquela situação. Atrás de mim ouvi palavrões [...] e notei dois franceses levando o capitão Holtzermann para dentro do celeiro. Quando eu ia ajudá-lo, um francês me agarrou pelo peito [...] em seguida outro avançou com sua baioneta. Joguei o francês para o lado de modo que foi ele o esfaqueado; ele me largou e caiu no chão gritando "*Mon Dieu, mon Dieu*". Corri para o celeiro, por onde esperava escapar, mas quando encontrei a entrada bloqueada por um amontoado de gente, saltei sobre uma divisória para o lugar onde o capitão Holtzermann e alguns de seus companheiros se encontravam. Logo, uma grande multidão de franceses entrou e avançou sobre nós...

Lindau foi feito prisioneiro. Teve sorte. Foi saqueado de quase tudo que ele, por sua vez, havia pilhado, mas não foi morto por seus captores que, na ira da batalha, massacraram muitos da guarnição que tentavam se render. Dos quatrocentos homens que formavam o efetivo original, apenas 42 escaparam pela passagem estreita por dentro da casa da fazenda. Um deles foi o tenente George Graeme:

> Todos nós tivemos que atravessar a passagem estreita. Queríamos parar ali e fazer de volta uma investida, mas foi impossível; os sujeitos atiravam através da passagem. [Um francês] a uns cinco passos de distância apontou sua arma para mim quando [um oficial de minha companhia] o esfaqueou na boca e através do pescoço; ele caiu imediatamente. Mas então a passagem ficou atulhada de gente.

O major Baring assume a história. Nem todos os homens que tentaram escapar pela passagem conseguiram chegar à horta, presumivelmente porque o corredor estreito foi bloqueado por homens mortos ou moribundos:

> Entre os sofredores ali estava o alferes Frank, que já fora ferido; no primeiro homem que o atacou, ele enfiou seu sabre, mas na mesma hora seu braço foi quebrado por uma bala de outro; contudo, ele entrou num quarto e conseguiu se esconder atrás da cama. Dois homens também buscaram refúgio no mesmo lugar, mas o francês os perseguia de perto, gritando "Nenhum perdão para vocês, verdes imbecis!", e os baleou diante dos olhos do alferes.

Frank permaneceu escondido e não foi descoberto. O tenente Graeme também conseguiu evitar a captura: correu pela horta e chegou ao topo das colinas. Enquanto essa luta acontecia, o príncipe de Orange, Slender Billy, ordenava a um batalhão da Legião Alemã do Rei que avançasse para a fazenda a fim de tentar auxiliar a guarnição. O comandante do batalhão, coronel Ompteda, protestou, alegando que os franceses tinham a cavalaria apoiando a infantaria e que seu batalhão não podia lidar com ambas, mas o imaturo príncipe de Orange pensava saber tudo e insistiu para que Ompteda, um militar de vasta experiência, cumprisse as suas ordens. Ompteda obedeceu e morreu, e seu batalhão foi praticamente destruído por couraceiros que

capturaram outro estandarte. Slender Billy cometera outra trapalhada.

La Haie Sainte foi perdida porque a guarnição ficou sem munição, de modo que seus homens se viram obrigados a lutar contra um inimigo numericamente superior apenas com baionetas, espadas e coronhas de fuzis. Wellington assumiu a responsabilidade pela perda. Muitos anos depois, o 5º conde de Stanhope registrou uma conversa com o duque que:

> lamentou a perda de La Haie Sainte por culpa do oficial que comandava o setor, "que era o príncipe de Orange"; mas, ato contínuo, se corrigiu — "Não, na verdade foi culpa minha, porque eu mesmo deveria ter avaliado melhor a situação."

Os franceses haviam perdido um grande número de homens no assalto, mas a captura da fazenda significava que eles eram capazes de levar a artilharia a cavalo para a propriedade. Guarneceram os prédios e enviaram escaramuçadores para a encosta a fim de incomodar a linha britânico-holandesa. Os canhões, em particular, causaram um massacre horroroso entre os homens de Wellington porque agora estavam próximos o bastante para disparar *canister*. O honorável alferes George Keppel, de apenas 16 anos, servia no 14º Regimento, que marchou para reforçar o centro da linha ameaçada de Wellington. O batalhão foi obrigado a formar quadrado por causa da proximidade da cavalaria inimiga; e um corneteiro do 51º Regimento, que saíra com os escaramuçadores e agora recuava, confundiu o quadrado do 14º com o seu, mas se refugiou ali assim mesmo. "Aqui estou de novo", Keppel lembrou-se do corneteiro falando, "suficientemente seguro":

> As palavras mal saíram de sua boca e um tiro de canhão arrancou sua cabeça e os miolos respingaram em todo o batalhão, os estandartes e os porta-bandeiras recebendo uma parcela extra. Um deles, Charles Fraser, cavalheiro refinado em palavras e modos, provocou uma gargalhada ao falar de maneira arrastada: "Que coisa extremamente desagradável!"

O 14º era o regimento novo que não combatera sob o comando de Wellington na Península. Aproximadamente metade de seus oficiais e praças tinha menos de 20 anos e agora sofria gravemente porque os artilheiros franceses, disse Keppel, "tinham-nos completamente ao seu alcance". O regimento recebeu ordem para se abaixar e Keppel, em vez disso, sentou-se num tambor e ficou afagando o focinho do cavalo do coronel:

> De repente, meu tambor virou e caí prostrado, com uma sensação de pancada em minha face direita. Pus a mão na cabeça, pensando que metade de meu rosto fora arrancada, mas a pele não estava nem esfolada. Um estilhaço de granada atingira o cavalo no nariz, exatamente entre minha mão e minha cabeça, e o matara instantaneamente. A pancada recebida foi da coroa que enfeitava o bocal do freio do animal.

Granadas, *canister* e balas esféricas de canhão castigaram o 14º. "Se tivéssemos continuado por muito mais tempo naquela situação exposta provavelmente eu não

teria sobrevivido para contar a história", escreveu Keppel, mas então o regimento recebeu ordem para recuar mais do topo, que se tornara demasiadamente perigoso para qualquer um.

Ney notou o movimento para a retaguarda e viu também que o centro da linha de Wellington estava perigosamente desguarnecido. Os soldados daquele setor haviam sido atingidos por fogo de artilharia, e o príncipe de Orange conseguira destruir, com sua teimosia e presunção, um batalhão inteiro da Legião Alemã do Rei, no entanto os franceses também estavam enfraquecidos. As tropas que haviam capturado La Haie Sainte experimentaram perdas enormes e não eram suficientes para um novo ataque contra o cimo da cadeia, então Ney enviou uma mensagem urgente a Napoleão solicitando reforços. Esses reforços poderiam marchar diretamente pela estrada principal e, com o apoio dos canhões de La Haie Sainte e da cavalaria francesa, que já capturara um estandarte da LAR, poderiam romper caminho pelo centro da posição britânico-holandesa. Esta era uma verdadeira oportunidade, e Ney a percebeu; ele só precisava das tropas.

Napoleão se recusou a enviá-las. "Onde ele pensa que encontrarei tropas?", perguntou sarcasticamente, "será que acha que as fabricarei?".

Mas ele tinha as tropas, sim. A reserva do imperador — a Guarda Imperial — ainda estava intacta e ilesa, mas Napoleão mantinha sua maior parte na retaguarda. Alguns integrantes da Guarda estavam sendo enviados para Plancenoit, onde os prussianos pressionavam com vigor, tão duramente que as balas de seus canhões agora caíam na estrada de Bruxelas para Charleroi atrás do imperador, mas a maior parte da Guarda — os Imortais — ainda permanecia em reserva e poderia ter ido para Ney. Em vez disso, o imperador esperou.

E então, enquanto a tarde caía, veio o momento difícil para os britânicos nas elevações. Foi como se os franceses percebessem sua fraqueza e redobrassem os esforços com seus canhões, alguns dos quais estavam agora posicionados entre La Haie Sainte e o elmo na encruzilhada. "Nós teríamos de bom grado atacado aqueles canhões", recordou-se o alferes Edward Macready, do 30º da Infantaria de Guardas:

> mas, se tivéssemos nos desdobrado, a cavalaria que os flanqueava nos teria dado uma sova. [...] Agora restava ver qual dos lados resistiria mais e ficaria matando por mais tempo. O duque nos visitou com frequência naquele sério período; era a frieza em pessoa. Quando cruzava a face de trás de nosso quadrado, uma granada caiu entre nossos granadeiros, e ele freou seu cavalo para ver o efeito que causara. Alguns homens foram arrebentados em pedaços pela explosão e ele simplesmente acionou as rédeas da montaria. [...] Nenhum líder jamais possuiu tão completamente a confiança de seus soldados, "mas nenhum deles o amava"; onde quer que ele aparecesse, um murmúrio de "Silêncio, fique em sentido e de frente, o duque está aí!" era ouvido [...] e então todos ficavam firmes como numa parada. Seus assistentes, os coronéis Canning e Gordon, caíram perto de nosso quadrado, e o primeiro morreu dentro dele. Quando [Wellington] se aproximou de nós, já de noite, Halkett cavalgou ao seu encontro e descreveu nosso estado de debilidade, implorando a Sua Graça que nos concedesse um pequeno apoio.

A resposta de Wellington foi curta e grossa. O pedido de suporte do general Halkett era impossível, disse o duque. "Todo inglês em campanha deve morrer na posição que agora ocupamos." Sinal do quanto a perspectiva parecia horrorosa foi a ordem de conduzir os estandartes regimentais do 30º para a retaguarda. "Essa medida foi reprovada por muitos", disse Macready, "mas sei que nunca em minha vida me senti tão feliz, ou olhei o perigo com tanta despreocupação, como quando vi nossos queridos e velhos trapos em segurança."

Os estandartes só eram enviados para a retaguarda em momentos de perigo máximo, para que, em caso de derrota, pelo menos o inimigo não tivesse a satisfação de levá-los como troféus. Outros batalhões pensaram em retirar os seus. O alferes James Howard servia no 33º, o antigo regimento do duque, e 18 de junho era o dia do aniversário do jovem Howard. Ele escreveu para seu irmão que "tivemos nossa parcela de trabalho sangrento. Jamais esquecerei a cena e a carnificina". Depois da queda de La Haie Sainte, Howard olhou em volta:

> Nossa brigada e uma de Guardas eram os únicos soldados à vista, e estávamos de um jeito que pensei que tudo ia mal, por isso decidimos mandar nossos estandartes para a retaguarda, ainda determinados a ficar enquanto nos restasse um homem. Lá estávamos nós, só com a esperança de manter a posição quando, para nossa satisfação, chegaram muitos reforços.

O próprio Wellington levou os reforços, e eles eram sua última reserva. Por ora, tudo o que ele podia fazer era manter seus homens atrás da crista e protegê-los dos canhões do inimigo da melhor maneira possível. No entanto, quando os batalhões recuaram para a vertente oposta a fim de escapar das balas de canhão e granadas, deixaram o cume exposto aos escaramuçadores inimigos, e os franceses enviaram milhares de homens em dispositivo disperso para importunar a linha britânico-holandesa. A queda de La Haie Sainte permitira aos franceses ocupar a maior parte da encosta frontal da cadeia britânica e os *voltigeurs* eram muitos por ali, enquanto atrás deles a cavalaria espreitava na densa fumaça de pólvora. "O regimento", escreveu o alferes Leeke, do 52º:

> Permaneceu cerca de quarenta passos abaixo do topo da posição, de modo que estava quase ou completamente protegido do fogo. O rugido das balas de canhão ainda continuava, muitas delas apenas passando por cima de nossas cabeças, outras atingindo a crista e quicando sobre nós, ainda outras quase perdidas e rolando suavemente em nossa direção. Uma delas, quando formadas em linha, veio rolando como uma bola de críquete, tão lentamente que eu ia pôr meu pé para fora a fim de travá-la quando o sargento guarda do porta-bandeira implorou-me de pronto que não fizesse aquilo, dizendo que eu poderia ter ferido seriamente o pé. Exatamente à minha frente, quando eu estava em linha, à distância de uns dois metros, vi um filhote de gato malhado morto. Provavelmente se assustara e saíra de Hougoumont, que era a casa mais próxima de nós.

Granadas eram lançadas em tiro vertical sobre a crista e causavam mais danos, embora um soldado de 17 anos do 23º tenha apanhado uma delas enegrecida, com o

estopim chiando e soltando fumaça enquanto queimava em direção à carga central, e o rapaz a lançou longe, como se arremessasse uma bola. Ela explodiu sem provocar estragos. A bala de canhão, como tinha uma trajetória mais tensa, era menos perigosa para esses homens protegidos pela vertente oposta, mas mesmo assim muitos soldados agachavam quando elas voavam baixo sobre suas cabeças. Sir John Colville, o carismático comandante do 52º, disse a seus subordinados que parassem de se agachar, porque senão seriam confundidos com os integrantes do segundo batalhão. Era costume, pelo menos em dois batalhões de um regimento, o primeiro participar da ação militar e o segundo ficar em casa treinando recrutas. A reprimenda funcionou e os homens permaneceram de pé. O 52º podia estar relativamente a salvo das balas de canhão, mas sofria terrivelmente com os escaramuçadores franceses no cimo da cadeia. O capitão Patrick Campbell, oficial de companhia que estivera de licença e voltara para o regimento naquela tarde, afirmou que o fogo ficara particularmente pesado quando o duque passou a cavalo.

Próximo ao 52º estava o 1º de Infantaria de Guardas a Pé que, assim como o 52º, formava quadrado por temer que a cavalaria francesa surgisse novamente no topo das colinas. A formação em quadrado era alvo fácil para os escaramuçadores que infestavam o cume da cadeia, mas o duque, ao ver o que ocorria, assumiu o comando do batalhão de Guardas e ordenou que este formasse uma linha — com profundidade de quatro fileiras — e levou ele próprio a linha à frente. A nova formação conseguiu tirar os escaramuçadores da crista com salvas de tiro de mosquete. O alferes Leeke assistiu de um dos dois quadrados do 52º:

> Um destacamento de cavalaria era agora visto se aproximando, mas o batalhão [de Guardas] voltou a formar quadrado com rapidez e ordem. A cavalaria recusou-se a enfrentar o quadrado, mas ao receber seu fogo, correu "desfilando" ao longo da face do 52º Regimento e se expôs a outro fogo vigoroso com o qual foi quase destruída. O 3º Batalhão do 1º de Guardas voltou em perfeita ordem para sua posição original.

Outros batalhões seguiram o exemplo dos Guardas e formaram linha para afastar os *voltigeurs*, mas nem toda a disciplina do mundo — e o relato seco de Leeke é testemunha dos magníficos treinamento e disciplina dos casacos-vermelhos naquele ambiente mortal — poderia impedir o aumento de perdas enquanto granadas explodiam, balas de canhão rasgavam fileiras e os escaramuçadores inimigos voltavam em enxames. Mas as escaramuças francesas fizeram, pelo menos, um favor aos aliados quando um atirador preciso acertou uma bala de mosquete no ombro esquerdo do príncipe de Orange. Slender Billy deixou o campo de batalha para receber cuidados médicos, o que significou que não podia mais nos trazer desconfortos. Os franceses, decididamente, não precisavam de sua ajuda. Mercer descreveu "uma nuvem de escaramuçadores" que se aproximara da cadeia britânica e a estava perturbando com fogo de mosquete enquanto os grandes canhões rugiam,

seus projéteis varando o vale repleto de fumaça onde as sombras se alongavam. O pobre major Baring, que fora expulso de La Haie Sainte, juntou seus poucos sobreviventes a outro batalhão da LAR. Ele encontrara um cavalo francês abandonado e o montara, mas cinco balas atingiram sua sela e outra derrubara seu chapéu. "Nada", escreveu ele:

> parecia ser capaz de dar fim à carnificina, exceto a inteira destruição de um exército ou do outro. Meu cavalo, o terceiro que montei no decurso daquele dia, recebeu uma bala na cabeça; empinou e, ao descer de novo, caiu sobre minha perna direita, pressionando-me com tanta força no solo de lama profunda que, apesar de todo o esforço, não consegui me livrar.

Por fim, ele foi socorrido, mas notou que o centro da linha de Wellington "estava ocupado de maneira apenas fraca e irregular". Ele estava bem à direita do 27º de Infantaria de Guardas, uma das unidades britânico-holandesas mais duramente atingidas. Era um regimento irlandês, constituído com elementos das reservas para fortalecer o centro de Wellington, e estava ao alcance dos canhões franceses posicionados em La Haie Sainte. Os irlandeses defenderam sua posição e ali também morreram. Dezesseis de seus dezenove oficiais foram mortos ou feridos, e dos outros cerca de setecentos soldados, pelo menos 463 foram baixas. Quando a batalha terminou, o 27º ainda estava em quadrado, mas formado em grande parte por homens mortos. No quadrado do 73º de Highlanders, que lutara com tanto vigor em Quatre Bras, as fileiras relutaram em se juntar, temendo talvez que a próxima bala de canhão inimiga fizesse o mesmo efeito da que acabara de massacrar seus companheiros. O tenente-coronel Harris, seu comandante, foi a cavalo até a brecha e disse: "Bem, meus jovens, se vocês não vêm, eu fico aqui", e isso os persuadiu a cumprirem seu dever. Em algum momento durante a provação pela qual o 73º passava, o duque se aproximou do quadrado do batalhão e perguntou quem o comandava. "Eu respondi: 'o coronel Harris'", recordou-se o capitão John Garland, e o duque "então me pediu para dizer ao coronel Harris para formar linha, mas se fôssemos atacados pelos couraceiros deveríamos voltar a entrar em quadrado." Uma linha, mesmo que tivesse quatro fileiras, era muito menos vulnerável ao fogo de canhão do que um quadrado.

O pobre Garland seria gravemente ferido e passaria meses num hospital de Bruxelas antes de voltar para sua nativa Dorset, onde batizou sua casa de Quatre Bras Cottage. Seu encontro com Wellington é um lembrete de como o duque estava sempre no local de maior perigo e pronto para oferecer conselhos ou dar ordens. Napoleão assistia à batalha de longe, mas Wellington precisava ver e ouvir o que acontecia. Ele assumiu por um breve período o comando do Batalhão de Guardas e, em seguida, continuou descendo a cadeia, incentivando homens e, sobretudo, sendo visto. Shaw Kennedy, oficial do Estado-Maior britânico, falou da "frieza" do duque,

de sua “precisão e energia”, de seu “completo autocontrole”:

> Ele passava a impressão de estar perfeitamente calmo durante cada fase da ação, por mais séria que fosse. Tinha confiança em seu poder de conseguir guiar a tempestade que se abatia à sua volta; e pela maneira determinada com que falava, era evidente que estava decidido a defender até a última polegada da posição que mantinha.

O duque devia saber que Napoleão despenderia um último esforço para romper sua linha, e tudo o que podia fazer era manter essa linha de prontidão para o assalto, portanto, as tropas aliadas tinham que resistir ao canhoneio. Mark Adkin, um dos maiores estudiosos das cruéis estatísticas da batalha, estima que dois terços das baixas do duque foram causados pela artilharia, e foi durante esse período que a maioria delas ocorreu. Ao longo de toda a cadeia houve mortes e mutilações. O marechal Ney estava provavelmente certo. Um ataque impetuoso, bem conduzido por uma combinação de canhões, cavalaria e infantaria, certamente teria penetrado na linha desfalcada de Wellington, mas a recusa de Napoleão em enviar reforços dera tempo ao duque. Ele usava esse tempo para reorganizar suas tropas e, como as principais prussianas do corpo de exército de Von Zieten chegavam então à extremidade leste da cadeia, pôde levar seus homens da extrema esquerda de sua linha para robustecer o centro. Despachou ordens ao major-general Sir Hussey Vivian para trazer sua brigada de cavalaria leve para o centro da cadeia, mas Vivian, comandante de cavalaria sagaz e experiente, previra a ordem e já estava a caminho. Conduziu seus homens para o lugar onde os casacos-vermelhos eram mais castigados:

> Nunca testemunhei algo tão terrível; o chão realmente coberto de mortos e moribundos, balas de canhão e granadas voando mais densas do que jamais eu ouvira até mesmo em mosquetaria, e nossas tropas, algumas delas, cedendo.

As tropas que cediam eram alguns soldados Brunswickers, jovens e crus que recuavam em pânico da carnificina no topo da cadeia. A cavalaria de Vivian conteve essa fuga, mas foi o próprio duque que os reuniu e os conduziu de volta ao cume. Ele fez o mesmo com um forte batalhão holandês-belga, a última de suas reservas. Henry Duperier, que, apesar do nome francês, era oficial do 18º de Hussardos, e que servia sob o comando do general Vivian, estava posicionado atrás desses soldados crus e viu seus oficiais:

> açoitando-os (como o vaqueiro fazia com o gado na Espanha) para que sentissem o cheiro de pólvora [...] fiz igual com os oficiais belgas, cada um que dava meia-volta eu punha minha espada sobre seu ombro e dizia que se não se voltasse eu a enfiaria nele, e isso teve o efeito desejado, porque todos eles permaneceram na luta.

Avançando seus batalhões em fortes linhas com profundidade de quatro fileiras, o

duque conseguiu varrer a maioria dos escaramuçadores do cume da cadeia, e isso permitiu aos fuzileiros do 95º atirar contra os artilheiros franceses que haviam estabelecido suas baterias muito perto da encruzilhada. Mas as linhas não podiam permanecer no topo, devido ao temor dos canhões franceses que estavam mais atrás, e então os escaramuçadores voltariam em abundância assim que a infantaria aliada se retirasse. Para muitos do exército aliado, esses foram os piores momentos da batalha. Os franceses ocupavam a vertente frontal da posição do duque e seus canhões estavam causando danos pesados aos defensores. Mas o duque não enfrentava dificuldades sozinho, porque os prussianos já estavam no campo de batalha e era Napoleão quem começava a ficar sem tempo.

* * *

As tropas do marechal Von Büllow expulsaram os franceses de Plancenoit. Foi uma luta hedionda, carnificina corpo a corpo, com baionetas e coronhas de mosquete em becos e jardins de chalés. Canhões disparavam balas e *canister* em ruas estreitas enevoadas por fumaça de pólvora e empoçadas de sangue. Soldados franceses mantiveram com firmeza algumas casas na extremidade oeste da vila, mas corriam o risco de ser cercados por tropas prussianas que avançavam através campo dos dois lados da vila.

Napoleão não podia se permitir perder Plancenoit. A vila ficava atrás de sua linha e seria uma base a partir da qual as tropas de Blücher poderiam avançar pela estrada de Bruxelas. Se essa via fosse cortada, os franceses não teriam estrada alguma em caso de retirada. Seriam efetivamente cercados, portanto o imperador enviou sua Jovem Guarda para retomar a vila.

A Jovem Guarda fazia parte da Guarda Imperial, as tropas de elite tão amadas pelo imperador. Para ingressar na Guarda, um soldado tinha que ter participado de três campanhas e ter caráter comprovado, uma exigência menos moral do que disciplinar. E os candidatos bem-sucedidos eram recompensados com melhores equipamentos, soldos maiores e uniformes diferenciados. Tradicionalmente, a Guarda — que tinha infantaria, cavalaria e artilharia próprias, formando, portanto, um exército dentro do exército — era mantida afastada da batalha, de modo a estar disponível para fazer o ataque fulminante quando este fosse necessário. Havia, naturalmente, certo ressentimento dentro do exército francês como um todo com os privilégios concedidos à Guarda, mas mesmo assim a maioria dos soldados tinha a ambição de ser escolhido para ingressar em suas fileiras. Seu apelido, os Imortais, era em parte sarcástico, referindo-se às muitas batalhas em que a Guarda não havia sido convocada para a ação (os guardas chamavam a si próprios de *grognards*, resmungões, por julgarem frustrante ficar na reserva enquanto outros homens

lutavam). Mas se havia ressentimento havia também admiração. A Guarda era intensamente leal a Napoleão, seus homens tinham coragem comprovada, lutavam como tigres e se gabavam de nunca terem sido derrotados. Nenhum inimigo jamais subestimaria sua capacidade de combater ou sua eficiência.

A Jovem Guarda era formada por escaramuçadores, embora pudesse lutar em linha ou quadrado como qualquer outro batalhão. E havia pouco mais de 4.700 deles em Waterloo. Quando ficou evidente que os homens em número inferior de Lobau estavam sendo expulsos de Plancenoit, o imperador despachou todos os oito batalhões da Jovem Guarda para retomar a vila. Eles eram liderados pelo general Guillaume Philibert Duhesme, uma pessoa absolutamente detestável, filho da Revolução Francesa. Ele atuara como advogado, depois se tornara soldado e respeitava Napoleão com certa suspeita, acreditando, corretamente, que o imperador havia traído muitos princípios da Revolução Francesa. Mas Duhesme era um soldado bom demais para ser ignorado, e Napoleão confiara a ele a Jovem Guarda. Duhesme era especialista em táticas de infantaria leve, na verdade seu livro *Essai historique de l'infanterie légère* se tornou uma obra de referência sobre o assunto durante grande parte do século XIX.

A infantaria leve, treinada para pensar e agir com independência, era perfeitamente adequada para o contra-ataque em Plancenoit. A Jovem Guarda avançou e recebeu fogo de mosquete proveniente de casas na extremidade da vila, mas Duhesme se recusou a deixar que seus soldados respondessem a esse fogo, conduzindo-os, em vez disso, diretamente para as ruas e becos que seriam desimpedidos por suas baionetas. Funcionou, e os prussianos foram jogados para fora da vila e até perseguidos por alguma distância. O general Duhesme ficou seriamente ferido na cabeça durante o combate cruel e morreria dois dias depois.

A Jovem Guarda fizera tudo o que lhe fora determinado e manteve as tradições da Guarda Imperial, mas os homens de Von Bülow recebiam reforços a cada minuto, já que mais soldados cruzavam o vale do Lasne e abriam caminho pelo bosque até o campo de batalha. Os prussianos contra-atacaram, expulsando os franceses das casas no lado oeste da vila e sitiando o pátio da igreja com muro de pedra. O coronel Johann von Hiller liderava uma das duas colunas prussianas que:

> conseguiram capturar um obuseiro, dois canhões, várias carroças de munição e dois oficiais do Estado-Maior, juntamente com várias centenas de homens. A praça aberta em torno do pátio da igreja era cercada de casas das quais o inimigo não podia ser desalojado [...] um combate armado se desenvolveu de quinze a trinta passos de distância, o que acabou dizimando os batalhões prussianos.

A Jovem Guarda combatia desesperadamente, mas Blücher pôde acrescentar ainda mais homens ao entrevero e, lentamente, inevitavelmente, a Guarda foi forçada a recuar. Os prussianos retomaram a igreja e seu cemitério e, logo depois, foram de

casa em casa, de jardim em jardim, lutando ao longo de becos em cujas extremidades casas ardiam, e a Jovem Guarda, agora irremediavelmente em número inferior, retirou-se rancorosa.

Napoleão tinha os treze batalhões restantes da Guarda Imperial em sua reserva. Ele os alinhara a norte e sul para formar uma linha defensiva caso os prussianos penetrassem através de Plancenoit, mas para impedir que isso acontecesse, ele agora enviava dois batalhões da Velha Guarda a fim de reforçar as tropas francesas duramente pressionadas na vila. Os dois batalhões entraram em meio à fumaça e ao caos com baionetas caladas, e sua chegada revigorou os sobreviventes franceses, e a luta por Plancenoit se intensificou novamente, desta vez em favor dos franceses. Os recém-chegados veteranos da Velha Guarda lutaram para abrir caminho de volta ao pátio elevado da igreja, capturaram-no e guarneceram a área interna ao muro de pedra. Mesmo assim foram acirradamente pressionados e, em determinado momento, seu general, o barão Pelet, pegou a preciosa águia e gritou: "*A moi, Chasseurs! Sauvons l'Aigle ou mourons autour d'elle*!" "Por mim, Chasseurs! Salvem a águia ou morram em torno dela!" A Guarda se reanimou. Pelet, mais tarde, durante a luta, descobriu guardas cortando a garganta de prisioneiros prussianos e, enojado, impediu os assassinatos. Por enquanto, pelo menos, Pelet enrijecera a defesa francesa e Plancenoit pertencia ao imperador — a ameaça à retaguarda de Napoleão havia sido evitada.

Mas os homens de Von Bülow não eram os únicos prussianos que chegavam ao campo de batalha. O 1º Corpo do tenente-general Hans von Zieten deixara Wavre no início da tarde e tomara a rota mais ao norte que a dos homens de Bülow. Estava atrasado porque o 2º Corpo do general Pirch seguia o de Büllow na rota ao sul, e os grandes-comandos de Zieten e Pirch, ambos com vários milhares de homens e numerosos canhões e carroças de munição, encontraram-se num cruzamento de estradas e houve inevitável confusão quando as duas colunas tentaram cruzar a linha de marcha uma da outra. Von Bülow e Pirch haviam sido enviados para atacar a ala direita de Napoleão em Plancenoit, enquanto os homens de Zieten avançavam pelas estradas mais ao norte, para que pudessem se unir às tropas de Wellington nas elevações.

Os homens do general Von Zieten haviam participado intensamente dos embates em Ligny, onde perderam quase metade de seu efetivo. Agora, sob o sol poente, Von Zieten conduzia cerca de 5 mil homens para reforçar Wellington. Eles teriam ouvido a batalha muito antes de vê-la, embora a cortina de fumaça de pólvora, iluminada pelos clarões dos disparos de canhões, possivelmente fosse visível acima das árvores. O primeiro contato aconteceu quando as forças da vanguarda chegaram ao Château de Frichermont, uma grande construção na extremidade esquerda da posição de Wellington. O castelo estava guarnecido por tropas de Nassau, de Bernhard de

Saxe-Weimar, as mesmas que haviam salvado Quatre Bras com sua defesa valente dois dias antes. Saxe-Weimar combatera a tarde inteira, repelindo ataques franceses a Papelotte e La Haie. Agora, era subitamente atacado pela retaguarda. Um de seus oficiais, o capitão Von Rettburg, contou como sua infantaria foi rechaçada "por numerosos escaramuçadores seguidos por colunas de infantaria":

> Os escaramuçadores me atacaram até pelas sebes em minha retaguarda. Quando os repeli, tomei consciência de que enfrentávamos prussianos! Eles, por sua vez, reconheceram o erro que durara menos de dez minutos, mas deixara vários mortos e feridos em ambos os lados.

O que Von Rettburg não diz é que foi sua bravura que pôs fim ao infeliz confronto de aliados. Ele abriu caminho em meio ao fogo de mosquete para informar aos prussianos que se equivocavam. Os soldados de Nassau usavam uniforme verde-escuro, que podia ser confundido com o azul-marinho dos casacos franceses, e a cobertura em suas cabeças tinha um formato francês.

Mais caos viria em seguida. Os homens do general Von Zieten eram desesperadamente necessitados nas colinas. Wellington sabia que outro assalto francês era provável, e se os prussianos reforçassem sua ala direita ele poderia tirar soldados dali para fortalecer seu centro. O general Von Zieten enviou batedores à frente e um deles, jovem oficial, voltou dizendo que tudo estava perdido. Ele vira o exército de Wellington em retirada total. Assim como o marechal Ney, confundira a confusão atrás da linha de Wellington com uma derrota, pensando tratar-se de uma tentativa em pânico de escapar, quando na verdade eram apenas homens feridos sendo levados para a retaguarda, carroças de munição, criados e cavalos desgarrados. Granadas explodiam entre eles e balas esféricas de canhão roçavam a crista e lançavam jorros de terra quando caíam. Parecia que os franceses bombardeavam a massa desordenada, o que aumentava a impressão de fuga. O oficial prussiano provavelmente pôde ver pouco do que acontecia nas colinas em si, pois tudo estava enevoado pela fumaça de pólvora, mas, em meio àquela fumaça, ele deve ter percebido os clarões vermelhos dos canhões franceses sendo disparados e o brilho menor dos mosquetes, suas chamas repentinas iluminando a fumaça e se apagando imediatamente. Vez por outra, havia uma explosão maior, quando uma granada atingia carreta de munição da artilharia, e a "nuvem" de escaramuçadores franceses estava próxima ao topo da cadeia de elevações, assim como alguns canhões, e atrás dos escaramuçadores rondava a cavalaria, vagamente observável em meio à fumaça. Não surpreende que o jovem oficial tenha acreditado que os franceses haviam ocupado a crista de Wellington e que as forças do duque estavam em retirada completa para o norte. Galopou de volta para relatar a Von Zieten e lhe disse que o avanço de seu corpo de exército era inútil, que não fazia sentido juntar-se a Wellington porque o duque estava derrotado.

E nesse mesmo momento um oficial do Estado-Maior chegou trazendo novas ordens de Blücher. O recém-chegado, capitão Von Scharnhorst, não conseguiu encontrar Von Zieten, então galopou até a frente da coluna e deu as ordens diretamente aos soldados: eles deveriam virar e marchar para o sul a fim de ajudar Blücher em seu ataque arrastado contra Plancenoit. Parecia que Wellington não receberia reforços; em vez disso, os prussianos travariam uma batalha separada ao sul da cadeia de Napoleão.

O general Von Müffling, oficial de ligação com Wellington, aguardava a chegada de Zieten. Esperava-a para bem mais cedo, porém, finalmente, o Corpo de Von Zieten estava à vista, na extremidade da ala esquerda da posição de Wellington. Para espanto de Von Müffling, entretanto, as tropas viraram e começaram a fazer o caminho de volta. "Com aquele movimento retrógrado", escreveu Von Müffling, "a batalha poderia estar perdida." O oficial de ligação esporeou então seu cavalo e galopou ao encontro dos prussianos que se retiravam.

Entrementes, uma discussão furiosa acontecia entre o tenente-coronel Von Reiche — um dos oficiais do Estado-Maior de Von Zieten — e o capitão Von Scharnhorst. Von Reiche queria obedecer às ordens originais e ir em socorro de Wellington, apesar do relato sobre a derrota do duque, mas Von Scharnhorst insistia que as novas ordens de Blücher deviam ser obedecidas. "Salientei para ele", disse Von Reiche:

> que tudo havia sido combinado com Von Müffling, que Wellington contava com nossa iminente chegada a ele, mas Von Scharnhorst não se dava ao trabalho de ouvir coisa alguma. Declarou que eu seria responsabilizado se desobedecesse às ordens de Blücher. Eu nunca havia me visto numa situação tão desagradável. Por um lado, nossas tropas estavam em perigo em Plancenoit, por outro, Wellington confiava em nossa ajuda. Quase desesperei. O general Von Zieten não era encontrado em lugar algum.

O corpo de exército havia feito alto enquanto a discussão acontecia, mas então o general Steinmetz, que comandava a vanguarda da coluna de Von Zieten, chegou galopando, irritado com a demora, e disse bruscamente a Von Reiche que as novas ordens de Blücher deviam ser cumpridas. A coluna continuou obedientemente sua marcha para leste, procurando uma estrada mais curta que levasse a Plancenoit, situada mais ao sul, mas então o próprio Von Zieten apareceu e a discussão recomeçou. O comandante do corpo de exército ouviu os argumentos e, logo a seguir, tomou uma decisão corajosa: ignorou as novas ordens de Blücher e, acreditando na garantia de Von Müffling de que o duque não estava em retirada total, ordenou que seu corpo seguisse para a cadeia britânico-holandesa. O 1º Corpo dos prussianos se juntaria a Wellington.

O 1º Corpo tinha artilharia em sua dotação — canhões 6-pounders e obuseiros 7-pounders —, e estas foram as primeiras armas empregadas por Von Zieten contra os franceses. Presumivelmente, essas peças disparavam seus projéteis ao longo da vertente frontal das elevações, e era provável que apontassem para os clarões de

canhões que iluminavam a fumaça em torno de La Haie Sainte; logo depois de abrirem fogo os canhões prussianos passaram a receber disparos de contrabateria. O capitão Mercer, da Artilharia Real a Cavalo, conta melhor a história:

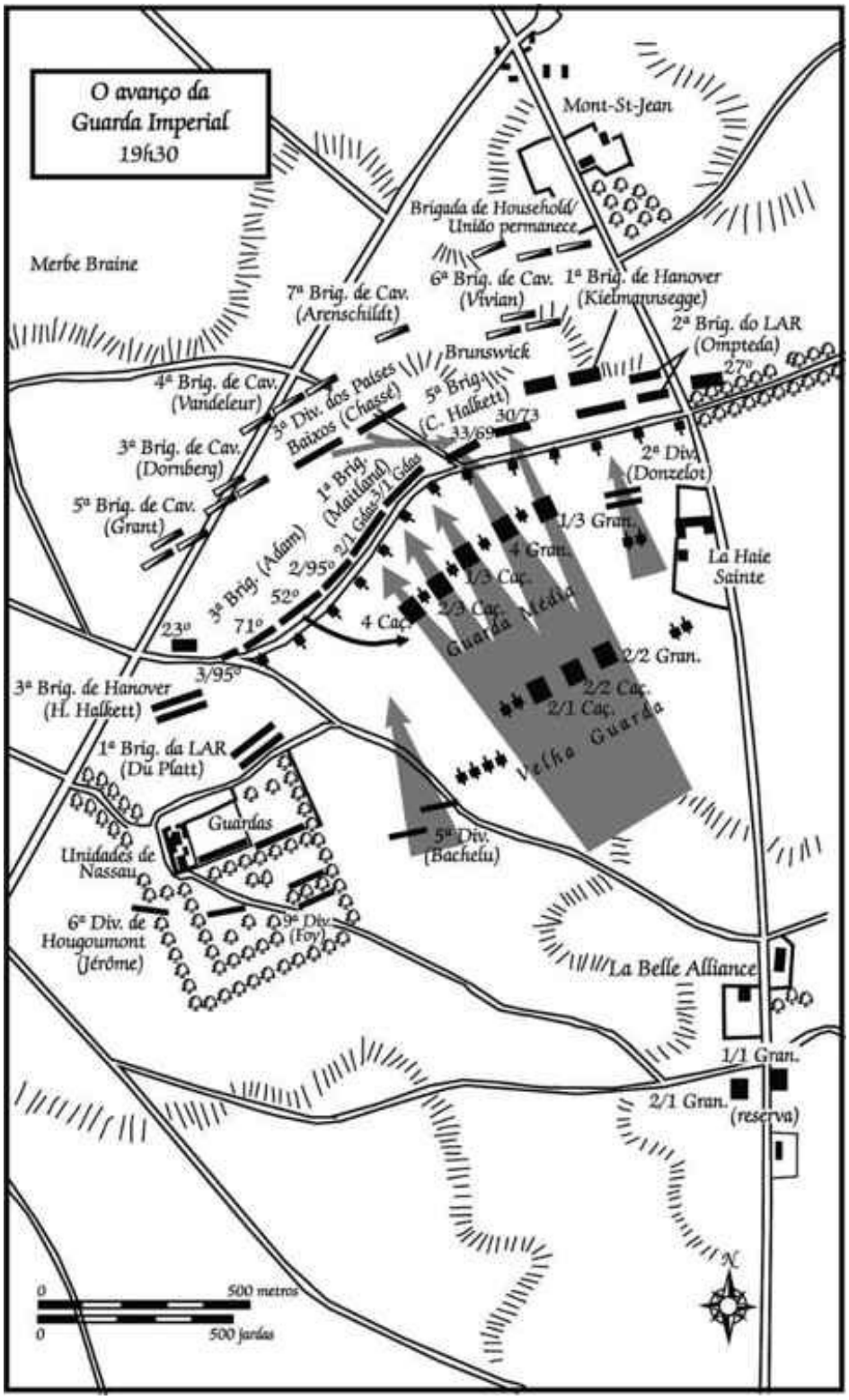
> Mal havíamos disparado alguns tiros contra a bateria que nos atingia com fogo de enfiada, quando um homem alto, com o uniforme preto dos Brunswickers, aproximou-se de mim galopando, vindo da retaguarda, e exclamando: "Ah! Mine Gott! Mine Gott! Que senhor fazer, sere? Aquelas suas amigas, pruzianos; e senhor matar elas!"

Os canhões prussianos haviam apontado para a bateria de Mercer e causado baixas. E Mercer, apesar das ordens que proibiam o fogo de contrabateria, respondera. Esse erro também acabou sendo corrigido. Provavelmente todos os enganos fossem inevitáveis; havia muitos uniformes desconhecidos nos exércitos aliados, e a fumaça estava criando uma penumbra em campo de batalha iluminado pela claridade das chamas. Passava das 19h agora, os destinos da guerra pendiam nitidamente contra o imperador, mas nem tudo estava perdido.

A Guarda Imperial de Napoleão fazia, novamente, mágica. Dez batalhões tinham sido suficientes para conter o ataque prussiano a Plancenoit e onze batalhões permaneciam na reserva. Os franceses pressionavam duramente a linha de Wellington — chegavam, novamente, perto da crista das colinas ocupadas pelos britânicos — em especial, no centro acima de La Haie Sainte. Ney solicitara mais tropas para poder realizar uma investida formidável contra o centro de Wellington, e Napoleão se recusara a atendê-lo, mas agora, com os efetivos prussianos crescendo, era hora de enviar as melhores tropas da França, se não de toda a Europa, contra a linha debilitada do duque.

John Cross era capitão do 52º, o maior batalhão de Wellington, tão grande que formava dois quadrados em vez de um. Veterano da Peninsular, ele sofrera muitos ferimentos mais cedo naquele dia, porém permanecera com sua companhia. O batalhão avançara repetidas vezes para o topo a fim de forçar os escaramuçadores franceses a descerem pela encosta frontal, e numa das ocasiões, disparando salvas para repelir os *voltigeurs*, Cross viu couraceiros inimigos seguindo a cavalo em meio à fumaça na direção de Hougoumont. Não havia nada de incomum nisso, a cavalaria rondava pelo vale desde que suas cargas haviam fracassado na tentativa de romper os quadrados dos aliados, mas agora Cross via um dos oficiais couraçados afastando-se repentinamente dos outros cavaleiros. O francês galopava a toda velocidade "em direção ao 52º", lembrou-se Cross, "gritando a plenos pulmões, '*Vive le Roi!*' enquanto se aproximava". Ele segurava sua espada bem acima da cabeça, mas ela estava embainhada, sinal de que ele não vinha para lutar. Era um monarquista e chegava com um aviso de que "a Guarda Imperial marchava para realizar um grande ataque".

A invicta Guarda Imperial! Os Imortais!
E eles dariam um fim à batalha!



12

Depois de uma batalha perdida, o maior sofrimento é uma batalha vencida

Agora são mais ou menos 19h e ainda há luz, embora as sombras estejam se alongando. O tempo abriu e as últimas pancadas de chuva viajaram para o leste, onde o marechal Grouchy combatia a retaguarda prussiana em Wavre. O céu sobre Mont-Saint-Jean está retalhado por nuvens, o sol descendo em meio às brechas para iluminar o manto sombrio de fumaça que paira sobre o centeio, a cevada e o trigo pisoteados que, como disse um oficial britânico, adquiriram a consistência de uma esteira indiana. Milhares de corpos jazem no vale e na cadeia de colinas que os homens de Wellington mantiveram durante oito horas de luta. Esta ainda não acabou, mas Napoleão sabe que só lhe resta uma chance de vitória. E o imperador é um apostador, e então lança os dados. Dá cinco e três.

Cinco batalhões da Guarda Média, os de experiência mediana, e três batalhões da Velha Guarda, os bem calejados, marchariam para a encosta ensanguentada no último ataque à linha aliada. Oito batalhões. Napoleão começara o dia com 21 batalhões da Guarda Imperial, mas fora forçado a enviar dez destes para expulsar os prussianos de Plancenoit. Dos onze que ficaram (havia outro batalhão em Rossomme, protegendo os trens de bagagens do imperador e longe demais para ser convocado para esse último ataque), ele mantinha três em reserva. Napoleão deu a ordem ao general Drouot, comandante da Guarda, "*La Garde au feu!*".

Os oito batalhões contabilizavam, no máximo, cerca de 5 mil homens, provavelmente um pouco menos. O primeiro ataque da infantaria à linha de Wellington consistira em 18 mil soldados, o segundo — o ataque de Bachelu e Foy —, em aproximadamente 8 mil. Os 18 mil homens do conde D'Erlon haviam chegado perto do êxito, mas a intervenção da cavalaria pesada britânica os destroçara. Bachelu e Foy haviam sido derrotados com uma facilidade quase insolente, varridos da encosta pela mosquetaria dos casacos-vermelhos, portanto, à primeira vista, o ataque da Guarda Imperial parece inútil antes de começar, especialmente porque os três batalhões da Velha Guarda, os *grognards*, foram mantidos na retaguarda. Estes batalhões marcharam para o vale e ali ficaram, prontos para dar continuidade ao êxito dos cinco batalhões de ataque da Guarda Média. Os

cinco somavam cerca de 3.500 homens, um número perigosamente pequeno para atacar uma posição defendida pelo duque de Wellington. Mas esses 3.500 eram todos veteranos seguidores fanáticos do imperador, e só não tinham a reputação da Velha Guarda. Possuíam fama de determinação e estavam imbuídos de enorme confiança. Sabiam que só eram enviados para a batalha quando as coisas estavam muito sérias e gabavam-se de ser invictos; poucas pessoas teriam negado que a Guarda Imperial de Napoleão era composta por, talvez, os melhores soldados da Europa.

A Guarda Média também não atacaria sozinha. Tudo o que restara da infantaria de Napoleão foi enviado à frente para pressionar as elevações dos aliados. É verdade que não marcharam em colunas, sendo mandados como uma linha espessa de escaramuça, e atrás deles estavam os sobreviventes da cavalaria do imperador. Duas baterias da artilharia a cavalo da Guarda Imperial acompanhavam os oito batalhões, e a Grande Bateria disparava contra as colinas até seus homens obscurecerem os alvos.

O próprio Napoleão liderou o avanço da Guarda. Ele seguiu a cavalo na frente, indo das elevações ocupadas pelos franceses até o fundo do vale, onde passou o comando dos soldados ao marechal Ney, que os conduziria até a cadeia britânico-holandesa. E à direita de Napoleão, em algum lugar além dos rolos de fumaça que pairavam sobre os cadáveres dos homens de D'Erlon, havia novas tropas visíveis na cadeia dos aliados, novas tropas e novos canhões. E o imperador, sabendo que a chegada dos prussianos prejudicaria o moral de seus homens, mentiu para eles. Enviou oficiais para espalhar a inverdade de que os recém-chegados eram homens de Grouchy vindos para atacar a ala esquerda de Wellington enquanto os Imortais rompessem seu centro. Um dos oficiais que recebeu ordem para espalhar a mentira foi o coronel Octave Le Vavasseur, oficial da artilharia e assistente do marechal Ney. Le Vavasseur escreveu em suas memórias:

> Parti a galope com minha cobertura erguida na ponta do sabre e passei pela linha, gritando "*Vive l'Empereur! Soldats, voilà Grouchy!*". O grito foi ecoado por mil vozes. O entusiasmo das tropas chegou a níveis febris e todos estavam gritando "*En avant! En avant! Vive l'Empereur!*"

A linha diante da qual Le Vavasseur galopou era praticamente da largura do campo de batalha. Cada homem que podia avançar era exortado a continuar progredindo. A infantaria que havia capturado La Haie Sainte subiu as encostas, assim como o resto do corpo de exército de D'Erlon. Os sobreviventes da brigada do general Bachelu se empenhavam perto de Hougoumont e havia repetidos combates no próprio castelo, já que homens de Foy atacavam os muros. Os soldados do general Reille avançavam atrás da Guarda, e todos eles sabiam que aquele era o último esforço para vencer o dia. Ney fizera uma conclamação às tropas. O capitão

Pierre Robinaux, um dos homens da infantaria que sitiava Hougoumont, ouviu o marechal ruivo gritando: "Coragem! O exército francês é vitorioso! O inimigo está derrotado por todas as partes!", e pouco depois um oficial do Estado-Maior chegou com o anúncio do imperador de que tropas de Grouchy tinham assomado ao campo de batalha. Napoleão enganava seus homens num esforço para elevar o moral, e a maioria dos soldados acreditou no relato, mas um general que encontrou Le Vavasseur sabia muito bem de tudo. "Olhe", disse ele desanimado, "são os prussianos."

Enviar a Guarda era uma aposta, é evidente, mas Napoleão enfrentava uma escolha cruel. "Espaço", disse ele certa vez, "eu posso recuperar, mas tempo nunca." O ataque de Blücher a Plancenoit era contido pelos homens de Lobau e pelos dez batalhões da Guarda que haviam partido para ajudar o general, mas Napoleão sabia que o número de prussianos só aumentaria. Sabia também que reforços prussianos haviam chegado à extremidade leste da linha de Wellington e era só uma questão de tempo para que esses recém-chegados se espalhassem pela extensão da crista. Em suma, logo ele enfrentaria dois exércitos que, juntos, estariam em enorme superioridade numérica. Mas ainda restavam duas horas de luz do dia, e isso era tempo suficiente para destruir um dos exércitos. Se a Guarda pudesse romper a linha de Wellington, se os franceses enxameassem a crista e empurrassem os britânico-holandeses novamente para trás numa derrota caótica, então ele poderia se voltar contra os prussianos, e estes, vendo seu aliado tão amplamente derrotado, poderiam recuar. Ou apenas ficar onde estavam até o anoitecer. Então, o 19 de junho poderia trazer uma nova batalha, só que dessa vez Grouchy realmente voltaria para participar. Era uma aposta, mas a vitória na cadeia mantida pelos britânicos inclinaria as chances em favor da França. "*On s'engage*", disse Napoleão certa vez em uma de suas declarações que fazia a guerra parecer muito simples, "*et alors on voit*". "Você se engaja e depois vê o que acontece!" Então ele se engajaria e o mundo veria o que iria acontecer.

Qual era sua alternativa? Se ele não atacasse, seria atacado. Já o estava sendo em Plancenoit, e se retirasse seus soldados para as elevações onde eles haviam começado o dia poderia esperar um ataque conjunto de britânico-holandeses e prussianos. A conduta sensata era recuar, pegar o que restava de seu exército, retirar-se atravessando o rio Sambre e, com isso, sobreviver para lutar mais um dia; mas recuar seria difícil, se não impossível. Ele teria que enviar milhares de homens ao sul, pela estrada de Charleroi, e esperar conter o inimigo enquanto suas tropas se retirassem. Ademais, a alguns quilômetros ao longo da estrada estava a ponte estreita de Genappe, com apenas 2,4 metros de largura, o único lugar por onde todos os seus canhões, carroças de munição e de bagagem poderiam cruzar o rio Dyle, um rio menor, é verdade. Recuar provavelmente levaria ao caos, à confusão e à derrota.

Portanto, ataque. Envie os Imortais para fazer o que eles realizavam tão bem: vencer as batalhas do imperador. "A sorte", asseverou Napoleão, "é uma mulher, ela mudará!". Mas a sorte precisava de ajuda, e era por isso que a Guarda Imperial existia, para assegurar que a sorte oferecesse a vitória ao imperador.

La Garde au feu! En avant! Vive l'Empereur! Os tambores rufavam o *pas de charge* enquanto a Guarda, a invicta Guarda, marchava ao norte pela estrada, com 150 músicos da banda à frente executando canções patrióticas. A banda parou bem perto de La Haie Sainte, e o imperador permaneceu com os músicos enquanto os oito batalhões saíam da estrada, e marchavam um pouco à esquerda. Chegavam agora ao leito plano do vale, onde cinco batalhões da Guarda Média formavam suas colunas de ataque. Balas de canhão e granadas zuniam no ar, castigando a cadeia britânico-holandesa. A Guarda não enviou escaramuçadores à frente, já existiam escaramuças suficientes na encosta. A Guarda marcharia para o ataque, espalhar-se-ia em linha quando alcançasse o inimigo e o expulsaria do topo da crista com mosquetaria. Alguns historiadores têm se perguntado por que Ney os levou para a esquerda, em vez de marchar diretamente pela estrada, mas teria sido quase impossível manter as colunas em formação se a Guarda tivesse que transpor a estrada baixa ao lado de La Haie Sainte, que dirá a própria fazenda e o areal adiante, as carretas de canhão e as centenas de cadáveres que jaziam sobre o centeio esmagado. Então Ney os levou para a encosta onde havia atacado com a cavalaria, e essa encosta também estava repleta de mortos, mas menos obstruída, um terreno mais convidativo. Os guardas usavam sua cobertura alta de pele de urso que os fazia parecer enormes. Trajavam sobretudo azul com dragonas vermelhas, e as coberturas de pele de urso apresentavam as plumas vermelhas. Nem sempre eles usavam as plumas, que podiam ficar guardadas em tubos de papelão, mas haviam sido informados que desfilariam com o uniforme completo na *Grand Place* de Bruxelas, e parece que usaram as plumas para o combate naquela noite de verão. A estrada para Bruxelas era o terreno aberto que subia até a crista das colinas, uma encosta de cavalos mortos e homens moribundos, uma estrada para a vitória.

Oficiais lideravam as colunas. Eles podiam ver a cadeia à frente em meio à fumaça, e não observaram inimigo algum ali, salvo os artilheiros que abriram fogo quase tão logo as colunas da Guarda se formaram. O *shrapnel* crepitava no ar, balas de canhão cortavam as fileiras que se fechavam e continuavam cerradas enquanto marchavam. Os tambores soavam, fazendo uma pausa para deixar os guardas gritarem "*Vive l'Empereur!*".

Eles assaltavam a direita de Wellington, seu flanco mais forte, o mesmo flanco que assistira à derrota de Bachelu e Foy. Para além da crista, invisíveis na vertente oposta, Wellington tinha três de suas unidades mais fortes. A leste estava a brigada do general Adam, a mais próxima de Hougoumont — todos os seus batalhões

veteranos da Guerra Peninsular, entre eles, o 52º, o grande batalhão de Oxfordshire. À esquerda de Adam se posicionava a Brigada de Guardas de Maitland. Estes Guardas britânicos enfrentariam o impacto principal da Guarda Imperial. E a tropa mais próxima da encruzilhada era uma divisão de unidades de Hanover, reforçada por batalhões da Legião Alemã do Rei e por casacos-vermelhos britânicos do general Halkett. Eles se encontravam na vertente oposta, de modo que os franceses, marchando morro acima, não viam a infantaria inimiga. Conseguiam vislumbrar o clarão dos tiros saídos dos tubos de canhões enegrecidos, viam ondas de fumaça espessa, viam seus soldados caindo quando as balas os atingiam e, quando se aproximaram mais, os artilheiros trocaram para o tiro duplo, carregando *canister* à frente das balas esféricas e a carnificina piorou, mas jamais foi suficiente para barrar a Guarda. Eles eram os Imortais, marchando para seu destino.

Napoleão assistia do outro lado do vale. Ele viu a Guarda Imperial se dividir em duas colunas, ninguém sabe ao certo por que isso aconteceu, mas as duas subiram a encosta do lado oposto, e será que Napoleão se lembrou de sua conversa no café da manhã? Ele pedira a seus generais suas opiniões sobre Wellington e as tropas britânicas e não gostara das respostas. Foi o general Reille quem disse que a infantaria britânica, bem posicionada, era impenetrável. *On s'engage*, *et alors on voit*. Os Imortais estavam prestes a se deparar com a Impenetrável. Os invictos enfrentariam os imbatíveis.

* * *

É estranho que esse embate culminante entre a Guarda Imperial e a infantaria de Wellington esteja ainda envolto em mistério. Há discordâncias sobre qual foi a formação usada pela Guarda Imperial, se ela estava em colunas ou se avançou em quadrados. E por que a formação original se dividiu em duas? Não sabemos. A luta que se seguiu é um dos duelos mais famosos da história, temos relatos de testemunhas, milhares de homens participaram e muitos contaram suas experiências, mas ainda assim não sabemos exatamente o que aconteceu. Há discordâncias até em relação a quem deveria receber as honras da vitória, mas talvez nada disso seja surpreendente. Ninguém em nenhum dos dois lados se preocupava em fazer anotações. Os sobreviventes discordaram em relação à hora em que o confronto ocorreu, embora provavelmente a Guarda tenha recebido ordem para avançar pouco depois das 19h30 e tudo tivesse acabado às 20h30. E os homens que estavam ali, os que fizeram história, só podiam enxergar alguns metros ao redor deles, e o que viam era obscurecido pela fumaça espessa, seus ouvidos, assaltados pelo zumbido das balas de mosquete, pelo estrondo de canhões disparados, pelos gritos dos feridos, pelos brados de oficiais e sargentos, por explosões de granadas, pelo martelar

incessante de salvas de mosquete, pelo impacto de canhões mais distantes, pelos tambores rufando e pelas cornetas estridentes. Barulho ininterrupto, ensurdecedor. Um oficial britânico lembrou-se de que gritava ordens e os homens ao seu lado não conseguiam sequer ouvir suas palavras. Como um combatente poderia entender o que acontecia quando tudo o que podia ver era fumaça, sangue e fogo, e se ele estava ensurdecido e sua própria vida dependia do cumprimento de seu dever, apesar do medo que dilacerava seu coração? Este era o propósito dos treinamentos e da disciplina, para que, no momento em que o destino pendesse na balança, em que o caos dominasse, em que a morte o espreitasse de perto, o homem cumprisse sua obrigação. O instinto é fugir de tamanho horror, mas a disciplina aponta outro caminho.

A artilharia a cavalo da Velha Guarda foi a primeira a entrar em ação. Fora dividida em quatro seções e suas baterias desengatadas e posicionadas onde a parte mais íngreme da encosta terminava, de modo a disparar da extremidade razoavelmente plana da crista. A cadeia de elevações fazia ali uma curva, de maneira que a Guarda Imperial investia contra a parte central do arco, e os canhões dos aliados convergiam seu fogo para as fileiras cerradas que continuavam por ali avançando. Então, enquanto a artilharia da Guarda entrava em ação, os franceses podiam contra-atacar. "A rapidez e precisão desse fogo inimigo eram impressionantes", escreveu o capitão Mercer:

> Quase todo tiro causava estragos, e certamente eu esperava que todos nós fôssemos aniquilados. Nossos cavalos e carretas estavam um pouco afastados na vertente [oposta], até então de algum modo protegidos do fogo direto em frente; mas este passou a mergulhar bem no meio deles, derrubando-os por pares e criando uma confusão horrível. Os condutores mal conseguiam se livrar de um cavalo morto e outro caía. [...] Vi uma das granadas explodir sob as melhores parelhas-guias da bateria, e os animais tombaram.

Nem todos os canhões dos aliados podiam ser disparados. Alguns haviam perdido seus artilheiros, ou rodas dos armões e peças tinham sido destroçadas e ainda não substituídas, mas canhões suficientes continuavam a causar danos terríveis à Guarda que avançava, embora não ainda suficientes para barrá-la. A fumaça tornava-se densa a cada descarga, homens lembraram ter visto a passagem de balas de canhão em meio às fileiras da Guarda fazendo mosquetes voarem, mas a Guarda cerrou fileiras e os tamborileiros as dirigiram encosta acima, na direção da parte plana onde a infantaria aliada esperava. O alferes Macready, que conhecemos quando viu os estandartes de seu batalhão sendo levados para a retaguarda, estava posicionado para enfrentar a coluna mais a leste da Guarda, aquela que avançava mais perto do centro da cadeia. Macready tinha apenas 17 anos e combatia contra os veteranos do imperador. Estes foram vistos "ascendendo para nossa posição", disse ele:

em formação disciplinada, como numa revista. Enquanto eles subiam passo a passo diante de nós e cruzavam a crista, suas dragonas vermelhas e os talabartes entrecruzados sobre seus sobretudos azuis davam-lhes uma aparência gigantesca, ampliada pelos chapéus peludos altos e pelas penas vermelhas compridas, que balançavam com o movimento de suas cabeças enquanto eles acompanhavam o ritmo de um tambor no centro da coluna. "Agora vem a luta corpo a corpo", murmurei e, confesso, quando vi o avanço imponente daqueles homens e pensei na fama que eles haviam adquirido, só esperei por uma estocada de baioneta em meu corpo, e dei um meio-suspiro confiando que ela não atingisse minha genitália.

Macready e seu batalhão, o 30º, seriam atacados por dois batalhões da Guarda Média, ambos Granadeiros da Guarda. A palavra "granadeiro" não fazia mais sentido, as tropas já não portavam granadas, mas, tradicionalmente, os granadeiros formavam a infantaria pesada, as tropas de assalto. Num batalhão britânico havia uma Companhia Leve, de escaramuçadores, e uma Companhia de Granadeiros, que deveria realizar o combate aproximado. Esses dois batalhões da Guarda Média marchavam diretamente contra a brigada do major-general Sir Colin Halkett. Halkett era veterano da Peninsular, que servira durante a maior parte de sua carreira na Legião Alemã do Rei, embora em Waterloo comandasse quatro batalhões britânicos. Todos os quatro haviam experimentado grandes perdas em Quatre Bras graças à estupidez de Slender Billy, em consequência, os quatro batalhões estavam reorganizados em dois: o 30º de Macready formava quadrado com o 73º, enquanto à sua direita se posicionava o quadrado constituído pelo 33º e pelo desafortunado 69º, que perdera o estandarte em Quatre Bras. Eles não estavam sozinhos, é claro. À direita dos dois quadrados estavam os Guardas britânicos e à esquerda, batalhões de tropas alemãs e holandesas. Mas os dois batalhões atacantes também não estavam isolados. Eram apoiados por dois destacamentos robustos de homens do corpo de exército do general Reille, que subiam a encosta atrás da Guarda; também eram apoiados pelo fogo aproximado de artilharia, e a cavalaria francesa restante aguardava para aproveitar o êxito de qualquer penetração. O historiador Mark Adkin diz: "Na realidade, esse ataque foi o mais parecido com um assalto frontal a que os franceses chegaram em Waterloo, tendo a Guarda como ponta de lança."

Essa ponta de lança da Guarda chegou à crista das elevações. Estava em coluna? Ou quadrado? Mark Adkin demonstra, de maneira bastante convincente, que embora muitas testemunhas oculares do lado dos aliados tenham visto colunas, os franceses estavam em quadrado, presumivelmente por temerem uma repetição do desastre que atingira o ataque de D'Erlon. Um quadrado compacto, com os lados encolhendo enquanto as fileiras cerravam para dentro depois dos ataques da artilharia, pareceria muito uma coluna, e nenhuma das duas formações — coluna ou quadrado — seria totalmente coerente naquele início de noite. Não apenas os soldados estavam sendo atingidos por balas esféricas de canhões e *canister*, como sua rota estava repleta de corpos de cavalos mortos ou feridos. Somente a melhor infantaria poderia esperar

manter suas formações compactas naquelas circunstâncias, e a Guarda Imperial era a melhor, logo, apesar das dificuldades e do fogo artilharia, ela alcançou o amplo cume da cadeia, onde teve que se desdobrar em linha. Os quatro batalhões britânicos do general Halkett também formavam quadrados, por causa da cavalaria francesa que os ameaçara durante todo aquele anoitecer, mas quando a Guarda francesa chegou ao topo da cadeia o general ordenou aos casacos-vermelhos que se organizassem em linha com profundidade de quatro fileiras. "Meus rapazes", gritou ele, "vocês fizeram tudo o que eu poderia desejar e mais do que eu poderia esperar, mas resta muito a ser feito. Neste momento, só precisamos de uma carga!" Macready assume a história:

> O inimigo parou, carregou as armas a cerca de quarenta passos de nós e disparou uma salva. Nós a devolvemos e, bradando nosso "Hurra!", colocamos as baionetas em posição. Nossa surpresa foi inexprimível quando, em meio à fumaça que se dissipava, vimos as costas dos Granadeiros Imperiais; estancamos e olhamos uns para os outros como se não acreditássemos no que víamos. Alguns 9-pounders da retaguarda à nossa direita despejaram *grapeshot* entre os granadeiros, e o massacre foi incrível. Em nenhuma parte do campo, vi tantos corpos amontoados uns sobre os outros.

Macready escreveu para seu pai aproximadamente três semanas depois da batalha. "Quando eles chegaram a vinte passos", diz ele na carta:

> nós disparamos uma salva contra eles, bradamos nosso hurra e nos preparamos para uma carga, mas eles nos pouparam o serviço, foram embora. [...] Mas estou tentando a impossibilidade: descrever uma batalha; sabíamos muito pouco sobre isso [...] nosso general de brigada Halkett [...] fez-nos uma elegante exortação em plena ação, que foi respondida por brados reiterados de nossos bravos companheiros: "Vamos atacar por sua honra, milorde, vamos acabar com eles."

Macready faz com que pareça fácil, mas não foi. Uma brigada hanoveriana à esquerda dos casacos-vermelhos foi forçada a recuar em virtude daquilo que um oficial hanoveriano descreveu como "um ataque muito forte". Os hanoverianos haviam ficado sem munição e seu comandante foi morto quando eles se retiravam. No meio-tempo, a brigada de Halkett rechaçara a Guarda francesa com fogo de salva e ameaça de baionetas, mas então algo estranho aconteceu. Os artilheiros da Guarda Imperial, que estavam próximos à brigada de Halkett, dispararam contra os casacos-vermelhos adiantados em relação à estrada ao longo da crista das colinas. Por um momento, pareceu que a infantaria de Guardas seria derrotada, pois os artilheiros apontavam para uma linha com profundidade de quatro fileiras; então a brigada recebeu ordem para dar meia-volta e buscar abrigo atrás da sebe e da margem alta que ladeavam a estrada atrás deles. Macready de novo:

> Demos meia-volta a comando e nos afastamos em perfeita ordem. Quando descíamos a [vertente oposta], o fogo se tornou tremendamente mais denso, e os gritos de homens derrubados, bem como de numerosos feridos por todos os lados, que se julgaram abandonados, eram de enlouquecer. Um número

> extraordinário de soldados e oficiais dos dois regimentos tombou quase que imediatamente. Nosso Prendergast foi estraçalhado por uma granada, McNab, por *grapeshot* e James e Bullen perderam as pernas por causa de tiros de canhão durante essa retirada, ou no canhoneio que a precedeu imediatamente. Enquanto eu me levantava de um tombo, um amigo bateu em mim, gritando, meio atordoado por seus cinco ferimentos e pela cena triste que acontecia: "Está profundo, Mac, está profundo?" Foi então que nos vimos misturados ao 33º e ao 69º Regimentos; toda a ordem estava perdida.

A brigada entrara em pânico. Seus homens haviam repelido os Granadeiros da Guarda Imperial e depois se assustado ao recuar, e o tumulto grassava rapidamente. Oficiais e sargentos tentaram impedi-los, em vão. "Cinquenta couraceiros teriam aniquilado nossa brigada", calculou Macready, e, por um momento, a impressão foi de que a disciplina da brigada desaparecera por completo. Homens se empurravam e acotovelavam tentando abrir caminho para a retaguarda, mas então, diz Macready, um deles deu um grito de incentivo e o berro reverteu o pânico enquanto outros homens se aglutinavam em torno dele. Dizem que o general Halkett pegou um dos estandartes do 33º, assim como o general Pelet apanhara uma águia em Plancenoit, e a segurou até os homens se formarem diante dele; Wellington também estava por ali, sempre uma influência estabilizadora. Além disso, ele já comandara o 33º, e ai que eles o envergonhassem agora. Uma bateria holandesa abriu fogo contra os franceses a curta distância, dizimando fileiras da Guarda; outra brigada holandesa-belga disparou salvas contra os franceses e, de algum modo, o pânico foi dissipado. "Os oficiais faziam maravilhas", disse Macready, "mas aquele grito sozinho foi a salvação. Eu nunca soube quem o deu." Foi assim que, depois de um terror momentâneo, os quatro batalhões voltaram, formaram linha novamente e defenderam sua posição. Para Henry Duperier, o furriel do 18º de Hussardos britânicos, a reaparição repentina da brigada de Halkett foi uma surpresa. Ele estava estacionado com o resto da cavalaria atrás da infantaria, na crista de elevações de Wellington, assistindo ao fogo da infantaria alemã, quando "lorde Wellington trouxe alguns poucos companheiros casacos-vermelhos de onde eu não sei, só pude vê-los em meio à nuvem de fumaça".

"Estou tentando a impossibilidade", escrevera Macready a seu pai, "descrever uma batalha." Então o que aconteceu no topo da cadeia quando a primeira coluna, ou quadrado, da Guarda Imperial atacou? Houve confusão dos dois lados. Os hanoverianos recuaram meio desordenados, mas os casacos-vermelhos também. Os holandeses-belgas haviam lutado bem, e seus artilheiros fizeram um trabalho excelente. Os franceses igualmente recuaram, dizimados pela potente primeira salva da linha do general Halkett. Os artilheiros franceses provocavam destruição, e foi seu fogo, mais do que qualquer outra coisa, o que causou o pânico na brigada do general Halkett. Por conseguinte, a brigada deve ser creditada pelo fato de o pânico ter sido momentâneo, mas ela teve sorte por nenhuma tropa francesa ter conseguido

se aproveitar da breve desordem. Os próprios franceses estavam, provavelmente, perto do desespero. Haviam recuado com a horrenda primeira salva de Halkett, os canhões holandeses despejavam balas esféricas e *canister* contra eles, a crista se encontrava coberta de fumaça e os soldados das fileiras da frente estavam mortos ou feridos. Tudo o que se pode dizer com certeza é que a coluna mais a oeste da Guarda Imperial fracassou e foi rechaçada pela linha de Wellington, e lá atrás permaneceu. O general Halkett foi ferido na luta, mas teve a satisfação de saber que seus homens haviam se reorganizado e mantinham a posição.

Enquanto isso, o segundo ataque dos franceses, o maior, atingia o topo da cadeia de colinas à direita de Halkett, onde a brigada britânica de Guardas e a boa brigada de infantaria leve do general Adam esperavam por eles. Harry Powell, capitão do 1º de Infantaria de Guardas, assim como o restante do batalhão, estava deitado na vertente oposta:

> Ao longo dessa parte da posição passava uma estrada carroçável. Num dos lados dela havia uma vala e uma barreira, dentro e atrás das quais a brigada se protegeu durante a canhonada, que deve ter durado três quartos de hora. Sem essa proteção, provavelmente todos teriam perecido. O imperador talvez tivesse também calculado [tal] resultado, porque, de repente, os disparos cessaram, e quando a fumaça se dissipou uma visão magnífica se abriu diante de nós. Uma Coluna de Granadeiros próxima [cerca de setenta homens na linha da frente] da Guarda de Moyenne, com cerca de 6 mil homens, liderada, como depois viríamos a saber, pelo marechal Ney, foi vista subindo *au pas de charge* e gritando "*Vive l'Empereur!*". Eles continuaram avançando até chegarem a cinquenta ou sessenta passos à nossa frente, quando a brigada recebeu ordem para se levantar. Quer tenha sido por causa da aparição repentina e inesperada de um corpo tão próximo deles, quer por essa força ter dado a impressão de que saía do chão, quer por causa do fogo tremendamente pesado que lançamos contra eles, La Garde, que jamais fracassara num ataque, estancou de repente.

O capitão Powell achou, assim como toda a Brigada de Guardas, que enfrentava os Granadeiros da Guarda Média, quando, na verdade, estava diante dos Caçadores da Guarda, e é por causa desse erro que até hoje há um regimento denominado Grenadier Guards. O 1º de Infantaria de Guardas foi homenageado com o nome de seu inimigo, embora, na verdade, tivessem sido os combatentes de Halkett que confrontaram os Granadeiros franceses. Powell também estimou o efetivo inimigo em 6 mil, nada obstante, um erro perdoável naquele início de noite barulhento e caótico, porque, na realidade, a maior coluna francesa não poderia ter mais de 2 mil homens.

O duque estava ali, é claro; montado em Copenhagen, seu cavalo de confiança, e assistindo à aproximação da Guarda francesa. Esperou até que ela chegasse bem perto — o capitão Powell calculou cinquenta ou sessenta passos — e mais uma vez Wellington assumiu o comando: "Agora, Maitland!", gritou para o comandante da brigada. "Agora é sua vez! Levantem-se Guardas!" Os combatentes se ergueram, correram para formar a linha, "Preparar!", uma pausa enquanto os grandes e pesados

mosquetes eram erguidos para os ombros escoriados, “Fogo!”.

E o massacre começou. Isso era o que a infantaria britânica fazia melhor. Harry Powell qualificou como “fogo tremendamente pesado” o choque das disciplinadas salvas de mosquetes disparados a curta distância. “Em menos de um minuto”, disse Powell:

> mais de trezentos franceses estavam caídos. Agora eles hesitavam, e várias divisões de trás começaram a se movimentar como se fosse para desdobramento, enquanto alguns homens da retaguarda passavam a disparar sobre as cabeças daqueles à frente, prova muito evidente de sua confusão.

A Guarda Imperial tentava se organizar em linha, mas, de novo, como acontecera tantas vezes na Península, os franceses iniciaram tarde demais. A Brigada de Guardas os superava em quantidades e se impôs, as balas de mosquete chegando pela frente e pelos lados do inimigo, e quando eles tentaram se espalhar para formar uma linha foram impelidos para trás por aquelas salvas firmes e implacáveis. Para a Guarda Imperial, cujos soldados estavam nas fileiras da frente, deve ter sido uma surpresa assustadora. Eles haviam subido a encosta, recebido seu castigo da artilharia e, justo quando pareciam ter chegado ao topo e poderiam se lançar pela estrada que corria ao longo da crista, um inimigo surgiu por trás da barreira baixa. Inimigo em número superior e que já estava perto demais para permitir que a Guarda francesa formasse linha; inimigo que atirava com uma eficiência inusitada. Tropas cruas, mal treinadas, com frequência abriam fogo a uma distância longa demais e tinham tendência a disparar alto, mas não a Brigada de Guardas. Eles atiravam a uma distância da qual um mosquete dificilmente poderia errar, e seu inimigo, se quisesse recarregar, tinha que parar, e as fileiras de trás o empurravam para a frente. Assim, os caçadores entraram em confusão e aquelas salvas implacáveis continuavam os atingindo, pondo mais homens fora de ação. Eram obstruídos, também, por seus próprios mortos e feridos, e a Brigada de Guardas persistia disparando, até que o tenente-coronel Alexander, lorde Saltoun, ordenou o ataque. Saltoun levara uma companhia para reforçar Macdonnell em Hougoumont, mas a trouxera de volta à crista para esses momentos finais da luta, ou melhor, trouxera de volta os sobreviventes, apenas um terço do número que descera para o castelo. “Agora é a hora, meus rapazes!”, berrou ele, e os Guardas assestaram as baionetas e investiram. “Nesse momento”, recordou-se o capitão Reeve, outro veterano da Peninsular, “nós os atacamos, eles viraram e fugiram em todas as direções.”

Os Guardas britânicos progrediram encosta abaixo, pastoreando a Guarda Imperial em pânico, e, presumivelmente nesse momento, os Granadeiros da Guarda — que haviam atacado a brigada de Halkett — também recuaram. O marechal Ney teve o último cavalo que montou naquele dia atingido por um tiro, todavia a Guarda francesa não havia encerrado seu ataque. Algumas testemunhas oculares afirmam

que o segundo e maior deles foi composto por duas colunas, e não uma (ou duas formações em quadrado). O que elas viram foi o 4º de Caçadores da Guarda, que ficara para trás dos outros, provavelmente porque tivera que marchar vindo de mais longe, e que agora escalava a encosta para realizar seu próprio ataque. Faziam parte da Guarda Imperial mais próxima de Hougoumont, na direita britânica, e seu fogo disciplinado conteve os Guardas enquanto, na mesma hora, a cavalaria francesa foi vista em meio à fumaça do vale. Os Guardas receberam, de imediato, a ordem para formar quadrado. Houve uma confusão momentânea quando, aparentemente, outros oficiais tentaram manter os homens em linha para enfrentar o 4º de Caçadores, e a desordem só foi resolvida levando os Guardas de volta à crista da cadeia, onde, mais uma vez, ela formou linha com profundidade de quatro fileiras.

Existe uma tendência natural de ordenar a desordem, de descrever uma batalha nos termos mais simples para tornar o caos compreensível. Na maioria dos relatos de Waterloo, a carga da Guarda Imperial é o momento culminante, um evento isolado que decide o dia. No entanto, embora tenha sido decisivo, não foi isolado. Praticamente cada homem que permanecia no campo de batalha participou da luta. Todos os canhões remanescentes disparavam. A leste da estrada principal, os homens de D'Erlon forçavam uma subida pela encosta, lutando contra tropas britânicas, holandesas e agora prussianas. O barulho era ensurdecedor, tão intenso que os homens não conseguiam ouvir ordens gritadas por um oficial ou por um sargento ao lado deles. A Guarda Imperial, que chegara ao topo da cadeia, fora repelida pela mosquetaria holandesa e britânica e não recuara para o vale, ainda estava na vertente frontal, apoiada ali pela infantaria do general Reille, pronta para avançar de novo contra aquela mosquetaria mortal. Está um pouco desordenada, mas não ainda vencida, e seus inimigos também se mostram desarticulados. E toda a cadeia curva da linha de frente de Wellington se encontra coberta de fumaça, de modo que os homens não podem ver o que estamos descrevendo. Sabemos que quatro dos cinco batalhões atacantes da Guarda Imperial foram barrados e rechaçados, mas para os combatentes da brigada do general Adam, a menos de 200 ou 300 metros a leste, tudo isso estava obscurecido. Eles só viam a fumaça iluminada pelos tiros de canhão, ouviam a percussão interminável das granadas e balas, o barulho crepitante dos mosquetes, os gritos. E escutavam o *pas de charge*, o canto guiado por tambores dos guerreiros da França marchando para a glória. Tudo isso vinha do 4º de Caçadores, o último batalhão atacante da Guarda Imperial subindo a encosta. O alferes Leeke, do 52º, não podia vê-los porque eles ainda estavam na vertente frontal, mas podia ouvi-los:

> Os tamborileiros rufavam o *pas de charge*, que soava bem assim, conforme me lembro, "de rum dum, de rum dum, de rumadum dumadum, dum, dum", em seguida "*Vive l'Empereur!*". Isso era repetido muitas vezes.

O 4º de Caçadores foi o último dos bravos a tentar romper a linha de Wellington, mas à esquerda dos atacantes, no cume da cadeia, estava a brigada do general Adam, à qual pertencia o 52º, o grande batalhão de Oxfordshire, sob o comando de Sir John Colborne. Sir John tinha 37 anos e era soldado de imensa experiência que combatera durante toda a Guerra Peninsular. Numa época em que a maioria dos oficiais ganhava sua promoção por meio de expedientes escusos, alguns até comprando sua ascensão na hierarquia, Colborne subira cada degrau da carreira por mérito. Era muito apreciado pelo grande Sir John Moore, que o promovera a major, e fora um desejo de Moore antes de morrer, na Batalha de La Coruña, que Colborne recebesse sua patente de tenente-coronel, que lhe foi concedida. Era tão eficiente quanto popular, e naquele momento, enquanto o 4º de Caçadores chegava ao platô no alto da crista e tentava se organizar em linha, Colborne iria se tornar famoso.

Ele retirou o 52º da linha. Metade dos homens de Colborne era de veteranos da Peninsular, que conheciam seu ofício. Sir John fez seu batalhão marchar para a frente e, em seguida, o virou repentinamente para que seus homens ficassem voltados para o flanco esquerdo dos Caçadores da Guarda. Seu comandante de brigada, Sir Frederick Adam, galopou para descobrir o que ele fazia, e Colborne mais tarde pensou ter respondido que ia "fazer aquela coluna sentir nosso fogo". O general Adam, de apenas 34 anos, teve a sensibilidade de deixar Colborne continuar; na verdade, cavalgou até o 71º e ordenou que este seguisse o 52º, que já estava, então, na encosta frontal, seu flanco exposto a qualquer inimigo oculto pela fumaça do vale, mas na posição de massacrar a Guarda, o que foi feito. Eles começaram disparando salvas contra o flanco francês, de modo que os guardas imperiais eram acossados pela frente e pela esquerda. Foi impiedoso. Os invictos estavam sendo mortos pelos imbatíveis. Os homens de Colborne tiveram baixas pesadas causadas pela Guarda francesa, mas suas salvas dilaceravam o 4º de Caçadores e o fogo frontal dos Guardas britânicos castigava as fileiras da frente; o resultado foi inevitável: assim como os outros batalhões da Guarda Imperial, o 4º também cedeu. Seus integrantes foram vencidos por salvas britânicas e fugiram daquela mosquetaria implacável e, quando escaparam, foram seguidos pelo restante dos Guardas.

Com a debandada do 4º de Caçadores, também se foram as esperanças da França. "A sorte é uma mulher", dissera Napoleão, e agora ela lhe cuspia na face. Quando o 4º de Caçadores rompeu, seu exército fez o mesmo. O moral das tropas francesas desabou, o pânico se instalou, homens viram a Guarda invicta desabalando derrotada e fugiram também. Até Napoleão admitiu isso:

> Vários regimentos… vendo parte da Guarda em fuga, pensaram que era a Velha Guarda e ficaram abalados; ergueram-se gritos de "Está tudo perdido! A Guarda foi derrotada!". Os soldados declararam até que em alguns pontos homens mal-intencionados gritaram, "Cada um por si!" [...] o horror se espalhou por todo o campo de batalha; houve uma correria desordenada em direção à nossa linha de

retirada; soldados, artilheiros, carroças, aglomerados correndo para nelas subir.

Foi muito repentino. Durante toda a tarde e início da noite, a batalha havia sido furiosa, os franceses pressionando dura e bravamente a linha de Wellington e, de súbito, num átimo, não havia mais Exército francês, apenas uma turba de fugitivos apavorados.

Wellington voltou a cavalo para o centro de sua linha. Leeke o havia visto pouco antes de o 52º avançar da linha para destruir os sonhos de um imperador. A roupa do duque, disse Leeke, "consistia em um sobretudo azul, calça de casimira e botas de cano alto. Ele usava uma espada com cinto, mas sem faixa". O casaco azul simples e o chapéu preto com abas viradas para cima o tornavam imediatamente reconhecível por seus homens e, agora, enquanto os franceses começavam a fugir, ele assistiu a tudo do centro da cadeia, por alguns momentos. Viu o inimigo assustado, um inimigo em retirada que se dissolvia e virava caos. Ele os observou e, logo depois, ouviram-no murmurar: "Se começou, vá até o fim." Wellington tirou o chapéu e os homens disseram que, exatamente então, um raio de sol inclinado de fim de tarde veio por entre as nuvens para iluminá-lo na cadeia que defendera o dia inteiro. Ele acenou com o chapéu para o inimigo. Acenou três vezes, e isso era o sinal para toda a linha aliada avançar.

Nem todos os homens viram o sinal. Assim como demorou para que o tumulto infectasse todo o Exército francês, e também decorreu algum tempo para que o alívio da vitória se tornasse aparente para os aliados. O capitão John Kincaid combatia escaramuçadores franceses com seus fuzileiros quando:

> logo em seguida, uma aclamação, que sabíamos ser britânica, teve início à distância, à direita, e fez todo mundo aguçar os ouvidos; era a tão longamente esperada ordem de lorde Wellington para avançar; e ela veio aos poucos, tornando-se mais alta à medida que chegava mais perto; absorvemos a determinação por instinto, avançamos através da sebe [...] mandando nossos adversários pelos ares à ponta da baioneta. Lorde Wellington galopou até nós nesse instante e os homens começaram a ovacioná-lo; mas ele gritou: "Nada de aclamação, meus jovens, mas sim avançar e completar nossa vitória."

Momentos antes, o 52º, que descera pela face da vertente frontal antes de virar à direita e marchar na estrada para La Belle Alliance, confundira uma cavalaria leve aliada com cavaleiros franceses e esvaziara algumas selas com seu fogo de mosquete. Wellington estava ali. "Não importa", gritara ele para Colborne. "Vá em frente! Vá em frente!" Alguns fuzileiros do 95º avançaram com o batalhão de Colborne, "Uma carnificina daquelas eu nunca havia visto", escreveu o capitão Joseph Logan, dos Greenjacket:

> O nobre companheiro lorde Wellington seguiu com o 95º e com frequência gritava: "Vão em frente, meus bravos companheiros!" Eu temi por sua segurança; comigo eu não me importava. Meu Deus! Se ele tivesse caído que dia amargo teria sido para a Inglaterra.

Por consequência, toda a linha aliada avançou para o vale, mas já não era uma linha porque as baixas haviam sido grandes demais. O barão Von Müffling, o oficial de ligação prussiano, recordou-se:

> Quando a linha da infantaria deslocou-se para a frente, pequenos agrupamentos de apenas algumas centenas de homens, em grandes intervalos, foram vistos avançando por toda parte. A posição em que a infantaria lutara estava marcada, até onde os olhos podiam ver, por uma linha vermelha formada pelos uniformes dos numerosos mortos e feridos ali estendidos.

Uma linha vermelha de homens mortos, moribundos e feridos. Uma imagem aterradora. E diante deles, no vale, mais baixas e milhares de cavalos feridos e morrendo. Leeke disse que alguns animais estavam:

> deitados, outros em pé, mas alguns deles, tanto nossos quanto do inimigo, comiam o trigo ou centeio pisoteado, não obstante suas pernas estivessem baleadas [...] subia um cheiro peculiar naquela ocasião, mistura do odor de trigo pisoteado e de pólvora.

E foi sobre trigo e centeio pisoteados, passando por cavalos moribundos e pelos destroços da batalha, que a infantaria aliada avançou. "Jamais presenciei alguma coisa como aquele momento", relembrou Sir Augustus Frazer, comandante da Artilharia Real a Cavalo, "o céu literalmente escurecido pela fumaça, o sol se pondo." E sob aquela luz pálida, sobrenatural, o exército aliado progredindo pelo vale. "Nenhum idioma pode expressar como o Exército britânico se sentiu naquele momento", recordou-se o sargento Robertson do 92º de Highlanders:

> sua alegria era empolgação pura. [...] Não paramos para carregar [armas], nada foi usado a não ser a baioneta [...] tudo agora era destruição e confusão. Os franceses finalmente corriam, jogando fora mochilas, mosquetes e tudo que era incômodo, ou que poderia impedir sua fuga.

A cavalaria britânica se juntou à matança, enveredando brutalmente no meio das unidades francesas totalmente desmanchadas. O capitão Henry Duperier, do 18º de Hussardos, lembrou-se de que avançou e "num instante nos lançamos sobre a cavalaria, que resistiu, mas debilmente; e na corrida tropeçamos na infantaria deles". Os homens de Duperier, muitos deles irlandeses, massacraram alguns artilheiros antes de se voltarem contra um batalhão desorganizado da infantaria. Os infantes franceses tentaram se render. Não passou "de um '*Vive le Roi*'", disse Duperier, "mas já era tarde, ademais nossos homens não entendem francês, então eles seguiram golpeando".

O capitão Pierre Robinaux passara o dia em ataques infrutíferos a Hougoumont, e agora o tumulto se espalhava para os soldados que ainda sitiavam o castelo. Eles se retiraram rapidamente. "Recebíamos tiros pela frente e por trás", escreveu Robinaux:

> e os soldados, já assustados, viram nossos lanceiros poloneses e os confundiram com a cavalaria

> britânica, gritaram "Estamos perdidos!". O grito ecoou por toda parte e logo estávamos em desordem total. Cada homem pensou apenas em sua própria segurança. É impossível controlar homens apavorados. A cavalaria seguiu o exemplo da infantaria; vi dragões fugindo a galope, passando sobre desgraçados e atropelando os corpos com seus cavalos. Fui derrubado uma vez.

Robinaux pode ter pensado que "é impossível controlar homens apavorados", mas ele conseguiu controlar alguns. Ameaçou uns tantos dragões com um mosquete e conseguiu impedir que fugissem. Reuniu cerca de sessenta ou setenta soldados e os levou para o sul, mas foi sensato o bastante para evitar a estrada principal, onde a perseguição era acirrada. Escapou, mas no vale, sob os raios longos do sol poente, a matança não havia acabado. Ainda não.

* * *

O Exército francês morreu, mas não foi morte instantânea. A notícia demorou a chegar aos homens que defendiam Plancenoit e eles continuaram lutando até por volta das 21h. Alguns artilheiros da Grande Bateria continuaram atirando enquanto o exército se desintegrava em torno deles. Foi um desses disparos finais que chamuscou Wellington, deixando de acertá-lo por centímetros, e que arrancou a perna de seu subcomandante. "Por Deus, Sir", teria dito Uxbridge, "perdi minha perna!". "Por Deus, Sir", respondeu o duque, "perdeu mesmo."

Havia também aqueles três batalhões da Velha Guarda que tinham ficado no fundo do vale. Ainda estavam ali, formados em quadrado, muito disciplinados. Eles recuaram lentamente, pressionados pela infantaria aliada. Um esquadrão do 10º de Hussardos atacou um dos quadrados da Velha Guarda e foi destruído; seu comandante, o honorável major Frederick Howard, filho do conde de Carlisle, foi um dos últimos oficiais britânicos a morrer naquele dia. Ele caiu inconsciente de seu cavalo diante do quadrado da Velha Guarda e um dos cavalarianos foi visto saindo das fileiras para bater na cabeça de Howard com a coronha de seu mosquete. Alguns soldados da infantaria francesa, horrorizados, tentaram se refugiar nos quadrados, mas os *grognards* eram experientes demais para permitir que isso acontecesse; homens forçando caminho num quadrado podiam abrir passagens para os cavaleiros inimigos, portanto os guardas atiraram indiscriminadamente contra amigos e inimigos.

O general Pierre Cambronne comandava uma brigada da Guarda e estava em um dos quadrados. Sua posição era desesperançada. As infantarias britânica e hanoveriana o haviam alcançado e oficiais pediam à Guarda para se render. E assim nasceu uma das lendas mais duradouras de Waterloo, a de que Cambronne respondeu "*La Garde meurt, mais ne se rends pas!*". A Guarda morre, mas não se rende! Foram boas palavras, e quase certamente inventadas por um jornalista francês

alguns anos depois da batalha. Na outra versão, Cambronne grita uma única palavra "*Merde!*". As duas respostas ficaram famosas, ambas excelentes reações diante da derrota inevitável. O próprio Cambronne alegou ter dito: "Camaradas como nós não se rendem", mas ele se rendeu. Foi derrubado do cavalo por uma bala de mosquete que esfolou sua cabeça e o deixou inconsciente. O coronel Hugh Halkett, oficial britânico a serviço dos hanoverianos, fez Cambronne prisioneiro, e os quadrados que comandava encolheram sob o ataque de mosquetaria e *canister*, virando triângulos; depois, em algum lugar próximo a La Belle Aliance, finalmente, se desfizeram e os guardas franceses se juntaram à debandada fugitiva.

Um oficial do 71º de Infantaria de Guardas alegou ter disparado o último canhão em Waterloo. O 71º — o que restava dele — avançava com o 52º de Sir John Colborne e, em algum lugar próximo aos últimos quadrados desafiantes da Velha Guarda, a Companhia de Granadeiros do 71º encontrou um canhão francês abandonado com um estopim queimando por perto. O pequeno canudo — que levava a pólvora propelente para dentro do tubo — se projetava um pouco para fora, indicando que a peça estava carregada. O tenente Torriano e alguns de seus homens viraram o canhão até deixá-lo, mais ou menos, de frente para a Velha Guarda, encostaram o estopim no canudo e dispararam contra as fileiras da tradicional tropa.

Era quase noite. O sol havia se posto, a fumaça pairava espessa sobre o vale, mas já não era iluminada por aqueles clarões fantasmagóricos de tiros de canhão. Blücher passou a cavalo pelos destroços de Plancenoit para chegar à estrada de Bruxelas, onde, em algum ponto ao sul de La Belle Alliance, encontrou Wellington. Eram mais ou menos 21h30 quando os dois comandantes apertaram as mãos. Alguns dizem que eles se inclinaram sobre suas selas para se abraçar. "*Mein lieber Kamerad*", disse Blücher, "*Quelle affaire!*". Meu querido camarada, que coisa!

"Peço a Deus que eu tenha travado minha última batalha", disse o duque a Frances, Lady Shelley, apenas um mês após a campanha. Wellington era sempre mais atencioso com mulheres do que com homens, principalmente com mulheres jovens, bonitas e inteligentes. E a jovem, bonita e inteligente Lady Shelley tornou-se amiga do duque por toda a vida. "É uma coisa ruim estar sempre combatendo", disse ele a ela:

> Enquanto estou no meio daquilo fico atarefado demais para sentir qualquer coisa; mas logo depois a sensação é deplorável. É praticamente impossível pensar em glória. A mente e os sentimentos ficam exauridos. Fico desconfortável até mesmo no momento da vitória, e sempre digo que, depois de uma batalha perdida, o maior sofrimento é uma batalha vencida. Não apenas você perde amigos queridos com os quais convivia como é obrigado a deixar os feridos para trás. É certo que se tenta fazer o melhor por eles, mas como isso é pouco! Nesses momentos, qualquer sentimento em seu íntimo fica amortecido. Só agora estou começando a retomar meu estado de ânimo natural, mas não desejo mais combate algum.

Havia realmente acabado.

CONSEQUÊNCIAS

Mil cairão ao teu lado e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido

Wellington cavalgou pela escuridão até Waterloo. Desmontou de Copenhagen e deu um tapinha amigável no cavalo, que reagiu batendo no chão com a pata de trás. O duque estava cansado. "A mente e os sentimentos ficam exauridos", diria ele a Lady Shelley. Deve ter sido, também, uma imensa sensação de alívio, "graças a Deus o encontrei!", exclamaria ele mais tarde. E não apenas o encontrou como sobreviveu ao encontro. "Foi o diabo de uma coisa *nice*", disse ele a Creevey em Bruxelas no dia seguinte, "a mais apertada que se pode passar na vida!". Usou a palavra "*nice*" no antigo sentido de escapar por pouco, por um triz. Ele também disse a Creevey, seguramente com razão: "Por Deus! Acho que isso não teria sido feito se eu não estivesse lá!" E escreveria ao irmão William:

> Você verá o relato de nossa Batalha Desesperada e nossa vitória sobre Boney!! Foi o evento mais alucinante em que já me envolvi. Nunca tive tantos problemas numa batalha e nunca estive tão perto de ser vencido. Nossas perdas foram imensas, particularmente no melhor de todos os Instrumentos, a Infantaria britânica. Jamais vi a Infantaria se comportar tão bem.

Ele jantou sozinho em Waterloo. Não pôde usar sua cama porque um assistente estava morrendo nela, então dormiu num catre. Foi despertado cedo pelo doutor John Hume, que tinha uma lista de baixas. Hume contou:

> Ele estava muito abalado. Senti as lágrimas caindo rapidamente em minha mão. E, olhando para ele, as vi escorrendo uma após a outra em seu rosto empoeirado. Ele as enxugou de repente com a mão esquerda e me disse numa voz trêmula de emoção: "Bem, graças a Deus eu não sei o que é perder uma batalha, mas certamente nada pode ser mais doloroso do que ganhar uma com a perda de tantos amigos."

Estava tão exausto que fora dormir sem se lavar, e o duque era um homem muito meticuloso. Agora, ao amanhecer de segunda-feira, 19 de junho, começava a se recompor para despachar seu relatório oficial ao governo britânico. Depois, voltou para o quartel em Bruxelas, onde terminou o despacho e escreveu cartas. Uma das primeiras foi para Lady Frances Webster:

> Minha querida Lady Frances [...] ontem, depois da disputa mais severa e sangrenta, obtive uma vitória

> completa e persegui os franceses até depois de escurecer. Eles estão em completa confusão; e estou de posse, acredito, de 150 peças de canhão; Blücher, que continuou a perseguição por toda a noite, pois meus soldados estavam mortos de cansaço, enviou-me a informação esta manhã de que se apossou de mais 60. Minha perda é imensa. Lorde Uxbridge, lorde FitzRoy Somerset, general Cooke, general Barnes e coronel Berkeley estão feridos. Coronel De Lancey, Canning, Gordon, general Picton, mortos. O dedo da Providência estava sobre mim e escapei ileso.

O duque estava errado em relação ao coronel De Lancey, que ainda estava vivo, embora seriamente ferido. Perto do fim da batalha, uma bala de canhão, que passara raspando e roçara suas costas deixando a pele intacta, separara algumas costelas. Ele era adjunto do comandante do Quartel-General de Wellington e, sem dúvida, um dos amigos cuja perda Wellington mais sentiu. William de Lancey nascera em Nova York numa família antisseparatista que perdeu sua propriedade na independência norte-americana. A família se mudou para a Inglaterra e William fez uma carreira militar de destaque, lutando na Península e ganhando a confiança de Wellington. Em abril de 1815, De Lancey, agora Sir William, casou-se com Magdalene Hall, uma moça escocesa, e ela acompanhou o marido a Flandres quando o duque insistiu para que De Lancey servisse como adjunto do comandante do QG. Lady De Lancey fora para Antuérpia antes da batalha, mas voltou depois imediatamente para descobrir seu marido num quarto de chalé em Mont-Saint-Jean. Ela cuidou dele e pareceu que De Lancey teria uma recuperação milagrosa, mas na segunda-feira 26 de junho, oito dias depois de se ferir, Sir William faleceu. Magdalene ficou inconsolável. Eles estavam casados havia menos de três meses. Mais tarde, ela escreveu um relato sobre seu romance de destino trágico, publicado como *A Week at Waterloo in 1815*.

Os prussianos haviam se encarregado da perseguição noturna ao Exército francês. Isso fazia sentido. Haviam ocorrido confrontos acidentais mais do que suficientes entre tropas britânico-holandesas e homens de Blücher, e, na noite enluarada, esses erros teriam sido ainda mais prováveis. Gneisenau organizou a perseguição, pondo espertamente tamborileiros montados em animais da cavalaria para os franceses pensarem que a infantaria prussiana estava bem atrás deles. Os prussianos ficaram à caça de inimigos até depois da meia-noite, alimentando o pânico, dispersando os sobreviventes de Napoleão e massacrando os fugitivos. Blücher passou a noite em Genappe, a cidadezinha na estrada para Quatre Bras, de onde, na manhã seguinte, escreveu para sua mulher:

> A superioridade do inimigo em efetivos me obrigou a recuar no dia 17, mas no seguinte, juntamente com meu amigo Wellington, pus fim de uma vez a todas as danças de Bonaparte. Seu exército está completamente derrotado e toda a sua artilharia, trens de bagagens, carretas de munição e equipamentos estão em minhas mãos; as insígnias de todas as várias ordens que ele usava acabam de ser trazidas a mim, depois de descobertas num cofre em sua carruagem. Ontem, dois cavalos que eu montava morreram.

“Meu amigo Wellington” mostra uma generosidade de espírito que faltava completamente em Gneisenau e, na realidade, no próprio Wellington. Gneisenau reconheceu que os britânicos lutaram com “bravura soberba”, mas nunca teve boa opinião sobre Wellington.

A ponte estreita em Genappe provou ser um enorme obstáculo para os franceses em retirada. Carroças de bagagem formaram um engarrafamento que bloqueou completamente a estrada, de modo que os soldados em fuga tiveram que se arrastar embaixo das carroças para chegar à ponte. Napoleão conseguira encontrar sua carruagem, mas os cocheiros não conseguiram atravessar a vila, então o imperador teve que abandoná-la momentos antes de a cavalaria prussiana capturá-la. Ele também deixou uma fortuna em joias. O tesouro do exército, guardado em carroças, conseguira chegar a Charleroi e ali foi barrado por outro engarrafamento, sendo pilhado por fugitivos, que cortaram sacos de moedas de ouro com espadas e baionetas.

Napoleão recebeu um cavalo e, escoltado por um grupo de guardas imperiais, seguiu para o sul. Em Quatre Bras, à luz da lua, o imperador viu milhares de corpos nus no campo de batalha, todos eles despidos e saqueados por camponeses locais. Evitou a multidão em Charleroi e, às 9h de segunda-feira, já havia atravessado a fronteira francesa, onde parou. Dedicou uma carta a seu irmão, Joseph, que era seu vice em Paris. “Nem tudo está perdido”, escreveu o imperador:

> estimo que, reunindo todas as minhas tropas, terei uns 150 mil homens restantes. A Guarda Nacional e alguns bravos batalhões me darão 100 mil homens; os batalhões dos depósitos, 50 mil. Portanto tenho cerca de 300 mil homens para enfrentar o inimigo imediatamente. Posso tracionar minha artilharia com cavalos de carruagens; posso reunir 100 mil recrutas. [...] Vou começar por Laon, sem dúvida encontrarei soldados por lá. Não tenho notícia de Grouchy, se ele não estiver capturado, o que temo que esteja, terei 50 mil soldados em três dias.

Napoleão construía castelos de areia. Grouchy ficara horrorizado com as notícias de Waterloo e, logo depois, conduzira uma hábil retirada de sua vitória infrutífera em Wavre, atravessando a fronteira com 25 mil homens a salvo, mas, o que quer que Napoleão pensasse, tudo estava perdido. O imperador chegou a Paris em 21 de junho, uma quarta-feira, e encontrou a cidade já inquieta com rumores de uma derrota desastrosa. Emile Labretonnière, que ficara tão animado com a falsa notícia de vitória anunciada pelo canhão de *Les Invalides*, ouviu os boatos e foi para o Palácio do Eliseu, residência de verão de Napoleão:

> O pátio do palácio estava cheio de cavalos cobertos de poeira e suor; ajudantes de ordens continuavam chegando e pareciam totalmente exaustos. Vários cavalarianos da Guarda Imperial estavam sentados tristonhos num banco, enquanto seus cavalos amarrados esperavam no pátio. Um dos cavaleiros tinha o rosto enfaixado com um lenço preto. A cena inteira era só vergonha e pesar.

A França dera a Napoleão uma última chance e ela morrera no vale de Mont-Saint-Jean. A Câmara de Deputados não apoiaria mais o imperador. Blücher e Wellington levavam seus exércitos pelo sul em direção a Paris, os austríacos haviam cruzado a fronteira leste e os russos não se encontravam muito atrás. Napoleão ficou furioso com seu destino, depois o aceitou. Paris se rendeu aos aliados em 4 de julho, embora as forças aliadas só tenham entrado na cidade no dia 7. Àquela altura, o imperador já havia abdicado. Estava em Malmaison, casa de Josefina, e flertava com a ideia de emigrar para os Estados Unidos. Encomendou livros sobre a América, depois viajou para Rochefort, onde esperava encontrar navios que o levassem para o Novo Mundo, porém, em vez disso, deparou-se com o bloqueio naval britânico. Entregou-se ao capitão Maitland, do HMS *Bellerophon*, o "Billy Ruffian", que fizera fama em Trafalgar, e assim começou sua viagem para Santa Helena.

Em Genappe, bem ao norte, milhares de cópias de uma proclamação ainda estavam caídas na lama. A proclamação fora impressa em Paris, embora no alto a folha de papel anunciasse que fora publicada no "Palácio Imperial de Laeken em Bruxelas". Era dirigida ao povo da Bélgica:

> O breve êxito de meus inimigos os separou por curto período de meu Império, mas em meu exílio, num rochedo perdido no mar, ouvi seu pesar. O Deus das batalhas decidiu o destino de suas belas províncias: Napoleão está entre vocês! Vocês são dignos de serem franceses! Ergam-se em massa, ingressem em minhas forças invencíveis para exterminar o resto dos bárbaros que são seus inimigos e meus; eles fugirão com raiva e desespero em seus corações.

Mas era o imperador que havia fugido com raiva e desespero, e agora os prussianos estavam determinados a executá-lo. Gneisenau escreveu a Von Müffling, ainda oficial de ligação com Wellington, e exigiu que o duque concordasse com a execução do imperador. "É isso que a justiça eterna exige e que a declaração de 13 de março requer, portanto, o sangue de nossos soldados [...] será vingado."

Müffling entregou a exigência, reforçada por um ultimato prussiano, ao governo provisório em Paris, segundo o qual Blücher só aceitaria uma cessação das hostilidades se Napoleão fosse entregue "vivo ou morto". O duque de Wellington, registrou Müffling:

> me olhou com espanto e, logo a seguir, contestou a correção daquela interpretação da Declaração de Proscrição vienense [13 de março], que nunca teve a intenção de incitar o assassinato de Napoleão. [...] Tal ato passaria nossos nomes à história manchados por um crime, e a posteridade diria de nós que não merecíamos ser os conquistadores de Napoleão.

"Se os Soberanos queriam matá-lo", escreveu Wellington acidamente, "deveriam indicar um executor, que não seja eu." Gneisenau, sempre pronto para acusar Wellington de motivos ocultos e astutos, chamou isso de "magnanimidade teatral", mas os prussianos cederam ao argumento, embora com relutância. Esta não foi a

única desavença entre os aliados. Numa questão menor, Blücher quis chamar os acontecimentos de 18 de junho de Batalha de La Belle Alliance, nome pelo qual ela é ainda conhecida na Alemanha, mas Wellington preferiu Waterloo. Os franceses geralmente a denominam Batalha de Mont-Saint-Jean. E quando os aliados ocuparam Paris, os prussianos decidiram explodir a Ponte d'Iéna, sobre o Sena, que celebrava a grande vitória de Napoleão sobre os prussianos em 1806. Para Wellington isso era um absurdo. A ponte era útil! Qual o sentido de destruí-la? Lady Shelley nos conta que o duque salvou a ponte:

> com o simples artifício de postar um guarda inglês em cima dela [...] os prussianos se esforçaram para se livrar da sentinela, porque estavam determinados a explodir a ponte. Mas a sentinela não deixaria seu posto. "Vocês podem explodir a ponte se quiserem", disse ele, "mas não me mexo daqui." Ele manteve sua palavra e a ponte foi salva!

Napoleão chegou a Paris em 21 de junho e, no mesmo dia, o honorável major Henry Percy, do 14º de Dragões Leves, retornou a Londres. Chegou já de noite, uma noite quente, seguiu para o nº 10 de Downing Street a fim de entregar o despacho de Wellington ao conde Bathurst, secretário de Guerra, e foi redirecionado para a Grosvenor Square, onde o conde jantava. Dali, Percy foi despachado para a St James's Square, para dar a notícia ao príncipe regente, que participava de um baile. Percy estivera no baile da duquesa de Richmond apenas seis dias antes e não tivera oportunidade alguma de trocar suas meias de seda e seus sapatos de dança, agora cobertos de lama. O baile era oferecido pela senhora Boehm, esposa de um mercador e rica o bastante para atrair a sociedade aristocrata às suas danças e jantares. Muitos anos depois, ela descreveu os acontecimentos da noite ao reverendo Julian Young, que registrou suas palavras. Eram aproximadamente 22h quando a senhora Boehm:

> se aproximou do príncipe e perguntou se seria do agrado de Sua Alteza Real que o baile fosse aberto. A primeira quadrilha era o ato inaugural do baile, e o Príncipe caminhava para o pódio onde seu assento estava localizado, quando vi todos, sem o menor senso de decoro, correndo para as janelas, que haviam sido deixadas totalmente abertas por causa do calor excessivo. A música cessou e a dança foi interrompida; nada ouvíamos além de gritos vociferantes de uma turba enorme, que acabara de entrar na Praça e corria ao lado de uma carruagem puxada por quatro cavalos, em cujas janelas vinham penduradas três asquerosas águias francesas. De imediato, a porta da carruagem foi aberta e, sem esperar que os degraus baixassem, Henry Percy saltou para fora — que figura empoeirada! — com uma bandeira em cada mão, afastando todos que estavam em seu caminho, subindo correndo os degraus, entrando no salão de baile, avançando às pressas para o Regente, depositando as bandeiras a seus pés e pronunciando as palavras "Vitória, Sir! Vitória!".

Três águias? É o que dizem o relato e o despacho oficial de Wellington, embora a senhora Boehm diga que o major Percy tinha uma bandeira em cada mão, o que sugere apenas duas. A terceira bandeira podia ser uma flâmula da cavalaria. A

senhora Boehm deveria ter ficado encantada com a notícia, mas, em vez disso, viu apenas a ruína de suas aspirações sociais, conforme relata o reverendo Young com — suspeita-se — mais do que um pouco de ácido em seu tinteiro:

> A ceia esplêndida, que fora providenciada para nossos convidados, permaneceu intocada no salão de jantar [...] todos os nossos problemas, ansiedade e despesas foram completamente jogados fora em consequência de, o que direi? Bem, devo dizer! A inoportuna declaração da vitória em Waterloo! É claro que se estava muito alegre por pensar que aqueles franceses horrendos haviam sido derrotados e todo esse tipo de coisa; mas ainda assim, sempre acharei que teria sido muito melhor se Henry Percy tivesse esperado calmamente até de manhã, em vez de irromper entre nós, como fez, com uma pressa tão indecente.

Ou talvez, sugeriu ela, Henry Percy pudesse ter tido a delicadeza de sussurrar a notícia ao príncipe regente que, ela tinha certeza, "teria mostrado consideração suficiente por meus sentimentos para só publicar a notícia na manhã seguinte". Em relação a essa esperança ela quase certamente teria ficado decepcionada, porque uma convidada do baile registrou a reação do príncipe ao saber da vitória. Ela escreveu ao seu marido que o príncipe "teve uma espécie de ataque histérico feminino. Jogaram água em seu rosto. Não, isso nunca adiantaria. Tentaram vinho, com melhor sucesso, e ele afogou seus sentimentos num oceano de clarete".

A notícia chegou a Edimburgo no dia seguinte, precedida por rumores de uma grande derrota na qual os prussianos haviam sido aniquilados, e Wellington derrotado em Quatre Bras. Nem todo mundo acreditou nos boatos e foram feitas apostas sobre sua veracidade. Então a notícia oficial chegou de Londres. James Taylor, um advogado, ouviu-a num tribunal:

> O portador da alegre novidade logo estava na Corte onde os juízes se reuniam; a aclamação no Salão Externo foi suspensa, apenas para ser reiniciada no Interno. Novos procedimentos legais não faziam sentido; adiamentos foram determinados; e juízes, advogados, meirinhos e funcionários foram rapidamente para a rua, já repleta de cidadãos animados e exultantes. Ninguém conseguiu ficar em casa. As aulas foram suspensas. Negócios foram postergados, e um feriado foi votado por unanimidade.

Os canhões 24-pounders do Castelo de Edimburgo dispararam uma salva de dezenove tiros. O coche-correio que trazia os jornais de Londres chegou enfeitado com uma coroa de louros e bandeiras reluzentes. Os perdedores pagaram aos vencedores suas apostas, que, disse Taylor, foram rapidamente entregues ao fundo criado para os feridos, as viúvas e os órfãos resultantes de Waterloo.

E eles eram muitos.

* * *

A notícia chegou a Londres na quarta-feira e, naquela noite — três dias inteiros após

o fim da batalha —, ainda havia homens feridos que jaziam sem assistência no campo de batalha. O último só seria resgatado na quinta-feira. Muitos que poderiam ter sido salvos morreram nesse meio-tempo. Os cadáveres estavam empilhados. O major Harry Smith, herói dos fuzileiros da Guerra Peninsular, passou a cavalo no campo de batalha um dia depois da luta:

> Eu estivera em muitos campos de batalha, mas à exceção de um lugar em Nova Orleans e da ruptura de Badajoz, nunca havia visto nada comparável ao que vi. Em Waterloo, o campo inteiro, da esquerda à direita, era uma massa de corpos mortos. Em um lugar, à direita de La Haie Sainte, os couraceiros franceses estavam literalmente empilhados uns sobre os outros; muitos soldados sem ferimentos deitados sob seus cavalos; outros estavam terrivelmente feridos, alguns ainda tinham os cavalos se debatendo sobre seus corpos. A visão era repugnante. [...] Por todo o campo podia-se ver oficiais e muitos soldados com permissões de licença, curvando-se e chorando sobre algum irmão ou companheiro inerte ou morrendo. A batalha foi travada num domingo, o 18 de junho, e repeti para mim mesmo um versículo do salmo daquele dia — Salmo 91, versículo 7: "Mil cairão ao teu lado e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido."

À noite, rapinantes chegaram ao campo para saquear os mortos e feridos na escuridão, e os que resistiam eram assassinados. Homens e mulheres usavam alicates para arrancar dentes dos cadáveres e, durante anos depois disso, dentes falsos eram conhecidos como Dentes de Waterloo.

Alguns feridos tinham sido levados de volta a Waterloo. O sargento Johann Doring, da infantaria de Nassau, marchou pela cidadezinha um dia após a batalha:

> Quando passamos pelas últimas construções de Waterloo, um lugar em frente a um celeiro estava cheio de braços e pernas amputados, alguns ainda com partes de uniformes, e os cirurgiões, com mangas arregaçadas como açougueiros, ainda se ocupavam trabalhando. O cenário era de um matadouro.

Outras baixas foram levadas para Bruxelas, onde, por falta de acomodação, foram deixadas sobre palha nas praças da cidade. Edward Costello, o fuzileiro, ficou impressionado com a visão:

> A cena superava qualquer imaginação, e desafiava uma descrição: milhares de franceses, belgas, prussianos e ingleses feridos; carretas, carroças e todos os outros veículos disponíveis chegavam sem parar repletos de sofredores. Os feridos estavam deitados, amigos e inimigos indiscriminadamente, sobre palha, com trilhas entre eles, em todas as partes da cidade, e quase destituídos de atendimento cirúrgico. No entanto, o esforço humano e infatigável de senhoras benemerentes de Bruxelas compensava bastante tal deficiência; muitas se mostravam insanamente atarefadas — algumas aplicando faixas e ataduras em ferimentos, outras servindo chá, café, sopas e outros alimentos reconfortantes.

Charles Bell, um cirurgião, soube da notícia sobre Waterloo na Inglaterra e viajou por conta própria para Bruxelas, onde, para seu horror, descobriu homens feridos ainda sendo retirados do campo de batalha. Os piores casos estavam num hospital para onde os franceses seriamente feridos eram levados e onde nenhum cirurgião trabalhava. Bell iniciava as operações às 6h da manhã e trabalhava até as 19h, e fez

isso durante três dias seguidos.

> Todas as amabilidades que cercam operações cirúrgicas logo foram negligenciadas. Enquanto eu amputava a coxa de um homem, lá estavam treze deitados ao mesmo tempo, todos suplicando para serem levados em seguida; um implorando às lágrimas, outro me chamando para lembrar minha promessa de levá-lo, um terceiro me execrando. Uma coisa estranha foi sentir minha roupa dura de sangue e meus braços enfraquecidos de tanto usar a faca.

Provavelmente nunca saberemos exatamente quantos homens morreram ou ficaram feridos em Waterloo. Os vários regimentos mantiveram registros, é evidente, mas no caos que se seguiu à batalha, milhares de homens desapareceram e, quando finalmente os desfalques nas tropas puderam ser contabilizados, não se sabia se os homens que faltavam haviam simplesmente desertado, eram prisioneiros ou estavam entre as baixas. Isso aconteceu especialmente no exército francês. Sabemos que Napoleão começou a batalha com cerca de 77 mil homens e que, mais ou menos uma semana depois, as contagens mostraram que faltavam mais de 46 mil. Mark Adkin, que fez um trabalho bastante cuidadoso sobre as estatísticas da batalha, oferece estimativas melhores. Nas forças britânico-holandesas comandadas por Wellington faltavam 17 mil homens depois da batalha, dos quais 3.500 estavam mortos, 10.200 feridos e os restantes haviam desertado. Em sua maioria, os desertores eram holandês-belgas, que já estavam perto de casa, e os Hussardos de Cumberland que, apesar do nome inglês, eram um regimento da cavalaria hanoveriana que simplesmente fugira. Os prussianos sofreram muito nos três dias em Ligny, durante a retirada para Wavre e em Waterloo, perdendo ao todo mais de 31 mil homens. Dez mil destes desertaram durante a retirada e os outros foram baixas em combate. O de Plancenoit foi particularmente cruel, e cerca de 7 mil prussianos se tornaram baixas ali. Os franceses perderam muito mais, provavelmente acima de 30 mil deles foram mortos ou feridos em Waterloo, mas todas as quantidades são estimativas, na melhor das hipóteses. Sabemos que 840 oficiais da infantaria britânica lutaram em Quatre Bras e Waterloo, e que quase metade deles morreu. Um terço da cavalaria britânica foi morto ou ferido. Os Royal Scots Guards perderam 31 de seus 37 oficiais; o 27º da Infantaria de Guardas, 16 de 19. Quando a noite caiu em 18 de junho, havia provavelmente cerca de 12 mil cadáveres no campo de batalha e 30 a 40 mil homens feridos, todos numa área de 7,7 quilômetros quadrados. Muitos feridos morreriam nos dias subsequentes. O 32º, um regimento britânico, teve 28 homens mortos durante a luta e 146 feridos, mas 44 destes últimos morreram no mês seguinte.

Homens locais foram contratados para limpar o campo de batalha. Valas foram cavadas para os aliados mortos, mas nunca profundas o suficiente, e um turista notou que rostos e membros apareciam sobre o solo. Os cadáveres franceses foram queimados. Um visitante do campo de batalha viu as piras funerárias em

Hougoumont, dez dias depois da luta:

> As piras incineravam havia oito dias e, àquela altura, o fogo era alimentado apenas com gordura humana. Havia coxas, braços e pernas amontoados numa pilha e cerca de cinco trabalhadores, com lenços sobre o nariz, remexiam o fogo e os ossos com garfos compridos.

Um ano depois ainda havia restos humanos visíveis, alguns deles desenterrados por pessoas que esperavam encontrar suvenires. Por fim, foi contratada uma empresa para recolher os ossos visíveis e moê-los a fim de serem usados como fertilizante.

* * *

A batalha havia acabado, mas controvérsias não morrem.

Quem venceu a batalha? Esta pode parecer uma pergunta ridícula, mas gerou muitas palavras ao vento e raiva ao longo dos anos, e ainda gera. Pelo menos uma teoria pode ser descartada. Victor Hugo, em seu grande romance *Os miseráveis*, escreveu apaixonadamente sobre Waterloo, mas durante o processo estabeleceu vários mitos que ainda têm crédito na França. "Os couraceiros", afirmou ele, "aniquilaram sete entre treze quadrados, tomaram ou inutilizaram sessenta peças de artilharia e capturaram dos regimentos ingleses seis bandeiras, que três couraceiros e três caçadores da Guarda levaram para o Imperador." Não, eles não fizeram isso. Nenhum quadrado foi rompido, nenhum canhão foi inutilizado por entupimento da passagem de propelente pelos franceses, nem qualquer bandeira britânica foi perdida. Os defensores de Hougoumont, declarou ele, jogaram prisioneiros vivos no poço do castelo:

> O poço era fundo e foi transformado em sepultura. Ali foram lançados trezentos corpos, de forma precipitada, talvez. Estariam todos mortos? A lenda diz que não. Parece que, na noite seguinte ao acontecimento, lamentos podiam ser ouvidos no fundo do poço.

O poço foi explorado por arqueólogos e nenhum vestígio de restos humanos foi descoberto; a lenda dos vivos morrendo aos poucos nas profundezas foi espalhada pelo próprio Victor Hugo. "Seria possível", perguntou ele, "que Napoleão tivesse ganhado aquela batalha? Nossa resposta é não. Por quê? Por causa de Wellington? Por causa de Blücher? Não. Por causa de Deus." Isso obscurece de algum modo a identidade do vitorioso, o que foi o propósito de Hugo. Waterloo, declarou ele, não foi uma batalha, mas uma "mudança da face do universo". Essas lendas e esse lirismo moveram a batalha para um plano mítico em que os franceses não foram derrotados clara e completamente, mas sim vítimas de um destino cósmico.

Slender Billy julgou-se vencedor da batalha. Escreveu aos pais: "Tivemos hoje um episódio magnífico contra Napoleão [...] foi meu Corpo principalmente que deu

combate, e a ele devemos a vitória.” É mais justo dizer que a vitória aliada se deveu muito mais ao escaramuçador francês que pôs uma bala de mosquete no ombro do príncipe de Orange.

Um argumento mais convincente foi apresentado pelo reverendo William Leeke quando, em 1866, publicou seu livro *The History of Lord Seaton's Regiment (The 52nd Light Infantry) at the Battle of Waterloo*. “Começa a ser cada vez mais amplamente entendido”, inicia o prefácio do livro, “que uma grande injustiça foi feita a lorde Seaton e ao 52º de Infantaria Leve.” Lorde Seaton era Sir John Colville, enobrecido em 1839 depois de um período bem-sucedido como tenente-governador do Alto Canadá. A queixa de Leeke é que Colville e o 52º não receberam o crédito pela derrota da Guarda Imperial. A propaganda do livro, impressa em letras em negrito na folha de rosto, diz:

> O autor reivindica para lorde Seaton e para o 52º a honra de terem derrotado, sozinhos, sem a ajuda do 1º britânico de Guardas ou de qualquer outra tropa, a parcela da Guarda Imperial da França, de aproximadamente 10 mil, que avançou para realizar o último ataque à posição britânica.

Leeke afirma que o 52º

> afastara-se por iniciativa própria 300 ou 400 metros da posição britânica, atacando sozinho e expulsando duas colunas pesadas da Guarda Imperial francesa, que consistia em cerca de 10 mil homens, e mais adiante vimos com nossos próprios olhos que essa derrota foi seguida da fuga de todo o Exército francês.

Leeke era um cristão devoto, estrito observador sabático, uma causa à qual dedicou muitos anos, assim como o fez em relação ao escândalo de que oficiais protestantes e homens do Exército britânico eram “forçados” a participar de “cerimônias idolátricas das Igrejas Católica Romana e Grega”. Essa participação “forçada” teve efeito irrelevante, temporário e um tanto inofensivo na participação da Grã-Bretanha na Guerra da Crimeia. O reverendo Leeke, ao que parece, podia provocar muita repercussão com seu colarinho clerical, e seu livro causou um rebuliço considerável.

Sem dúvida, a ação de Sir John Colville em Waterloo foi corajosa e eficiente. Por sua iniciativa, ele tirou o 52º da linha e o conduziu para o flanco do 4º de Caçadores da Guarda Imperial, derramando, em seguida, fogo devastador contra as fileiras do inimigo. Uma pergunta é se esse último ataque da Guarda Imperial chegou a alcançar a crista da cadeia. Patrick Campbell, oficial do 52º que lutara em algumas das batalhas mais difíceis da Guerra Peninsular, escreveu que os guardas franceses estavam “se retirando e em confusão” quando o 52º fez seu ataque ao flanco, o que sugere que os guardas britânicos já haviam começado a derrotar o inimigo antes de o 52º completar a ação. Depois, para complicar a questão, o capitão John Cross, outro

combatente experiente do 52º, avalia que foi o fogo do batalhão de Colborne que deteve a coluna francesa. "No instante em que as colunas francesas sentiram o fogo dos escaramuçadores [do 52º] elas pararam, pareceram um tanto confusas e abriram um fogo pesado contra o 52º." Os guardas britânicos, afirma Cross, estavam "estáticos e sem atirar", o que sugeriria que este último batalhão francês não avançara até ficar ao alcance dos mosquetes dos guardas britânicos. Portanto, se Cross e Leeke estão certos, o 52º derrotou, sim, o último ataque da Guarda Imperial, mas Leeke seguramente erra ao dizer que o 52º afugentou a Guarda "sozinho", porque os guardas britânicos já haviam contido um ataque maior, assim como haviam feito os holandeses e britânicos mais adiante ao longo da crista.

Leeke podia não ter sequer consciência desses ataques anteriores. Havia tanta fumaça, barulho e confusão que é muito improvável que ele, um jovem de 17 anos em sua primeira batalha e portando um dos estandartes do regimento no centro da linha do 52º, tivesse consciência do que acontecia morro acima, para além do flanco esquerdo do batalhão, ou o que ocorrera mais a leste, ao longo da encosta. O batalhão formara duas linhas de meias companhias com dez passos entre elas, e Leeke estava quase certamente na última fileira dessas linhas, onde o estandarte regimental ficaria mais protegido, o que, se isso é verdade, teria restringido sua visão ainda mais. O 52º também não derrotou duas colunas como Leeke sustenta. Atacou o último batalhão da Guarda, mas os outros quatro batalhões já haviam sido repelidos morro abaixo. E 10 mil homens? Não há dúvida de que, no horror da troca de tiros na qual muitos homens de Colville morreram, parecia isso, mas a Guarda francesa tinha bem menos de 10 mil. O relato do próprio Sir John Colville compartilha o crédito com os guardas britânicos e com "o deslanchar de um ataque geral ao lado de seu regimento pela brigada de Sir F. Adam e pela divisão de Sir Henry Clinton". Nada disso deve depreciar a iniciativa e a conquista de Sir John Colville. O que ele fez foi corajoso e magnífico, e Leeke e alguns outros oficiais do 52º se sentiram lesados por seu regimento não ter sido escolhido para receber elogios no despacho do duque. Eles têm razão. O duque mencionou os guardas britânicos, dizendo que eles "deram um exemplo que foi seguido por todos", e isso irritou Leeke, que julgou seu batalhão merecedor de crédito igual. Os sobreviventes de outros regimentos podem ter sentido o mesmo. O 92º, em imensa inferioridade numérica, conteve uma das colunas de D'Erlon com baionetas e a rechaçou para trás. O 27º manteve posição no lugar mais vulnerável da linha do duque e desapareceu ali, quase reduzido a um homem. Todos eles contribuíram para a vitória. Quando perguntaram ao duque, mais tarde em sua vida, qual era seu maior arrependimento, ele respondeu que deveria ter feito mais elogios, e isso certamente está no cerne da reclamação de Leeke. Ele se sentiu magoado pelo fato de os guardas terem recebido os louros da vitória no despacho do duque e escreveu um

livro marcante refutando isso, mas o 52º não causou o colapso dos franceses "sozinho", não mais do que os guardas britânicos.

Mas a controvérsia mais ferrenha é entre a escola de Gneisenau e a escola de Wellington. De algum modo, a atitude de Gneisenau de não perdoar e criticar o duque persiste até hoje. Falando em termos gerais, a acusação é de que o duque deixou de dar aos prussianos o que lhes era de direito e alegou que a vitória era toda sua, mas há mais acusações específicas também. Argumenta-se que ele enganou deliberadamente seus aliados antes das batalhas de Ligny e Quatre Bras, que deixou de cumprir sua promessa de reforçar Blücher em Ligny e que depois da campanha, pelo resto da vida, usou sua fama e eminência para abafar qualquer sugestão de que os prussianos salvaram o dia.

A primeira acusação é a mais séria. Sustenta que Wellington tinha a notícia sobre a concentração francesa muito antes, em 15 de junho, na véspera das batalhas de Ligny e Quatre Bras, mas por seus próprios motivos perversos fingiu não saber até o início da noite. Para acreditar nisso, precisamos crer também que um oficial prussiano, ao trazer a notícia para Wellington, não contou a mais ninguém em Bruxelas sobre o iminente ataque francês. E precisamos também perguntar que possível vantagem o duque poderia ter escondendo a notícia. A resposta habitual é que isso deixava Blücher exposto, dando, portanto, a Wellington tempo para recuar. Isso não faz o menor sentido. Se o duque estava tão temeroso de enfrentar os franceses, então por que não começou a se retirar assim que recebeu a notícia? Fazer a pergunta é perceber sua estupidez. E o que o duque ganharia se Blücher fosse derrotado? Toda a campanha se baseava numa aliança, no conhecimento de que nem Wellington nem Blücher poderiam derrotar o imperador sozinhos, e de que eles precisavam, portanto, combinar seus exércitos. Ao expor Blücher à derrota o duque assegurava a derrota de seu próprio exército. Conforme se viu, Blücher foi derrotado, mas a campanha sobreviveu por pouco porque os prussianos não foram expulsos e tiveram condições para lutar mais um dia. A vitória veio porque Blücher tomou a brava decisão de se retirar para Wavre em vez de ir para Liege, o que só teria feito se estivesse convencido de que Wellington estava preparado para combater, e porque Wellington fez uma defesa desesperada da cadeia em Mont-Saint-Jean, o que só teria feito se estivesse convencido de que Blücher chegava para ajudá-lo. Em suma, a campanha foi bem-sucedida porque Blücher e Wellington confiaram um no outro, e sugerir que Wellington teria arriscado essa confiança enganando seu aliado é ir contra a probabilidade e contra tudo o que sabemos sobre o caráter de Wellington.

Então, ele prometeu marchar para ajudar Blücher em Ligny? A resposta é simples, sim, mas só se ele próprio não fosse atacado. Ele foi atacado, portanto, não havia qualquer chance de auxílio aos prussianos. A promessa, limitada como era, foi feita

num encontro entre Blücher e Wellington no moinho de vento em Brye. Relatos prussianos sobre o encontro não fazem menção alguma à restrição "contanto que eu não seja atacado", embora Von Müffling, o oficial de ligação prussiano na equipe de Wellington, registre essas palavras. O general Von Dornberg, nascido prussiano, mas servindo no Exército britânico, recordou-se de algo semelhante; afirmou que Wellington disse: "Verei o que está se opondo a mim e o quanto de meu exército chegou e agirei de acordo." Porém, três relatos prussianos alegam que não apenas o duque fez a promessa de ir, como até apresentou a Blücher a hora exata em que esperava chegar. Contudo, uma narrativa afirma que a hora de chegada esperada era 14h; uma segunda, 15h; e a terceira — de Von Clausewitz, que nem sequer estava presente —, 16h. Essas afirmações são duvidosas, na melhor das hipóteses. Em consequência, os relatos diferem, mas Wellington já havia visto por si próprio a presença francesa em Quatre Bras e dificilmente teria feito uma promessa que sabia ser provável que não cumpriria. Ele esperava uma luta em Quatre Bras e deve ter advertido seus aliados prussianos sobre essa forte possibilidade. Gneisenau sempre culpou Wellington pelo resultado em Ligny, descrevendo-o como "a derrota que sofremos por causa dele", porém isso nos leva a saber mais sobre a mentalidade estreita de Gneisenau do que sobre a sinceridade de Wellington.

Outra pergunta é se os dois comandantes falavam um com o outro diretamente ou por meio de intérpretes. Wellington falava francês, mas nada de alemão. Blücher, nada de inglês e muito pouco francês. Quando encontrou Wellington depois de Waterloo, Blücher disse "*Quelle affaire*!" e o duque brincou que essas duas palavras eram tudo o que Blücher sabia de francês, mas seu chefe do Estado-Maior, Gneisenau, falava francês e inglês. A suspeita é de que coube a Gneisenau a maioria das conversas em Brye. Sabemos que quando Wellington sugeriu que os prussianos se sairiam melhor pondo sua infantaria nas vertentes opostas de Ligny foi Gneisenau, e não Blücher, quem respondeu a ele, e a resposta foi insensata: "Os prussianos gostam de ver seu inimigo." Gneisenau não era tolo, e essa resposta é quase insolente em seu menosprezo, o que sugere que Gneisenau, mesmo nesse momento, não conseguiu superar sua aversão aos britânicos e sua desconfiança de Wellington. Pode ter havido uma conferência no moinho de vento de Brye, mas relatos remanescentes sugerem que não houve muita comunicação. As discussões foram eivadas de suspeitas e mal-entendidos. Blücher parece não ter guardado qualquer rancor por seu "amigo" Wellington, o que certamente teria acontecido se pensasse ter sido traído.

E o próprio Gneisenau poderia ser acusado de má-fé. Quando, no dia 18, ele enviou os prussianos para ajudar Wellington, o trabalho poderia ser descrito como descuidado ou deliberadamente obstrutivo. Por que despachar primeiro o corpo mais distante do campo de batalha? Ou organizar as coisas de modo que dois corpos de

exército tivessem que cruzar os caminhos um do outro num entroncamento de uma estrada? Estaria Gneisenau tão convencido de que Wellington perderia que retardou deliberadamente a marcha prussiana? Mais provavelmente a combinação foi feita numa pressa desesperada e não havia qualquer bom motivo para enviar o corpo de exército de Von Büllow primeiro, porque este fora poupado do banho de sangue em Ligny, e ninguém poderia ter previsto que um padeiro descuidado atearia fogo à sua casa, mas se uma grande conquista dos aliados deve ser azedada por recriminações, então vale notar que as acusações não precisam ser todas unilaterais.

E Wellington fez pouco caso da contribuição prussiana? Há evidências de que sim, mas muito depois do fim da batalha. Em seu despacho ele reconhece a contribuição prussiana em termos generosos:

> Eu não faria justiça a meus sentimentos, ou ao marechal Blücher e ao Exército prussiano, se não atribuísse o resultado bem-sucedido desse dia árduo à assistência cordial e oportuna que recebi deles. A operação do general Bülow contra o flanco do inimigo foi muito decisiva e, mesmo que eu não tivesse me visto numa situação de ser o responsável pelo ataque que produziu o resultado final, esta teria forçado o inimigo a se retirar se seus ataques tivessem fracassado e o teria impedido de se aproveitar destes se, infelizmente, fossem bem-sucedidos.

Isso parece deixar claro que a intervenção prussiana foi "muito decisiva", mas a escola de Gneisenau reclama que o duque ainda atribui a vitória ao seu próprio ataque; será que isso se justifica? A causa imediata do colapso do Exército francês foi a derrota da Guarda Imperial, e a Guarda foi derrotada pelas forças de Wellington. O duque não tenta negar que o assalto da Guarda teria sido muito pior se os prussianos não tivessem drenado as reservas de Napoleão para a defesa de Plancenoit. A vitória foi dos aliados.

Mas, à medida que os anos passavam, o duque sem dúvida quis ficar com a maior parte da honra. A batalha foi sua conquista suprema, uma vitória contra o próprio Napoleão, e dessa vitória proveio sua posição incontestável de maior herói britânico. Ele se recusou a discutir a batalha e rejeitou todos os pedidos de informação feitos por escritores (que detestava). Era impossível, dizia, contar a história de uma batalha. Mas nos anos 1830 William Siborne, oficial do Exército britânico, teve a ideia de construir um imenso modelo da batalha numa escala de 3 metros para 2 quilômetros. O modelo foi feito e pode ser visto hoje no National Army Museum, em Chelsea. É uma realização impressionante, com mais de 70 mil soldadinhos de chumbo retratando os três exércitos no momento da "crise", que Siborne considerou sendo a derrota da Guarda Imperial. Siborne passou meses morando em Waterloo para se familiarizar com a topografia do campo de batalha e, com a assistência do Exército, escreveu para quase todos os oficiais sobreviventes solicitando suas recordações, e as respostas subsequentes formam um arquivo único de relatos de testemunhas oculares.

O duque se recusou a contribuir com suas memórias, embora pareça ter ficado insatisfeito com o trabalho de Siborne. Em março de 1837, lorde Fitzroy Somerset escreveu para Siborne. Fitzroy Somerset havia sido secretário militar do duque durante a campanha (mais tarde tornou-se lorde Raglan, famoso na Crimeia) e era próximo de Wellington. Ele escreveu amigavelmente para Siborne, mas observou:

> Ainda acho que a posição que você deu às tropas prussianas não é a correta, considerando-se o momento que você deseja representar, e que aqueles, que procurarem a obra, deduzirão a partir desta que o resultado da batalha não se deve tanto à coragem britânica e à grande liderança do chefe do Exército inglês quanto ao movimento dos prussianos no flanco.

Siborne se dispôs a fazer mudanças, mas o governo havia acabado de comprar o modelo e era tarde demais para qualquer outra alteração, portanto, ele, conforme o vemos hoje, é aquele que Fitzroy Somerset contestou. Provavelmente é exato. E provavelmente é verdade que, à medida que envelheceu, o duque reduziu a importância da contribuição prussiana. Isso era uma vaidade, e ele era homem vaidoso, com muitos motivos para sê-lo. Ao saber da morte de Napoleão em 1821, o duque comentou com Harriet Arbuthnot, provavelmente a mais próxima de suas muitas amigas: “Agora acho que posso dizer que sou o mais bem-sucedido general vivo!” Sem dúvida, ele tinha orgulho daquilo e ciúme de qualquer coisa que pudesse diminuir sua reputação.

A Batalha de Waterloo foi uma vitória aliada. Assim foi planejada, e assim transcorreu. Wellington jamais teria oferecido resistência se achasse por um só momento que os prussianos o decepcionariam. Blücher jamais teria marchado se achasse que Wellington sairia correndo. Bem verdade que os prussianos chegaram mais tarde do que Wellington esperava, mas isso provavelmente contribuiu para o êxito da batalha. Se as forças de Blücher tivessem adentrado o campo de batalha duas ou três horas antes, Napoleão poderia ter desengajado seu exército e recuado, mas na hora em que os prussianos intervieram o Exército francês estava quase totalmente comprometido com a luta, e seu desengajamento era impossível. O imperador não apenas foi derrotado, foi destruído.

Frances, Lady Shelley, perguntou certa vez a Wellington se era verdade que ele fora surpreendido diante de Quatre Bras. Ela se lembrava da noite do baile da duquesa de Richmond em que o duque declarou que havia sido enganado. Ele escreveu para ela em março de 1820 respondendo que, “quanto à acusação de ser surpreendido [...] supondo que eu tenha sido surpreendido: eu venci a batalha; e o que mais você poderia querer, mesmo que eu não tivesse sido surpreendido?”.

Esta certamente continua sendo a resposta do duque a todos os seus críticos. “Eu venci a batalha, e o que mais você poderia querer?”

* * *

Uma pergunta mais fácil de responder do que "quem venceu a batalha?" é "quem a perdeu?", e a resposta deve ser Napoleão. O duque e Blücher demostraram liderança; seus homens os viam e eram encorajados por suas presenças, mas Napoleão deixou a condução da batalha com o marechal Ney, que, embora mais corajoso do que a maioria dos homens, fez pouco mais do que atirar tropas contra o mais hábil general defensivo da época. Os franceses tiveram tempo e homens para romper a linha de Wellington, mas fracassaram, em parte porque o duque fez uma defesa muito inteligente e em parte porque os franceses nunca coordenaram um assalto de todas as armas contra a linha aliada. Retardaram o início da batalha num dia em que Wellington rezava para ter tempo. Desperdiçaram homens no assalto a Hougoumont. Ney desgastou a cavalaria francesa num ataque demorado, que tomou grande parte da tarde. E por que Napoleão confiou a condução da batalha a Ney é um mistério; o marechal certamente era corajoso, mas o imperador o chamou de "estúpido demais para conseguir ter êxito", então por que confiar nele? E quando os franceses alcançaram seu único grande êxito, a captura de La Haie Sainte, que lhes permitiu ocupar a vertente frontal da cadeia de Wellington, o imperador se recusou a reforçar o centro e, com isso, concedeu ao duque tempo para trazer seus reforços. Por fim, quando a Guarda Imperial atacou, eram muito poucos e tarde demais, e àquela altura os prussianos estavam sobre o flanco francês e ameaçando sua retaguarda.

O duque, como tantas outras vezes, estava certo; é impossível contar a história de uma batalha porque muitos são os eventos entrelaçados e ninguém consegue desfazer os fios. Para alguns homens, foi tudo um borrão, um dia de terror em que eles viram pouca coisa além de fumaça. Alguns batalhões só sabiam onde o inimigo estava pelo clarão das chamas de mosquete naquela fumaça, e então atiravam contra elas. Depois, eles tentaram dar sentido ao caos que haviam suportado, portanto suas histórias individuais foram, em parte, criadas. Tem-se a história de John Shaw, cabo da cavalaria do 2º de Life Guards, um homem alto e assustadoramente forte, praticante de boxe sem luvas. Alguns disseram que ele estava totalmente bêbado quando atacou com seu regimento, mas ainda assim matou sete couraceiros e, quando foi visto pela última vez, sua espada estava quebrada e ele usava o capacete como porrete. Morreu. Tem-se também a de John Dawson, 2º conde de Portarlington, que desapareceu na noite anterior à batalha, provavelmente para comparecer a um encontro amoroso com uma mulher em Bruxelas. Em decorrência, ele perdeu o início da batalha e, como era o comandante do 23º de Dragões, ficou totalmente desacreditado. Ele se juntou ao 18º de Hussardos e atacou com eles no fim da batalha, mas seu descrédito era tanto que ele foi obrigado a renunciar à sua patente.

“Ele pagou por sua licenciosidade”, registra a Lista de Combatentes de Waterloo, “e morreu num cortiço obscuro em Londres.” Conta-se, igualmente, com o relato de uma mulher de fazendeiro em Mont-Saint-Jean que, sabedora dos hábitos predatórios dos soldados, levou todas as suas aves domésticas para o sótão de sua casa de fazenda e passou a batalha vigiando galinhas e patos. Um jovem prussiano escreveu para seus pais depois da batalha e disse: “Diga a minha irmã que não borrei as calças!” E depois da batalha o tenente Charles Smith, do 95º de Fuzileiros, recebeu a desagradável tarefa de enterrar os casacos-verdes mortos e, quando seu grupo de trabalho revirava os corpos empilhados, encontraram o corpo de um oficial da cavalaria francesa “de forma e aparência delicadas”. Era uma jovem mulher de uniforme. Nunca saberemos quem era ela, apenas que Charles Smith a achou bonita. Talvez ela não tenha suportado a separação de seu amante?

Tantas histórias e tão poucas com final feliz. Um dia antes de Waterloo, um major do 40º escreveu para sua esposa. Era um irlandês de 34 anos que comandava um batalhão de Somersetshire, e a carta que escreveu é uma do tipo das muitas que soldados mandaram, a última, caso o autor morresse. Franceses, holandeses, prussianos, hanoverianos, escoceses, irlandeses, galeses e ingleses, todos escreveram cartas assim na véspera de Waterloo. “Minha querida Mary”, registrou o major Arthur Heyland:

> Minha Mary, que as recordações a consolem porque os dias mais felizes de minha vida vieram de seu amor e afeição, e porque morrerei amando-a e com uma esperança ardente de que nossas almas possam voltar a se unir no além e não mais se separarem. Minha Marianna, a garota mais amável, que Deus a abençoe. Minha Anne, meu John, que o céu os proteja... Minha querida Mary, devo lhe dizer novamente como morrerei tranquilo, se meu destino for cair; não podemos, meu amor, morrer juntos; um ou outro precisa testemunhar a perda daquilo que mais ama. Que meus filhos a consolem, meu amor, minha Mary.

O major Arthur Heyland foi um dos milhares mortos na Batalha de Waterloo.

EPÍLOGO

Paris se rendeu aos aliados em 4 de julho de 1815. Napoleão chegou a Santa Helena, no Atlântico Sul, em 15 de outubro de 1815. Ele viveria mais seis anos, a maioria deles escrevendo uma autobiografia tendenciosa que alimentaria o culto napoleônico prevalecente até hoje na França. Basil Jackson, o oficial do Estado-Maior britânico que levou as ordens do general Picton para a retirada de Quatre Bras, era da guarnição de Santa Helena e registrou como o imperador derrotado adotou uma política deliberada de reclamações constantes sobre "restrições desnecessárias, insultos do governo, escassez de provisões, acomodações miseráveis, insalubridade do clima e um monte de outras queixas". Poucas dessas lamentações se justificavam, mas Napoleão conseguiu manchar a reputação de Sir Hudson Lowe, o resignado governador da ilha, e incentivar a piedade por ele próprio. Ao morrer, em 1821, Napoleão foi enterrado num bonito e alto vale com vista para o Atlântico, mas em 1840 seu corpo foi levado para a França, onde agora repousa numa tumba opulenta em *Les Invalides*. A Casa de Longwood, construída em Santa Helena para uso de Napoleão, foi dada à nação francesa em 1858 e hoje é um museu.

A maioria dos generais franceses fugiu para o exílio depois da batalha. Quase todos haviam jurado lealdade a Luís XVIII e temiam uma vingança monarquista, mas um a um eles retornaram, reabilitaram-se e recuperaram as altas honras e o respeito. O marechal Soult, por exemplo, tornou-se primeiro-ministro. Ele compareceu à coroação da rainha Vitória na abadia de Westminster, em Londres, onde teve um encontro amigável com o duque de Wellington. A culpa pela derrota do imperador recaiu largamente sobre Grouchy, que se refugiou nos Estados Unidos, mas obteve perdão oficial em 1821, o ano da morte de Napoleão.

O marechal D'Erlon encontrou o marechal Ney durante a retirada em pânico de Waterloo e o aconselhou a fugir para o exílio. Ney deveria ter aceitado o conselho. Em vez disso, voltou para a França, onde, com a restauração da monarquia, foi preso e julgado por traição. Em 7 de dezembro de 1815, no início de uma manhã invernal, o marechal Ney foi executado por um pelotão de fuzilamento francês. Recusou uma venda nos olhos, negou-se a se ajoelhar e morreu com seu uniforme de marechal. Merecia algo melhor. Era entusiasmado, bravo, impetuoso e heroico. Sem dúvida, culpado de alta traição contra Luís XVIII, mas muitos outros também o eram, sendo o principal deles o marechal Soult, que antes da campanha de Waterloo havia sido

ministro da Guerra do rei. Mas Soult tinha aliados políticos poderosos em Paris e, assim, escapou da punição. Há uma lenda persistente de que Ney fugiu para a Carolina do Sul e outro homem assumiu seu lugar diante do pelotão de fuzilamento, mas o fundamento dessa história parece ser um desejo romântico.

Louis Canler, o jovem soldado cujo café da manhã foi temperado com pólvora, teve uma carreira notável como detetive da Sûreté, a polícia nacional francesa, subindo em seus quadros para se tornar chefe da organização. Outro jovem que teve uma carreira de destaque foi Franz Lieber, o prussiano que ingressou no Exército com muito entusiasmo em Berlim: emigrou para os Estados Unidos em 1827, foi professor de Economia Política no South Carolina College, mas se mudou para o norte antes da Guerra Civil e lecionou na Universidade de Colúmbia, onde compilou o Código Lieber, considerado a primeira tentativa de codificar as regras da guerra. Viveu até 1870.

O general Von Müffling foi promovido a marechal de campo. Durante algum tempo, foi comandante da guarnição de aliados que ocupou Paris, depois nomeado chefe do Estado-Maior das forças prussianas. Morreu em 1851. Carl von Clausewitz é mais famoso como o autor de *Da Guerra*, um influente texto sobre as implicações políticas do conflito armado. Von Clausewitz serviu como chefe do Estado-Maior de Gneisenau, mas ambos morreram no surto de cólera de 1831. O marechal de campo Von Gneisenau é merecidamente reconhecido na Alemanha como grande patriota e como o homem que, com Von Scharnhorst, foi responsável pela reorganização do Exército prussiano e pela preparação deste para a luta culminante contra Napoleão. Sua parceria com Blücher foi uma das mais bem-sucedidas da história militar.

O marechal de campo Von Blücher se retirou para sua propriedade rural na Silésia depois das guerras e morreu em 1819. Logo depois de Waterloo, visitou Londres para receber uma homenagem e o agradecimento do governo britânico por sua participação vital na derrota de Napoleão. Havia desembarcado em Dover e seu percurso para Londres o levou a passar por Blackheath, onde sua carruagem parou para que lhe fosse mostrado o grande panorama da capital britânica estendendo-se a oeste. Ele ficou admirado com a visão e disse: “Que cidade para saquear!” Era um homem esplêndido.

Slender Billy provou ser melhor como rei do que como general. Seu pai abdicou em 1840, e o príncipe se tornou rei Guilherme II da Holanda, que a essa altura perdera a província da Bélgica. Em geral, foi um liberal, incentivando uma reforma eleitoral e aceitando restrições constitucionais à monarquia. Governou até sua morte em 1849.

A maioria dos soldados britânicos que sobreviveu à batalha permaneceu no exército. Ned Costello e John Kincaid se tornaram guardas da Torre de Londres, enquanto outros desapareceram na obscuridade e na pobreza. Ainda outros, como Sir

John Colville, tiveram carreiras estelares a serviço do governo. Colville se tornou lorde Seaton e tenente-governador do Alto Canadá, enquanto Frederick Ponsonby, depois de ser ferido por espadas, furado por uma lança e roubado por soldados da infantaria que passavam, sobreviveu e se tornou governador de Malta. Cavalié Mercer chegou a elevada posição na Artilharia Real. Para todos esses homens, os famosos e os obscuros, Waterloo foi a experiência definidora de suas vidas. Nada que aconteceu antes teve tanto significado, tudo que aconteceu depois foi visto pelo prisma daquele dia terrível, e isso é mais verdadeiro para o próprio duque. Desde então, apesar dos altos cargos que ocupou, ele foi o vencedor de Waterloo. Tornou-se primeiro-ministro sem muito sucesso; seu apelido, "o Duque de Ferro", veio não da batalha, mas das venezianas de ferro que instalou em Apsley House para que turbas que apedrejassem a fachada não quebrassem suas janelas. Morreu aos 83 anos, em 1852. Apesar de seus fracassos políticos, conquistara eminência e fama incomparáveis. Ele foi festejado antes de Waterloo como o mais bem-sucedido general britânico desde Marlborough, mas Waterloo tornou sua reputação inexpugnável.

A batalha foi um divisor de águas. A segunda metade do século XVIII havia sido uma longa luta por supremacia entre a França e a Grã-Bretanha. A Guerra dos Sete Anos afastou os franceses da América do Norte, mas a França teve sua vingança na Revolução Americana quando seu exército, aliado às forças de George Washington, derrotou decisivamente os britânicos e, portanto, assegurou a independência dos Estados Unidos. Dez anos depois, as Guerras Revolucionárias tiveram início e, exceto por um breve intervalo em 1802, essas guerras durariam até 1815. Waterloo pôs fim ao conflito e assegurou que os britânicos dominassem o século XIX, uma dominação selada pela defesa do duque de Wellington na crista das elevações de Mont-Saint-Jean.

AGRADECIMENTOS

Ninguém pode escrever sobre Waterloo sem se debruçar sobre os trabalhos de outros historiadores. Sou grato particularmente a Mark Adkin, cujo livro *The Waterloo Companion* é indispensável. Trata-se de uma compilação magnífica de quase tudo que se pode querer saber sobre a batalha. O livro é ricamente ilustrado, os mapas são maravilhosos, a pesquisa, exaustiva, e as opiniões, criteriosas. Sempre que eu me via confuso, geralmente por relatos contraditórios de testemunhas oculares, descobria que Mark Adkin já havia limpado um caminho em meio às controvérsias. Devo-lhe um obrigado.

O campo de batalha hoje é dominado pelo enorme Monte do Leão, um memorial erguido pelo pai de Slender Billy no local onde seu filho foi ferido. O duque de Wellington, ao ver o monte, comentou: "Arruinaram meu campo de batalha"; e foi o que fizeram, porque, para fazer essa coisa monstruosa, toneladas de solo foram removidas do cume da cadeia montanhosa, de modo que os visitantes hoje não podem ver a terra como era quando a Guarda Imperial fez seu ataque final. Entretanto, vale a pena visitar o campo de batalha e o melhor guia, de longe, é *Waterloo, Battlefield Guide*, de David Buttery, que não apenas conduz o visitante pelos locais da campanha como conta a história dos quatro dias momentosos. O livro é uma companhia essencial para qualquer pessoa que visita os campos de batalha da campanha.

Nada pode nos levar mais perto da batalha do que as palavras dos homens que lá estavam, e ninguém fez mais para preservar esses relatos do que Gareth Glover. De longe, a maioria das citações que usei no livro é extraída de compilações de Gareth Glover, seja *Letters from the Battle of Waterloo* ou seus três volumes de *The Waterloo Archive*. Sou imensamente grato por sua obra meticulosa.

Tive a sorte de conhecer o falecido Jac Weller e de ter tido uma chance de ouvir suas opiniões firmes sobre Wellington, Napoleão e a Batalha de Waterloo. As opiniões de Peter Hofschröer são igualmente firmes e o debate que ele desencadeou com seus escritos ampliou nosso conhecimento sobre a batalha. Sou grato a ele e a todos os autores cujos trabalhos tornaram o meu tão mais fácil. Patrick McGrady generosamente me cedeu sua pesquisa sobre Elizabeth Gale, que tinha 5 anos quando presenciou a batalha.

Tenho a sorte também de ter tido o mesmo editor em toda a minha carreira de

escritor. O apoio que recebi de Susan Watt, Helen Ellis, Liz Dawson, Kate Elton, Jennifer Barth, Jonathan Burnham e Myles Archibald foi extraordinário, obrigado! E obrigado a meu agente, Toby Eady, que está comigo desde o primeiro livro, e sem o qual poderia não haver livro algum.

Certamente não haveria nenhum livro sem o apoio de minha esposa. Judy tem sido uma inspiração o tempo todo. Dela se pode dizer, assim como Wellington comentou sobre a infantaria britânica em Waterloo, que é "o melhor de todos os instrumentos". Ela é.

BIBLIOGRAFIA

Adkin, Mark. *The Waterloo Companion, The Complete Guide to History's Most Famous Land Battle*. Londres: Aurum Press, 2001.

Alsop, Susan Mary. *The Congress Dances, Vienna 1814-1815*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1984.

Asprey, Robert. *The Reign of Napoleon Bonaparte*. Nova York: Basic Books, 2001.

Bailey, D.W. *British Military Longarms, 1715-1815*. Londres: Arms and Armour Press, 1971.

Bassford, Christopher, Daniel Moran e Gregory W. Pedlow (eds. e trads.). *On Waterloo, Clausewitz, Wellington and the Campaign of 1815*. Disponível em Clausewitz.com, 2010.

Black, Jeremy. *The Battle of Waterloo*. Nova York: Random House, 2010.

Brett-James, Anthony. *The Hundred Days, Napoleon's Last Campaign from Eye-Witness Accounts*. Londres: MacMillan, 1964.

Brett-James, Anthony (ed.); Edward Costello. *The Peninsular and Waterloo Campaigns*. Londres: Longman, Green and Co, 1967.

Bryant, Arthur. *Jackets of Green*. Londres: Collins, 1972.

Buttery, David. *Waterloo, Battlefield Guide*. Barnsley: Pen and Sword Books Ltd, 2013.

Caldwell, George e Robert Cooper. *Rifle Green at Waterloo*. Leicester: Bugle Horn Publications, 1990.

Chalfont, Lord (ed.). *Waterloo, Battle of Three Armies*. Londres: Sidgwick and Jackson, 1979.

Chandler, David (ed.). *Napoleon's Marshals*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1987.

Chandler, David. *On the Napoleonic Wars*. Londres: Greenhill Books, 1994.

_____ . *Waterloo, The Hundred Days*. Londres: Osprey Publishing, 1980.

Crowdy, T.E. *Incomparable, Napoleon's 9th Light Infantry Regiment*. Londres: Osprey Publishing, 2013.

Dalton, Charles. *The Waterloo Roll Call*. 2. ed. Londres: Eyre and Spottiswoode, 1904.

Dobbs, Captain John. *Recollections of an Old 52nd Man*. Staplehurst: Spellmount, 2000.

Elting, John R. *Swords Around the Throne, Napoleon's Grande Armée*. Nova York: The Free Press, 1988.

Fitchett, W.H. *Wellington's Men, Some Soldier Autobiographies*. Londres: Smith, Elder & Co, 1900.

Fremont-Barnes, Gregory e Todd Fisher. *The Napoleonic Wars, The Rise and Fall of an Empire*. Oxford: Osprey Publishing, 2004.

Geyl, Pieter. *Napoleon, For and Against*. Londres: Jonathan Cape, 1949.

Glover, Gareth. *Letters from the Battle of Waterloo*. Londres: Greenhill Books, 2004.

_____ . *The Waterloo Archive, Volume One: British Sources*. Barnsley: Frontline Books, 2010.

_____ . *The Waterloo Archive, Volume Two: German Sources*. Barnsley: Frontline Books, 2010.

_____ . *The Waterloo Archive, Volume Three: British Sources*. Barnsley: Frontline Books, 2011.

Glover, Michael. *Wellington as Military Commander*. London: Batsford, 1968.

Griffith, Paddy (ed.). *Wellington Commander, The Iron Duke's Generalship*. Chichester: Antony Bird Publications, 1985.

Guedalla, Philip. *Wellington*. Nova York: Harper and Bros, 1931.

Hathaway, Eileen. *Costello, The True Story of a Peninsular War Rifleman*. Swanage: Shinglepicker Publications, 1997.

Haydon, Benjamin Robert. *The Diary of Benjamin Robert Haydon, 1808-1846*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1960.

Haythornthwaite, Philip J. *Redcoats, The British Soldiers of the Napoleonic Wars*. Barnsley: Pen and Sword Books, 2012.

_____ . *The Napoleonic Source Book*. Nova York: Facts on File, 1990.

_____ . *The Waterloo Armies, Men, Organization and Tactics*. Barnsley: Pen and Sword, 2007.
_____ . *Weapons and Equipment of the Napoleonic Wars*. Poole: Blandford Press, 1979.
_____ . *Who was Who in the Napoleonic Wars*. Londres: Arms and Armour Press, 1998.
Hibbert, Christopher. *Wellington, A Personal History*. Londres: HarperCollins, 1997.
Hofschröer, Peter. *1815, The Waterloo Campaign, Wellington, his German Allies and the Battles of Ligny and Quatre Bras*. Londres: Greenhill Books, 1998.
Holmes, Richard. *Redcoat, The British Soldier in the Age of Horse and Musket*. Londres: HarperCollins, 2001.
_____ . *Wellington, The Iron Duke*. Londres: Harper Collins, 2002.
Hooper, George. *Waterloo, The Downfall of the First Napoleon*. Londres: Smith, Elder and Co, 1862.
Howarth, David. *A Near Run Thing*. Londres: Collins, 1968.
Johnson, David. *Napoleon's Cavalry and its Leaders*. Londres: Batsford Books, 1978.
Johnson, Paul. *Napoleon*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 2002.
Johnston, R.M. e Philip Haythornthwaite. *In the Words of Napoleon, The Emperor Day by Day*. Londres: Greenhill Books, 2002.
Keegan, John. *The Face of Battle*. Londres: Jonathan Cape, 1976.
_____ . *The Mask of Command*. Nova York: Viking, 1987.
Kincaid, John. *Random Shots from a Rifleman*. Londres: T. and W. Boone, 1847.
Leeke, the Reverend William, M.A. *The History of Lord Seaton's Regiment (The 52nd Light Infantry) at the Battle of Waterloo*. Londres: Hatchard and Co., 1866.
Liddell Hart, Captain B.H. *The Letters of Private Wheeler, 1809-1828*. Londres: Michael Joseph, 1951.
Lieber, Franz. *Reminiscences, Addresses and Essays by Francis Lieber, LL.D, (Volume One of Lieber's Miscellaneous Writings)*. Filadélfia: J.B. Lippincott and Co, 1881.
Logie, Jacques. *Waterloo, The 1815 Campaign*. Stroud: Spellmount, 2006.
Longford, Elizabeth. *Wellington, The Years of the Sword*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1969.
MacKenzie, Norman. *The Escape from Elba, The Fall and Flight of Napoleon 1814-1815*. Nova York: Oxford University Press, 1982.
McLynn, Frank. *Napoleon, A Biography*. Londres: Jonathan Cape, 1997.
Müffling, Baron Carl von. *The Memoirs of Baron von Müffling, A Prussian Soldier in the Napoleonic Wars*. Londres: Greenhill Books, 1997.
Naylor, John. *Waterloo*. Londres: Batsford, 1960.
Newark, Tim. *Highlander, The History of the Legendary Highland Regiments*. Londres: Constable and Robinson, 2009.
Palmer, Alan. *An Encyclopaedia of Napoleon's Europe*. Londres: George Weidenfeld & Nicolson, 1984.
Park, S.J. e G.F. Nafziger. *The British Military, Its System and Organization, 1803-1815*. Cambridge, Ontario: Rafm, 1983.
Parkinson, Roger. *The Hussar General, The Life of Blücher, Man of Waterloo*. Londres: Peter Davies, 1975.
Richardson, Robert G. *Larrey, Surgeon to Napoleon's Imperial Guard*. Londres: John Murray, 1974.
Roberts, Andrew. *Napoleon and Wellington*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 2001.
_____ . *Waterloo, Napoleon's Last Gamble*. Londres: HarperCollins, 2005.
Robinaux, Pierre. *Journal de Route du Capitaine Robinaux*. Paris: Gustave Schlumberger, 1908.
Rogers, Colonel H.C.B. *Napoleon's Army*. Shepperton: Ian Allen, 1974.
Rothenberg, Gunther E. *The Art of Warfare in the Age of Napoleon*. Londres: Batsford, 1977.
Schom, Alan. *One Hundred Days, Napoleon's Road to Waterloo*. Londres: Penguin, 1993.
Shelley, Lady Frances. *The Diary of Frances Lady Shelley, Vol I*, editado por Richard Edgcumbe. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1912. *Vol II*, editado por Richard Edgcumbe. Londres: John Murray, 1913.
Strawson, John. *The Duke and the Emperor, Wellington and Napoleon*. Londres: Constable, 1994.
Uffindell, Andrew e Michael Corum. *On the Fields of Glory, The Battlefields of the 1815 Campaign*. Londres: Greenhill Books, 1996.
Urban, Mark. *Rifles, Six Years with Wellington's Legendary Sharpshooters*. Londres: Faber and Faber, 2003.
Weller, Jac. *Wellington at Waterloo*. Londres: Longmans, Green and Co, 1967.

Wise, Terence. *Artillery Equipments of the Napoleonic Wars*. Londres: Osprey Publishing, 1979.

ÍNDICE

1º Corpo de Exército (D'Erlon)
1º Regimento de Infantaria de Guardas
1º de Life Guards
2º de Life Guards
4º Corpo de Exército (Von Bülow)
4º de Caçadores
7º de Caçadores
7º de Hussardos
14º de Infantaria de Guardas (Bedfordshire)
15º de Hussardos
18º de Hussardos
28º Regimento de Infantaria de Guardas (Gloucester)
30º Regimento de Infantaria de Guardas (Cambridgeshire)
30º Regimento da Linha
32º (Cornualha)
33º
40º (Somersetshire)
42º de Highlanders
42º de Highlanders, Black Watch
44º (East Essex)
45º Regimento da Linha
51º de Yorkshire
52º de Infantaria Leve de Oxfordshire
69º (Lincolnshire)
71º (Highland) Regimento de Infantaria de Guardas
73º de Highlanders (Black Watch)
92º Gordon Highlanders
95º de Fuzileiros

Adam, general Sir Frederick
Adkin, Mark
Álava y Esquivel, general Don Miguel Ricardo de
Alexandre, o Grande
Antuérpia
artilharia a cavalo
Artilharia Real
Artilharia Real a Cavalo
artilharia
    canhões britânicos
    canister, *grapeshot* e *shrapnel*
    canhões franceses
    obuseiros

granadas
técnica
Augereau, marechal
Áustria
avanço/vitória dos aliados

Bachelu, general
baixas, total de
Baker, fuzil
Batty, alferes Robert
Belle Alliance, La
Bernard, barão Simon
Berthier, marechal
Blücher, príncipe Gebhard Leberecht von
aposentadoria
chegada prussiana a Waterloo
corrida para se juntar a Wellington
Ligny, em
Marschall Vorwärts (Marechal Avante)
Plancenoit
sem cavalo/ferimento
Waterloo, em
Bonaparte, Jérôme
Bonaparte, Napoleão
campanha de 1814
Désirée (égua)
exílio em Santa Helena
flanco direito
flanco esquerdo
fuga de Elba
preparação para a guerra
retirada para Paris
retorno de Elba para Paris
vida pregressa
violetas como símbolo
Borghese, princesa (Pauline Bonaparte)
Bossu, bosque de
Braine l'Alleud
brigada de guardas
Brown Bess, mosquete e tipos relacionados
Brunswick, duque de
Brunswickers
Bruxelas
Brye, vila de
moinho de vento
Bülow, general Von
Bussaco, batalha de Butler, Lady
Bylandt, Brigada de

Caçadores da Guarda
Caçadores franceses

Cambronne, general Pierre
Cameron, coronel
Campbell, Sir Neil
campo de batalha, descrição de
Castlereagh, lorde
Charleroi
chuva e lama
Clay, soldado Matthew
Colborne, Sir John
coluna e linha, desdobramento para o combate
Colville, Sir John
controvérsia histórica
Costello, Edward (fuzileiro)
couraceiros
crise da batalha, a

D'Erlon, conde
Davout, marechal
Deacon, Martha
Delort, tenente-general
Dragões dos Inniskillings
Duthilt, capitão
Dyle, rio

Elba
escaramuçadores
    britânicos
    franceses
    holandeses
    linha de escaramuça
    prussianos
    voltigeurs, franceses
Ewart, sargento Charles
Exército britânico-holandês
exército prussiano
    chegada a Waterloo
    flanco direito
    flanco esquerdo
    marcha para se juntar a Wellington

foguetes, bateria de
Formação de tropas/desdobramento
    coluna e linha
Foy, general
François, capitão Charles
Frichermont

Gale, Elizabeth
Garcia Hernandez, batalha de
Genappe
Girod de l'Ain, coronel

Gneisenau, August von
Gordon, Sir Alexander
Granadeiros franceses
Grande Armée
Grant, Colquhoun
Grande Bateria de Napoleão
Gronow, Rees Howell
Grouchy, marquês de
Guarda Imperial
Guarda Média Guarda Nacional francesa
Guerra Peninsular Hal (vila)
Halkett, general
hanoverianos
Hardinge, coronel
Heavy Cavalry (tipo de espada)
HMS *Griffon*
HMS *Partridge*
Hougoumont
    incursões francesas
Householders, Brigada dos

imprecisão
Inconstant

Josefina, imperatriz da França

Kellerman, general François Etienne de
Kincaid, John

l'Armée du Nord
La Haie Sainte
lanceiros
    franceses
    poloneses
Lancey, coronel William de
Landwerh, milícia prussiana
Larrey, Dominique Jean
    ambulância
Lasne, rio
Le Caillou
Leeke, reverendo William
Legião Alemã do Rei
Legião Negra (Brunswick)
Legros (*L'Enfonceur*)
Lennox, Lady Georgiana
Les Invalides
Lieber, Franz
Ligny
    a batalha começa
    Piraumont
    vitória de Napoleão

Lobau, general
Lowe, Sir Hudson
Luís XIV
Luís XVI
Luís XVIII

Macara, Sir Robert
Macdonell, tenente-coronel James
Mauduit, Hippolyte de
Mellery, vila
Menzies, capitão Archibald
Metternich, conde
Mont-Saint-Jean
Mornington, conde e condessa de
mortos, remoção dos
Mosquetes
    Brown Bess e tipos relacionados
Müffling, general barão Von

Nassau/soldados de Nassau
Nelson, Horatio, almirante
Ney, marechal Michel
    execução
Nivelles
Nivelles, estrada de

Ordener, coronel Michel
organização/estrutura de exércitos
Ostend

Papelotte
Percy, honorável Henry
Picton, Sir Thomas
Plancenoit
plantações, obstáculo em campo de batalha
Ponsonby, Sir Frederick
Ponsonby, William

quadrado
Quatre Bras
    vitória de Wellington

Rebecque, major-general barão Jean-Victor Constant
Reille, general
Reino dos Países Baixos
Reuter, capitão Von
Revolução Francesa
Richmond, duquesa de
Roberts, Andrew
Royal Scots Greys

Rússia

Saint-Amand
Saltoun, lorde
Sambre, rio
Santa Helena, ilha
São Bernardo, passo de
sargentos
Saxe-Weimar, príncipe Bernardo de
Shelley, Lady
Smohain
Sombreffe
Soult, marechal Nicolas Jean de Dieu
Sourd, coronel
Stuart, Sir Charles
Suchet, marechal

Talleyrand, Charles-Maurice de
Tulherias, palácio das

Uxbridge, lorde
    ferimento

Vandamme, general
Velha Guarda (Granadeiros franceses)
Vitoria, Batalha de

Waldie, Miss Charlotte
Wavre
Wedderburn-Webster, Lady Frances (amante)
Wellington, duque de
    carreira posterior
    centro das forças de
    Copenhagen (cavalo)
    embaixador britânico
    encontro com Blücher antes da batalha
    encontro com Blücher em La Belle Alliance
    flanco direito
    flanco esquerdo
    promessa de ajudar Blücher em Ligny
    tática da "vertente oposta"
    vida pregressa
William, príncipe da Holanda (Slender Billy)

Zieten, general Von

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Waterloo

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/453000ED513108

Site do autor
http://www.bernardcornwell.net/

Wikipédia do autor
http://pt.wikipedia.org/wiki/Bernard_Cornwell

Fan Page brasileira do autor no Facebook
https://www.facebook.com/bernardcornwellbr

Facebook do autor
https://www.facebook.com/bernard.cornwell

Good reads do autor
http://www.goodreads.com/author/show/12542.Bernard_Cornwell